



LINGUAGEM E REPRESENTAÇÕES

ESTUDOS EM LINGUÍSTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL

Cristiane Fuzer
Thiago Santos da Silva
Organizadores



PPGL UFSM



LINGUAGEM E REPRESENTAÇÕES

ESTUDOS EM LINGUÍSTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL

Cristiane Fuzer
Thiago Santos da Silva
Organizadores

LINGUAGEM E REPRESENTAÇÕES

ESTUDOS EM LINGUÍSTICA
SISTÊMICO-FUNCIONAL

Cristiane Fuzer
Thiago Santos da Silva
Organizadores

2017
1ª edição
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
UFSM
ISBN 978-85-99527-42-9
Santa Maria - Rio Grande do Sul - Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

REITOR: Prof. Paulo Afonso Burmann
VICE-REITOR: Prof. Paulo Bayard Dias Gonçalves
DIRETOR CAL: Pedro Brum Santos
COORDENADORA PPGL: Cristiane Fuzer

PPGL

Editor-chefe: Rosani Úrsula Ketzner Umbach

CONSELHO EDITORIAL

Amanda Eloina Scherer
Anselmo Peres Alós
Gil Roberto Costa Negreiros
Désirée Motta-Roth
Graciela Rabuske Hendges
Larissa Montagner Cervo
Marcia Cristina Corrêa
Sara Regina Scotta Cabral
Tatiana Keller

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS E REVISÃO DE TEXTO: Cristiane Fuzer e Thiago Santos da Silva

PROJETO GRÁFICO | CAPA | DIAGRAMAÇÃO: Jade Casagrande Almeida

REVISÃO DE LINGUAGEM: Cristiane Fuzer

APOIO FINANCEIRO: Ateliê de Textos PROEXT MEC-Sesu, FIPE UFSM, CAPES

ENDEREÇO

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação, Letras e Biologia
Prédio 16 - Bloco A2 - Sala 3222
Campus Universitário - Camobi
97105-900 - Santa Maria RS - Brasil
www.ufsm.br/ppgletras

L755 Linguagem e representações : estudos em linguística
sistêmico-funcional / Cristiane Fuzer, Thiago Santos
da Silva, organizadores. – 1. ed. – Santa Maria :
UFSM, PPGL Ed., 2017.
272 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-85-99527-42-9

1. Linguística 2. Língua portuguesa 3. Linguagem –
Representações 4. Discurso 5. Gramática I. Fuzer,
Cristiane II. Silva, Thiago Santos da
CDU 801

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990

Biblioteca Central - UFSM



Esta obra está licenciada sob a Creative Commons 4.0 Atribuição-Não=Comercial.
Saiba mais em: br.creativecommons.org/licencas/

SUMÁRIO

- 07** PREFÁCIO
Orlando Vian Jr.
- 13** APRESENTAÇÃO
Cristiane Fuzer e Thiago Santos da Silva
- 19** 1. REPRESENTAÇÕES DE PROFESSOR EM
DISCURSOS DE PARANINFOS DA ÁREA DE LETRAS
Elisane Scapin Cargnin e Cristiane Fuzer
- 49** 2. REPRESENTAÇÕES DE HOMOSSEXUAIS
IDOSOS NA MÍDIA
Thiago Santos da Silva
- 73** 3. REPRESENTAÇÕES DE DILMA ROUSSEFF: DE
SARGENTONA À PRESIDENTE FRÁGIL
Fernanda Beatriz Caricari de Morais
- 93** 4. REPRESENTAÇÕES PARA ATORES SOCIAIS E PARA
OFENSA NO AMBIENTE DE PROJEÇÃO ORACIONAL
EM BOLETINS DE OCORRÊNCIA DE INJÚRIA
Marcos Rogério Ribeiro
- 127** 5. REPRESENTAÇÕES PARA MULHERES EM
EVANGELHOS DO NOVO TESTAMENTO
Angela Maria Rossi e Cristiane Fuzer
- 157** 6. REPRESENTAÇÕES DO POVO E DOS POLÍTICOS
EM DISCURSOS PARLAMENTARES
Edna Cristina Muniz da Silva e Angela Silva da Veiga

193 7. REPRESENTAÇÕES PARA MULHERES
CONTEMPORÂNEAS EM CRÔNICAS DE MARTHA
MEDEIROS

Leticia Oliveira de Lima e Cristiane Fuzer

223 8. AVALIAÇÃO E IDEIAÇÃO: ACOPLAMENTOS
AVALIATIVOS EM EDITORIAIS

Glivia Guimarães Nunes e Sara Regina Scotta Cabral

269 AUTORES

PREFÁCIO

*All the world's a stage,
And all the men and women merely players;
They have their exits and their entrances,
And one man in his time plays many parts*

Shakespeare, *As you like it*, Act II, Scene VII

*Like any other theory, a grammar is something to think with.
It is through grammar that we make sense out of our experience,
both of the world we live in (what we experience as taking place
“out there”) and of the world that lives in us
(what we experience as taking place “in here”,
inside our own consciousness), construing a reality [...]*

Halliday, *Grammar and daily life*, 2002 [1998], p. 370

O convite para prefaciar o livro *Linguagem e representações: estudos em Linguística Sistêmico-Funcional* foi por mim acolhido com imenso prazer e muita alegria e honra. Além do fato de ter o privilégio da leitura em primeira mão de uma coletânea de oito textos que tomam um tema extremamente caro aos estudos em Linguística Sistêmico-Funcional: a representação do mundo pela linguagem e, conseqüentemente, pela oração.

Começamos por uma analogia entre duas áreas, representadas pelos dois excertos em epígrafe: o teatro e a gramática. E, por conseguinte, entre dois nomes bastante representativos de cada área: Shakespeare e Halliday. O poeta e dramaturgo inglês nos presenteou com poemas, peças trágicas, cômicas e muitas históricas. O linguista inglês, por sua vez, nos brindou com uma teoria de linguagem que nos permite entender a língua em uso como construção de sentido.

E aí está o ponto de interseção entre ambos: a linguagem humana. Para um, uma forma de representar experiências, sentimentos e emoções no palco por meio dos personagens e suas linguagens. Para outro, um modo e construir sentidos para representar o mundo interno e externo, também por meio da linguagem. Um constante fluxo entre o mundo “aqui dentro” e o mundo “lá fora”, muitas vezes representados nos palcos, mas também em cada interação, nas trocas entre os usuários da linguagem em seus contextos de prática e suas esferas de atuação, onde constroem representações de si, dos outros, e do mundo à sua volta.

Em ambos os autores, representar é uma palavra-chave. Os dois ex-certos em epígrafe nos fornecem indícios para compreendermos algumas facetas das representações, mas há muito ainda a ser desvelado, pois essas são apenas duas possibilidades de representar, já que a noção de representação pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas teórico-conceituais e podem ser analisadas por distintas perspectivas analítico-metodológicas.

Por ser um tema bastante amplo e que emerge das práticas socio-culturais, e a depender da perspectiva teórica ou metodológica adotada, diversos campos do saber dedicam-se ao estudo das representações, tais como a Psicologia Social, como exemplares de pesquisas com base no trabalho de Serge Moscovici; ou a Sociologia, em trabalhos a partir dos preceitos de Irving Goffman, para quem o eu é representado constantemente na vida cotidiana; ou, ainda, a Filosofia de Habermas na teoria da ação comunicativa, apenas para citar alguns.

Na área da Linguística Aplicada, e a partir dos trabalhos de Moscovici, Goffman e Habermas, o conceito de representação foi recontextualizado por Celani e Magalhães (2002) e, posteriormente, por Freire e Lessa (2003) no campo de formação de professores. Para estas autoras, as representações são definidas como:

(...) maneiras socialmente construídas de perceber, configurar, negociar, significar, compartilhar e/ou redimensionar fenômenos, mediadas pela linguagem e veiculadas por escolhas lexicais e/ou simbólicas expressivas que dão margem ao reconhecimento de um repertório que identifica o indivíduo e sua relação sócio-histórica com o meio, com o outro e consigo mesmo (FREIRE; LESSA, 2003, p. 174).

Como se depreende, é possível identificar os repertórios de um indivíduo ou de uma área por meio das representações. E é esta tarefa de pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores nos textos constantes desta obra e que nos permite observar, a partir da perspectiva linguística das escolhas feitas em textos, os diferentes repertórios em representações e como se realizam linguisticamente.

Cristiane Fuzer e Thiago Santos da Silva, pesquisadores do grupo Linguagem como Prática Social, por meio do projeto “Gramática sistêmico-funcional da língua portuguesa para análise da representações sociais”, com sede na Universidade Federal de Santa Maria, organizaram um volume que conta não apenas com participantes do grupo, mas também colaboradores de outras universidades brasileiras que desenvolvem pesquisas tomando a sistêmico-funcional como arcabouço para análise das representações e como são construídas linguisticamente.

Na gramática sistêmico-funcional de Halliday, para compreensão das representações, o foco de análise é a oração em sua função experiencial, “como forma de representar padrões de experiência” como o próprio autor indica (HALLIDAY, 1994, p. 106).

As pesquisas apresentadas a seguir nesta coletânea ilustram possibilidades de representação da experiência humana por meio da linguagem. Mais especificamente: indicam possibilidades teóricas e metodológicas sobre como a linguagem oferece miríades de opções para a construção de sentidos em contextos distintos.

Na introdução da segunda edição de sua obra *An introduction to functional grammar*, Halliday (1994, pp. xxix-xxx) enumera uma série de possibilidades que podem servir ao estudo linguístico para atender às necessidades de seus usuários. Dentre as vinte e uma possibilidades, destaco duas que dialogam diretamente com os textos componentes desta coletânea: compreender a relação entre língua e cultura, e entre língua e situação; compreender os diversos aspectos do papel da língua na comunidade e no indivíduo.

Como forma de compreender a relação entre língua e contexto, bem como os diversos aspectos linguísticos na comunidade e no indivíduo, os oito textos abordam a questão das representações que emergem de diversas práticas sociais consolidadas em textos instanciadores de distintos gêneros e que realizam a língua na construção de muitos sentidos.

No que diz respeito à língua, Halliday (1994, p. xiv) explicita ainda, na mesma introdução referida, que, em uma teoria funcional, a língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhados pelas formas por meio das quais esses significados podem ser realizados.

Utilizando a teoria de Halliday como pano de fundo, os autores debruçam-se sobre textos produzidos em contextos socioculturais distintos, indo desde discursos de paraninfos em formaturas, passando por boletins de ocorrências, por discursos parlamentares, crônicas, evangelhos do novo testamento, além de aspectos da mídia, tratando de representações de homossexuais idosos e da mulher. Uma rica amostra de textos e de como o instrumental analítico pode desvelar sentidos em textos.

As análises utilizam as categorias do sistema de transitividade, responsável por realizar a metafunção ideacional experiencial no estrato léxico-gramatical do sistema linguístico, além de análises que também recorrem a categorias no estrato semântico-discursivo, tais como escolhas no sistema de avaliatividade, ou, ainda, como ocorrem acoplamentos entre as experiências e as avaliações, entre o sistema discursivo da avaliatividade e o sistema de ideação (cf. capítulo 8).

Esses diálogos teóricos e analíticos primam ainda por um último aspecto que merece destaque: os diálogos da sistêmico-funcional com outras teorias, tais como a Linguística de Corpus, a Teoria da Representação dos Atores Sociais e a Análise de Discurso Crítica, revelando o caráter eminentemente interdisciplinar da sistêmico-funcional, o que permite o estudo da língua em uso em diferentes práticas sociais para que se possam compreender ações discursivas em situações variadas de prática e interação autor/falante-leitor/ouvinte.

À leitura, portanto! E que ela seja prazerosa e reveladora das diferentes facetas da linguagem e da teoria sistêmico-funcional. E que sirva como ponto de partida para a construção de muitas outras representações!

Orlando Vian Jr.

Departamento de Letras/Inglês

Programa de Pós-Graduação em Letras

Universidade Federal de São Paulo

REFERÊNCIAS

CELANI, M. A. A.; MAGALHÃES, M. C. C. Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. In: L. P. MOITA LOPES; L.C. BASTOS (Orgs.). *Identidades: Recortes Multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

FREIRE, M. M.; LESSA, A.B.C. Professores de inglês da rede pública: suas representações, seus repertórios e nossas interpretações. In: L. BARBARA e R. C.G. RAMOS (Orgs.). *Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas: homenagem a Antonieta Celani*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

_____. 1998. Grammar and daily life: concurrence and complementarity. In: J. Webster (Ed.). *On Grammar*. Volume 1 in the Collected Works of M.A.K. Halliday. London/New York: Continuum, 2002.

SHAKESPEARE, W. *As you like it*, Act II, Scene VII. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/asyoulikeit/full.html>. Acesso em: 18 set. 2017.

APRESENTAÇÃO

A relação entre linguagem, ser humano e comunidade apresenta-se como uma tríplice impossível de ser dissociada. Por ser uma faculdade essencialmente humana, a linguagem sempre despertou o interesse de estudiosos de diferentes áreas, não só por sua capacidade de estabelecer relações com outros seres humanos, possibilitando a constituição de comunidades, mas também por sua predisposição para simbolizar o mundo.

O potencial de significado da linguagem é aberto, uma vez que novos significados podem ser criados a qualquer momento nas experiências e interações sociais. Essa é a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), tal como proposta pelo linguista britânico Michael Halliday e ampliada e desenvolvida por seus colaboradores, alguns trabalhados nesta publicação, tais como Christian Matthiessen, J. R. Martin, Peter White, Theo van Leeuwen, entre outros.

A LSF se enquadra em uma abordagem sociosemiótica de linguagem, uma vez que concebe essa faculdade humana como um recurso que permite construir significados em contextos sociais (HALLIDAY, 1978). Apresenta-se como um arcabouço teórico-metodológico que possibilita ao analista descrever fatos linguísticos e explicar como a linguagem funciona em determinados contextos de uso, utilizada como base para análise de discurso aplicável (MATTHIESSEN, 2012).

Por conceber a linguagem relacionada aos diferentes contextos, a LSF entende que todo uso linguístico implica três significados simultâneos, os quais Halliday (1989) denomina metafunções da linguagem: representar experiências humanas, estabelecer relações entre os participantes da interação e organizar os significados em forma de textos. Os estudos apresentados neste livro têm como ponto de partida fundamental a linguagem usada para construir representações de experiências humanas em diferentes contextos sociais.

A coletânea congrega estudos de base sistêmico-funcional que se dedicam a analisar escolhas linguísticas responsáveis por manifestar representações de diferentes grupos sociais em textos que circulem na sociedade. Seu conteúdo resulta de investigações vinculadas ao projeto de pesquisa

“Gramática sistêmico-funcional da língua portuguesa para análise de representações sociais” (GAP/CAL 025406), no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), muitas das quais contaram com apoio da CAPES.. O livro conta também com a contribuição de pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC) e da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), que se dedicam ao estudo da linguagem na perspectiva sistêmico-funcional.

A obra apresenta, em oito capítulos, um panorama de pesquisas que possuem como ponto de partida a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), proposta por Halliday (1985, 1994) e revisada por Matthiessen (2004, 2014), mais especificamente o sistema de transitividade, o qual possibilita ao analista revelar representações manifestadas no discurso a partir de evidências léxico-gramaticais. A publicação conta também com pesquisas que articulam funções do estrato léxico-gramatical do sistema linguístico com categorias semântico-discursivas propostas por outros constructos de base sistêmico-funcional, tais como o sistema de avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), o sistema de ideação (MARTIN e ROSE, 2007), as formas de representação de atores sociais (VAN LEEUWEN, 2008) e a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003).

O primeiro capítulo, intitulado *Representações de professor em discursos de paraninfos da área de Letras*, de autoria de Elisane Scapin Cargnin e Cristiane Fuzer, mostra a linguagem usada na construção de representações para o trabalho docente em discursos proferidos por paraninfos em solenidades de formatura de cursos de Letras. A análise de onze discursos escritos por professores, no período de 2007 a 2012, evidenciou onze representações para o profissional docente relacionadas às dimensões humana, técnica e político-social.

O segundo capítulo, *Representações de homossexuais idosos na mídia*, de autoria de Thiago Santos da Silva, apresenta evidências léxico-gramaticais do sistema de transitividade que revelam sete representações para homossexuais idosos na mídia on-line brasileira. O estudo mostra como a linguagem é usada em notícias, reportagens e artigos de opinião, publicados no período de 2006 a 2010, para construir e/ou reforçar representações para indivíduos que vivenciam a homossexualidade na terceira idade.

O terceiro capítulo, *Representações de Dilma Rousseff: de sargentona à presidente frágil*, de Fernanda Beatriz Caricari de Moraes, compara representações para Dilma Rousseff em dois momentos distintos: como ministra do governo Lula e como presidente reeleita do Brasil. O estudo cotejou o *corpus* de uma pesquisa anterior (MORAIS, 2008), em que Dilma era ministra (2002 a 2007), com um *corpus* mais recente, no início do segundo mandato da então presidente brasileira (2015 e 2016). Os resultados evidenciam escolhas linguísticas que constroem representações bastante distintas em cada momento.

O quarto capítulo, *Representações para atores sociais e para ofensa no ambiente de projeção oracional em boletins de ocorrência de injúria*, de Marcos Rogério Ribeiro, investiga as funções léxico-gramaticais desempenhadas pelos participantes no nível da oração e sua distribuição, por meio da projeção, no nível do complexo oracional, de modo a descrever o ambiente léxico-gramatical no qual as representações da injúria e dos atores sociais nela envolvidos estão tipicamente abrigadas. O estudo levanta, assim, algumas evidências léxico-gramaticais que estabelecem as características básicas do histórico do BO de injúria.

O quinto capítulo, *Representações para mulheres em evangelhos do Novo Testamento*, de autoria de Angela Maria Rossi e Cristiane Fuzer, utiliza categorias léxico-gramaticais do sistema de transitividade em associação com categorias semântico-discursivas, com foco no subsistema atitude do sistema de avaliatividade, de Martin e White (2005), e mostra como tal articulação auxilia na identificação de representações no discurso sobre as mulheres nos quatro evangelhos que compõem o Novo Testamento. O estudo mostra escolhas linguísticas que evidenciam oito representações para as mulheres nas vozes dos representantes de povos judaicos, dos evangelistas e de Jesus Cristo.

O sexto capítulo, *Representações do povo e dos políticos em discursos parlamentares*, de Edna Cristina Muniz da Silva e Angela Silva da Veiga, traz o olhar da sociossemântica a partir do estudo das formas de representação dos atores sociais propostas por van Leeuwen (2008) e da Análise de Discurso Crítica, de Fairclough (2003). A análise dos pronunciamentos de dois parlamentares brasileiros – o líder do governo e o líder da oposição – no dia posterior às grandes manifestações populares ocorridas no Brasil, em junho de 2013, mostra que os atores sociais representados nos

textos são a classe política (governo, parlamentares e ministros) e o povo. O estudo, por meio da descrição das funções de transitividade associadas às formas de representações dos atores sociais, revela que os participantes relacionados aos políticos apareceram com maior frequência em posição de agência, enquanto o povo foi representado em uma posição secundária em ambos os discursos.

O sétimo capítulo, *Representações para mulheres contemporâneas em crônicas de Martha Medeiros*, de Letícia Oliveira Lima e Cristiane Fuzer, evidencia, por meio da análise de funções da linguagem nos estratos do contexto de situação, da semântica do discurso e da léxico-gramática, representações para a mulher em vinte crônicas publicadas no livro *Doidas e Santas*. O estudo revela representações associadas ao cotidiano feminino no que se refere a relacionamento amoroso, aparência física, maternidade, manifestação de desejos e manifestação de sentimentos.

Encerrando a publicação, o oitavo capítulo, *Avaliação e Ideação: acoplamentos avaliativos em editoriais*, de Glivia Guimarães Nunes e Sara Regina Scotta Cabral, propõe análise de acoplamentos entre os sistemas de avaliatividade e de ideação, a partir dos estudos de Martin e Rose (2007), em editoriais sobre Dilma Rousseff, primeira mulher a ocupar o cargo de presidência no Brasil. O estudo dos acoplamentos permitiu às analistas identificar os valores compartilhados pelos autores de treze editoriais do jornal Estado de São Paulo. O estudo evidenciou o predomínio de acoplamentos avaliativos que representam a então presidente como incapaz para governar o país.

Todos os capítulos contemplam os significados representacionais construídos nos discursos, ora focalizando as realizações léxico-gramaticais desses significados, ora ampliando o foco para as realizações semântico-discursivas e contextuais. Assim, é nossa expectativa que esta coletânea possibilite aos leitores a compreensão da linguagem como um sistema em funcionamento nos textos, ao mesmo tempo em que oferece estratégias de leitura e análise que possibilitem revelar representações nem sempre evidentes num primeiro olhar sobre os textos produzidos em diferentes momentos da vida em sociedade. O conhecimento dos recursos linguísticos mobilizados para construir, reforçar ou desconstruir representações sociais é importante pas-

so para o desenvolvimento da consciência linguística e, por conseguinte, da consciência crítica sobre os dizeres que circulam na sociedade sobre os mais diversos atores e acontecimentos sociais.

Santa Maria, 18 de agosto de 2017.

Cristiane Fuzer e Thiago Santos da Silva

Organizadores

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: Interpretation of Language and Meaning*. University Park Press, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to functional grammar*. 3 ed. Hodder Education, 2004.

_____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4th. ed. London: Routledge, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. Parte A. In: HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

MARTIN, J.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Systemic Functional Linguistics as applicable linguistics: social accountability and critical approaches. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 28, n. SPE, p. 435-471, 2012.

MORAIS, F. B. C. *As mulheres na política brasileira: um estudo sob a perspectiva sistêmico-funcional*. 2008. 133p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

REPRESENTAÇÕES DE PROFESSOR EM DISCURSOS DE PARANINFOS DA ÁREA DE LETRAS¹

*Elisane Scapin Cargnin
Cristiane Fuzer*

INTRODUÇÃO

A sociedade é palco de interações que se realizam por meio da linguagem, a qual instaura relações entre as pessoas e representa experiências humanas em diferentes contextos. Usos da linguagem em contexto são o foco da teoria sistêmico-funcional, que descreve o sistema linguístico com base em três metafunções: representar o mundo, ser um instrumento de interação e organizar a informação – denominadas, respectivamente, ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Neste trabalho, focalizamos a linguagem usada para construir representações num contexto específico: solenidades de formatura, mais especificamente em discursos de paraninfo da área de Letras. Esclarecemos que o termo “representação”, neste estudo, é usado para indicar escolhas léxico-gramaticais que produzem significados experienciais em contextos específicos. Segundo Halliday e Matthiessen (1999, p.3), representação é “a realidade que construímos para nós mesmos por meio dos significados da linguagem”², os quais se constroem por meio de escolhas realizadas pelo falante/escritor dentre inúmeras possibilidades disponíveis no sistema linguístico. Por meio dessas escolhas, os indivíduos constroem representações de si mesmos e do mundo que os rodeia.

Em estudo prévio sobre representações em discursos de paraninfos de diferentes áreas do conhecimento, verificou-se, no discurso de uma paraninfa do curso de Fisioterapia, a representação de conselheira que busca entusiasmar os alunos para o ofício da fisioterapia, incentivando-os a amarem a profissão; no discurso de um paraninfo de Ciências Contábeis, ocorre a representação do paraninfo não só como contador, haja vista sua formação

1 Este capítulo sintetiza resultados da pesquisa de mestrado da primeira autora, com bolsa CAPES, vinculada ao projeto “Gramática Sistêmico-Funcional da língua portuguesa para análise de representações sociais” (GAP/CAL 025406, FUZER, 2009) da segunda autora.

2 No original: “the reality that we construe for ourselves by mean of language”.

técnica, mas também como professor, reconhecendo que, no contexto da solenidade de formatura, é esse o lugar que ocupa (CARGNIN, FARENCENA e FUZER, 2014; CARGNIN e FUZER, 2011).

Com relação a representações para o professor em outros contextos, destacamos a pesquisa de Serbena (2001) sobre a representação do professor na década de 1990. Em entrevistas semiestruturadas realizadas com 10 professores estaduais com tempo médio de magistério de 20,8 anos, o autor concluiu que “a ‘aura’ desta profissão permanece como parte integrante do imaginário dos educadores” (SERBENA, 2001, p. 8), uma vez que as modificações ocorridas na sociedade influenciam o cotidiano escolar e caracterizam contradições entre o atual professor intelectual e a antiga condição estamental explicitada pelas greves, pelo aviltamento salarial e profissional.

Outro estudo a ser destacado é o de Dalla Valle (2008), que pesquisou representações sociais do professor de artes visuais no ensino médio e sua relação com a construção do conhecimento artístico do aluno. O estudo concluiu que os professores de Educação Artística são representados como batalhadores, trabalham com pouco, buscam atender clamores das famílias, lidam com a sensibilidade, necessitam atrelar-se aos ditames da sociedade, são fragilizados pelo sistema e mal remunerados.

No âmbito da área de Letras, Ticks (2008) pesquisou reconstruções de concepções pedagógicas, práticas pedagógicas e identidade de professoras de inglês e constatou que os professores, inseridos em um processo reflexivo crítico e continuado, foram representados como pessoas capazes de se posicionarem de forma crítica diante de situações comuns ao seu ambiente de trabalho. Conceição (2010), em análise de respostas de acadêmicos de Cursos de Letras a uma questão discursiva que avaliava os conhecimentos de Linguística e de Língua Portuguesa, encontrou duas representações: professor-repassador de conteúdos e professor-investigador. Este último também foi encontrado entre as representações construídas nos discursos de paraninfos analisados neste capítulo. Tal representação relaciona-se com a dimensão técnica do processo de ensino e aprendizagem, que implica domínio de conteúdos e conhecimentos de língua, capacidade de relacionar informações de diferentes áreas, constante aprimoramento e atualização.

Para a análise linguística que evidenciou essa e outras representações para o professor em discursos de paraninfo em solenidades de formatura da área de Letras, foram considerados pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), que nortearam a metodologia de análise e a organização dos resultados, apresentados nas seções a seguir.

A GRAMÁTICA DA REPRESENTAÇÃO

Na teoria sistêmico-funcional, a linguagem consiste em uma rede de sistemas de significação que fornecem ao falante/escritor recursos para expressar significados, que variam de acordo com as diversas situações em que a linguagem é usada. Por isso, a linguagem em uso é funcional e constitui um sistema sociossemiótico, que desempenha metafunções (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Uma das funções desempenhadas pela linguagem é representar experiências, o que se realiza, no estrato léxico-gramatical, pelo sistema de transitividade, “que afeta não apenas o verbo que serve como processo, mas também os participantes e as circunstâncias”³ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.181). Tipicamente, os processos realizam-se por meio de grupos verbais, os participantes por meio dos grupos nominais e as circunstâncias por grupos adverbiais e sintagmas preposicionais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

O processo, como núcleo experiencial da oração, determina o tipo de participante e, por conseguinte, o tipo de figura (significado experiencial) realizado pela oração, que podem ser de seis tipos: os básicos – classificados como materiais, mentais e relacionais –, e os que trazem traços de dois ou mais processos básicos – comportamentais, verbais e existenciais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

Os processos materiais realizam figuras de fazer e acontecer, relacionadas a ações no mundo físico e, por isso, são responsáveis pela representação de experiências concretas de criação ou de transformação. Inerentes ao processo, há dois participantes principais, o Ator e a Meta. O Ator, cuja presença é obrigatória na figura material, é o agente responsável pelo desdo-

³ No original: “Transitivity is a system of the clause, affecting not only the verb serving as Process but also participants and circumstances”.

bramento do processo, ao passo que a Meta é modificada de alguma forma nesse desdobramento (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). O Beneficiário, participante que se beneficia do processo de maneira positiva ou negativa, pode ser classificado como Recebedor (a entidade que se beneficia com um bem ou com uma informação) ou Cliente (participante para quem alguma coisa é criada ou transformada, ou seja, recebe um serviço). O Escopo, que “pode construir uma entidade que existe independentemente do processo”⁴ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 192), indicando o domínio de sua atuação, classifica-se em Escopo-Processo (ocorre quando o participante completa o sentido do processo) e Escopo-Entidade (indica o domínio no qual o processo se desdobra). O participante Atributo, por sua vez, é usado, conforme Halliday e Matthiessen (2004), para produzir uma qualidade que resulta do Ator ou da Meta quando o processo já se completou.

O processo mental refere-se a ações que não se dão no mundo físico, mas no mundo da consciência do ser humano (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Há também os participantes Experienciador (aquele que percebe, pensa, deseja ou conhece) e Fenômeno (o que é percebido, pensado, desejado ou conhecido). Os participantes são normalmente humanos, mas o Experienciador pode também se realizar por uma entidade inanimada dotada de consciência humana.

Dando sequência à apresentação dos tipos básicos de processos, os relacionais decorrem da natureza da configuração do ser. A relação estabelecida entre duas entidades separadas pode ser de três tipos: intensiva, possessiva ou circunstancial. Essas relações podem representar uma caracterização, realizada por orações relacionais atributivas, em que o Portador carrega o Atributo que se relaciona a ele por meio de processo. A identificação, por sua vez, realiza-se por orações relacionais identificativas, em que um ser é identificado com base em outro. As orações identificativas são reversíveis semanticamente, isto é, se invertida a ordem dos participantes, não ocorre alteração de significado ideacional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

4 No original: “The Scope may construe an entity which exists independently of the process”.

Constituídos de traços semânticos e gramaticais dos processos básicos, três processos de fronteira são descritos por Halliday e Matthiessen (2014): comportamentais, verbais e existenciais. Os processos do comportamento são definidos como tipicamente humanos, que englobam comportamentos físicos e psicológicos, como respirar, tossir, sorrir, sonhar, olhar, dentre outros. Como participantes dos processos verbais estão: o Dizente, aquele que diz; Receptor, para quem se dirige a mensagem; a Verbiagem, que “corresponde ao que é dito, representando-o como uma classe de coisas em vez de um relato ou uma citação”⁵ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 255), e o Alvo, que é o que se pretende atingir por meio do processo verbal, estando “mais próximo à estrutura Ator + Meta de uma oração material”⁶ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.256).

Por fim, os processos existenciais representam algo que existe ou acontece e têm como único participante o Existente, muitas vezes acompanhado de Circunstâncias. Expandindo a descrição desse tipo de processo, Lima (2013) classifica como existenciais processos como acabar, morrer, nascer, porque o Existente não promove o próprio fim ou início de sua existência, isto é, ele não é o agente dessa ação.

Considerada componente opcional da oração, a Circunstância, tipicamente realizada por grupo adverbial ou sintagma preposicional, adiciona à oração significados experienciais. Halliday e Matthiessen (2004) apresentam nove tipos gerais de circunstâncias: extensão, localização, modo, causa, contingência, acompanhamento, papel, assunto e ângulo. A sua configuração é mais periférica, uma vez que não está diretamente envolvida com o participante.

Essas categorias do sistema de transitividade, que realizam a metafunção ideacional experiencial no estrato léxico-gramatical do sistema linguístico, possibilitam a análise do uso da linguagem como representação, ou seja, a manifestação linguística das experiências que o indivíduo tem do mundo. Considerando que uma das funções básicas da linguagem é construir a experiência humana, Halliday e Matthiessen (2004) conce-

5 No original: “[...] corresponds to what is said, representing it as a class of thing rather than as a report or quote”.

6 No original: “this type of clause is closer to the Actor + Goal structure of a ‘material’ clause”.

bem a linguagem como um sistema de escolhas que é utilizado em um meio social em que o indivíduo desempenha papéis sociais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Sendo a linguagem um sistema semiótico de construção e troca de significados, o texto funciona como componente semiótico mediador das práticas sociais, permitindo recuperar conexões entre a ação individual e as estruturas sociais (HALLIDAY, 1989).

Em um horizonte maior, além de Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004) e outros estudiosos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), como Eggins (2004), Thompson (2004) e Hasan (1989) consideram que a linguagem é funcional, uma vez que é constituída por uma função comunicativa nas interações. Essa função permite aos indivíduos representar suas experiências, construir relações sociais e elaborar mensagens coerentes por meio do uso da linguagem. Para Thompson (2004), análises da linguagem em uso buscam descobrir por quais razões o falante ou escritor produz determinado tipo de fraseado em vez de outro em um contexto particular.

Nesse sentido, a linguagem, para ser funcional, é semântica, pois precisa estar comprometida com o significado (EGGINS, 2004), e contextual, pois os significados refletem o contexto social situacional e cultural em que são criados. É também sistêmica, pois a linguagem permite ao falante ou escritor realizar escolhas que adquirem significado em diferentes situações como um sistema. Então, uma análise funcional da linguagem em uso considera a relação dialética entre os estratos léxico-gramatical, semântico e contextual que se instanciam em textos.

METODOLOGIA

O *corpus* da pesquisa constitui-se de onze discursos escritos por professores que atuaram como paraninfos em solenidades de formatura de cursos de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura, Língua Inglesa e Literatura, Língua Espanhola e Literatura e Bacharelado Língua Portuguesa e Literaturas. Os textos foram produzidos no período de 2007 a 2012, e a coleta aconteceu de 2010 até 2012. Foram contatadas duas instituições que têm cursos superiores em Letras, em Santa Maria, RS, nas quais foram indicados professores homenageados como paraninfos por turmas dos cursos de Letras Espanhol, Português e Inglês. A partir das indicações, foram enviadas por e-mail solicitações

aos professores, dos quais recebemos onze textos, que estão organizados conforme a ordem cronológica de produção, referidos neste trabalho por códigos compostos da letra D (de discurso), seguido por um número sequencial: D#1 a D#11. Nos exemplos neste capítulo, os nomes das pessoas citadas foram substituídos por pseudônimos, para preservar as identidades.

Os critérios de seleção do *corpus* para análise foram: a) seleção das orações que trazem a palavra-chave “professor” e/ou elementos que o referenciem, como pronomes e grupos nominais do mesmo campo semântico quando fazem referência ao profissional já formado ou licenciado (referências ao professor em formação não foram consideradas); b) destaque dos trechos que contêm representações para o professor na voz autoral⁷; c) exclusão de orações em vozes externas, como a de autores citados pelos paraninfos nos textos.

Para análise linguística do *corpus* visando à identificação de representações de professor, foi realizada análise das funções léxico-gramaticais no sistema de transitividade desempenhadas pela palavra “professor” e seus referentes (incluindo-se as elipses). Nomes de pessoas citadas nos textos foram substituídos por pseudônimos, para preservação de suas identidades. Na sequência, procedemos ao mapeamento, à sistematização e à interpretação das representações evidenciadas nas orações analisadas.

Apenas para organizar as representações encontradas de professor, considerado peça fundamental na relação com seu aluno, usamos como referência as três dimensões propostas por Libâneo (1994) para o processo de ensino e aprendizagem: a humana, a técnica e a político-social. Embora essas dimensões sejam referentes ao processo de ensino e aprendizagem, interessa-nos, neste trabalho, os aspectos que envolvam mais especificamente a participação direta do professor. Na próxima seção, apresentamos os resultados das análises, relacionando as representações encontradas para o professor com as dimensões humana, técnica e político-social.

REPRESENTAÇÕES PARA O PROFESSOR NOS DISCURSOS DE PARANINFOS COM BASE EM EVIDÊNCIAS LÉXICO-GRAMATICAIS

Nesta seção, apresentamos as representações de professor encontradas na amostra de discursos de paraninfo da área de Letras, tendo por base evidências

⁷ Neste trabalho, utilizamos, com base em Martin e White (2005), a noção de voz autoral entendida, no contexto do *corpus* em análise, como a voz do paraninfo.

léxico-gramaticais dadas pela análise do sistema de transitividade com base em Halliday e Matthiessen (2004). Para organizar os resultados, categorizamos as representações a partir de sua relação com cada uma das três dimensões pedagógicas descritas por Libâneo (1994), mostradas na Figura 1.

As representações relacionadas às dimensões humana (cinco representações) e técnica (quatro representações) foram mais recorrentes do que as relacionadas à dimensão político-social (duas representações), destacando-se o envolvimento afetivo com a profissão e a preocupação com o trabalho em sala de aula. A seguir, apresentamos análise das escolhas linguísticas usadas para construir as representações relacionadas com cada dimensão.

Figura 1 – Representações de professor encontradas no *corpus*.

Representações de professor

Dimensão humana

- Envolve-se emocionalmente com o trabalho e os alunos.
- Está satisfeito com a docência no contexto da solenidade.
- Enfrenta dificuldades e é persistente.
- É exemplo de ética e respeito aos valores da sua cultura.
- Avalia-se, abre espaços para críticas e aprende com os alunos.

Dimensão técnica

- Domina conhecimentos da língua e é capaz de relacionar informações de diferentes áreas.
- Educa para escrita, fala e leitura.
- Está em constante aprimoramento e atualização.
- É tolerante às inovações.

Dimensão político-social

- Transforma a realidade pelo uso da língua.
- É pouco valorizado.

Fonte: Adaptado de Cargnin (2014, p. 73).

Representações de professor relacionadas com a dimensão humana

O professor está envolvido emocionalmente com o trabalho e os alunos

Manifestações de atitudes emotivas são recorrentes nos discursos dos paraninfos examinados, evidenciadas por orações relacionais, como se verifica no exemplo⁸.

Exemplo 1

[...] Faço isso agora: a maternidade, Mariana, nos torna *mais pacientes, mais transigentes, mais generosas, mais cuidadosas, mais gentis, mais humanas*. Confesso que, ao ouvir as palavras da Vitória, a primeira coisa que pensei foi que *esses eram e são atributos bem importantes para enfrentarmos o dia a dia tipicamente atribulado, estressado da prática docente*. [D#11]

Nesse excerto, os Atributos *mais pacientes, mais transigentes, mais generosas, mais cuidadosas, mais gentis, mais humanas* são usados para caracterizar as mães, entre as quais a paraninfa se inclui por meio do pronome “nos”, construindo a ideia de que é comum às mães tratarem com carinho os seus filhos. Esses mesmos Atributos são apresentados como *bem importantes à prática docente*, que é, por sua vez, caracterizada como uma atividade que tem o *dia a dia tipicamente atribulado, estressado*. Dessa forma, a representação de maternidade é projetada na representação do professor, sugerindo que, diante de situações de estresse no cotidiano profissional, o professor precisa ter, na opinião da paraninfa, atitudes consideradas maternas. Esse envolvimento afetivo pode ser notado também do exemplo 2.

Exemplo 2

A gratidão é por mim, pelo reconhecimento generoso que representa o fato de vocês terem me escolhido como paraninfa, reconhecimento pelo meu trabalho como professora. *Como ainda não sou mãe, ser professora é hoje a melhor parte de mim, é onde invisto meu afeto e minhas emoções, meu tempo e dinheiro, meu corpo e alma*. [D#6]

⁸ Em todos os exemplos estão destacados em itálico elementos linguísticos importantes na análise apresentada na sequência.

Essa associação entre professor e mãe é reforçada pelo uso do Identificador *ser professora* e do Identificador *a melhor parte de mim*, relacionando intimamente o ser professor ao ser mãe. É esperado de uma mãe tratar com carinho os seus filhos, e a paraninfa em questão, como ainda não tem filhos, demonstra pelos seus alunos sentimento semelhante ao de uma mãe. Ao escolher o processo mental *invisto*, ela destaca essa representação que vem alicerçada nas escolhas realizadas pelo Fenômeno *meu afeto e minhas emoções, meu tempo e dinheiro, meu corpo e alma*. Esse investimento emocional na profissão está diretamente associado a outra representação encontrada nos discursos analisados: o professor satisfeito, conforme subseção a seguir.

O professor está satisfeito com a docência no contexto da solenidade

Algumas escolhas linguísticas representam o professor como profissional satisfeito por ver os resultados obtidos pelos alunos, como pode ser verificado no exemplo 3.

Exemplo 3

[...] O Curso de Letras [...] *tem a graça de poder festejar tão significativo momento*, com a formatura desta 1° Turma do Regime Especial. Como o nome bem diz, “Especial”. Especial porque assim nós, seus professores, estamos habituados a vê-los, pois enfrentamos com muita garra o calor dos meses de Janeiro, o frio dos meses de julho, ao longo desta trajetória e hoje, *aqui estamos todos, radiantes com o momento de tão importante conquista!* [D#1]

Os professores, representados pelo *Curso de Letras*, incluem-se como Portador do Atributo *a graça de poder festejar tão significativo momento*, que evidencia satisfação mediante a formatura da 1° Turma do Regime Especial na instituição. Outra marca linguística da satisfação é o Atributo *radiantes*, relacionado aos professores que conviveram com essa turma. Tal turma é caracterizada como *especial* não só pelas circunstâncias em que os alunos frequentaram o curso (no período de férias escolares, em que tinham de enfrentar *com muita garra o calor dos meses de Janeiro, o frio dos meses de julho*), mas também pela relação interpessoal vivenciada com seus professores, que, conforme o exemplo 4, era de mediação.

Exemplo 4

[...] Nós nos sentíamos, de fato, mediadores ao falarmos como nossos alunos, vindos de diferentes regiões, de diferentes circunstâncias e realidades, conseguiam, a cada semestre, *superar-se!* [D#1]

O professor, na função de Experienciador de *sentíamos, de fato, mediadores*, faz a ponte entre as diferentes realidades e o conhecimento. Por se tratar de uma turma “especial”, que estudava no período de férias, como indicado no exemplo 3, as dificuldades eram maiores, o que justifica a escolha pelo processo *superar-se*. A mediação bem-sucedida no processo de formação dos alunos que precisaram superar desafios para concluir o curso é um dos motivos da satisfação sentida pelo professor. Tal sentimento pode ser ainda maior quando o professor também precisa enfrentar dificuldades e ter persistência, como veremos na próxima subseção.

O professor enfrenta dificuldades e é persistente

Outra representação de professor encontrada no *corpus* é a de persistência diante de diversas dificuldades da profissão, como o dia a dia estressante do trabalho, referido no exemplo 5.

Exemplo 5

[...] Confesso que, ao ouvir as palavras da Vitória, a primeira coisa que pensei foi que esses eram e são atributos bem importantes para enfrentarmos *o dia a dia tipicamente atribulado, estressado da prática docente*. [D#11]

Nesse exemplo, o paraninfo usa os epítetos *estressado e atribulado* para caracterizar o *dia a dia da prática docente* e, dessa forma, representa a rotina dos professores. Situações de estresse demandam do professor extremo esforço para agir com paciência, generosidade e gentileza como esperam os alunos e seus familiares, o que se configura em mais uma dificuldade enfrentada na rotina docente.

Para outro paraninfo, entretanto, a dificuldade maior está associada à responsabilidade do professor, como mostra o exemplo 6.

Exemplo 6

[...] a profissão que escolheram *não é nada fácil*. Para muitos, porque o salário não paga *as horas de dedicação* [...] *Mas eu posso garantir que a dificuldade em ser professor está na responsabilidade que temos*. [D#4]

Nesse exemplo, *a dificuldade em ser professor* é Portador do Atributo circunstancial *na responsabilidade que temos*, mostrando que o desafio da profissão está relacionado ao grande compromisso com seu fazer. Essa é a opinião da voz autoral, evidenciada pela modalização *posso garantir*. A presença de *Mas* sinaliza um contraste entre a opinião do paraninfo em questão e a de outros profissionais docentes (incluídos no discurso por meio da Circunstância de ângulo *Para muitos*). Essas escolhas linguísticas evidenciam que, para esse paraninfo, a *responsabilidade* oferece mais dificuldade no exercício da profissão do que as *horas de dedicação* que não são suficientemente pagas pelo salário destinado à categoria.

Apesar dessas dificuldades, o envolvimento emocional com o trabalho docente é representado como motivador para a escolha e permanência na profissão, como mostra o exemplo 7.

Exemplo 7

[...] Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, *grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho*. [D#9]

Ainda que a sociedade os responsabilize pelo fracasso da educação e, por isso, não lhes dedique prestígio e melhor remuneração, *grande parte* dos professores encontra um motivo para continuar na profissão, a paixão, representada pela oração relacional *continua apaixonada pelo seu trabalho*. Dessa forma, o paraninfo constata a existência de várias dificuldades que podem levar professores a desistirem da profissão, mas ressalta que grande parte resiste porque tem envolvimento emocional com a docência. Nesse sentido, o envolvimento emocional com a docência é o principal fator de resistência diante das dificuldades impostas à profissão pela sociedade.

O professor é exemplo de ética e respeito aos valores da sua cultura

Outra representação, relacionada com a dimensão humana, encontrada no *corpus* é a do professor como exemplo de boa conduta, ética e respeito, como se verifica em 8.

Exemplo 8

[...] Afinal, faço parte de um grupo de Professores que tem por meta a excelência acadêmica. Mas *faço parte, também, do conjunto de educadores* [[*que primam por valores éticos, morais e de boa conduta*]]: tão precários em nossa atual sociedade. [D#2]

Nesse exemplo, ao marcar sua inclusão (por meio do processo relacional *faço parte*) num grupo de educadores identificado pela oração encaixada *que primam por valor éticos, morais e de boa conduta*, o paraninfo pressupõe a existência de professores que não se comportam de maneira ética – e estes poderiam, talvez, estar contribuindo para a precariedade desses valores na sociedade e, por conseguinte, para a desvalorização dessa categoria profissional. Por outro lado, a ênfase aos professores como *educadores* que priorizam valores necessários à boa convivência na sociedade reitera a representação social do professor como modelo a ser seguido. Essa representação de professor exemplar é reforçada no exemplo 9.

Exemplo 9

[...] *Educar* para a escrita, para a boa fala, para a boa leitura e, em especial, *para o melhor exemplo*. [D#1]

As escolhas linguísticas do paraninfo nos permitem dizer que o professor é um ser humano que deve ter conduta e valores impecáveis, como evidencia o processo *educar*, que tem como uma de suas finalidades *o melhor exemplo*. Educar para a *seriedade*, *sensibilidade* e ética, ou seja, educar para a *vida* também fazem parte das metas da prática docente, como indica o exemplo 10.

Exemplo 10

[...] Eu tive uma professora que me marcou nessa vida: a Lisa. *Seriedade? Sensibilidade? Ética?* Ela tirava tudo isso de letra. Ela não me ensinou só espanhol, *me ensinou a viver*. [D#4]

Entre as características atribuídas à professora referida nesse exemplo, está a ética, que é retomada pelo pronome *isso* na oração *Ela tirava tudo isso de letra*. Numa sociedade em que atos de corrupção têm sido crescentes em diversos setores, ter referências de conduta ética é cada vez mais necessário a crianças e jovens; o professor é essa referência. Tal representação é realizada por meio da oração material *me ensinou a viver*, indicando que foi um professor que teve papel fundamental na vida do paraninfo no seu tempo de aluno. Assim como a professora citada no excerto, muitos outros professores que reúnem o mesmo tipo de comportamento podem ser considerados exemplos a serem seguidos pelos alunos. Para manter-se como exemplo, o professor precisa avaliar-se constantemente, conduta que está representada em exemplos discutidos na próxima seção.

O professor avalia-se, abre espaços para críticas e aprende com os alunos

As escolhas linguísticas de alguns paraninfos trazem a representação de um professor que tem humildade para reconhecer o valor da autoavaliação no desempenho profissional, como mostra o exemplo 11.

Exemplo 11

[...] Mas lembrem: para isto é necessário *humildade e sabedoria; humildade, para que possamos avaliar e reavaliar, constantemente, nossas ações educativas*. [...] Lembrem que *educar é sinônimo de doação, de partilha e de uma constante avaliar e reavaliar ações*. [D#2]

No excerto, chama à atenção *humildade e sabedoria* como Portador da oração relacional é necessário, que expressa também significado interpessoal de modalização. Reconhecer-se em constante transformação faz parte da ação de educar, uma vez que o contexto educacional transforma-se. Essa representação é reforçada pelo Atributo *sinônimo de doação, de partilha e de constante avaliar e reavaliar ações*, características da ação de educar praticada pelo professor que revê sua metodologia e seus atos. Essa representação também está presente no exemplo 12.

Exemplo 12

[...] [o professor] *Abre espaço para críticas, discute coisas que fazem sentido pra nós. Super competente! (sic)* [D#4]

Na primeira oração do exemplo 12, o professor é representado como disposto a desempenhar o papel de Receptor de críticas a serem manifestadas no seu contexto de trabalho (pelos alunos, familiares dos alunos, colegas de trabalho). Na segunda oração, é Dizente em discussões sobre *coisas que fazem sentido* para os profissionais envolvidos. Essas funções léxico-gramaticais desempenhadas pelo professor nesse trecho do discurso do paraninfo evidenciam um processo dialógico, em que o professor ora se coloca na posição de interlocutor de críticas, ora como locutor em discussões de assuntos que lhe são relevantes. Com essa atitude dialógica, o professor é representado como o profissional capaz de promover o crescimento do aluno, não mais apenas como transmissor de conhecimentos, mas principalmente como promotor da construção compartilhada do conhecimento. O Atributo *Super competente (sic)* expressa a opinião do paraninfo acerca dessa postura do professor que abre espaço para críticas. Outros processos estão envolvidos na representação de competência do professor, como verificamos na seção a seguir.

Representações de professor relacionadas com a dimensão técnica

A análise linguística evidenciou quatro representações que se relacionam com a dimensão técnica, segundo a qual é necessário que os alunos consigam aprender aquilo que é proposto por meio da organização de condições apropriadas (LIBÂNEO, 1994).

O professor domina os conteúdos e conhecimentos da língua e é capaz de relacionar informações de diferentes áreas

No âmbito da dimensão técnica, o professor é representado, nos discursos de paraninfos analisados, como alguém que domina os conteúdos referentes aos conhecimentos da e sobre a língua, como se verifica no exemplo 13.

Exemplo 13

[...] Sim, [professores recém-formados] são jovens e pouco experientes, mas *compreendem muito bem a INDISPENSABILIDADE da LINGUAGEM*⁹ *na constituição, desenvolvimento e transformação da humanidade. Por terem escolhido LETRAS, compartilham a vontade de pensar na linguagem todos os dias, nas coisas que a linguagem faz, em como a linguagem as faz, em formas de interromper a ação da linguagem porque está causando injustiça.* [D#8]

Nesse exemplo, os professores recém-formados, a quem o paraninfo se refere em elipse, desempenham a função de Experienciador do processo mental cognitivo *compreendem*, cujo Fenômeno é *a indispensabilidade da linguagem na constituição, desenvolvimento e transformação da humanidade*. A Circunstância de modo *muito bem* enfatiza o aspecto profissional dessa compreensão sobre a importância da linguagem para a humanidade. Na sequência, a oração relacional iniciada por *compartilham* representa o professor como detentor de motivação para realizar processo mentais sobre seu objeto de ensino – *na linguagem*, representada, na oração seguinte, como núcleo do Fenômeno do processo *pensar*. No caso do professor da área de Letras, essa atividade cognitiva é diária, conforme evidencia a Circunstância de frequência *todos os dias*. Com essa competência de reflexão sobre os usos da linguagem, o professor formado em Letras tem condições de beneficiar a sociedade em situações de injustiça, como evidencia esta parte final do Fenômeno da oração mental: *em formas de interromper a ação da linguagem porque está causando injustiça*. Competências do professor de Letras também são representadas no exemplo 14.

Exemplo 14

[...] *Elas são PROFISSIONAIS DA LINGUAGEM*¹⁰: *elas têm em mãos as ferramentas e métodos necessários para ler e escrever tudo sobre tudo e todos* – em inglês e, atrevo-me a dizer, também em português. *Elas podem entender e explicar como se lê e se escreve uma bula de remédios, mesmo não sendo farmacêuticas; como se lê e se escreve um mapa, mesmo não sendo geógrafas.* [D#5]

9 O destaque em caixa alta é do autor do discurso.

10 O destaque em caixa alta é do autor do discurso.

Nesse excerto, as professoras recém-formadas a que se refere o parainfo são incluídas, por meio da oração relacional intensiva, na classe dos *profissionais da linguagem*, cuja definição é dada na oração relacional seguinte: *têm em mãos as ferramentas e métodos necessários para ler e escrever tudo sobre tudo e todos*. Com essas *ferramentas e métodos*, o profissional tem condições de realizar processos mentais cognitivos (*entender*) e processos verbais (*explicar*) que possibilitam reflexões e discussões sobre usos da linguagem nos mais diversos textos, inclusive os que fazem parte de outras áreas do conhecimento, como *bula de remédios e mapa*. Portanto, para exercer sua função, o professor tem de dominar conhecimentos sobre o objeto em sua área – no caso, a linguagem – e educar para a leitura, escrita e fala, conforme evidenciam as escolhas linguísticas analisadas a seguir.

O professor educa para a escrita, fala e leitura

A competência para ensinar a escrever, falar e ler está representada no exemplo 15.

Exemplo 15

[Professores] Estão se formando e rumando a seus lugares de origem, [...] para lá retornam, a auxiliar tantos outros voos... *educar para a escrita, para a boa fala, para a boa leitura e, em especial, para o melhor exemplo*. [D#1]

Nesse excerto, o parainfo relaciona o processo *educar* não só com atividades específicas da sua área profissional (*escrita, boa fala e boa leitura*), mas também com atitudes (*o melhor exemplo*). Essas representações responsabilizam o professor de Letras no processo de formação de cidadãos, que aprendem com o que o professor diz e, especialmente, com o que ele faz no cotidiano escolar. O parainfo reforça a representação do trabalho com textos no exemplo 16.

Exemplo 16

Que possam, *queridas afilhadas*, fazer valer o significado da palavra aluno: do latim, “*alumno, alumiare*”: que significa aquele que precisa ser iluminado. Seja ao som das suas vozes, ou ao dos personagens dos *textos que afilhadas trabalharão façam ressoar, mundo a fora, o melhor som*. (*sic*) [D#2]

O uso do vocativo *queridas afilhadas* evidencia uma relação afetiva entre o paraninfo e as professoras recém-formadas. O processo mental desiderativo (“Espero”), pressuposto na oração projetada *Que possam fazer valer o significado da palavra aluno*, indica a expectativa do paraninfo quanto ao cumprimento do papel do professor no aprendizado do aluno, qual seja: “iluminar”, no sentido de propiciar a clareza das coisas aos que as ignoram. Nesse sentido, o ensino de línguas é fundamental para que o aluno consiga organizar o seu pensamento na produção de um texto, por exemplo. Na oração “que trabalharão”, encaixada a *textos*, Meta nessa oração, evidencia a instância fundamental da linguagem com que o professor línguas, normalmente, tem como referência em sua aula. Para qualificar as técnicas de trabalho com os textos, o professor busca constante aprimoramento e atualização, representação também encontrada em discursos de paraninfos, conforme subseção a seguir.

O professor está em constante aprimoramento e atualização

As escolhas linguísticas analisadas no *corpus* mostram mais uma representação do professor: aquele que está em contínua formação, como indica o exemplo 17.

Exemplo 17

[...] Caros afilhados lembrem-se que *a sala de aula é uma constante descoberta*. Nada se repete de forma idêntica. Também é meu papel fazê-los perceber que *quem se propõe trabalhar em sala de aula deve estar em permanente busca*. O *aprimoramento e a atualização do professor são determinantes de sua boa ou má atuação em sala aula*. Podemos provocar amor e repúdio, com a mesma intensidade. *Devemos, sim, estimados afilhados, estarmos sempre planejando o nosso crescimento, buscando opções de dar continuidade à formação de qualidade*. *Estudar deve ser uma constante prática*. [D#1]

Nesse exemplo, o Portador *sala de aula* e o Atributo *uma constante descoberta* retratam o lugar onde o professor vive a maioria de suas experiências profissionais, como um lugar que desacomoda e faz com que o professor busque compreender as descobertas. Ao professor, referido como *quem se propõe a trabalhar em sala de aula*, é atribuída a circunstância de modo *em permanente busca* como uma condição obrigatória, sinalizada pelo recurso de modulação *deve*. Para reforçar a sua

opinião quanto à necessidade de constante atualização, o paraninfo ainda avalia o *aprimoramento e a atualização do professor* por meio dos Atributos *determinantes de sua boa ou má atuação*. Para o paraninfo, ao se qualificar, o professor aprimora suas habilidades e consegue exercer seu ofício que, dentre outros, é dominar os conteúdos, os conhecimentos da língua e a capacidade de estabelecer relações.

Quando faz do estudo uma constante prática, o professor nunca termina de aprender, como elucida o exemplo 18.

Exemplo 18

[...] *O professor é um profissional que necessita de ótima formação, um praticante das mais antigas artes, um profissional indispensável, uma pessoa como todas as outras da vida moderna, um pensador em potencial... Aquele que não fabrica o sapato, mas educa quem o usa. O educador é aquele que nunca terminará de aprender, da sua matéria, da convivência, da vida*". [D#3]

Nesse exemplo, ao professor de Letras são relacionados vários Atributos que o representam como *profissional indispensável*, tendo em vista a ótima formação, que lhe dá a capacidade para atuar como *praticante das mais antigas artes* ao mesmo tempo em que é uma *pessoa como todas as outras da vida moderna*. Como *um pensador em potencial*, tem condições de *educar* todos que convivem em sociedade; no papel de *educador*, é identificado como Experienciador de aprendizados constantes, como evidencia a oração *nunca terminará de aprender*, projetando como Fenômenos o que diz respeito não apenas à técnica (*da sua matéria*), como também a aspectos político-sociais (*da convivência, da vida*). Para se qualificar, o professor precisa também aceitar as novidades, como veremos na próxima subseção.

O professor é tolerante com as inovações

As escolhas linguísticas em alguns dos textos analisados manifestam a representação do professor que tolera inovações, como mostra o exemplo 19.

Exemplo 19

Por isso, o compromisso do professor de línguas está relacionado a dois aspectos importantes que caracterizam a sua profissão: de

um lado, o papel do educador, aquele que preserva os valores básicos da nossa cultura, tem apreço pelo ser humano, aversão aos preconceitos, aquele que combate a violência: de outro, *o professor*, preocupado com a docência, com as habilidades específicas do seu domínio de saber, com a liberdade de raciocínio, com o desempenho dos alunos, *tolerante com as inovações*. [D#3]

O Atributo *tolerante com as inovações* faz alusão a um professor aberto às diversas transformações que ocorrem na sociedade, muitas vezes tendo de ir além do currículo para adaptar-se às mudanças, Ser *tolerante com as inovações* implica a necessidade de atualizar-se para compreender o papel das inovações e para atender às demandas do contexto social em que atua. A relação do trabalho docente com o contexto social aparece em representações manifestadas em excertos analisados a seguir, que acionam a dimensão político-social.

Representações de professor relacionadas com a dimensão político-social

Na terceira dimensão proposta por Libâneo (1994), a político-social, ocorre a representação de professor como alguém que transforma a realidade pelo uso da língua, mas é pouco valorizado.

O professor transforma a realidade pelo uso da língua

As representações identificadas trazem o professor como alguém capaz de mostrar às pessoas possibilidades de transformar a realidade, como se verifica no exemplo 20.

Exemplo 20

[...] *Vocês, afilhadas, carregarão consigo a responsabilidade de mostrar aos seus alunos que o mundo pode ser melhor, basta que consigamos olhar nosso entorno e nele depositarmos nossas melhores ações educativas*. [D#2]

Na primeira oração desse excerto, as professoras recém-formadas, na função de Portador, são possuidoras de *responsabilidade de mostrar aos alunos*

que o mundo pode ser melhor, atividade que se efetiva na docência por meio da fala (realizada por diversos processos verbais de que o professor é Dizente e Receptor na interação com os alunos) e também por meio de ações que servem de exemplo (realizados discursivamente por processos materiais e comportamentais). Para que essa responsabilidade seja cumprida, o professor precisa realizar processos comportamentais e materiais que envolvem o meio social: *olhar nosso entorno e nele depositarmos nossas melhores ações educativas*. Isso significa que cabe ao professor utilizar seus conhecimentos e habilidades das dimensões técnica e humana para o exercício do seu papel na dimensão sócio-política: prestar atenção ao *entorno* social em que os alunos se encontram e realizar as *melhores ações educativas* coerentes com esse entorno, com a finalidade de *mostrar que o mundo pode ser melhor*. Cabe, portanto, ao professor de Letras oferecer aos alunos as ferramentas necessárias – a leitura, a escrita e a fala – para superar dificuldades e transformar positivamente o ambiente em que se encontram.

Desse modo, contribuir com a formação de pessoas capazes de interferir no meio em que vivem é uma responsabilidade social do professor por excelência, como ratifica o exemplo 21.

Exemplo 21

[...] Meus queridos afilhados, não se esqueçam do juramento solenemente firmado aqui hoje de, *no exercício da profissão de educador, cumprir o dever, ser fiel aos compromissos assumidos, respeitando cada semelhante, procurando ser cidadão útil e responsável, participando da construção de uma sociedade mais justa e igualitária*. [D#9]

Nesse excerto, o paraninfo, por meio do comando *não se esqueçam*, solicita que tenham em mente o juramento dos formandos do curso de Letras, pelo qual assumem o compromisso de exercer *a profissão de educador*, que inclui comportamentos e ações que dele se espera dentro e fora da sala de aula e que configuram as bases da dimensão político-social: *respeitando cada semelhante, procurando ser cidadão útil e responsável, participando da construção de uma sociedade mais justa e igualitária*. O professor que trabalha com linguagem pode auxiliar o aluno a alcançar aquilo que deseja e precisa no contexto escolar e no contexto social mais amplo. Se a linguagem é fundamental para a vida

em sociedade, é por meio dela que provocamos mudanças importantes para construir a nossa história nos mais diversos contextos sociais. Entretanto, apesar de suas contribuições para a construção da sociedade, o professor não é suficientemente valorizado, como evidencia a análise a seguir.

O professor é pouco valorizado

A representação de profissional pouco valorizado serve como alerta para os professores recém-formados, uma vez que o fato de eles precisarem ser persistentes deve-se também às dificuldades da profissão, como mostra o exemplo 22.

Exemplo 22

[...] É uma profissão valiosíssima *que muitas vezes não recebe o devido valor* porque ainda não compreendemos o poder da linguagem. [D#5]

Nessa passagem do seu discurso, o paraninfo, apesar de reconhecer o valor da profissão por meio do uso do epíteto *valiosíssima*, chama a atenção para a insuficiente valorização da profissão no contexto social. O uso da primeira pessoa do plural no processo *compreendemos*, polarizado negativamente, indica que os próprios professores estão incluídos entre aqueles que não percebem o poder da linguagem e, por conseguinte, daqueles que desenvolveram competências para lidar profissionalmente com a linguagem.

No exemplo 23, outro paraninfo usa a primeira pessoa do plural para incluir-se entre aqueles que permitem a continuidade da desvalorização dessa categoria profissional.

Exemplo 23

[...] Mas, *ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores*. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que *permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados*. [D#7]

A oração mental desiderativa *poucos pais desejam que seus filhos sejam professores* representa um exemplo concreto do professor como um profissional de pouco valor na sociedade e, por conseguinte, excluída dos sonhos de muitos pais como garantia de futuro dos seus filhos. Provavelmente devido a essa representação, não são raros formandos de licenciaturas relatarem a resistência de familiares em acolherem sua escolha profissional com entusiasmo. O uso da primeira pessoa do plural em *permitimos* indica a inclusão do próprio paraninfo, seus colegas de profissão, os pais que desejam bons professores para seus filhos, a própria audiência presente à solenidade. Dessa forma, o paraninfo busca responsabilizar toda sociedade pela continuidade dessa representação negativa da profissão docente. Se o trabalho dos professores é *necessário*, por que *permitimos que os professores continuem sendo desvalorizados*? A responsabilidade com a aprendizagem dos alunos é muito grande, como mostra o exemplo 24.

Exemplo 24

[...] Afilhados, vocês sem dúvida ouviram durante o vestibular, nos corredores do curso, e agora, ao se formarem, que *a profissão que escolheram não é nada fácil*. Para muitos, *porque o salário não paga as horas de dedicação*, [...] Mas eu posso garantir que *a dificuldade em ser professor está na responsabilidade que temos*. [D#4]

A oração *porque o salário não paga as horas de dedicação* evidencia um dos motivos de a profissão docente ser representada como *nada fácil*. A circunstância de ângulo *Para muitos* sinaliza que o paraninfo atribui a outrem essa opinião; para o paraninfo, presente no discurso por meio da primeira pessoa em *eu posso garantir*, a dificuldade maior *está na responsabilidade que temos*. Ainda que o principal fator de motivação para o trabalho seja o reconhecimento financeiro, o paraninfo destaca a responsabilidade do professor, qual seja: o aprendizado dos alunos. Poder verificar que seus alunos estão aprendendo também deve motivá-lo em sua atividade. Sendo assim, o professor tem como maior dificuldade o seu grande compromisso com seu fazer, mesmo que não tenha reconhecimento da sociedade, como elucida o exemplo 25.

Exemplo 25

[...] *Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação*, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. [D#9]

Nesse excerto, as circunstâncias *apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação* completam o repertório de situações que corroboram a representação do professor pouco valorizado. Essas contingências, porém, ainda não têm impedido que grande parte dos professores continuem sendo Portador de um Atributo associado à dimensão humana: *apaixonada pelo seu trabalho*. Na opinião do paraninfo, em muitos casos, o que mantém profissionais em sala de aula é mais o envolvimento pessoal e emocional pela atividade docente do que a remuneração oferecida. Por outro lado, o número cada vez menor de ingressos e egressos dos cursos de licenciatura no país e os casos de professores formados que não exercem a profissão sugere que desvalorização do professor pode estar interferindo na dinâmica dessa profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no suporte teórico sobre sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) para análise de representações, foram encontradas, nos discursos de paraninfos para solenidades de formatura analisados, onze representações de professor, que foram distribuídas entre as três dimensões propostas por Libâneo (1994).

Relacionadas com a dimensão humana, as representações encontradas nos discursos englobam conhecimentos específicos e pedagógicos associados com aspectos emocionais, uma vez que a atividade docente está voltada para a interação com os alunos visando à aprendizagem. Diante das inúmeras transformações sociais, parece cada vez mais presente a necessidade de o professor se envolver emocionalmente com seus alunos, uma vez que eles vêm para a escola com inúmeras dificuldades. Talvez por isso dois dos paraninfos estabelecem uma associação entre a maternidade e a docência.

O estudo demonstrou também que, no contexto da solenidade de formatura, o *professor está satisfeito com a docência*, considerando que, como

padrinho ou madrinha da turma, o(a) professor(a) está emocionado(a) com o convite. Em outros contextos, a representação poderia ser diferente – num contexto de greve, por exemplo, os professores poderiam ser representados como insatisfeitos, em busca de melhores condições de trabalho. Isso confirma a influência do contexto de situação na construção de significados no texto, princípio básico da teoria sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1989).

Num contexto de desvalorização da profissão, o professor *enfrenta dificuldades e é persistente*. A realidade encontrada nas escolas dificulta muitas vezes a execução do trabalho docente, razão pela qual a persistência se faz necessária. Apesar disso, o *professor é exemplo de ética e respeito aos valores de sua cultura*. Se o exemplo é realmente a melhor maneira de ensinar, a postura ética do professor, evidenciada na fala, nos gestos, no olhar pode influenciar a visão de mundo e o comportamento do aluno.

A última representação relacionada com a dimensão humana encontrada nos discursos analisados é o professor *avalia-se, abre espaços para críticas e aprende com os alunos*. Ouvir os alunos para saber quais são os seus valores, suas inteligências (GARDNER, 1995) contribui para a mobilização de conhecimentos que trazem consigo, isto é, o seu conhecimento de mundo.

Com relação à dimensão técnica, o *professor domina conteúdos e conhecimentos da língua e é capaz de relacionar informações de diferentes áreas*. O domínio dos conteúdos a serem lecionados é necessário para relacioná-los a diferentes informações que podem se referir à identificação de ideias dos textos selecionados para o trabalho com a leitura e a escrita em sala de aula. Essa competência técnica é, por sua vez, fundamental para que o professor possa *educar para a escrita, fala e leitura*. Essa representação mostra aos novos professores que é preciso dar condições aos alunos de não apenas decodificar textos, mas também compreender e interpretar os sentidos produzidos nos textos para, então, desenvolverem condições de refletir e opinar sobre o que foi lido. Para isso, *professor está em constante aprimoramento e atualização*, representação que reforça a importância da formação continuada, a qual poderá ajudar na busca de maneiras de resolver problemas no exercício docente e motivar o *professor inovador*.

Com relação à dimensão político-social, o professor é representado *como capaz de transformar a realidade pelo uso da linguagem*. Conhecer o contex-

to social em que se inserem a escola e seus alunos é fundamental para que o professor possa organizar aulas que possibilitem relações coerentes entre os conteúdos e a realidade social. Ao conhecer o entorno social e compreendê-lo, o professor tem condições de auxiliar os alunos, por meio do uso da leitura e da escrita, a serem protagonistas, anunciando-lhes novos caminhos para o exercício da cidadania.

As representações em questão inserem-se em contexto de solenidade de formatura, em que o professor, escolhido pelos alunos para apadrinhar a turma, fala a seus afilhados em um momento de festa. Ainda que em alguns discursos o professor tenha sido representado como *pouco valorizado*, entendemos que, em meio a outras representações positivas, as escolhas linguísticas do paraninfo adequam-se ao contexto da solenidade, no qual o papel de orientar ou aconselhar se sobressai. Os paraninfos mostram aos afilhados que, mesmo com dificuldades, é possível ser um professor com representações positivas. Talvez por, de alguma forma, manifestar essas representações ao longo do processo de formação é que tenha sido convidado para ser paraninfo da turma.

Os resultados apontam que o foco dos profissionais da linguagem, nos discursos dos paraninfos das turmas de Letras aqui analisados, está nas dimensões humana e técnica (que somaram nove representações), reforçando a representação social da docência como ofício movido mais pela paixão e pelo conhecimento do que pelo papel sócio-político. De maneira geral, esses dados vão ao encontro da premissa, sugerida por Duarte (2006, p. 64), “de que a educação parece ter por obrigação preparar os indivíduos para o acelerado processo de mudança vivenciado pela sociedade”, o que envolve preparar para o vestibular e para uma carreira de sucesso, por meio do ensino de conhecimento considerado útil nessas instâncias. Sob essa perspectiva, o professor ainda está distante do processo de formação de cidadãos críticos. O papel do professor é, de acordo com Ticks, Silva e Brum (2013, p. 136), “o de oferecer um conhecimento mínimo indispensável, suficiente para atender às mudanças ocorridas no processo de configuração do trabalho fomentado por relações sociais individualistas”. As autoras salientam que os professores se sentem sobrepujados ou assoberbados pelo sistema educacional atual, pois não conhecem efetivamente seus alunos (tendo em vista o número excessivo de turmas) e, por essa razão, sua prática avaliativa acaba por focalizar apenas

o resultado final alcançado pelo aprendiz, por meio de uma prova, e não o processo de aprendizagem e a construção coletiva de conhecimento.

Na mesma proporção que o humano e o técnico, o papel social e político talvez precise ser desempenhado consistentemente e demonstrado discursivamente com mais ênfase, para que o professor tenha condições de cobrar da sociedade o lugar de educador que contribui para o crescimento dessa sociedade. Para isso, o professor, mais do que cuidar ou proteger os seus alunos como se fossem seus “filhos”, deve levá-los à construção de uma consciência crítica que ultrapasse o senso comum, que promova a educação de uma sociedade em que o professor não tenha de ser tão persistente e resistente a tantas dificuldades e desvalorizações para poder exercer a profissão.

Diante das representações aqui analisadas, presentes em discursos produzidos por professores para serem proferidas em sessões públicas, questionamo-nos: como os professores veem essas situações? Existe um espaço para essa discussão? Ou o professor não se faz ouvir? Não busca o seu espaço e conta os minutos para a aula acabar? Deixamos essas questões para que possam servir de reflexão após os dados que obtivemos em nossa pesquisa.

Quanto ao estudo do funcionamento da linguagem aqui empreendida, reconhecemos a necessidade de estudos mais minuciosos acerca de recursos linguísticos que podem ser explorados de modo mais aprofundado em estudos futuros, como, por exemplo, a contribuição das orações menores e dos vocativos como recursos de interação, as ocorrências de avaliatividade e as estratégias de progressão temática usadas para organizar a mensagem.

REFERÊNCIAS

CARGNIN, E. S. *Representações de professores em discursos de paraninfos da área de Letras: uma análise Sistêmico-Funcional*. 2014 : 168f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

FARENCENA, G. S.; FUZER, C. Representações em discursos de paraninfos sobre a profissão de professor nos cursos de ciências contábeis e fisioterapia. *Linguagens & Cidadania*, v. 16, jan.-dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/22436>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

CARGNIN, E. S.; FUZER, C. Análise de escolhas léxico-gramaticais em um discurso de formatura: representações para a profissão do paraninfo. *Interseções*, Jundiaí. São Paulo, ano 4, n. 2, nov. 2011. Disponível em: < http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes_ano_4_numero_2.pdf >. Acesso em: 25 jul. 2017.

CONCEIÇÃO, R. I. S. As representações do papel do professor de português. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 681-698, 2010.

DALLA VALLE, L. *As representações do professor de artes visuais no ensino médio e sua relação com a construção do conhecimento artístico do aluno*. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

DUARTE, N. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. New York, London: Continuum, 2004.

FUZER, C. *Gramática sistêmico-funcional da língua portuguesa para análise de representações sociais* Projeto de Extensão. Registro GAP/CAL 025406. Santa Maria: DLV/UFSM, 2009.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática* 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HALLIDAY, M.A.K. Part A. In: HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *Construing experience through meaning: A language-based approach to cognition*. London: Cassell, 1999.

_____. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

_____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. Milton Park: Abingdon, Oxon: Routledge, 2014.

HASAN, R. Part B. In: HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LIMA, L. R. *Processos existenciais em reportagens de capa da revista Superinteressante*. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.

SERBENA, C. A. Representação social do professor na década de 90. *Psico UTP online*, Curitiba, n.2, out. 2002.

TICKS, L. K. *(Re)construção de concepções, práticas pedagógicas e identidades por professoras de inglês pré e em serviço*. 329 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

TICKS, L. K.; SILVA, A. E. ; BRUM, M. A pesquisa colaborativa socialmente situada no contexto escolar: processos dialógicos possíveis. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 1, p.117-156, jan./abr. 2013.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. 2. ed. London: Arnold, 2004.

REPRESENTAÇÕES DE HOMOSSEXUAIS IDOSOS NA MÍDIA¹

Thiago Santos da Silva

INTRODUÇÃO

Em um momento histórico em que as ditas “minorias” – de gênero, raciais, sexuais, geracionais – buscam por visibilidade e reivindicam igualdade de direitos, parece haver uma relativa homogeneização desses diferentes grupos, surgindo categorias identitárias como a mulher, o negro, o homossexual, o idoso. Todavia, tais uniformizações silenciam a multiplicidade de identidades que esses grupos comportam, ignorando a possibilidade de entrecruzamento de categorias em um mesmo sujeito, uma vez que ele pode ser uma mulher negra, bem como um homossexual idoso, como nos casos abordados neste capítulo.

Entendendo a identidade como algo fragmentado (HALL, 2006), em que distintas categorias sociais coabitam em um mesmo sujeito, acreditamos ser urgente verificar como essas diferentes identidades constroem e reconstroem indivíduos. Nesse sentido, analisar discursos sobre diferentes grupos sociais pode ser uma importante ferramenta para a observação de como distintas identidades incidem e afetam grupos sociais.

Neste capítulo, analisamos a linguagem usada em textos para representar um grupo social que congrega duas minorias sociais, a sexual e a geracional. Assim, buscamos compreender como homossexuais idosos são representados em textos da mídia brasileira. Para isso, foi usado como ferramenta teórico-metodológica a Gramática Sistemico-Funcional (doravante GSF) conforme descrita por Halliday e Matthiessen, (2004), com foco no sistema de transitividade, o qual possibilita, com base em evidências léxico-gramaticais, verificar como a experiência é linguisticamente representada.

A fim de realizar a análise, foi selecionado um *corpus* composto por notícias, reportagens e artigos de opinião da mídia brasileira on-line, veiculados no período de 2006 a 2010. Nesse contexto, o foco da pesquisa rela-

1 Este capítulo é uma síntese dos resultados da pesquisa de mestrado, com apoio CAPES, vinculada ao projeto “Gramática Sistemico-Funcional da Língua Portuguesa para análise de representações sociais” (GAP/CAL 025406), coordenado pela Prof^a Cristiane Fuzer, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (SILVA, 2012).

tada está na apresentação de evidências léxico-gramaticais que possibilitam verificar como homossexuais idosos são representados, no período histórico selecionado, pela imprensa do Brasil.

Cabe ressaltar que, ao adotarmos a GSF como recurso teórico-metodológico e mais amplamente as concepções de linguagem propostas pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), estamos nos amparando em uma perspectiva teórica que é, notadamente, marcada por um posicionamento de responsabilidade social, uma atitude crítica perante a realidade. Nesse sentido, trabalhar numa perspectiva sistêmico-funcional acarreta um comprometimento com as questões sociais à linguagem vinculadas, tal como propõem alguns pesquisadores da Linguística Aplicada Indisciplinar (RAJAGOPALAN, 2003; MOITA-LOPES, 2006; MELO, 2007).

Assim, o presente capítulo, inicialmente, apresenta um breve resgate sócio-histórico dos contextos de cultura relacionados à homossexualidade e à velhice. Em seguida, explanamos a respeito de como a GSF possibilita a análise da experiência linguisticamente. Posteriormente, discorre sobre a metodologia adotada no estudo, bem como os resultados encontrados a partir das análises empreendidas.

A HOMOSSEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: UM RESGATE DO CONTEXTO CULTURAL

Os estudos que abordam a relação entre homossexualidade e curso de vida têm demonstrado que, se o corpo do indivíduo idoso já é costumeiramente dissociado de qualquer atributo erótico e estético, o que o atribui uma característica de corpo a-social, de modo que sexualidade e velhice se apresentam como dois polos opostos que não se encontram, no caso dos homossexuais, o corpo envelhecido é visto como duplamente desvalorizado, pois, além de trazer a aceção atribuída ao grupo de idosos, carrega uma sexualidade considerada dissidente (PAIVA, 2009). Como reforçam pesquisadores que têm se ocupado em estudar essa relação (POCAHY, 2008; PAIVA, 2009; MOTA, 2009; SILVA, 2012), essa parcela da comunidade homossexual se encontra numa posição marginalizada, localizando-se nas “margens mais distantes” (PAIVA, 2009, p. 05).

Por entendermos que a população homossexual idosa congrega questões tanto sexual quanto geracional, faz-se necessário discorrer a respeito de como historicamente essas duas facetas identitárias foram tratadas socialmente. Para isso, baseamo-nos em estudos de bases antropológica e sociológica.

No que se refere à sexualidade, de acordo com Foucault (2006), a sexualidade, assim como as demais instâncias da vida humana, é um conceito dinâmico e recebe diferentes significações conforme o espaço e o tempo em que é empregada. Para Costa (2010), a sexualidade do ponto de vista ocidental é caracterizada sob um prisma binário: homem/mulher. Assim, o que, em princípio, seria apenas um órgão genital, indicativo se o indivíduo é macho ou fêmea, passa a ser o indicativo de um gênero social, determinando o menino como do gênero masculino e a menina como do gênero feminino.

Tem-se, então, uma associação entre sexo e identidade de gênero – macho-masculino e fêmea-feminino –, de modo que, à medida que o indivíduo cresce, mais suas práticas de identidade de gênero são reguladas por normas com a finalidade de levá-las a uma suposta normalidade. Louro (2008) postula que

a concepção binária do sexo, tomada como um ‘dado’ que independe da cultura, impõe, portanto limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade. As descontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico (LOURO, 2008, p. 82).

A homossexualidade se encaixa nesse princípio de descontinuidade, subversão da norma. Por isso, ao longo dos tempos, foi tratada ora como doença, ora como pecado, tal como é atestado em trabalhos como (FOUCAULT, 2007; GREEN e POLITO, 2006; FRY e MACRAE, 1984; TREVISAN, 2000).

De modo análogo à sexualidade, o envelhecimento também se configura como um fenômeno sociocultural, já que, diferentemente do que o senso comum tende a crer, a velhice não é uma categoria natural. Para Debert (2007), o envelhecimento é uma categoria socialmente construída, de modo que as variadas formas de se compreender e viver a velhice “ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (DEBERT, 2007, p. 50).

Couto (2008) pontua que pensar em envelhecimento implica necessariamente situá-lo em um contexto marcado por dinâmicas transformações simbólicas que afetam os modos de se considerar a velhice e as relações intra e intergeracionais em nossa sociedade. A autora acrescenta que essas relações são marcadas pelo processo de periodização da vida, o que possibilita determinar o espaço ocupado pelo jovem e pelo velho.

Dessa forma, as categorias que demarcam as fases da vida estão amparadas em um sistema baseado no mercado de trabalho, de modo que a pessoa vale de acordo com a sua capacidade de produzir e consumir. Isso estabelece critérios de prestígio e poder entre as gerações e influencia as relações entre os mais novos e os mais velhos, ocasionando para os últimos, por conta da diminuição na capacidade de produção e consumo, mecanismos de discriminação que exaltam a juventude em prejuízo da velhice, como pontuam os trabalhos de Couto (2008), Debert (2007) e Peixoto (2007).

Com base nessa contextualização histórica, social e antropológica, podemos situar como a homossexualidade e o envelhecimento são (e foram) concebidos no contexto de cultura. Na seção a seguir, expomos a perspectiva teórica que ampara nosso estudo a respeito da linguagem, focalizando o sistema léxico-gramatical que realiza significados representacionais nos textos.

REPRESENTAÇÃO PELA LINGUAGEM: O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Este estudo tem o embasamento teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, cujos princípios estão fundamentados na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), desenvolvida por M. A. K. Halliday (1985, 1994) e revisada por Halliday e Matthiessen (2004, 2014). A GSF, por se filiar a uma abordagem de estudos funcionalistas, não entende a língua como um conjunto de regras, nem se apresenta de modo prescritivo, mas compreende a linguagem sob uma perspectiva sociossemiótica.

Por conta disso, a GSF se apresenta como uma ferramenta de análise linguística que permite descrever os usos da linguagem em situações específicas de interação. Esse ferramental descritivo é expresso por três sistemas léxico-gramaticais: Modo, transitividade e estrutura temática.

Esses três sistemas realizam, léxico-gramaticalmente, cada uma das três metafunções da linguagem, a saber: o sistema de Modo realiza a me-

tafunção de estabelecer relações sociais entre os participantes da interação (metafunção interpessoal), o sistema de transitividade realiza a metafunção de representar experiências humanas (metafunção ideacional) e o sistema de estrutura temática realiza a metafunção de construir a mensagem de modo organizado (metafunção textual). Os sistemas apresentam como unidade de análise a oração, pois, segundo Halliday (2005), ela se constitui como o lugar em que as escolhas linguísticas são expressas, constituindo-se como o foco de ação na gramática.

Neste capítulo, o foco é o sistema de transitividade por nos permitir verificar quais construções linguísticas manifestam representações sobre homossexuais na terceira idade nos textos. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), a transitividade constrói o mundo das experiências por meio da articulação de três componentes da oração: processos, participantes e circunstâncias. Os processos, realizados por grupos verbais, são responsáveis por expressar experiências de diversos tipos. Os participantes, realizados tipicamente por grupos nominais, estão diretamente implicados na experiência expressa pelo processo. As circunstâncias, realizadas por grupos adverbiais e sintagmas preposicionais, são informações adicionais que contextualizam a experiência.

Na GSF, há seis tipos de processos, os quais definem seis distintas orações. Existem três tipos básicos: materiais, mentais e relacionais; e três intermediários: comportamentais, verbais e existenciais. Os processos intermediários surgem das relações entre os básicos, a saber, os comportamentais se originam da aproximação entre materiais e mentais; os verbais, da relação entre mentais e relacionais; e os existenciais se situam na interface entre materiais e relacionais. Cada oração exige um tipo de processo, ao qual estão relacionados a participantes específicos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), razão pela qual o tipo de processo se estende ao tipo de oração.

De acordo com a sistematização dos tipos de processos proposta na GSF, as orações materiais expressam o fazer e acontecer de uma entidade, representando experiências do mundo exterior. As orações mentais expressam o sentir, o perceber, o pensar e o desejar de um ser consciente, representando linguisticamente experiências do mundo interior. As orações relacionais servem para estabelecer relação entre duas entidades, seja as caracterizando, seja as identificando.

No que se refere às orações intermediárias, as comportamentais expressam ações típicas do comportamento humano, tais como atividades psicológicas e fisiológicas. As orações verbais são responsáveis pelo dizer e expressam atividades discursivas. As orações existenciais representam a existência de algo ou alguém.

Cada uma dessas orações solicita participantes determinados, os quais combinados com os processos e as circunstâncias estabelecem *figuras*, ou seja, configurações semânticas que expressam o significado pretendido pelo falante (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), estabelecendo distintas representações – no caso deste estudo, representações para homossexuais idosos em textos veiculados pela mídia brasileira.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

Com base na perspectiva sistêmico-funcional de que as representações são manifestadas por meio de textos, o *corpus* deste estudo é composto por textos oriundos da mídia eletrônica brasileira no período de 2006 a 2010. A escolha pelo contexto midiático se deve ao papel relevante da imprensa na sociedade contemporânea. Muitas vezes entendida como “Quarto poder”, a mídia tem alcançado cada vez mais impacto na vida cotidiana das pessoas e, por consequência, se constituído como um eficiente disseminador de representações e posicionamentos (KURTZ, 2011).

No que se refere à constituição do *corpus*, considerando o contexto e o período mencionados, foi encontrado um total de 19 textos², socialmente denominados artigos de opinião (2), notícias (10) e reportagens (7). Com o intuito de facilitar a apresentação da análise, os textos são referidos por códigos constituído pela letra inicial (A de artigo, N de notícia e R de reportagem) seguida de um número sequencial, observando-se a ordem crescente da data de publicação (Quadro 1).

² Esses textos resultaram da busca, no *Google.com*, a partir das palavras-chave “homossexual idoso” e “gay idoso”, até fevereiro de 2011.

Quadro 1 – Dados sobre o *corpus* do estudo

Código	Título do texto	Fonte	Data de publicação
[A01]	Homossexuais idosos	CMI Brasil	12/02/2008
[A02]	Os idosos gays	Portal ACapa	24/09/2009
[N01]	Gay Idoso espancado e morto na Baixada Fluminense	Revista Lado A	06/10/2006
[N02]	Berlim terá primeiro asilo para idosos gays	BBC Brasil	15/01/2008
[N03]	Defesa dos gays idosos também é discutida na Parada de SP	Portal G1	25/05/2008
[N04]	Projeto	Portal O Fuxico	25/07/2008
[N05]	Metrô e ônibus de Nova York terão fotos de gays idosos	Portal ACapa	14/10/2008
[N06]	A Place to Live Documentário aborda gays e lésbicas na terceira idade	Portal Dykera- ma	26/02/2009
[N07]	Terceira idade chega à Parada Gay de São Paulo	Portal do Jornal Estadão	13/06/2009
[N08]	Aposentado na parada pede amor aos gays idosos	Portal do Jornal Agora	15/06/2009
[N09]	Gays idosos têm asilo de luxo na Espanha	Portal Cena G	23/09/2009
[N10]	Uma noite no Bailão	Portal Arco-Íris News	20/05/2010
[R01]	Gays idosos convivem com a homofobia em asilos	Portal ACapa	09/07/2007
[R02]	Para gays, asilos significam “volta ao armário”	Portal Terra	15/10/2007
[R03]	Gays idosos pedem respeito na Parada Gay	Revista Lado A	17/06/2009

[R04]	Espanhóis lançam asilo de luxo para idosos gays	BBC Brasil	23/09/2009
[R05]	Lar de luxo para idosos LGBT – Território livre de homofobia?	Portal Parada Lésbica	23/09/2009
[R06]	Filme sobre balada gay da 3ª idade se destaca entre curtas do Cine PE	Portal G1	29/04/2010
[R07]	Preconceito sem idade	Diário de São Paulo Online	04/06/2010

Fonte: Silva (2012, p. 76-77).

Os procedimentos de análise dos dados linguísticos foram realizados em duas etapas: a) organização dos dados linguísticos e b) análise das funções léxico-gramaticais nas vozes autorais e não autorais³.

Na primeira etapa, o passo inicial consistiu na utilização da ferramenta computacional *WordSmith Tools* (SCOTT, 2009). Com o recurso *WordList*, foi possível observar a grande quantidade de verbos de dizer no *corpus*, o que demonstrou a recorrência de atribuição de dizeres nos textos analisados, indicando a ocorrência de outras vozes, além da autoral. Tendo por base esse resultado preliminar, o segundo passo foi separar dos textos as vozes não autorais, ou seja, todo dizer que não pudesse ser atribuído ao autor do texto (MARTIN e WHITE, 2005). O terceiro passo foi a organização dessas vozes por papéis sociais, que resultou em quatro grupos: ativistas, profissionais de asilo, profissionais de cinema e os próprios homossexuais idosos. O quarto passo foi a seleção de Citações e Relatos, em cada grupo, relacionados ao campo semântico proposto para esta pesquisa. O quinto passo consistiu na análise, considerando as Citações e os Relatos selecionados, das orações em que há referência, linguisticamente, aos homossexuais na terceira idade. Por fim, foi feita a seleção das orações, produzidas pela voz autoral, que fizessem referência aos homossexuais na terceira idade.

³ De acordo com Martin e White (2005), vozes autorais são todos os dizeres em um texto que podem ser atribuídos ao produtor, tal como o jornalista em uma notícia ou reportagem e do articulista em um artigo de opinião. As vozes não autorais, por sua vez, referem-se aos dizeres que são trazidos para exemplificar ou reforçar o posicionamento defendido pelo autor do texto ou atribuir a responsabilidade do dizer a outrem, ou seja, as fontes, conforme Charaudeau (2006).

A segunda etapa consistiu na análise dos dados linguísticos para descrição e interpretação das funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade nas orações que manifestam representações nas vozes não aural e, na sequência, aural. Considerando os dados obtidos, constatamos, a partir das evidências léxico-gramaticais, como os homossexuais idosos são representados nos textos do *corpus*, bem como de que maneira as representações encontradas estão relacionadas com o contexto político e cultural de nossa sociedade.

REPRESENTAÇÕES EM VOZ NÃO AURAL SOBRE HOMOSSEXUAIS IDOSOS NA MÍDIA BRASILEIRA

Nesta seção, apresentamos a análise do sistema de transitividade das orações em Citações e Relatos em voz não aural, ou seja, em dizeres atribuídos a outros que não o autor do texto, o que no discurso jornalístico é denominado de fonte (CHARAUDEAU, 2009). A fim de exemplificar as representações identificadas, apresentamos excertos, contendo a descrição léxico-gramatical, bem como a interpretação e as possíveis relações com o contexto social.

Na análise das Citações e Relatos selecionados em voz não aural, com base na análise léxico-gramatical, identificamos a existência de cinco representações para os homossexuais idosos: a) pessoas vítimas de preconceito, b) pessoas solitárias, c) pessoas desprovidas de políticas de proteção, d) pessoas marginalizadas e e) sujeitos que buscam espaço no contexto ativista LGBT⁴.

No exemplo⁵ a seguir, manifesta-se a representação dos homossexuais idosos como **vítimas de preconceito**. No excerto extraído de uma das reportagens analisadas, uma lésbica idosa conta sobre o preconceito sofrido em um asilo tradicional:

Exemplo 1

(1) Mesmo agora, aos 81 anos e enfrentando problemas de memória, Gloria Donadello se lembra de seu doloroso encontro com a intolerância em uma casa de repouso em Santa Fé, Novo México.

4 Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros.

5 Nos excertos utilizados como exemplos, todas as orações estão numeradas, porém, somente as que estão em itálico são analisadas. A numeração das orações é feita considerando os componentes fundamentais. Os termos referentes a homossexuais idosos, quando em elipse, são explicitados entre colchetes simples.

(2) Sentada na companhia de pessoas que via como amigos, (3) “elas estavam rindo (4) e fazendo comentários de um certo tipo, (5) e eu *lhes disse*: (6) ‘Não façam assim, por favor, (7) *porque eu sou homossexual*’”. [...] (8) Com a deterioração de sua saúde emocional, Donadello se transferiu a uma comunidade adulta nas redondezas (9) que atende a homens e mulheres homossexuais. (10) “[eu] *Senti-me um pária*”, (11) ela disse, já acomodada à sua nova moradia. (12) “*Para mim, era uma escolha entre a vida e a morte*”. [R02]

No fragmento, na oração (5), a lésbica idosa desempenha a função de Dizente. Na Citação, Donadello tem a função léxico-gramatical de Portador do Atributo *homossexual*. Essas escolhas léxico-gramaticais indicam o momento em que a idosa manifesta publicamente sua orientação sexual. A consequência de sua “saída do armário” está na segunda parte. Ao desempenhar a função de Experienciador do processo *sentir*, a mulher tem representada a tristeza que sentiu, referida pelo Fenômeno *uma pária*, depois que seus colegas de asilo começaram a excluí-la das atividades realizadas. Esses dados linguísticos mostram que, nesse caso, a lésbica idosa, como integrante do grupo social em análise, é representada como discriminada, no contexto de um asilo tradicional, por ser homossexual.

Essa representação é manifestada na voz dos próprios homossexuais idosos (como na fala de Gloria Donadella no Exemplo 1), na fala dos profissionais de asilo (dirigentes, funcionários, geriatras, psicólogos, psiquiatras e enfermeiros de casas de repouso que atendem homossexuais na velhice) e na fala dos ativistas (militantes e/ou dirigentes de ONGs e associações que lutam em prol da não discriminação aos homossexuais idosos e dos seus direitos).

Cotejando a análise léxico-gramatical em relação ao contexto social, podemos considerar que a representação dos homossexuais idosos como vítimas de preconceito por sua orientação sexual está baseada na concepção de homossexual como invertido, anormal. Essa representação se justifica porque, até bem pouco tempo atrás, a homossexualidade era considerada uma doença, uma anormalidade, uma vez que somente em 1990 a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais. Na juventude, das pessoas que hoje têm mais de 60 anos, a homossexualidade era mal vista.

Esse caráter negativo atribuído à homossexualidade tem sua origem, de acordo com teóricos como Foucault (2006), com a ascensão da burguesia, entre os séculos XV e XVI. Nesse período, a sexualidade passa a ser duramente reprimida, restringida às quatro paredes do quarto do casal heterossexual legalmente casado. De acordo com Foucault (2006), o sexo foi reprimido porque, com a expansão do capitalismo, toda atividade física deveria ser reservada para o trabalho, restringindo, então, a prática sexual à procriação. Toda e qualquer prática que não visasse à reprodução humana era mal vista por ser considerada um desperdício de energia física. Assim, a homossexualidade, entre outras orientações sociais, passou a não ser vista com bons olhos. Essa representação, embora distanciada de sua origem, ainda pode ser observada no preconceito sofrido pelos homossexuais idosos em asilos tradicionais.

Nos textos analisados, além da representação de vítimas de preconceito por conta da condição sexual, eles também sofrem preconceito por serem idosos. Na fala atribuída a Ricardo Aguiéiras (Exemplo 2), um homossexual de 61, é apresentado um caso em que o homossexual mais velho sofre discriminação por ser uma pessoa mais velha.

Exemplo 2

(1) O aposentado Ricardo Aguiéiras, 61 anos, segurava uma placa: “Gays idosos também são (muito) gostosos”. (2) E solicitava: (3) “Seja corajosa, (4) *ame* uma lésbica idosa!” (5) “Muitas vezes, mesmo estando apaixonado, (6) *o jovem não namora* o idoso (7) *porque tem vergonha de apresentar* [-lo] aos amigos. (8) *Isso pode levar esse gay mais velho a voltar para o armário e acabar em um asilo*”, (9) acredita Aguiéiras, de bermuda justa e curta, cabelos tingidos e bota de cano alto. (10) Sem namorado, ele diz que (11) [ele] *não tem problema em aceitar a idade*. [N08]

Na oração (4), *uma lésbica idosa* desempenha a função de Fenômeno relacionado ao processo *amar*. Já em (6), *o idoso* desempenha a função de Meta relacionada ao processo *namorar*. O Ator que (não) namora *o idoso* é *o jovem*. Nas duas orações, o homossexual idoso parece não despertar interesse do gay jovem em estabelecer um relacionamento amoroso.

A causa desse desinteresse está na oração encaixada presente em (7), em que os homossexuais desempenham a função de Meta relacionado ao pro-

cesso *apresentar*. Assim, o motivo é que o jovem tem vergonha de mostrar aos amigos, também jovens, que está se relacionando com um idoso. Essa vergonha, por parte do homossexual jovem, em ter um relacionamento afetivo com um idoso evidencia a ideia do preconceito sofrido pelos gays idosos dentro da própria comunidade LGBT. Isso indica que, para os homossexuais mais jovens, viver um romance com um gay idoso não é visto com “bons olhos”.

Esse medo de vexar-se faz com que o gay jovem evite se relacionar amorosamente com um homossexual na terceira idade, gerando consequências na vida dos gays mais velhos, apresentadas na oração (8). Nesse caso, a escolha do mais novo em se relacionar (ou não) com o idoso implica diretamente na vida do mais velho. Caso o jovem opte por não se envolver afetivamente, os gays na terceira idade são obrigados a adotar uma vida em que a orientação sexual torna-se algo omitido. Isso é léxicogramaticalmente realizado pela função de Ator na oração encaixada [*gay mais velho*] *a voltar para o armário e acabar em um asilo*. A representação de homossexuais idosos vítimas de preconceito pela idade é manifestada apenas na voz dos próprios idosos.

Com relação à articulação entre a análise linguística e o contexto social, podemos considerar que essa representação está relacionada à noção de que idoso é inválido, inútil. Essa representação está associada à ideia preconcebida de que em uma sociedade capitalista, oriunda de um ideal burguês, como a ocidental, as pessoas são valoradas segundo sua capacidade produtiva e de consumo. Conforme Machado (2008), em decorrência desse modelo econômico, torna-se naturalizado o desprezo pelos mais velhos, uma vez que a capacidade de produção e de consumo diminui consideravelmente à medida que a idade aumenta. O idoso, portanto, passa a ser um inútil, um fardo para a família e sociedade. Isso tanto é verdade que a idade indicativa da passagem de adulto para idoso (60 anos) está diretamente relacionada à idade média de aposentadoria. Logo, a velhice está relacionada à perda da produtividade.

Além dessas representações relacionadas ao preconceito, aparece, no *corpus* em análise, a representação dos homossexuais como **solitários**. No fragmento apresentado no exemplo 3, há a fala atribuída a Antonio Gutiérrez, um ativista LGBT e responsável pela criação da primeira casa geriátrica exclusiva para homossexuais na Espanha.

Exemplo 3

(1) “Consideramos que (2) a maioria dos idosos homossexuais *tem pouquíssimo apoio familiar* (3) e *normalmente* [idosos homossexuais] não tiveram filhos; (4) *portanto* sua solidão *é maior*. (5) Fazer espaços como este representa uma ajuda (6) *para que* os gays *se sintam à vontade* (7) e [os gays] não tenham um forçado regresso ao armário», (8) completou. [R04]

Nas orações (2), (3) e (4), os *idosos homossexuais* desempenham a função de Portador dos respectivos Atributos, *pouquíssimo apoio familiar*, *filhos* e *maior*. Essas escolhas caracterizam os homossexuais como pessoas solitárias, porque não têm mais os pais vivos nem tiveram filhos para lhes fazer companhia durante a velhice. Em consequência disso, o grupo desempenha, as funções de Experienciador do processo *sentir* na oração (6) e de Portador do Atributo *um forçado regresso ao armário* na oração (7). Nesse caso, por conta do desamparo familiar, os gays idosos acabam indo morar em asilos tradicionais, onde, para não sofrerem ataques homofóbicos, são obrigados a “voltar para o armário”⁶.

As escolhas linguísticas atribuídas ao ativista Antonio Gutiérrez representam os homossexuais idosos como solitários mais até do que os heterossexuais, porque a maioria dessas pessoas na velhice perdeu o contato com a família. Essa solidão acaba fazendo com que, caso busquem um asilo tradicional para viver, eles escondam a orientação sexual. Essa representação é manifestada tanto na voz dos ativistas, como no caso de Gutiérrez, quanto na dos próprios homossexuais idosos.

A representação dos homossexuais idosos como pessoas solitárias é manifestada porque, nos casos em que o atual idoso assumiu publicamente sua sexualidade durante a juventude, a “saída do armário” foi num período em que ser homossexual era extremamente mal visto pela sociedade. Isso fazia com que muitos gays fossem expulsos de casa, levando-os a perder o contato com pais e irmãos. Assim, no momento em que se encontram com a velhice, esse contato perdido com a família faz com que os gays na terceira idade, desamparados, acabem em asilos tradicionais.

6 A expressão “voltar para o armário” faz referência a “sair do armário”, cujo significado é assumir publicamente a sexualidade. Assim, a expressão “voltar para o armário” significa retornar a esconder a orientação sexual que um dia foi assumida.

Além desse aspecto, outro ponto é significativo quando homossexuais idosos são representados como solitários: o fato de não terem tido filho. O argumento para justificar a solidão dos homossexuais está apoiado na ideia preconcebida de que os filhos são companhia para a velhice dos pais. Essa noção está presente na sociedade desde muito tempo. Um exemplo de sua longevidade está na Bíblia, mais especificamente, no livro do Eclesiástico, datado de 200 a. C., no qual se aconselham os filhos:

Filho, ampara a velhice de teu pai e não lhe causes desgosto enquanto vive. Mesmo que esteja perdendo a lucidez, sê tolerante com ele e não o humilhes, em nenhum dos dias de sua vida. A ajuda prestada a teu pai não será esquecida, mas será plantada em lugar de teus pecados e contada como justiça para ti; no dia da aflição será lembrado e teus pecados se dissolverão, como o gelo em dia de sol. (LIVRO DO ECLESIASTICO, 3: 14-17)

De acordo com a passagem, é função do filho garantir o pai na velhice, cuidar daquele que um dia o cuidou. Consequentemente, quem não constitui uma prole acaba por ficar desassistido nessa fase da vida. Desse modo, essa representação, vinculada a um imaginário milenar, parece embasar a representação para os homossexuais idosos como pessoas solitárias.

Uma terceira representação identificada em voz não autoral é a dos homossexuais idosos como **desprovidos de políticas públicas de proteção**. No fragmento a seguir, atribuído a Ricardo Aguieira, um homossexual idoso, podemos perceber o posicionamento a respeito da situação dos idosos em geral e dos LGBTs em específico.

Exemplo 4

(1) “A travesti idosa *corre o sério risco de virar moradora de rua, totalmente abandonada*. (2) Aos idosos/as é negado o afeto e a sexualidade. (3) Vivemos na mentira de que idosos/as não têm desejo sexual. (4) São tratados como refugio por um governo mais interessado em propaganda do que em ações concretas. (5) Os poucos gays idosos *que vivem razoavelmente bem são os que possuem uma situação financeira privilegiada* (6) e [eles] *podem, assim, “comprar” os seus Direitos*. (7) Mesmo assim, não se acredita no amor transgeracional, (8) sempre acham que, (9) ou o jovem do casal é um disfarçado michê oportunista (10) *ou o velho do casal é um pedófilo* (11) [velho do

casal] *comprando o afeto e o “amor”*. (12) Vivemos numa sociedade que (13) não admite o amor na diversidade, inclusive na diversidade da idade”. Enfatiza. [R03]

Na oração (1), *travesti idosa* desempenha a função de Experienciador e, na oração encaixada [*virar moradora de rua, totalmente abandonada*]], desempenha a função de Portador do Atributo *moradora de rua*. Ao escolher as funções de Experienciador e Portador para a travesti, Aguierras manifesta a representação do que esse grupo de pessoas, por falta de políticas que garantam seus direitos, experienciam na iminência de se tornarem moradores de rua. Assim, na visão de Aguierras, esse grupo de homossexuais, devido ao descaso do Estado e, inclusive, do próprio movimento LGBT, muitas vezes acabam ficando à margem dos que já estão na margem, como é o caso das travestis na terceira idade.

Na oração (5), *os poucos gays idosos* desempenha a função de Identificado em relação ao Identificador *os que possuem uma situação financeira privilegiada*. Podemos ainda observar que, nessa oração, tanto no Identificado quanto no Identificador há orações encaixadas. No Identificado, os homossexuais na terceira idade, retomados pelo pronome relativo *que*, desempenham a função de Comportante do processo *viver*. Já no Identificador, desempenham a função de Portador do Atributo *uma situação financeira privilegiada*.

Realizando linguisticamente as funções de Identificado, Comportante e Portador, os gays idosos são representados como pessoas que têm acesso aos direitos quando pagam por esses direitos. Isso reforça a representação de desprovidos de políticas que garantiriam seus direitos, pois só tem acesso a cuidados especiais, ou seja, uma vida digna na terceira idade, aquele que possui boa situação financeira. Essa representação fica explícita na oração (6), na qual os homossexuais idosos são Ator do processo *comprar*. Desse modo, o grupo em questão só tem liberdade para agir e, conseqüentemente, beneficiar-se dos direitos adquiridos, quando pode custeá-los, caso contrário, terá o destino da travesti idosa – morar na rua.

Por fim, nas orações (10) e (11), os homossexuais idosos desempenham, respectivamente as funções de Identificado e de Ator. Nessas orações, o dizer de Aguierras refere-se a como, geralmente, a sociedade avalia o relacionamento afetivo entre pessoas de idades diferentes. A escolha pelas funções de Identificado e Ator para o *velho do casal* acarreta a representação dos gays

idosos como pessoas que só terão afeto, carinho e amor se puderem pagar por isso e, assim mesmo, ainda serão mal vistos socialmente, por praticarem uma forma de amor considerada ilegítima, o amor comprado.

Considerando o cotejamento entre a análise linguística e o contexto social mais amplo, verifica-se um consenso entre ativistas e os próprios homossexuais idosos de que não há políticas de proteção ao gay idoso. Se considerarmos leis (ou projetos de lei) que protegem cada uma das duas condições humanas que constituem esse grupo (o idoso e o homossexual), podemos observar que as que existem são projetos de leis bastante recentes, já que, em termos políticos, a discussão a respeito de leis para proteger o idoso e o homossexual somente começou a ser, efetivamente, considerada a partir do século XXI. O projeto de lei, por exemplo, que originou o Estatuto do Idoso (Lei Nº 10.741/2003), objetivando assegurar os direitos da pessoa idosa, foi proposto em 1997 e sancionado em 2003. Já o projeto de lei 122/06 (proposto em 2001, tendo recebido nova numeração em 2006), que visa a criminalizar a discriminação motivada por preconceito à orientação sexual e identidade de gênero, encontra-se parado no Congresso Nacional Brasileiro há mais de 15 anos.

Essas informações podem explicar a representação de que os gays idosos não possuem políticas que os protejam, pois isoladamente a discussão sobre medidas de proteção, no caso do idoso, é recente e, no caso do homossexual, ainda se encontra incipiente. Consequentemente, no caso de leis protetivas para a pessoa que congrega as duas condições, a discussão ainda precisa ser pensada.

A quarta representação a respeito dos homossexuais idosos é de que eles são **marginalizados**. No exemplo 5, o cineasta Marcelo Caetano, que dirigiu um curta-metragem sobre gays idosos, pronuncia-se a respeito da escolha do tema para o filme.

Exemplo 5

(1) Caetano observa que (2) o curta traz a história de homens (3) que *enfrentaram dificuldade* (4) para [homens] lidar com a *homossexualidade perante amigos e parentes*. (5) “*Cinemas pornôs, banheiros de bares e becos escuros no centrão acabam sendo os lugares mais frequentados na busca pelo sexo*. (6) *A ideia de [homens] andar de*

mãos dadas com um namorado à luz do dia é muito distante. (7) Muito[s] são casados com mulheres, *pais de família*”, revelou o diretor. [N10]

Em (3), *homens* desempenham a função de Ator do processo *enfrentaram*, cuja Meta é *dificuldade*, e em (4), elípticamente, desempenham a função de Ator do processo *lidar*, cuja Meta é *com a homossexualidade perante amigos e parentes*. Essas escolhas indicam que os gays idosos, no passado, encontraram barreiras sociais para expor publicamente sua orientação, por conta da concepção que se tinha de homossexualidade.

A alternativa encontrada pelos gays na terceira idade está em (5). Nessa oração, eles aparecem, elípticamente, integrando o grupo nominal que desempenha a função de Identificador: *os lugares mais frequentados na busca pelo sexo*. Na oração, há uma metáfora gramatical realizada pela nominalização do processo frequentar. A forma congruente da construção seria “esses homens frequentam os lugares na busca pelo sexo”, em que “esses homens” desempenham a função de Comportante. Essas escolhas demonstram que os homossexuais acima dos 60 anos, para práticas sexuais, têm o hábito de visitar lugares marginalizados.

Na oração (6), podemos destacar a função de Comportante na oração encaixada *andar de mãos dadas com um namorado à luz do dia*. As escolhas linguísticas indicam, novamente, que a possibilidade de manifestar publicamente afeto por uma pessoa do mesmo sexo é uma realidade muito remota. Essa impossibilidade é esclarecida na oração (7), na qual “Muitos”, na função de Portador, remetem a homossexuais que mantêm uma vida de fachada, com casamentos heterossexuais e com filhos frutos desses matrimônios.

Assim, podemos dizer que, na fala do cineasta, para os homossexuais que se encontram na terceira idade, a escolha por expor a sexualidade em público é pouco provável. Além disso, em muitos casos possuem uma vida aparentemente heterossexual, com esposa e filhos, e outra marginal, na qual podem realizar clandestinamente suas práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Relacionando análise léxico-gramatical e contexto sociopolítico, podemos destacar que a representação de homossexuais idosos como marginalizados parece estar amparada numa ideia, hoje não mais explicitamente vigente, de homossexualidade como crime. Obviamente, nesse caso, sem penalidades, como a prisão, mas faz referência às práticas sexuais realizadas

num período em que a manifestação homossexual era duramente castigada. Essa representação social de homossexualidade como delito, segundo Trevisan (2000), vigorou no Brasil desde que os portugueses aportaram suas caravelas e quiseram transformar o país em uma extensão das nações europeias. De acordo com o autor, no mais antigo Código Penal aplicado no Brasil Colonial, as Ordenações Manuelinas, “a sodomia passou a ser equiparada ao crime de lesa-majestade⁷. Além da pena de fogo⁸, foi acrescentado como punição o confisco dos bens e a infâmia sobre filhos e descendentes do condenado” (TREVISAN, 2000, p. 164).

Com o passar dos anos, o Brasil retirou da legislação a figura da sodomia e acabou com as punições para as práticas entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, com o Código Penal do Brasil Império, surgem os crimes “por ofensa à moral e aos bons costumes”, que depois, no Brasil Republicano, é substituído por “ultraje público ao pudor” ou “crime contra a segurança da honra e honestidade das famílias”. Em ambos os crimes a homossexualidade era enquadrada. Assim, em qualquer ato obsceno praticado publicamente, o culpado cumpria detenção de seis meses a dois anos ou pagamento de multa. O autor acrescenta que essa situação se mantém no Código Penal Brasileiro de 1940, vigente até hoje.

Por fim, a quinta representação identificada em voz não autoral é a de homossexuais idosos como **sujeitos que buscam espaço no contexto ativista LGBT**. Essa representação, que ocorre apenas na voz dos próprios gays idosos, pode ser observada na fala atribuída a Ricardo Aguireira (Exemplo 6), na qual ele se pronuncia a respeito da participação dos LGBTs idosos em atividades como a Parada Livre de São Paulo.

Exemplo 6

(1) “Nós ainda não somos muitos, (2) porém [nós] estamos em maior número do que nas edições anteriores”, (3) afirma Ricardo Aguierras, de 61 anos, que há seis é militante das causas dos idosos gays. [N07]

7 O crime lesa-majestade foi criado em Portugal, com o intuito de classificar um determinado delito como uma traição ao rei e à coroa portuguesa. Os condenados eram punidos publicamente para servir de exemplo.

8 Pena de fogo correspondia a uma punição em que o condenado era queimado até morrer.

No dizer atribuído a Aguietas, há o emprego de “nós exclusivo” (FAIRCLOUGH, 2003), cuja função é indicar para o leitor a inclusão do autor em dado grupo. Assim, no Exemplo 6, Aguietas se coloca como integrante da categoria dos homossexuais idosos.

Tanto em (1) quanto em (2), desempenhando a função de Portador, os homossexuais idosos são caracterizados como um grupo que, embora tenha ainda pouca participação em eventos como a Parada Gay de São Paulo, aos poucos está buscando ganhar visibilidade em espaços ocupados por homossexuais mais jovens. Essas escolhas indicam que, na voz de Aguietas, aos homossexuais idosos é manifestada uma representação de sujeitos que buscam ocupar espaços no movimento LGBT. Nessa representação eles são vistos como pessoas que, ainda que de forma incipiente, buscam uma maior visibilidade em espaços considerados homossexuais.

Ao estabelecer um paralelo entre a análise léxico-gramatical e o contexto sociocultural, podemos perceber que essa representação, diferentemente das quatro anteriores, não apresenta uma caracterização negativa para o grupo em estudo nesta pesquisa. Tal representação demonstra os homossexuais idosos em outra perspectiva, como pessoas ativas, que, apesar da idade física, mantêm o espírito “jovial” e ainda possuem, em certa medida, uma função social: defender uma causa própria.

Essa representação positiva, a nosso ver, está atrelada a um novo paradigma para a velhice que vem se construindo ao longo das últimas décadas, a etapa da vida chamada de “terceira idade” (DEBERT, 2007; PEIXOTO, 2007). A expressão, criada em meados dos 1970, denomina os “jovens velhos”, os aposentados ativos, dotados de envelhecimento dinâmico e independente. Com isso, tem-se a mudança o imaginário a respeito do idoso, o qual pode não mais ser visto como um(a) senhor(a) aposentado(a), lendo o jornal e de pijama, e sim como um sujeito de mais idade proativo e disposto a lutar por seus direitos.

REPRESENTAÇÕES EM VOZ AUTORAL SOBRE HOMOSSEXUAIS IDOSOS NA MÍDIA BRASILEIRA

Nesta seção, apresentamos a análise do sistema de transitividade das orações em voz autoral, ou seja, em orações dos textos em que a representação manifestada pode ser atribuída ao autor e não a uma voz externa. A partir da

análise dos dados linguísticos, foi possível identificar quatro representações sobre os homossexuais idosos na voz autoral: a) pessoas vítimas de preconceito, b) pessoas invisíveis para a sociedade, c) pessoas solitárias e d) sujeitos que buscam espaço no contexto ativista LGBT. Como é possível constatar, das quatro representações encontradas, três também apareceram nas vozes não autorais anteriormente analisadas. Isso parece demonstrar uma manutenção editorial entre os autores dos textos e as fontes trazidas.

Para exemplificar as representações em voz autoral, discutimos apenas a que não aparece nas vozes não autorais. Vale ressaltar também que, quantitativamente, a ocorrência de representações em voz autoral é menor do que as ocorrências nas vozes não autorais, ou seja, há mais Citações e Relatos abordando o tema do que porções textuais em voz autoral.

A representação em voz autoral que difere das manifestadas em vozes não autorais é dos homossexuais como pessoas invisíveis para a sociedade. No exemplo 7, que compõe uma notícia sobre um documentário sobre gays e lésbicas idosos, o grupo em questão é representado como um assunto que não é considerado pela sociedade.

Exemplo 7

- (1) Muitas vezes as imagens de gays e lésbicas fazem referência a pessoas jovens, animadas, saudáveis e com muita vida pela frente.
- (2) De certa maneira, essa imagem afirma o aspecto da “normalidade” que tanto buscamos, (3) *mas pouco se discute sobre os homossexuais idosos*. [N06]

Em (3), na função de Circunstância, os gays na terceira idade são representados como um tema pouco abordado, tanto na sociedade como um todo, quanto no grupo LGBT. Essa representação, assim como as anteriores se ampara em um imaginário que omite a existência de sujeitos como os gays idosos, que articulam dois estigmas sociais bem marcados. Nesse sentido, o preconceito duplo que essa população sofre se desdobra em um total apagamento e desconsideração de sua existência e demandas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, analisamos como a linguagem é usada para manifestar representações sobre homossexuais idosos em textos veiculados no contexto midiático, com base no sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). As análises evidenciaram a ocorrência de seis representações para o grupo social em questão: a) pessoas vítimas de preconceito, b) pessoas solitárias, c) pessoas desprovidas de políticas públicas de proteção, d) pessoas marginalizadas, e) sujeitos que buscam ocupar espaços de legitimação no contexto LGBT e f) pessoas invisíveis para sociedade. Também nos permitiram concluir que, tanto em voz não autoral quanto em voz autoral, as representações manifestadas são semelhantes – apenas a representação de invisibilidade aparece em voz autoral.

Essas representações nos permitem constatar que, embora haja uma predominância de representações de caráter negativo, há uma que sinaliza um aspecto positivo para esse grupo, demonstrando que talvez, futuramente, a situação dessa população venha a mudar, graças aos atuais idosos homossexuais que têm lutado para ganhar visibilidade e entrar como pauta de luta do ainda “jovem” movimento LGBT brasileiro.

Acreditamos ser necessária a continuidade de mais estudos desta natureza e de maneira regular, com a coleta de textos da mídia brasileira e investigação de representações sobre homossexuais idosos, para que se possa realizar um acompanhamento de como essa população está sendo representada e, principalmente, observar se realmente a perspectiva de mudança em relação às representações do grupo se efetivam.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, V. H. C. *Construções de representações sociais entre homens em anúncios pessoais eletrônicos*. 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

COUTO, A. L. A. *O processo de envelhecimento através do discurso de idosos*. 2008. 210 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares de Comunicação e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de vida. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 35-48.docman/task,cat_view/gid,88/Itemid,85/limit,15/limitstart,0/order,name/dir,ASC>. Acesso em: 22 out. 2010.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 17 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 12. ed. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade?* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GREEN, J. N.; POLITO, R. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870 – 1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. Language structure and language function. *New horizons in Linguistics*. Penguin LTD, 1970, p. 140-165. Reimpresso em: WEBSTER, J. J. (Ed.). *On grammar*, v. 1 in the *Collected Works of M. A. K. Halliday*. London: Continuum, 2005. p. 173-196.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

_____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. Milton Park: Abingdon, Oxon: Routledge, 2014.

KURTZ, M. S. S. C. *A toga pela mídia: representações da credibilidade do Judiciário em notícias online*. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MACHADO, S. M. *O discurso sobre a pessoa idosa: vozes que falam e vozes que calam*. 2008. 248f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MARTIN, J.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MELO, I. F. *A concepção da homossexualidade em textos jornalísticos: uma análise crítica da transitividade verbal*. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

MOITA-LOPES, L. P. (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOTA, M. P. Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. *SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n. 06, v. 1, p. 26-51, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.pucgoias.edu.br/ucg/unati/ArquivosUpload/1/file/Artigos%20e%20Cap%C3%ADtulos%20de%20Livros/Homossexualidade%20e%20Envelhecimento%20-%20algumas%20reflex%C3%B5es%20no%20campo%20da%20experi%C3%Aancia.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

PAIVA, A. C. S. Pulsão invocante e constituição de sociabilidades clementes: notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza. In: ENCONTRO

ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambú. *Anais Eletrônicos...* Caxambú, 2009. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/portal/component/option,com>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 49-84.

POCAHY, F. A. Marcas do poder: o corpo (do) velho e homossexual nas tramas da hetero e homonormatividade. IN: *Fazendo Gênero 8*. Florianópolis: Editora Mulheres; UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Fernando_Pocahy_46.pdf>. Acesso em 17 jan. 2009.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Lexical Analysis Software. 2009.

SILVA, T. S. *Irenes: representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático*. 2012. 223 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

REPRESENTAÇÕES DE DILMA ROUSSEFF: DE SARGENTONA À PRESIDENTE FRÁGIL

Fernanda Beatriz Caricari de Morais

INTRODUÇÃO

Este capítulo tem por objetivo comparar as representações da política Dilma Rousseff em dois momentos distintos: o primeiro quando era Ministra de Minas e Energia e também Chefe da Casa Civil nos governos Lula, e o segundo quando iniciava seu segundo mandato como Presidente do Brasil.

Para realizar essa comparação, parte do *corpus* de uma pesquisa anterior foi utilizado (MORAIS, 2008) e um novo *corpus* foi formado, seguindo o mesmo critério: textos em língua portuguesa, coletados de revistas de circulação nacional (Veja, Época e IstoÉ) e armazenados no formato *txt* para utilização de ferramentas computacionais do programa WordSmith Tools (SCOTT, 2008).

Em pesquisas anteriores (MORAIS, 2008, 2012a e 2012b), constatou-se que as descrições das ocorrências frequentes que evidenciam as representações das mulheres políticas enfatizam aspectos femininos, deixando de lado o reconhecimento do profissionalismo das mulheres e da conquista de seu espaço na política. Acredita-se que esses aspectos mostram que há poucas mudanças no que se refere às representações das mulheres políticas.

É importante lembrar que a mudança na representação das mulheres políticas é um processo longo e que envolve aspectos sociais e culturais. Espera-se que o aumento da participação feminina contribua para o desenvolvimento político e social do Brasil. Como esta é uma pesquisa desenvolvida na área de Linguística Aplicada, a linguagem das revistas é estudada dentro de um contexto social, e estudos de outras áreas do conhecimento são utilizados para embasar a discussão dos dados.

Nesse contexto, o presente capítulo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, estudos sobre as mulheres na política brasileira são apresentados, discutindo as mudanças na participação feminina, seguidos da proposta teórica adotada, os procedimentos metodológicos e a apresentação e análise dos dados.

AS MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA

A participação das mulheres na vida política no início do século XX colocou em relevo aspectos relacionados com a evolução dessa participação sob a perspectiva de mudanças culturais e políticas da sociedade. Destacam-se as mudanças na família, as novas formas de produção no mundo do trabalho com impacto nas relações sociais, as conquistas femininas ao longo do século XX e o amadurecimento de uma consciência feminista, mudanças que acabaram por abalar as estruturas seculares sobre as quais se assentava a dominação masculina em todas as esferas da vida pública. No caso do nosso país, as análises sobre mulheres na política levam em conta as razões do lento processo de mudanças políticas, principalmente no campo dos direitos de cidadania, conforme aponta o estudo de Avelar (2001).

Homens e mulheres com consciência feminista, isto é, com noção de igualdade de participação, fazem diferença na política. De acordo com Avelar (2001, p. 92), a principal diferença está nos temas que correspondem às necessidades de inúmeros grupos. O maior exemplo é a defesa de direitos gerais para os cidadãos universais, quando sabemos que não há cidadania para numerosos grupos discriminados em quase todas as sociedades, em particular, naquelas que convivem com enormes diferenças sociais.

Grossi e Miguel (2001) também ressaltam a importância das mulheres na política, pois trazem para a vida pública experiências distintas em uma outra perspectiva, as quais, somadas às dos homens, ampliam o campo das temáticas tratadas na política, pelo simples fato de que os homens e as mulheres diferem em suas prioridades, suas lutas na política.

A participação efetiva da mulher na política brasileira passou por diversas fases ao longo dos anos, sendo uma busca pelo alcance da condição de sujeito, não apenas político, mas também social e econômico. Estudos que analisam a participação da mulher na política brasileira mostram as diferentes formas de exclusão pelas quais a mulher vem passando ao longo do tempo.

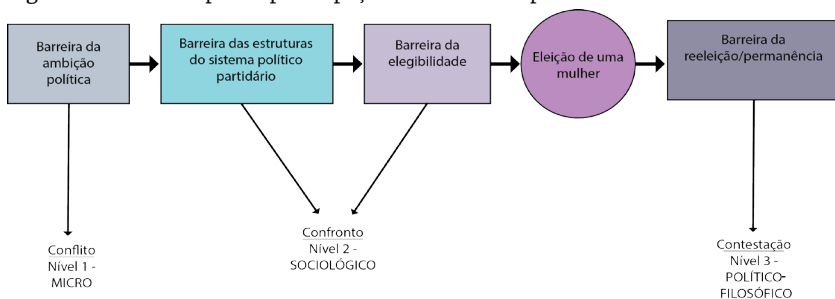
De acordo com dados disponibilizados pela União Interparlamentar (IPU, 2015), do Programa para Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD, 2011) e da Social Watch (2012), o Brasil tem uma posição crítica, quando se refere à equidade entre homens e mulheres e à representação da mulher nos parlamentos. Com índices diferentes, os dados apresentados por tais insti-

tuições demonstram que, não obstante significativos avanços obtidos pelas mulheres, no contexto brasileiro, desde a conquista do direito ao voto, em 1932, há ainda um longo caminho a ser percorrido para alcançar uma efetiva igualdade de direitos e de representação política por parte das mulheres.

Matos (2010) afirma que a ausência da mulher no espaço formal da política brasileira pode produzir impactos profundos na consolidação da cidadania e da democracia. Essa autora define três momentos de grande relevância para a participação da mulher na política no Brasil. O primeiro deles trata da conquista do direito ao voto, ocorrida em 1932, fruto de um intenso movimento das mulheres iniciado em 1919, conhecido como movimento sufragista. O segundo refere-se ao movimento feminista iniciado na década de 70, através da luta por direitos mais amplos, inclusive voltados para a democratização do país. O terceiro refere-se à Constituição de 1988, em que se conquistam diversos direitos, inclusive na esfera política institucional. A constituição de 1988 é o momento da conquista da igualdade formal de direitos entre homens e mulheres.

De acordo com Matos (2010), há um conjunto de obstáculos para a participação da mulher na política, podendo ser consolidados em três níveis – micro, sociológico e político – que, embora didaticamente separados, atuam de forma simultânea e complementar. A Figura 1 mostra as principais barreiras desses níveis.

Figura 1 – Barreiras para a participação da mulher na política.



Fonte: Matos (2010).

Bourdieu (2011) discute que, historicamente, as mulheres são associadas às funções que se situam no prolongamento das funções domésticas, como o ensino, cuidado e serviço. Para o sociólogo, a representação de “ser fe-

minina” é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é “muito feminina” não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder.

Os dados da União Interparlamentar (IPU, 2015), que trabalha em parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU), mostram que o Brasil está como antepenúltimo colocado se comparado aos demais países da América Latina, perdendo apenas para o Panamá e Haiti, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Participação das mulheres nas casas legislativas

País	Ranking IPU	% de mulheres na Câmara dos Deputados	% de mulheres no Senado
Cuba	3 ^a	45,2	*
Nicarágua	9 ^a	40,2	*
Costa Rica	15 ^a	38,6	*
Argentina	18 ^a	37,4	38,9
México	19 ^a	36,8	32,8
Equador	26 ^a	32,3	*
El Salvador	41 ^a	26,2	*
Bolívia	42 ^a	25,4	47,2
Peru	62 ^a	21,5	*
Rep. Dominicana	**	20,8	9,4
Honduras	71 ^a	19,5	*
Venezuela	**	17,0	*
Chile	92 ^a	14,2	13,2
Guatemala	**	13,3	*
Paraguai	**	12,5	15,6
Colômbia	102 ^a	12,1	16,0
Uruguai	**	12,1	12,9
Brasil	119 ^a	8,6	16,0
Panamá	**	8,5	*
Haiti	130 ^a	4,2	0,0

Fonte: IPU (2015).

Esses números mostram uma posição crítica do Brasil no que tange à participação da mulher na política brasileira. No entanto, pode-se observar um relativo progresso no Quadro 2, que demonstra o crescimento total do percentual de mulheres ocupando a posição de deputada estadual, se consideradas as eleições desde 1998 até 2010.

Quadro 2 – Percentual de Deputados Estaduais e Distritais por sexo 1998, 2002, 2006 e 2010 no Brasil

Ano	Sexo	
	Feminino	Masculino
1998	10,11	89,89
2002	13,35	86,65
2006	11,66	88,34
2010	13,02	86,96

Fonte: IPU (2015).

É importante enfatizar o fato de que Dilma Rousseff, ex-Presidente da República, foi a primeira mulher Presidente no Brasil, o que sinaliza uma situação positiva e relativo avanço na temática em questão.

Além do crescimento observado, existe uma expectativa de maior participação das mulheres na política, pelo menos se for considerada a percepção da população brasileira sobre a importância da participação das mulheres em espaços de poder e decisão, como demonstra a pesquisa intitulada Mulheres na Política, realizada em 2009, pelo Instituto Patrícia Galvão. Os resultados mostram que 94% dos entrevistados afirmaram que votariam em uma mulher; 83% dos entrevistados afirmaram que a presença de mulheres melhora a política e os espaços de poder, dos quais 75% concordaram que só há democracia com a presença de mulheres na política. Ainda, 73% dos entrevistados concordaram que a população brasileira ganha com a eleição de um maior número de mulheres; 69% dos entrevistados concordaram que a presença de mais mulheres na política significaria mais autoridade no meio político; 74% concordaram que significaria maior honestidade, compromisso

com os eleitores e capacidade administrativa, e 75% maior competência na política; 55% dos entrevistados acham que a lista de candidaturas deveria ter um número igual de mulheres e homens; 80% dos entrevistados defendem a adoção de leis que reduzam as desigualdades entre os sexos na política brasileira.

Apesar dos avanços nas políticas sociais no Brasil, a questão feminista se confunde com a questão social, podendo-se mesmo denominá-las de questão social do gênero (AVELAR, 2001, p.143). É assim que as mulheres fazem a diferença. Segundo a autora, na modernidade e na política, a conduta ética em sentido pleno e a conduta humanista são frutos de políticas sociais que atendam os segmentos sociais marginalizados.

Avelar (2001) discute que, na maioria dos casos, a presença das mulheres na política vem de sua participação nos movimentos urbanos, sindicais e movimentos de mulheres, que trazem à tona novas demandas, antes não contempladas pelas mobilizações que as precederam. Quando ascendem ao poder, suas raízes levam a que privilegiem políticas voltadas às questões sociais, conforme suas bases de poder. No Brasil, um país marcado por uma enorme dívida social, isso significa modernidade política.

A sub-representação é um problema a ser resolvido, pois trata de uma questão de democratização da representação e de justiça para com um desequilíbrio que foi decorrente de vetos políticos históricos e desvantagens socioeconômicas, derivadas de preconceitos e valores de gênero.

A REPRESENTAÇÃO PELA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

As representações de Dilma Rousseff analisadas neste capítulo seguiram os princípios teórico-metodológicos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1985, 1994), Halliday e Matthiessen (2004) e seguidores, como Eggins (1994), Thompson (1996), entre outros. A LSF tem como foco a linguagem em uso, por isso sua preocupação é explorar como a língua é estruturada para o uso em diferentes contextos. Eggins (1994, p. 40), com base em Halliday (1985), define que uma das premissas básicas da abordagem sistêmico-funcional é que o uso da língua é motivado pelas relações sociais e que as escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos falantes/escritores não são aleatórias e estão condicionadas pelo contexto.

Halliday (1994, p.14) explica que, na LSF, a língua é interpretada como um sistema de significados que são realizados por meio das formas linguísticas. A língua é vista como uma rede de escolhas, em que as formas linguísticas são analisadas levando-se em conta outras possibilidades oferecidas pela língua.

Para sabermos o que significa uma escolha, precisamos ver o contexto: o que isto significa em nossa sociedade? Quais são os fatores contextuais que fazem uma escolha ser mais apropriada do que outra? As escolhas linguísticas precisam ser identificadas, ou seja, as possibilidades lexicais e estruturais que a língua oferece para o uso precisam ser exploradas, assim como os significados que cada escolha expressa (THOMPSON, 1996, p. 8).

Ao fazer determinada escolha, o falante/escritor está realizando três tipos de significados simultaneamente (EGGINS, 1994, p. 11):

- significados relacionados às representações de poder e solidariedade, o que engloba as atitudes em relação ao outro e os papéis sociais desempenhados;
- significados relativos à representação da experiência por meio da língua, sobre o que se fala e sobre o que (ou quem) age sobre o que (ou quem);
- significados relativos à organização do conteúdo da mensagem, em relação com o que se diz e ao que foi dito.

Esses três tipos de significado estão relacionados com cada metafunção da linguagem: interpessoal, ideacional e textual. Para a análise da representação da mulher política, concentramo-nos na metafunção ideacional, que reflete nossa representação sobre padrões de experiência, realidade e nossa experiência do que acontece dentro de nós e, por isso, reflete a nossa representação sobre o mundo. Nessa metafunção, a oração tem um papel central, pois é nela que se incorpora um princípio geral de modelagem da experiência, que é o princípio de que a realidade é construída por meio dos processos, dos participantes e das circunstâncias.

O primeiro é a ação ou estado propriamente ditos e representa-se por um grupo verbal. Os participantes são representados por grupos nominais ou pronomes. São aqueles que realizam as ações ou são afetados por elas. As circunstâncias são representadas por grupos adverbiais ou preposicionais e sua função é acrescentar informação(ões) às ações representadas pelos processos. Halliday (1994) diz que há três tipos de processo principais – o ma-

terial, o mental e o relacional. Os demais, chamados intermediários, são: o comportamental, o verbal e o existencial.

Quanto aos estudos sobre representação da mulher política, com base na Linguística Sistêmico-Funcional, pode-se destacar o de Barbara e Gomes (2010) e Gomes e Barbara (2011). O primeiro analisou a representação da então Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, em revistas semanais, tais como as que são utilizadas na análise deste estudo, por meio de processos verbais (processos do dizer); o segundo a representação social com base nos modos de representação dos atores sociais de van Leeuwen (1997, 2008)¹. As reflexões desenvolvidas nesses estudos mostram que a representação de Dilma Rousseff, operada pelas mídias analisadas, engendra uma representação de sujeito-político-mulher, uma construção identitária pejorativa, estereotipada e deslegitimada, sendo mais personalizada do que impersonalizada nos dados, destacando-a por meio de nomes próprios, pronomes pessoais, dando visibilidade à participante na esfera público-política. Há momentos em que a representação é caracterizada como um tipo de estratégia de depreciação, inclusive, irônica. Algumas formas de representação dão à participante representada um caráter de alienação, de dominação, como é o caso da somatização: representação de Dilma Rousseff como objeto, como algo a ser produzido, alienado.

COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS COM AUXÍLIO COMPUTACIONAL

Para comparar as representações de Dilma Rousseff nos diferentes momentos, este trabalho utilizou dois *corpora* formado por 60 artigos de opinião cujo tópico principal ou título se refere à Dilma Rousseff (doravante DR). O *corpus* DR1 se refere aos artigos coletados nos anos em que ela atuou como Ministra (2005 a 2010), e o *corpus* DR2 contém artigos do início do segundo mandato como Presidente do Brasil (2015 e 2016). Os artigos selecionados foram gravados em arquivos individuais no formato *txt* e foram submetidos a um tratamento de Linguística de Corpus (LC) por meio das ferramentas lista de palavras e concordanciador do programa computacional WordSmith Tools 5.0 (SCOTT, 2008), descritas a seguir.

1 N.E. Para mais informações sobre as formas de representação dos atores sociais propostas por van Leeuwen (1997), ver capítulo 6 deste livro.

O Quadro 3 foi retirado dos números estatísticos da ferramenta *Wordlist* do *software* mencionado.

Quadro 3 – Dados estatísticos dos *corpora*.

Estatísticas	Corpus DR1	Corpus DR2
Número de artigos	30	30
Total de palavras	123.200	143.022
Períodos	1.568	1.357
Nº de palavras do menor artigo	81	120
Nº de palavras do maior artigo	1713	2545

Fonte: Autora.

O programa foi escolhido como instrumento de análise de dados, pois possibilita o trabalho com uma grande quantidade de textos, além de dispor de uma série de recursos que são extremamente úteis e poderosos na análise de vários aspectos da linguagem. Foram utilizadas duas das suas principais ferramentas para a análise: a lista de palavras (*Wordlist*) e o concordanciador (*Concordancer*). A primeira foi utilizada para organizar os *corpora* em listas das palavras. Elas podem ser ordenadas alfabeticamente ou pela frequência com que aparecem, começando pela palavra de maior frequência. Nessa mesma ferramenta, obtivemos dados estatísticos dos textos: número de palavras (tokens) e de palavras diferentes (types), número de orações (sentence), etc. Ela nos ajudou tanto na organização dos dados estatísticos, como na análise das palavras mais frequentes utilizadas para nomear os profissionais políticos.

Por meio das listas de concordâncias, foi possível estudar o contexto de ocorrência das palavras de busca simultaneamente em todo o *corpus*. A análise se baseou na LSF, que é uma teoria de linguagem e um método de análise de textos em seus contextos de uso permitindo-nos entender como os indivíduos usam a linguagem e como a linguagem é estruturada em seus diferentes usos (Halliday, 1994).

A Linguística de Corpus (LC) se encontra presente metodologicamente, neste capítulo, por meio das ferramentas computacionais descritas acima que foram fundamentais para analisar as representações de DR. A LC trabalha em um quadro conceitual formado por uma abordagem empirista e uma visão da linguagem como sistema probabilístico, no qual alguns traços linguísticos são mais frequentes que os outros, conforme discute Berber-Sardinha (1999, p. 349).

A LC fornece um mapeamento regular entre a frequência maior ou menor de um traço e o contexto de ocorrência, há uma relação entre as características linguísticas e as situacionais (os contextos de uso). Para Biber et al. (1998, p. 9), a abordagem baseada em *corpus* é bastante útil, uma vez que “[...] quase todas as áreas da linguística podem ser estudadas a partir da perspectiva do uso, e a abordagem baseada em *corpus* fornece um conjunto de instrumentos particularmente eficaz para tais investigações”.

O suporte da LSF possibilita a análise de como a DR é representada em dois momentos distintos de sua carreira como política – quando era Ministra e no início de seu segundo mandato como Presidente do Brasil.

Para Halliday (1994, p. 15), qualquer análise de discurso é sempre feita em dois níveis. O primeiro é a compreensão do texto: a análise linguística permite que se mostre como e por que o texto significa o que significa. O outro nível é uma contribuição à avaliação do texto: a análise linguística permite que se diga o motivo pelo qual o texto é ou não um texto eficaz para os seus propósitos e requer não somente uma compreensão do texto, mas também de seu contexto (contexto de cultura e contexto de situação) e do relacionamento sistemático entre o contexto e o texto. Conforme mencionado anteriormente, os dados linguísticos foram analisados concentrando-se na metafunção ideacional, que vê a oração como representação.

A REPRESENTAÇÃO DE DILMA ROUSSEFF

Em pesquisas anteriores (MORAIS, 2008, 2012a e 2012b), a representação das mulheres políticas foi discutida em cinco categorias distintas (estratégias políticas, reconhecimento político, honestidade, aparência e relacionamentos familiares), baseadas tanto na semântica, ou seja, sobre o que os exemplos tratam, como nos elementos da transitividade (sistema léxico-gramatical que realiza a metafunção ideacional).

A escolha dos processos, dos participantes e das circunstâncias conduziu a essas categorias descritas. As ocorrências no *corpus* DR1, no período em que Dilma Rousseff era Ministra, mostram que ela era representada, basicamente, em duas categorias: estratégias políticas e reconhecimento político.

O exemplo 1 mostra o destaque dado a DR por sua postura dura e exigente:

Exemplo 1

“Era uma mulher brilhante, uma sargentona”. Na perspectiva do exguerrilheiro, o uso pouco convencional da patente é um elogio de primeira linha. (IstoÉ, 29/06/2006).

Nota-se que o processo verbal é omitido, Dilma foi elogiada por sua liderança e autoritarismo, como podemos ver no Atributo *uma sargentona*, qualidade que remete ao seu passado como militante e que difere da sua situação como Ministra de Minas e Energia.

Mesmo com a área econômica dominada pela maioria masculina, a então Ministra, Dilma Rousseff, destacou-se no Ministério de Minas e Energia e enfrentou discussões, como outra política, Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente:

Exemplo 2

Desde o início do governo Lula, as duas estrelas femininas da administração petista *travavam* uma queda-de-braço sobre o destino de 24 projetos de usinas hidrelétricas espalhadas pelo Brasil. (Veja, 17/11/2005).

As profissionais são destacadas pelo uso de *estrelas femininas da administração petista* como Dizente do processo verbal *travavam*, analisado, aqui, como verbal, pois é utilizado metaforicamente para representar discussões no Congresso. Isso mostra o destaque que as mulheres possuem na área política em que a maioria é homem. A atuação discursiva entre duas mulheres políticas é representada como *uma queda-de-braço*, ressaltando que quem tem mais força vence. Nesse caso, os interesses econômicos de DR foram mais fortes e venceram os interesses ambientais de Marina.

Dilma Rousseff também ganhou destaque em uma importante premiação:

Exemplo 3

[...] o anfitrião Domingo Alzugaray, editor e diretor da editora, *entregou* à Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff (PT), o prêmio Brasileira do Ano, da IstoÉ. (IstoÉ 21/12/2005).

Ela foi premiada como profissional competente numa área nunca antes administrada por uma mulher. Grossi e Miguel (2001) e Avelar (2001) discutem em suas pesquisas que as áreas de maior atuação da mulher política são as sociais, enquanto as áreas de maior atuação do homem são as administrativas. Esse exemplo, portanto, indica que está havendo, em nossa sociedade, um avanço nas áreas de atuação da mulher política. Essas profissionais estão não mais só defendendo interesses sociais no campo político, mas também interesses econômicos.

No início de seu segundo mandato, como Presidente do Brasil, Dilma Rousseff enfrentou dificuldades e não foi lembrada como uma *estrela política* ou como uma mulher de fibra, mas sim por seus problemas:

Exemplo 4

Além da posse dos novos ministros, janeiro, o primeiro mês do segundo mandato de Dilma, *foi* um mês de silêncio por parte da Presidente, que ficou quase 30 dias sem dar entrevistas, e de notícias marcantes na economia. Inflação acima do teto da meta, corte de postos de trabalho na indústria, expectativa de crescimento próximo de zero e denúncias de corrupção envolvendo a Petrobras sinalizam que a Presidente *terá* um árduo trabalho pela frente para impulsionar a confiança de investidores e empresários. (Veja, 31/01/2015)

As orações relacionais, no exemplo 4, mostram as dificuldades, especialmente os participantes *um mês de silêncio por parte da Presidente* e *um árduo trabalho pela frente para impulsionar a confiança de investidores e empresários*, uma imagem bem diferente das ocorrências anteriores, quando Dilma Rousseff era Ministra. O silêncio, representado pelo processo *dar entrevistas*, acompanhado de *sem*, representa a postura da Presidente de evitar a imprensa, que, nesse período, focalizava suas dificuldades e descontroles tanto na

parte profissional, como pessoal. O uso do termo “estarecida”, pela própria DR, já se tornou uma marca em seus discursos:

Exemplo 5

Na semana passada, ao comentar o relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI), que ressaltou o efeito negativo do Brasil na economia mundial em 2016, Dilma se *disse* “estarecida”, pela enésima vez nos últimos anos. (Época, 26/01/2016).

A publicação, inclusive, mostra a fala de um político sobre a escolha lexical de DR:

Exemplo 6

Não por acaso, o senador Aloysio Nunes (PSDB) *ironizou* certa vez Dilma a respeito do assunto: “Parece que ela aprendeu a palavra ontem”. (Época, 26/01/2016).

A representação da ironia do senador é utilizada para depreciar a fala da Presidente que, em diferentes momentos, utiliza “estarecida” e “estarecedor” para avaliar as dificuldades passadas por ela em seu governo, mostrando sua fragilidade.

As dificuldades de Dilma Rousseff não são apenas ressaltadas pela oposição ao seu então governo. O próprio companheiro de partido, ex-Presidente Lula, a caracteriza como uma *adolescente mimada*:

Exemplo 7

Num encontro recente com os principais chefes do PMDB, o ex-Presidente petista *Luiz Inácio Lula da Silva*, novo líder da oposição ao governo petista de Dilma Rousseff, *comparou* a Presidente a uma adolescente mimada. Na analogia, *Lula* se apresenta no papel de pai preocupado. (Época, 26/06/2015).

No exemplo 7, são destacadas as qualidades atribuídas a Dilma e Lula. Ela como *adolescente mimada* e ele como *pai preocupado*, mostrando sua superioridade política, maturidade e preparo, contrastando com a imagem de *mimada*, remetendo a ideia de despreparada.

Essa representação contrasta com aquela feita pela mídia na época em que Dilma Rousseff era Ministra, em que suas habilidades eram ressaltadas, sua força, seu comprometimento e seu profissionalismo.

Observa-se que, apesar das dificuldades encontradas, Dilma Rousseff não perdeu seus direitos políticos:

Exemplo 8

Primeira mulher a ser eleita Presidente no Brasil, Dilma *sofreu* impeachment no Congresso. Porém, conseguiu manter o direito de assumir cargo público [...] (Época, 30/06/2016).

A conjunção *porém* contrapõe a situação do *impeachment* com a permanência de seus direitos. É importante destacar a importância de DR como a primeira mulher Presidente do país, podendo ser analisada como uma oração menor, segundo proposta da Sistêmico- Funcional (HALLIDAY, 1994).

As ocorrências analisadas em pesquisas anteriores (MORAIS, 2008, 2012a, 2012b) não construíam representações ligadas à desonestidade no *corpus* de artigos sobre mulher política (MP), nenhuma profissional foi representada por atos ou suspeitas desonestas. Ocorrências desse tipo foram analisadas com uma alta frequência no *corpus* de artigos sobre homem político (HP), também analisadas em Morais (2008). Diferentes políticos foram representados, em diferentes situações, envolvidos em situações desonestas, o que permitiu dizer que a desonestidade era uma característica comum apenas aos homens políticos. Do ponto de vista estrutural, suas representações negativas são feitas por meio de construções passivas com o uso de processos materiais, verbais e mentais, ligados às punições recebidas por crimes cometidos e acusações a eles dirigidas.

Como não foram encontrados equivalentes a essas ocorrências nos artigos que tratam de MP, pode-se inferir que as mulheres não estavam envolvidas nessas situações, por isso, eram representadas como mais honestas que os homens. É possível associar também esse fato à pouca representatividade feminina na política. Considerando a quase inexistência de mulheres nesse contexto, conforme dados do Quadro 1, a probabilidade de mulheres desonestas é menor.

No entanto, encontramos no *corpus* de DR2, representações que colocam em dúvida a honestidade da então Presidente Dilma Rousseff:

Exemplo 9

Sem mandato, Dilma poderá *ser* alvo da Lava-Jato. Presidente afastada foi citada 11 vezes em delações; investigadores dizem, porém, que ainda não há provas. (Veja, 29/08/2016).

Assim como no *corpus* de homem político, em Morais (2008), as construções passivas são utilizadas para representar aspectos negativos, como a construção com o processo verbal *citar*, seguido da circunstância *em delações*, o que mostra a suspeita de envolvimento de Dilma Rousseff em atos desonestos. A conjunção *porém* contrasta o fato de não haver provas até o momento. As avaliações feitas nas orações menores *sem mandato* e *Presidente afastada* fazem o leitor lembrar das situações vividas por DR, suas dificuldades com o mandato e processo de impeachment.

No *corpus* de homens políticos, havia ocorrências relacionadas às vaias da população que insultavam os políticos desonestos. No *corpus* de mulheres políticas, não foram encontradas vaias, nem nos mandatos de DR como Ministra. No entanto, como Presidente, ela foi vaiada por outros políticos quando tentou aprovar a volta da cobrança de Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF):

Exemplo 10

Dilma vaiada na volta do Congresso. Se Presidente *esperava demonstrar* que retoma base, resultado *foi* o pior possível. (Veja, 02/02/2016).

A situação constrangedora passada por DR é caracterizada pelo Atributo *o pior possível*, o que mostra que suas dificuldades não estavam somente com a população, que estava descontente com a Presidente, mas também no próprio ambiente político. No exemplo a seguir destaca-se o uso da construção passiva:

Exemplo 11

Afastada do cargo desde que o Senado determinou a abertura do processo de *impeachment*, a Presidente Dilma Rousseff é uma das grandes estrelas da delação premiada do ex-deputado Pedro Corrêa.

A oração com o processo *afastada*, em posição temática, relembra o leitor do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, seguido da construção relacional atributiva, representando DR como parte de uma classe, como uma *estrela* de uma delação – uma estrela bem diferente da estrela do exemplo 2, quando ela era famosa em chamar atenção pela sua força política e pelos atributos profissionais.

Quando era Ministra, seu lado feminino não era ressaltado. Pelo contrário, ela era representada como uma Margaret Thatcher brasileira, a dama de ferro, com aparência profissional e rigidez nas ações. No *corpus* de DR2, formado por artigos na época de seu segundo mandato, pode-se encontrar ocorrências que mostram características ligadas a aparência física:

Exemplo 12

A ex-Presidente Dilma Rousseff *está* feliz que só em Porto Alegre. Ela diz que dois são os motivos da satisfação: tempo para ler e a “magreza”. (Época, 24/10/2016 ²).

Novamente, a construção relacional é utilizada para avaliar DR, desta vez, como uma pessoa feliz por ter tempo livre e estar magra, estereótipo que persiste e é reforçado pela mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de maior participação política, percebe-se, nas representações, que ainda as mulheres têm dificuldades nessa área dominada por homens, mesmo com uma representante na presidência, cargo mais alto do poder político. Os dados mostram uma diferença na representação de Dilma Rousseff Ministra x Dilma Rousseff Presidente, apontando para uma comparação de *mulher brilhante, autoritária, estrela da administração*

² Na prática, nesse período, Dilma Rousseff já não era mais Presidente do Brasil. Nessa data, o *impeachment* já havia sido consolidado.

pública, segundo avaliações feitas na época em que era Ministra, em contraponto a uma *adolescente mimada*, citada em delações e em ações aparentemente desonestas. Essas avaliações são realizadas por meio de construções relacionais, do tipo atributivas.

Como a pesquisa anterior (MORAIS, 2008) comparou as representações das mulheres na política x homens políticos, em artigos de grande circulação, constatando-se que as representações das mulheres estavam mais ligadas aos aspectos femininos, aos relacionamentos com homens políticos (maridos ou pais) e à determinação profissional, pode-se dizer que as representações de DR, no segundo mandato como Presidente, estão mais próximas das representações masculinas encontradas no estudo anterior citado, pois estão ligadas às dificuldades e possíveis ações desonestas, representadas pelo uso das construções passivas e orações menores, como ocorrências do *corpus*.

Julga-se necessário fazer um levantamento mais abrangente sobre as representações das mulheres políticas da atualidade, descrevendo e comparando suas representações, para verificar se houve mudanças no cenário político brasileiro.

REFERÊNCIAS

AVELAR, L. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

BARBARA, L.; GOMES, M. C. A. A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais. *Letras* (UFSM), Santa Maria, v. 20, n. 40, 2010.

BERBER SARDINHA, A. AP. Usando Wordsmith Tools na investigação da linguagem. *DIRECT Papers* 40, São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers40.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2006.

BIBER, D. et al. *Corpus Linguistics: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

EGGINS, S. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter Publishers, 1994.

GOMES, M. C. A.; BARBARA, L. Mulheres, política e mídia: algumas incursões em torno da representação sociocultural de Dilma Rousseff. *D.E.L.T.A.*, v. 27, n. 2, 2011.

GROSSI, M. P.; MIGUEL, S. M. Transformando a diferença: mulheres na política. *Revistas de estudos feministas*, v. 9, n. 1, Florianópolis: Editora UFSC, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. First edition. London: Edward Arnold, 1985.

_____. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

MATOS, M. Paradoxos da Incompletude da Cidadania política das Mulheres: novos horizontes para 2010. *Em Debate*, Belo Horizonte, v. 2, p. 31-59, 2010. Disponível em: < <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/biblioteca/marlise.pdf> >. Acesso em: 15 nov. 2016.

MORAIS, F. B. C. *As mulheres na política brasileira: um estudo sob a perspectiva sistêmico-funcional*. 2008. 133 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Aspectos femininos na representação das mulheres políticas brasileiras. *Linguagens & Cidadania*, UFSM, Santa Maria, v. 14, n.1, 2012a.

_____. As representações das mulheres na política brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, UnB, v. 13, n. 2, 2012b.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO (PNUD). *Relatório do Desenvolvimento Humano. Sustentabilidade e Equidade: um futuro melhor para todos*. 2011. Disponível em: < <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2011/download/pt/>. Acesso em: 15 nov. 2016 >.

SCOTT, M. R. *Wordsmith Tools 5*. Software for text analysis. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SOCIAL WATCH. *Relatório 2012*. Desenvolvimento Sustentável: o direito a um futuro. 2012. Disponível em: < <http://www.socialwatch.org/es/node/14383>. Acesso em: 15 nov. 2016 >.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.

UNIÃO INTER PARLAMENTAR (IPU). In: DAHLERUP, Drude et al. Atlas of Electoral Gender Quotas. Estocolmo: IDEA; IPU; Stockholm University. Disponível em: <<http://www.idea.int/publications/atlasof-electoral-gender-quotas/>> Acesso em: 29 jul. 2015.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Pesquisa IBOPE – Mulheres na Política*. 2009. Disponível em http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/41/Documentos/pesq_mulherepol.pdf. Acessado em 25/01/2013.

REPRESENTAÇÕES PARA ATORES SOCIAIS E PARA OFENSA NO AMBIENTE DE PROJEÇÃO ORACIONAL EM BOLETINS DE OCORRÊNCIA DE INJÚRIA¹

Marcos Rogério Ribeiro

INTRODUÇÃO

O boletim de ocorrência (BO), objeto deste estudo, contém a realização linguística da ocorrência de fatos criminosos e, em alguns casos, fatos não criminosos. Podemos afirmar, com base em nossa experiência profissional que, dentre os gêneros da Polícia Judiciária, o BO é seguramente o mais acessível à população, devido a sua significativa frequência de uso nas mais diversas situações do cotidiano das pessoas e procedimentos de polícia judiciária.

A escolha dos BOs que reportam crimes de injúria deve-se ao fato de tal infração penal estar entre os crimes contra a honra (que abrangem também a calúnia e a difamação), os quais são considerados *crimes de linguagem*, ou seja, um comportamento linguístico que se torna alvo da ação legal (GIBBONS, 2005, p. 261).

A definição legal para o crime de *injúria* está prevista no artigo 140 do Código Penal (BRASIL, 1940) como: “insultar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou decoro”. Para essa conduta, a pena básica prevista é de um mês a seis meses de detenção ou multa. A pena pode ser ainda mais grave, porém, passando para um ano a três anos de reclusão e multa, “se a injúria consistir no uso de elementos referentes à raça, cor, idade, etnicidade, religião, origem ou condição de deficiência física”, conforme dispõe o artigo 140, § 3.º, do Código Penal (BRASIL, 1940)².

Em estudos anteriores sobre a linguagem em BOs na perspectiva da Linguística Sistemico-Funcional (LSF), analisamos representações para ato-

1 Este capítulo apresenta parte de resultados da pesquisa de mestrado vinculada ao projeto “Gramática Sistemico-Funcional da Língua Portuguesa para análise de representações sociais” (GAP/CAL 025406), coordenado pela Prof^a Dr^a Cristiane Fuzer, no Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM.

2 O artigo 141 do Código Penal prevê causas de aumento de pena de 1/3 até o dobro para os três crimes, ao passo que o seu artigo 142 prevê causas de exclusão da tipicidade e punibilidade somente para os crimes de difamação e injúria.

res sociais em BOs de crimes de injúria³ (RIBEIRO, 2014a, 2014b); a estrutura potencial de gênero do BO (RIBEIRO, 2010, 2014c) e recursos de avaliabilidade em BOs de crimes de linguagem contra a honra (RIBEIRO e FUZER, 2014).

Neste capítulo, com foco na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), analisamos a estrutura léxico-gramatical do histórico de 40 BOs complementada pela descrição da configuração da projeção oracional, abrangendo a relação existente entre orações verbais projetantes e orações projetadas, compreendendo os seis tipos de processos (materiais, relacionais, mentais, verbais, comportamentais e existenciais), porquanto nelas tipicamente estão contidas as representações de atores sociais e das ofensas nas quais eles estão envolvidos.

A descrição e análise das realizações léxico-gramaticais que, no nível da oração, constituem representações para a ofensa e para os atores sociais envolvidos em BOs de crime de injúria abrangem as funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade mais frequentes para a vítima e para o ofensor e têm a finalidade de descrever e interpretar as representações encontradas no relato das ofensas. Nesse sentido, são identificados e categorizados pares de atores sociais envolvidos com maior frequência nas práticas sociais descritas nos históricos dos BOs e que configuram ofensas denominadas, no campo jurídico, como injúria.

O termo *atores sociais* pode ser associado, no nível sociossemântico, ao estudo de van Leeuwen (2008), o qual formulou um inventário de categorias que mostra como são representados os atores sociais, entendidos como os participantes de práticas sociais, com foco na evidência de que nem sempre há correspondência entre a agência sociológica e a agência linguística⁴. Neste estudo, utilizamos o termo *atores sociais*, entendendo-os igualmente como participantes de práticas sociais, porém com foco em representações no estrato léxico-gramatical⁵ do sistema linguístico. Salientamos que devemos

3 Nesse estudo utilizamos também categorias analíticas da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1961), do sistema de Avaliabilidade (MARTIN; WHITE, 2005) e Modos de Estigmatização (GOFFMAN, 1963) (ELIAS; SCOTSON, 1994).

4 N.E. Exposição detalhada das formas de representações de atores sociais encontra-se no capítulo 6 deste livro.

5 Ribeiro (2014a, 2014b) realizou estudos nos quais incluiu o foco no nível sociológico (MOSCOVICI, 1961), com o fim de também depreender o pensamento coletivo ou representações sociais.

distinguir *atores sociais de participantes*. Este último, no estrato léxico-gramatical, constitui um dos componentes da oração no sistema de transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Esclarecemos, por outro lado, que, quando nos referimos ao termo *representações*, estamos levando em consideração o plano teórico relativo à Gramática Sistêmico-Funcional, na qual a oração é considerada a unidade básica de análise, sendo entendida como um construto plurifuncional com três significados, um dos quais o de representação das experiências humanas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

A partir da análise léxico-gramatical do histórico de 40 boletins de ocorrência de injúria registrados, no período de 01-08-2011 a 30-09-2011, no território do Estado Rio Grande do Sul, investigamos a linguagem usada para representar atores sociais e a ofensa em crimes de injúria. Com base no aparato teórico da LSF, descrevemos funções léxico-gramaticais desempenhadas pelos participantes no nível da oração e sua distribuição na projeção, no nível do complexo oracional, ambiente léxico-gramatical no qual tipicamente está abrigada a representação da injúria e dos atores sociais nela envolvidos. Tendo em vista esse objetivo, a análise é feita com o propósito de responder às seguintes questões: a) Como é constituída, no nível do complexo oracional, a estrutura léxico-gramatical do histórico do BO de injúria, a partir do sistema de projeção, no âmbito da função lógica da linguagem, na amostra de textos em análise? b) Como ocorrem, no nível da oração, as representações para atores sociais e para a ofensa a partir das representações manifestadas pelas escolhas léxico-gramaticais recorrentes?

Com as respostas ao primeiro questionamento, pretendemos evidenciar as relações lógico-semânticas recorrentes que resultam da representação do *dizer* acima do nível da oração (complexo oracional), de modo a demonstrar o *locus* das representações de atores sociais e da ofensa nos crimes de injúria a serem reveladas como resposta ao segundo questionamento. As questões léxico-gramaticais que constituem os objetivos deste artigo devem ser analisadas levando em conta o contexto no qual o texto é instanciado de modo a compreendermos como ocorre a influência recíproca entre texto e contexto nos moldes preconizados pelo arcabouço sistêmico-funcional.

Para tanto, na seção 2 discorremos sobre os pressupostos teóricos que embasam este estudo; na seção 3 tratamos de aspectos contextuais da polícia

judiciária, abrangendo as atribuições da polícia civil; em seguida, na seção 4, abordamos o boletim de ocorrência, sua configuração contextual e os crimes de linguagem contra a honra, com foco na injúria; na seção 5 passamos a fazer a análise e discussão dos resultados, iniciando, preliminarmente, com uma breve exposição sobre os procedimentos metodológicos e, em seguida, adentrando na análise de estrutura projetional e de realizações léxico-gramaticais que constituem representações para atores sociais e para a ofensa em BOs de injúria. Por fim, tecemos as considerações finais sobre o estudo e os resultados alcançados.

METAFUNÇÃO IDEACIONAL: FUNÇÕES LÓGICA E EXPERIENCIAL

A LSF considera a linguagem como um sistema sociossemiótico complexo em que há uma relação dialética entre texto e contexto. Isso implica dizer que as escolhas linguísticas influenciam a construção do contexto, o qual, por sua vez, exerce influência sobre as escolhas linguísticas. Nesse sentido, em correspondência com as variáveis do contexto, a linguagem exerce três metafunções básicas: ideacional (lógica e experiencial), correspondente à variável do contexto de situação campo; interpessoal, correspondente à variável relações, e textual, correspondente à variável modo (HALLIDAY e HASAN, 1989).

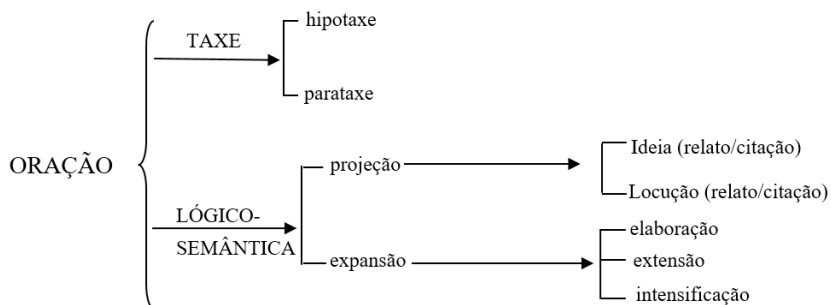
Das três referidas metafunções da linguagem, daremos destaque à metafunção ideacional, abordando as subfunções lógica, que tem como unidade de análise o complexo oracional, e experiencial, que tem como unidade de análise a oração. Discorreremos primeiramente sobre a subfunção lógica, realizada pelos sistemas do complexo oracional e, em seguida, abordaremos a subfunção experiencial, realizada pelo sistema de transitividade no nível da oração.

Conforme Halliday e Matthiessen (2014), a metafunção ideacional lógica da linguagem compreende o estudo do complexo oracional. Este diz respeito às relações existentes entre as orações em um texto. Essas relações podem ser de dois tipos: táticas e lógico-semânticas.

As relações táticas (também conhecidas como *taxe* ou sistema tático) referem-se ao grau de interdependência entre as orações, o qual pode ser de igualdade ou desigualdade. Elas se dividem em paratáticas e hipotáticas. Nas primeiras, as relações entre as orações possuem igual status, enquanto nas segundas, as relações são de dependência, conforme veremos nos exemplos que serão trazidos no decorrer desta seção.

As relações lógico-semânticas dizem respeito à natureza da relação entre as orações, que se divide em dois tipos principais: a expansão, que engloba a extensão, a intensificação e a elaboração, e a projeção, que engloba o Relato e a Citação e é denominada de Locução nas orações verbais e Ideia nas orações mentais. A Figura 1 apresenta um resumo dos sistemas do complexo oracional.

Figura 1 – Sistemas do Complexo Oracional.



Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 438).

Neste estudo, nosso foco está na projeção de locução e, secundariamente, na expansão, conforme veremos a seguir na sequência da discussão dos elementos das orações verbais, especificamente o Alvo e a Verbiagem. Ambos são relevantes naquilo que têm de implicações na organização das relações oracionais do histórico do boletim de ocorrência de injúria, especificamente quanto à realização léxico-gramatical e lógico-semântica da representação da ofensa e dos atores sociais envolvidos nos conflitos de linguagem.

Por outro lado, a metafunção ideacional experiencial é realizada pelo sistema de transitividade, no qual a oração é a unidade básica de análise e

constitui a realização gramatical de significados que representam experiências materiais, relacionais, mentais, verbais, comportamentais e existenciais, cada qual com seus respectivos processos (de mesmo nome) e participantes (funções léxico-gramaticais), conforme resumido no Quadro 1.

Quadro 1 – As orações com seus significados experienciais e participantes

TIPOS DE ORAÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS	PARTICIPANTES (FUNÇÕES LÉXICO-GRAMÁTICAS)	EXEMPLOS DO <i>CORPUS</i> ⁶
MATERIAIS (Fazer e acontecer)	Ator, Meta, Escopo (Escopo-processo e Escopo-entidade), Beneficiário (Recebedor e Cliente), Atributo	1) Após a discussão Beltrano (Ator) pegou (proc. material) as roupas da comunicante (Meta). 2) A pessoa do outro lado, com voz de homem, deu uma gargalhada (Escopo-processo) debochada ⁷ . 3) Comunica que [o comunicante] (Ator) trabalha (proc. material) de chacrero há cerca de dois anos e quatro meses para Beltrana (Beneficiário Cliente).
RELACIONAIS (Caracterizar e identificar)	Portador e Atributo, Identificador e Identificado	1) [...] ela (Portador) é (proc. relacional) uma vaca, baleia, desgraçada, diaba (Atributos) [...]. 2) O acusado (Identificado) é (proc. relacional) o médico de sua mãe (Identificador).
MENTAIS (Perceber, pensar, sentir e desejar)	Experienciador e Fenômeno	O fato já se repetiu por várias vezes, fazendo a vítima (Experienciador) sentir-se (proc. mental) humilhada (Fenômeno).

⁶ Os tipos de processos e as funções desempenhadas pelas participantes estão entre parênteses, ao passo que os itens gramaticais aos quais eles se referem e os verbos estão destacados em itálico.

⁷ Exemplo extraído de Ribeiro (2014a)

VERBAIS (Dizer)	Dizente, Verbiagem, Alvo e Receptor	1) Beltrano (Dizente) chamou (proc. verbal) a comunicante (Alvo) de vagabunda, caco, loira burra [...] (Verbiagem). 2) O comunicante (Dizente) pediu (proc. verbal) para o marido de Beltrana, Sicrano (Receptor) ajudar a empurrar o veículo.
COMPORTAMENTAIS (Comportar-se)	Comportante e Comportamento	Ele (Comportante) gritava (proc. comportamental) na frente da casa (Circunstância).
EXISTENCIAIS (Existir)	Existente	Quando foi receber, houve (proc. existencial) uma discussão com o proprietário Beltrano (Existente).

Fonte: com base em Halliday e Matthiessen (2014).

As categorias apresentadas no Quadro 1 são utilizadas neste estudo para a análise das funções léxico-gramaticais atribuídas aos atores sociais envolvidos nos conflitos injuriosos e ao comportamento linguístico ofensivo que caracteriza, na esfera jurídica, o crime de injúria. Em ambos os casos, essas funções léxico-gramaticais em sua relação com o ambiente de projeção oracional evidenciam as representações para os atores sociais e para a ofensa nos 40 BOs que constituem o *corpus* deste estudo.

Dentre os tipos de orações mostradas no Quadro 1, nosso foco está centrado nas orações verbais e seus participantes, porque elas são relevantes no desencadeamento do relato elaborado pelo policial atendente. Tal relato consiste tipicamente em representações do dizer do ofendido, o qual reporta a sua versão do comportamento linguístico ofensivo do ofensor que configura, na esfera jurídica, o crime de injúria.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), as orações verbais possuem quatro participantes: Dizente (aquele que diz alguma coisa, o próprio falante), Alvo (entidade atingida pelo processo de dizer), Receptor (aquele a quem o dizer é dirigido) e Verbiagem (aquilo que é dito pelo Dizente). Nos BOS, a ofensa pode se apresentar na Verbiagem, tipicamente realizada por grupos nominais na função de epítetos, ou numa oração projetada. Como veremos nas análises

dos BOs, a projeção, no nível do complexo oracional, está imbricada com as realizações léxico-gramaticais no nível da oração como representação da experiência humana, sobretudo a representação dos atores sociais e da ofensa.

ASPECTOS CONTEXTUAIS DA POLÍCIA JUDICIÁRIA

A polícia judiciária está entre as instituições do sistema de segurança pública brasileiro. Ela tem seus órgãos descritos no artigo 144 da Constituição Federal, que prevê uma pluralidade de polícias. O § 4.º do referido artigo 144 da Constituição Federal trata especificamente da Polícia Civil e prescreve que “às polícias civis, dirigidas por delegados de polícia de carreira, incumbem, ressalvada a competência da União, as funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais, exceto as militares” (BRASIL, 1988).

Ao estabelecer que a finalidade da polícia civil consiste em exercer as funções de polícia judiciária e apurar as infrações penais, o legislador quis dizer que a polícia civil, embora integrante do Poder Executivo, possui atribuições (ao elaborar procedimentos policiais e efetuar investigações criminais, preliminares ao processo penal) destinadas a levar ao Poder Judiciário os elementos necessários para que possa ser avaliada a viabilidade de instauração ou não de um processo criminal contra a pessoa apontada como autora de um fato que, em tese, configure uma infração penal, ou seja, um crime ou contravenção penal.

No Estado do Rio Grande do Sul, a constituição estadual dispõe, em seu artigo 133, que a Polícia Civil é dirigida pelo Chefe de Polícia, delegado de carreira da classe mais elevada, de livre escolha, nomeação e exoneração pelo Governador do Estado. No parágrafo único do artigo 133, há a disposição no sentido de que “são autoridades policiais os Delegados de Polícia de carreira, cargos privativos de bacharéis em Direito”. Já o artigo 134 prescreve que “a organização, garantias, direitos e deveres do pessoal da Polícia Civil serão definidos em lei complementar e terão por princípios a hierarquia e a disciplina”, os quais estão regulamentados no artigo 76 da Lei Estadual n.º 7.366/80, que dispõe sobre o estatuto dos servidores da Polícia Civil (RIO GRANDE DO SUL, 1980).

Ainda no âmbito estadual, a Lei n.º 10.994/97, que estabelece a organização básica da Polícia Civil, acrescenta, em seu artigo 7º, o princípio da

unidade de procedimento, o qual implica, expressamente, a exigência de uniformidade das ações da Polícia Civil no cumprimento de suas atribuições (RIO GRANDE DO SUL, 1997).

Relativamente a essas atribuições, que tipicamente constituem práticas sociais materializadas pela linguagem, trazemos a noção geral de gênero como ação social (MILLER, 1989), e as noções de sistema de atividades e sistema de gêneros (BAZERMAN, 2004), necessárias para a compreensão das suas funções sociais e de seu contexto de uso, destacando-se que, para cumprir as suas atribuições, a polícia civil realiza uma série de atividades instanciadas em vários tipos de texto, dentre os quais está o boletim de ocorrência.

Sob essa perspectiva, a polícia judiciária pode ser vista como um sistema de atividades organizadas e padronizadas em uma estrutura que utiliza vários conjuntos de gêneros. Esses estão inseridos dentro de um sistema de gêneros produzidos pelos seus integrantes nas suas interações internas e nas relações externas com outros atores sociais e que dão forma às atividades sociais da polícia judiciária.

No cumprimento de suas atribuições constitucionais, as atividades investigatórias da polícia judiciária são padronizadas e organizadas, no Estado do Rio Grande do Sul, em três procedimentos básicos: o inquérito policial, o termo circunstanciado e o procedimento de apuração de ato infracional. Em cada um deles é produzido um conjunto de gêneros resultante de atividades cartorárias, de investigação criminal e administrativas em geral, tais como portarias, despachos, ofícios, certidões, termos (de declarações, de informações, de vida pregressa, de juntada, etc.), autos (de apreensão, de arrecadação, de restituição, de prisão em flagrante, de reconhecimento, de arcação, de avaliação, de constatação, etc.), relatório (da autoridade policial, de serviço, de diligências), mandado de intimação, etc. Dentre esses gêneros, encontra-se o boletim de ocorrência, sobre o qual a seguir discorreremos, juntamente com a injúria, um dos crimes de linguagem contra honra.

O BOLETIM DE OCORRÊNCIA E A INJÚRIA COMO CRIME DE LINGUAGEM CONTRA A HONRA

Halliday (1989, p. 12) apontou a influência recíproca entre contexto e texto, formulando três conceitos para interpretar o contexto de situação no qual

determinado texto é produzido, a saber: campo, relações e modo. Partindo disso, Hasan (1989, p. 55), por sua vez, apresentou o conceito de configuração contextual.

A primeira variável da configuração contextual é o campo, o qual se refere àquilo que está acontecendo, à natureza da ação social em andamento. As relações dizem respeito a quem faz parte da ação social, ao status e aos papéis sociais e discursivos desempenhados pelos participantes envolvidos na interação social. Por fim, o modo diz respeito ao papel desempenhado pela linguagem, a organização simbólica do texto, o status e função da linguagem no contexto, o canal (oral e/ou escrito) e o modo retórico do texto (persuasivo, retórico, didático, etc.).

Martin (1992), por sua vez, denominou essas três variáveis de registro e, com relação à concepção de gênero, diferentemente de Halliday (1978), que considerava o gênero como um aspecto da variável modo, e Hasan, que buscava na variável campo os elementos obrigatórios da estrutura do texto, Martin e Rose (2008, p. 16) posicionam o gênero em um nível mais abstrato, além do registro, ou seja, no estrato do contexto de cultura, no qual ele funcionaria como um padrão de campo, relações e modo. Segundo essa concepção, cada gênero envolveria uma configuração específica das três variáveis e não somente de uma delas. Dessa forma, a noção de linguagem no contexto social como um sistema sociosemiótico integrado foi reformulada, sendo reconstruída a “situação” e a “cultura” como estratos sociosemióticos do registro e do gênero, respectivamente. Nessa perspectiva, gêneros são considerados como configurações recorrentes das variáveis do registro.

Com relação às configurações recorrentes das variáveis do registro no BO, uma descrição geral do texto⁸ está resumida no Quadro 2.

8 Um estudo mais amplo sobre o BO, sua configuração contextual e estrutura retórica, com base em Swales (1990), é encontrado em Ribeiro (2014a).

Quadro 2 – O BO e suas variáveis contextuais recorrentes.

VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO	BOLETIM DE OCORRÊNCIA
<p>Campo do Discurso: o que está acontecendo na ação social.</p>	<p>É um texto geralmente destinado a informar a polícia sobre a ocorrência de uma infração penal (uma violação à lei penal) e, caso identificado, o seu autor ou suspeito. É comum, porém, as pessoas comparecerem em uma delegacia de polícia para comunicar fatos que não necessariamente configuram infração penal, tais como perda de documento, descumprimento de contrato, etc.</p>
<p>Relações do Discurso: quem está participando da ação social.</p>	<p>Geralmente participam do processo de produção do BO a vítima ou outra pessoa (testemunhas, policiais militares, etc.), o policial atendente, que digita o BO e, às vezes, testemunhas e suspeitos, caso estejam presentes no momento do registro. A assimetria das relações sociais entre tais participantes é evidente no que diz respeito aos suspeitos ou autores de crimes e suas vítimas e testemunhas, pois estas podem se sentir intimidadas por aqueles. Entre o policial atendente e demais participantes a relação é, da mesma forma, tipicamente assimétrica, uma vez que o policial representa o poder coercitivo do Estado. Logo, a distância social entre eles é, geralmente, máxima. Porém, essa distância pode ser diminuída, por exemplo, quando o comunicante do BO é também policial.</p>
<p>Modo do Discurso: que papel é desempenhado pela linguagem.</p>	<p>No BO, o papel exercido pela linguagem é constitutivo; o canal é gráfico e a participação de interlocutores na produção do texto é tipicamente passiva; a mensagem do texto é transmitida a potenciais interlocutores por intermédio do meio escrito e do canal gráfico.</p>

Fonte: Ribeiro (2010).

A descrição da natureza da prática social, das relações entre seus participantes e do papel da linguagem nesse contexto apresentada no Quadro 2

permite-nos compreender as condições contextuais que influenciam a realização linguística do BO, cujo exemplo impresso é mostrado na Figura 2.

Figura 2 – Modelo impresso de um BO de injúria.

POLICIA CIVIL - ITAARA FOLHA 1
OCORRENCIA 390/2005 SIMPLES 28/09/2009 10:24:00
ORGAO 150556 - ITAARA

REGISTRO : 26/09/2005 as 14:14 horas COMUNICACAO: PESSOAL TRANSMIT.
MICRO : 7B02 - MONO

FATO : INJURIA
CONSUMADO
INICIO : 25/09/2005 as 17:30 horas ate 25/09/2005 as 18:00 horas
LOCAL : BR 158 - ITAARA RS - BRASIL
VIA PUBLICA
CEMITERIO
AREA : URBANA
FORMA :
INSTRUMENTO:
ATUACAO :
VIAS ACESSO:

HISTORICO: A COMUNICANTE COMPARECE NESTA DP PARA REGISTRAR QUE EM DATA, HORARIO E LOCAL ACIMA INFORMADOS O SR [REDACTED], O QUE ACUSOU O SEU COMPANHEIRO [REDACTED] DE ROUBO, LHE OFENDEU DIZENDO - PS GOSTOSA VEM DAR PARA MIM - QUE A CHAMAVA FAZENDO GESTOS COM A MAO ENQUANTO DIZIA ISSO. QUE NAO HOUE TESTEMUNHAS DO FATO. FOI CIENTIFICADA DE QUE TEM O PRAZO DECADENCIAL DE SEIS MESES CONTADOS DA DATA DO OCORRIDO PARA, EM QUERENDO, EXERCER O SEU DIREITO DE REPRESENTACAO CRIMINAL.

ORGAO DE DESTINO: ITAARA / DELEGACIA DE POLICIA

PARTICIPANTE 1 - VITIMA PRESENTE
NOME : [REDACTED]
FILIACAD : [REDACTED] E [REDACTED]
NASCIDO : 12/11/1983 FEMININO BRANCA SOLTEIRO
INSTRUCAD : ENSINO FUNDAMENTAL COR DOS OLHOS: CASTANHO
NATURAL : SANTA MARIA - RS BRASILEIRO NATO
DOCUMENTO: CARTEIRA IDENTIDADE [REDACTED] SJS - RS MOVE 5
C.N.H. :
RESIDE EM: RUA [REDACTED], [REDACTED] /CASA, BALN JARDIM BRASILIA, ITAARA - RS -
BRASIL CEP 97185-000
PROFISSAD : CARGO:
TRABALHA :
C.FISICA : NORMAL
A VITIMA DESEJA VER PROCESSADO? SIM() NAO(X)

(a) _____

DESTINO 1a VIA:

EQUIPE : A
ATENDENTE: 4063259421 LUIZA CAROLINA CARVALHO DE CASTRO (a) _____

CHEFE PLT: 8002146226 JOAO CARLOS VILLANI LORENZONI (a) _____

TITULAR
DO ORGAO : 6040889021 VLADIMIR PEUKERT URACH (a) _____

Fonte: Ribeiro (2010, p. 2).

Trouxemos a Figura 2 para mostrar o local em que se situa o histórico do BO, o qual tipicamente se constitui de eventos criminosos relatados pelo policial – a voz autoral que atribui a outras vozes os eventos que lhe são comunicados. Essas outras vozes a que o policial atribui os conteúdos do dizer são basicamente de dois atores sociais: a do comunicante/vítima da ofensa e a do ofensor, a quem é imputada a autoria da ofensa.

Os fatos ofensivos, dessa forma, são relatados pelo comunicante/vítima ao policial civil que atende a ocorrência. Este, ao produzir o texto com base nos eventos que lhe são reportados, utiliza-se recorrentemente de opções oferecidas pelo sistema linguístico que consistem em recursos léxico-gramaticais no nível da oração e do complexo oracional que dão forma à estrutura do histórico do BO.

No contexto de cultura, as características presentes no histórico do BO, que provêm da sequência circunstanciada de eventos reportada pelo comunicante ao policial atendente da ocorrência, são compatíveis com o gênero relato. Na abordagem de gêneros da Linguística Sistemico-Funcional, também conhecida como Escola de Sidney, o relato consiste em um gênero da família das estórias⁹ cujo propósito é relatar eventos, passando pelas etapas de orientação e registro de eventos, diferentemente, por exemplo, do gênero narrativa, que abrange as etapas orientação, complicação, avaliação e resolução (ROSE e MARTIN, 2012, p. 56).

Os crimes de linguagem, conforme afirmamos na introdução deste capítulo, são comportamentos linguísticos que constituem uma violação à lei penal e abrangem várias infrações penais que utilizam da linguagem para sua perpetração, tais como a ameaça, a extorsão, a concussão, etc. Dentre essas infrações penais, encontramos os crimes contra a honra, assim chamados porque, quando praticados, configuram uma ofensa à honra da vítima. Em virtude disso, denominamos essas infrações de crimes de linguagem contra a honra, dos quais fazem parte a calúnia, a difamação e a injúria, objeto de estudo nos BOs que compõem o *corpus* analisado neste capítulo.

A definição legal do crime de injúria, explicitada na introdução deste capítulo, está prevista basicamente no artigo 140 do Código Penal e se caracteriza pelo ato de “insultar alguém, ofendendo lhe a dignidade ou decoro”. Inserida no grupo

9 A família de gêneros das estórias abrange, além do relato, os gêneros narrativa, *exemplum*, episódio e observação.

dos crimes de linguagem contra a honra, ao lado da calúnia e da difamação, a injúria é, porém, dentre os três, na sua tipificação básica, o crime com a pena mais branda.

Em Franco et al. (1995, p. 1783) encontramos algumas definições jurisprudenciais para o crime de injúria, dentre as quais a de que injuriar é humilhar, achincalhar, ofender, ridicularizar, atentar contra a honra. É o proposital, consciente e maldoso menosprezo à pessoa do próximo, condenado pelo direito positivo de todas as nações civilizadas e pela moral cristã, exteriorizado mediante os pronunciamentos verbais de impropérios ultrajantes ou por escritos, gestos ou qualquer outro meio malicioso. Por vezes, a injúria é velada, como no caso em que além de expressões escritas ofensivas forem usados símbolos, enigmas e caricaturas, é pior que a explícita, principalmente quando expõe a vítima ao escárnio público.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, previamente à escolha dos 40 BOs que compõem o *corpus*, examinamos 959 históricos de BOs de injúrias, nos quais identificamos e categorizamos oito pares de atores sociais mais recorrentes, sendo eles: vizinho(a) *versus* vizinho(a), ex-marido *versus* ex-mulher, marido *versus* mulher, fornecedor *versus* cliente, sogra *versus* genro/nora, patrão/patroa *versus* empregado(a), pais *versus* filhos(as), sogro *versus* genro/nora, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Quantificação dos pares de atores sociais.

PARES DE ATORES SOCIAIS		QUANTIDADE
1.	Vizinho (a) <i>versus</i> vizinho (a)	203
2.	Ex-marido <i>versus</i> ex-mulher	109
3.	Marido <i>versus</i> mulher	84
4.	Fornecedor <i>versus</i> cliente	63
5.	Sogra <i>versus</i> genro/nora	27
6.	Patrão (oa) <i>versus</i> empregado (a)	27
7.	Pais <i>versus</i> filhos (as)	26
8.	Sogro <i>versus</i> genro/nora	8
SUBTOTAL		547
OUTROS		412
TOTAL		959

Fonte: Ribeiro (2014a)

A categorização demonstrou que há 547 BOs com pares de atores sociais com maior recorrência. Restaram 412 BOs cujos atores sociais envolvidos foram categorizados com a designação de *outros* (isso se deveu ao fato de esses BOs não apresentarem dados suficientes para esclarecer quem eram os atores sociais envolvidos e/ou qual era a relação entre eles).

Após a categorização, para a composição do *corpus* destinado à análise qualitativa da linguagem usada para representar a ofensa e os atores sociais nos BOs de injúria, dentre os 959 históricos de BOs, foram selecionados, aleatoriamente, cinco para cada um dos oito pares de atores sociais listados na Tabela 1, totalizando 40 textos, os quais estão identificados pelas iniciais BOI (Boletim de Ocorrência De Injúria), seguidas do sinal de numeração (#) e numerados sequencialmente de 1 a 40 (exemplo: BOI #1). Os 40 textos escolhidos possibilitam termos uma amostra razoável de BOs para uma análise de realizações léxico-gramaticais que constituem representações para a ofensa e para os pares de atores sociais categorizados envolvidos nos boletins de ocorrência de crimes de injúria.

Em razão da exigência legal de preservação da privacidade, além da mudança dos números de endereços para o algarismo zero, os nomes das pessoas envolvidas foram substituídos por *Fulano* para referir-se à vítima, *Beltrano* para referir-se ao autor/suspeito, *Sicrano* para testemunhas, e *Tetrano* para outros participantes, seguidos de um número sequencial quando houver mais de um envolvido do mesmo tipo (Ex.: *Beltrano 1*, *Beltrano 2*), conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Códigos de referência aos atores sociais mencionados nos BOs que constituem o *corpus* de análise.

Código	Ator social citado no BO
FULANO	Vítima/ofendido
BELTRANO	Autor/ofensor
SICRANO	Testemunha
TETRANO	Outros

Fonte: RIBEIRO (2014a).

Feitas as considerações acerca dos procedimentos metodológicos desta pesquisa, passamos a abordar os principais padrões de realização léxico-gramatical dos BOs de injúria a partir da estrutura da projeção oracional.

ESTRUTURA PROJECIONAL E REALIZAÇÕES LÉXICO-GRAMATICAIIS DE REPRESENTAÇÕES PARA ATORES SOCIAIS E PARA A OFENSA

Nesta seção, por primeiro, apresentamos os padrões de realização léxico-gramatical dos BOs de injúria que compõem o *corpus*, a partir da análise e descrição da estrutura de projeção e, eventualmente, da expansão, caracterizando a sua estrutura quanto aos complexos oracionais. O exame da projeção abrange a relação existente entre orações verbais projetantes e orações projetadas, envolvendo os seis tipos de processos (materiais, relacionais, mentais, verbais, comportamentais e existenciais) e serve, neste estudo, para demonstrar, no nível do complexo oracional, o ambiente da função lógica da linguagem no qual ocorrem as representações da ofensa e dos atores sociais envolvidos no evento ofensivo como estrutura recorrente em históricos de BOs de injúria.

Por segundo, passamos à análise das escolhas linguísticas que constroem representações para a ofensa e para pares de atores sociais envolvidos nos BOs de injúria na condição de ofensor e ofendido. Com base nas principais recorrências constatadas, realizamos a descrição e discussão das realizações léxico-gramaticais, revelando as funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade mais frequentes para os atores sociais.

Padrões de realização léxico-gramatical da projeção em BOs de injúria

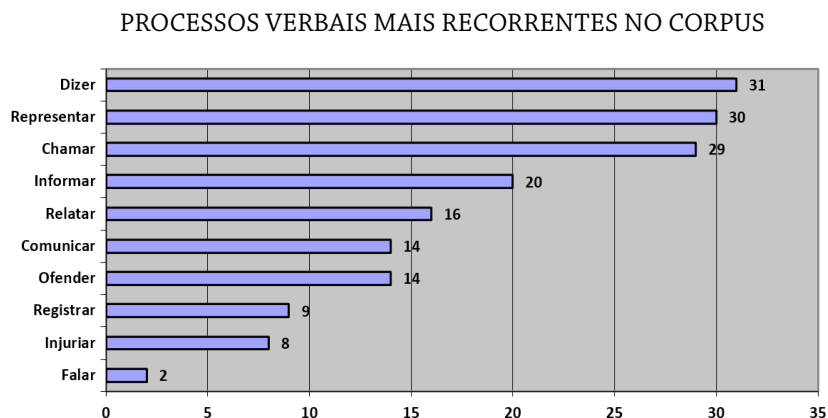
Conforme veremos no Quadro 4, no nível do complexo oracional, o histórico do BO possui uma característica resultante de um tipo de oração predominante em discursos relatados. Referimo-nos aqui às orações verbais, que realizam o conteúdo do *dizer* (a Verbiagem, quando realizada por um grupo nominal) e que apresentam a possibilidade de projetá-lo, por intermédio de outra oração (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Nessa alternativa, há uma relação lógica entre duas orações denominada de projeção.

No caso do histórico dos BOs do *corpus*, a oração projetante inicial é tipicamente realizada por uma oração verbal que desencadeia todo o relato do

BO em uma sequência de orações subsequentes, projetadas ou não. As orações projetadas podem ser realizadas pelos seis tipos de orações integrantes do sistema de transitividade. No *corpus* em análise, encontramos nas orações projetadas representações realizadas por orações materiais, relacionais, mentais, comportamentais, existenciais e até mesmo verbais.

Os processos verbais, necessários para reportar o *dizer* de outrem e para o desencadeamento do relato, localizados tipicamente no início do histórico do BO, estão presentes, pela sua própria natureza, em todos os 40 exemplares selecionados. Na Figura 3 verificamos verbos que realizam os processos verbais mais recorrentes no *corpus*.

Figura 3: Verbos que realizam processos verbais mais frequentes no *corpus*



Dos processos verbais mostrados na Figura 3, o processo “dizer” é o mais recorrente, evidenciando a natureza do relato como uma sequência de eventos em dadas circunstâncias que contém representações daquilo que é “dito” pelos atores envolvidos na prática social instanciada no texto do BO. O processo “dizer” é empregado em várias situações no *corpus*, inclusive, juntamente com “chamar”, “ofender”, “injuriar” e “falar”, para representar a ofensa na voz do ofensor como aquele que profere a ofensa, ou seja, o Dizente. Salientamos que, para essa finalidade específica, o processo “chamar” é o mais recorrente, tendo preferência de uso sobre os demais. O Quadro 4 mostra exemplos de realizações desses processos no *corpus*.

Quadro 4 – Processos tipicamente usados para representar a ofensa na voz do ofensor.

PROCESSOS VERBAIS	EXEMPLOS
Chamar	HÁ TRÊS MESES O ACUSADO <i>CHAMOU</i> A COMUNICANTE DE VAGABUNDA, TEU MARIDO É UM CORNO (SIC.). (BOI #2)
Ofender	A VÍTIMA ¹ COMUNICA QUE [...] QUANDO CHEGOU O ACUSADO QUE E SEU EX-MARIDO E PASSOU A LHE <i>OFENDER</i> CHAMANDO-A DE MISERÁVEL E OUTROS IMPROPÉRIOS. (BOI #9)
Dizer	NARRA A VÍTIMA QUE A ACUSADA ESTEVE EM SUA RESIDÊNCIA E COLOCOU O DEDO EM SUA FACE <i>DIZENDO</i> QUE A MESMA ERA CALOTEIRA, 171, SEM VERGONHA QUE ELA TERIA COMPRADO JOIAS PARA GIGOLÔS. (BOI #20)
Injuriar	A COMUNICANTE VEM SENDO <i>INJURIADA</i> COM PALAVRAS OFENSIVA CONTRA A SUA PESSOA, PROFERIDAS PELOS SEUS PAIS. PALAVRAS DO TIPO VAGABUNDA FEDORENDA, RELAXADA, PORCA, PREGUIÇOSA. (BOI #31)
Falar	RELATA QUE FOI OFENDIDA VERBALMENTE POR BELTRANO, VULGO DULE, O QUAL [...] PASSOU A FALAR PALAVRAS DE BAIXO CALÃO COMO ALEJADA, CAPENGA, VAGABUNDA, VELHA MAIS SEM VERGONHA, DESGRAÇADA. (BOI #24)

Fonte: Ribeiro (2014a).

Por outro lado, os processos verbais realizados por “informar”, “relatar” e “comunicar” são usualmente empregados para representar a voz da vítima/comunicante no relato da sequência de eventos ao policial atendente (em elipse). O processo verbal “representar”, por sua vez, está presente tipicamente no final do histórico do BO e tem a finalidade de fazer com que a vítima/comunicante se manifeste expressamente quanto ao seu interesse de que o ofensor seja responsabilizado criminalmente pela injúria. O processo verbal “registrar” é utilizado em situações diversas, sobretudo naquelas relativas ao ato de registrar o BO. Assim como os demais processos desse grupo, os verbos “representar” e “registrar” também representam tipicamente a voz da vítima como Dizente. O Quadro 5 mostra exemplos de realizações desses processos verbais.

Quadro 5 – Processos tipicamente usados para representar a voz da vítima.

PROCESSOS VERBAIS	EXEMPLOS
Informar	<i>INFORMA</i> [PARA O POLICIAL ATENDENTE] QUE FOI A UMA CONSULTA MÉDICA NO HOSPITAL SANTA MARTA, QUANDO O PROFISSIONAL QUE O ATENDIA [...] DR. BELTRANO O CHAMOU DE NEGRO, VELHO E BURRO. (BOI #19)
Relatar	<i>RELATA</i> [PARA O POLICIAL ATENDENTE] QUE FOI INJURIADO POR BELTRANA A QUAL CHAMOU O COMUNICANTE DE FILHO DA PUTA, SUJO, QUE TINHA QUE ESTAR MORTO, QUE TEM AIDS, E RENGU, CACHORRO. (BOI #3)
Comunicar	<i>COMUNICA</i> [PARA O POLICIAL ATENDENTE] NESTA DPPA QUE SUA EX-COMPANHEIRA [...] VEM O CONSTRANGENDO EM VIA PUBLICA, CHAMANDO-O DE VAGABUNDO, SEM VERGONHA, CHINELAO [...]. (BOI #8)
Representar	O COMUNICANTE MANIFESTA VONTADE EXPRESSA DE <i>REPRESENTAR</i> CRIMINALMENTE CONTRA A ACUSADA. (BOI #28)
Registrar	HÁ TRÊS MESES O ACUSADO CHAMOU A COMUNICANTE DE VAGABUNDA, TEU MARIDO É UM CORNO (SIC.) NA OCASIÃO A COMUNICANTE RESOLVEU NÃO <i>REGISTRAR</i> OCORRÊNCIA. (BOI #2)

Os processos verbais mostrados nos Quadros 4 e 5 servem de núcleo de orações verbais, as quais geralmente estabelecem relações de projeção com as orações subsequentes, podendo ainda ser simultaneamente orações projetadas de orações verbais que as antecedem. Essas relações de projeção, como veremos mais adiante nas análises, podem ter pelo menos duas finalidades básicas relativamente às representações de atores sociais e de ofensas nos históricos dos 40 BOs sob análise.

Por um lado, as orações verbais projetantes que iniciam o histórico do BO desempenham o papel de delimitar a voz do comunicante/vítima dos fatos ofensivos e desencadear o desenvolvimento do relato. Por outro lado, as orações projetadas servem tipicamente para abrigar a representação dos fatos ofensivos – carregados de avaliação atitudinal¹⁰– que, na esfera jurídica, configuram o crime de injúria, bem como as suas circunstâncias e providências diversas quanto ao evento noticiado.

10 Uma análise sobre avaliações atitudinais no *corpus* foi feita por Ribeiro e Fuzer (2014) e Ribeiro (2014a, 2014b).

O Quadro 6 apresenta uma visão geral da estrutura de projeção presente no histórico do BOI #1, recorrente em 33 BOs do *corpus*, com o desencadeamento do relato nas orações projetantes e a representação da ofensa predominantemente nas orações projetadas, cuja configuração será, na sequência, comentada¹¹.

Quadro 6 – Exemplo de análise de projeção do histórico de um BO de Injúria (BOI #1).

“(1) COMPARECE NESTE ORGAO A SR. FULANA		(2) PARA [FULANA] INFORMAR
		<i>Oração verbal projetante</i>
(3) QUE [FULANA] ESTA SEPARANDO-SE DE SEU MARIDO BELTRANO. (4) E QUE TODOS OS DIAS BELTRANO CHEGA BEBADO EM CASA . (5) E COMECA A OFENDE-LA COM PALAVRAS DE BAIXO CALAO		(6) [BELTRANO] DIZENDO,
Orações projetadas de (2)		Oração verbal projetante
(7) QUE ELA E UMA VACA, BALEIA, DESGRACADA, DIABA, (8) QUE NAO VALE NADA		(9) E [BELTRANO] DIZ
Orações projetadas de (6)		Oração verbal projetante
(10) PARA [FULANA] PEGAR SUAS COISAS (11) E IR EMBORA.		(12) [FULANA] SALIENTA
Orações projetadas de (9)		Oração verbal projetante
(13) QUE O ACUSADO JA VEM OFENDENDO-A (14) A ALGUM TEMPO.	(15) [FULANA] DESEJA	(16) REPRESENTAR
Oração projetada de (12)	Oração mental projetante	Oração projetada macrofenomenal
17) E REQUER AS MEDIDAS PROTETIVAS DA LEI MARIA DA PENHA”.		

Fonte: Ribeiro (2014a).

11 As orações estão numeradas entre parênteses e os processos destacados em itálico. Os participantes em elipse estão entre colchetes.

No Quadro 6, a estrutura de projeção é formada pela oração verbal projetante (2), nucleada pelo processo *informar*, que desencadeia uma série de orações projetadas (Relatos) com diferentes tipos de processos. Nessa estrutura de projeção, realiza-se a atribuição dos fatos a diferentes vozes no gênero relato instanciado nos BOs de injúria. Dessa forma, a oração verbal (2), nucleada pelo processo *informar*, representa a voz da vítima da injúria como Dizente que informa o conteúdo do fato ofensivo, cuja descrição inicia nas orações projetadas (3), (4) e (5) e se expande a partir da oração (6). A oração (6), por sua vez, é nucleada pelo processo *dizendo*, que representa a voz do ofensor, *Beltrano*, a quem é atribuído o dizer ofensivo (*que ela é uma vaca, baleia, desgraçada, diaba, que não vale nada*) descrito nas orações projetadas (7) e (8). Na oração (9), nucleada pelo processo *diz*, que projeta as orações (10) e (11), continua sendo representada a voz do ofensor. A oração (12), nucleada pelo processo *salienta*, representa novamente a voz da vítima ofendida e projeta as orações (13) e (14), as quais contêm a voz atribuída ao ofensor.

Há, ainda, uma última projeção, característica do final do histórico dos BOs de crimes contra a honra, que consiste em uma projeção realizada pela oração mental desiderativa (15), a qual projeta a oração macrofenomenal (16). Nessa projeção mental, [*Fulana*] *deseja representar*, a Experienciadora *Fulana*, em elipse, manifesta a vontade de representar, o que significa apresentar uma representação¹² contra o ofensor a fim de que ele seja responsabilizado penalmente pelo crime cometido, no caso exemplificado, a injúria. Nesse sentido, no âmbito jurídico, a representação consiste em um pedido expresso, oral ou escrito, formulado pela vítima para que o autor do crime seja processado na justiça¹³.

O crime de injúria está representado na oração verbal projetante (6), e nas projetadas (7) e (8), precisamente no excerto [*Beltrano*] *dizendo, que ela é uma vaca, baleia, desgraçada, diaba, que não vale nada*. Salientamos, por fim,

12 O termo “representação”, como resultado do ato de “representar”, o qual aparece com frequência no histórico dos BOs do *corpus* (vide Figura 3) aqui está sendo usado na sua acepção jurídica e consiste em um pedido expresso, oral ou escrito, formulado pela vítima para que o autor do crime seja processado criminalmente na justiça. Nesse sentido, não se confunde com o termo “representação” na acepção da Gramática Sistemico-Funcional, segundo a qual a oração constitui sua unidade básica de análise, sendo considerada um construto plurifuncional com três significados, um dos quais o de representação das experiências humanas.

13 Nos crimes contra honra, a ação penal é, em geral, privada. Não obstante seja usado equivocadamente em quase todas as situações de crimes de linguagem contra a honra, o verbo “representar”, ou seja, o direito de oferecer representação contra o autor da infração, somente é cabível quando a ofensa configurar crime de ação penal pública condicionada à representação, nas situações previstas no artigo 145, parágrafo único (segunda parte), do Código Penal.

que a oração (5) configura uma oração verbal nucleada por um processo verbal de alvo que tipicamente não realiza projeção, mas a expansão por elaboração.

Finalizada a descrição da estrutura de projeção do BO de injúria, cabe destacar que, quando são encontradas nas orações projetadas orações verbais, estas podem exercer o que denominamos de dupla projeção (de duas vias) ou metaprojeção (RIBEIRO, 2014a; RIBEIRO e FUZER, 2014) porquanto funcionam, simultaneamente, como oração projetada da oração verbal que a antecede e como oração projetante das que a sucedem. Isso ocorre no exemplo 1, em que a estrutura da projeção com a atribuição das vozes será também descrita.

Exemplo 1

[A vítima] comparece a esta delegacia		
(1) <i>para [a vítima] comunicar</i>	(2) <i>que, «na data e hora citados, ao entrar no seu quarto», seu marido, Beltrano, lhe disse:</i>	(3) <i>– chegou o demônio.</i>
Oração verbal projetante	Oração verbal projetada de (1) e projetante verbal de (3)	Oração projetada de (2) Citação

[BOI #12]

No excerto do histórico do BOI #12, há uma estrutura de projeção com a ocorrência de duas orações projetantes formadas pelas orações verbais (1) e (2). A primeira oração projetante, nucleada pelo processo *comunicar*, representa a voz da vítima da injúria como Dizente que comunica o conteúdo do fato ofensivo descrito nas orações projetadas (2) e (3). Na oração projetada (2), nucleada pelo processo *disse*, está representada a voz do ofensor, *seu marido Beltrano*, que segue na oração projetada (3), nucleada pelo processo material *chegou*, seguido do substantivo depreciativo *demônio*.

Salientamos que a oração (2), que atribui o dizer ofensivo (*– chegou o demônio*) à voz de *seu marido Beltrano*, desempenha a função de dupla projeção, porquanto opera simultaneamente como oração projetada da oração verbal (1) e como oração projetante da oração material (3). Essa estrutura de projeção oracional configura a metaprojeção e delimita precisamente as duas vozes envolvidas nos processos do evento relatado: o do ofensor (*seu marido Beltrano*) e a da ofendida (*vítima*).

Observe-se, porém, que é o policial civil atendente do BO, por meio do processo *comunicar*, quem atribui à voz da vítima os fatos relatados no BO e a vítima, por sua vez, atribui o dizer ofensivo ao *seu marido Beltrano*. A “projeção da projeção”, na realidade, está em consonância com a própria natureza da projeção oracional, que, conforme Halliday e Matthiessen (2004, p. 441), consiste na “relação lógico-semântica na qual a oração funciona não como representação direta da experiência (não-lingüística), mas como representação da representação (lingüística)”¹⁴.

Salientamos, por fim, que a oração projetada *chegou o demônio* é do tipo Citação, pois procura representar a reprodução literal da fala atribuída à voz do ofensor. No contexto da polícia judiciária, a opção pela Citação, com a representação do que seria a própria fala do ofensor e por conseguinte da ofensa, traz mais força de convencimento na análise do conteúdo lingüístico como prova no processo penal, pois a reprodução literal da fala pode ser uma maneira de chegar-se mais próximo ao evento real que redundou na interação lingüística conflituosa.

A seguir, passamos a apresentar as representações para os atores sociais nos BOs de injúria no sistema léxico-gramatical, levando em conta os componentes da oração e suas funções no sistema de transitividade.

Funções léxico-gramaticais para atores sociais nos BOs de injúria

Conforme já salientamos, a oração é a unidade básica de análise para a GSF e um de seus três significados é justamente o de representar as experiências humanas, o que ocorre por meio das funções léxico-gramaticais de seus componentes. Tendo isso em mente, analisamos os BOs de injúria que compõem o *corpus*, os quais apresentaram a quantificação dos dados resultantes da análise léxico-gramatical, realizada com base nas categorias do sistema de transitividade, no nível da oração, no âmbito da metafunção ideacional experiencial da linguagem, conforme apresenta a Tabela 2.

14 No original: “the logical-semantic relationship whereby a clause comes to function not as a direct representation of (nonlinguistic) experience but as a representation of a (linguistic) representation”

Tabela 2 – Quantificação das funções léxico-gramaticais dos participantes das orações analisadas no *corpus*

TABELA DE QUANTIFICAÇÃO DAS FUNÇÕES LÉXICO-GRAMATICAIS											
ATORES SOCIAIS	PARTICIPANTES										
	Diz.	Alvo	Port.	Atr.	Recep.	Voc.	Verb.	Ator	Meta	Idr	Ido
VIZINHO(A) X VIZINHO(A)	6	4	2	2	1	3	4		6	1	1
EX-MARIDO X EX-MULHER	7	6	-	-	-	1	5	1	-	-	-
MARIDO X MULHER	8	4	1	1	1	-	2	1	-	-	-
FORNECEDOR X CLIENTE	8	3	6	6	-	1	4	3	-	-	-
SOGRA X GENRO/ NORA	5	2	1	1	-	-	4	-	-	-	-
PATRÃO(OA) X EMPREGADO(A)	7	5	-	-	-	1	4	2	-	-	-
PAIS X FILHOS(AS)	10	10	-	-	-	-	7	-	-	-	-
SOGRO X GENRO/ NORA	7	6	-	-	-	-	5	-	-	-	-
TOTAL	58	40	10	10	2	6	35	7	6	1	1

OBS.: Idr = Identificador, Ido = Identificado, Diz = Dizente, Port = Portador, Atr = Atributo, Recep = Receptor, Voc = Vocativo e Verb = Verbiagem

As análises evidenciam que, no aspecto léxico-gramatical, os ofensores exercem tipicamente a função de Dizente (58 ocorrências) das ofensas verbais, ao passo que os ofendidos aparecem tipicamente na função de Alvo (40 ocorrências) das ofensas, as quais, por sua vez, predominam na função de Verbiagem (35 ocorrências). Essa recorrência revela um padrão léxico-gramatical que denominamos de Dizente-Alvo-Verbiagem, que corresponde, respectivamente, a ofensor-ofendido-ofensa, conforme vemos num conflito verbal representado no exemplo 2.

Exemplo 2

COMUNICA QUE SEU SOGRO, BELTRANO, 70 ANOS, QUANDO BEBE PROFERE PALAVRAS OFENSIVAS A SUA PESSOA, FATO QUE OCORREU NO DOMINGO, 04/09/2011, QUANDO			
<i>ELE</i>	<i>LHE</i>	<i>CHAMOU</i>	* <i>VADIA, VAGABUNDA</i> * [...]
Dizente	Alvo	Processo verbal	Verbiagem

[BOI #40]

Fonte: Ribeiro (2014a).

No padrão Dizente-Alvo-Verbiagem, no BOI #40, o participante *seu sogro* (retomado pelo pronome *ele*) exerce a função de Dizente, em uma oração verbal (nucleada pelo processo *chamou*¹⁵) em que a vítima (referida pelo pronome *lhe*) é Alvo dos epítetos ofensivos descritos na Verbiagem (*vadia, vagabunda*). A Verbiagem, nesse caso, aparece como elemento de uma oração verbal simples. Logo a vítima (a nora) é representada, na função de Alvo, como sendo *vadia e vagabunda*, que tem como Dizente o participante *seu sogro*.

¹⁵ É preciso destacar que, do ponto de vista da ergatividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 299), há possibilidade de *chamar* ser considerado um processo relacional, caso em que, no contexto da interação entre ofensor e ofendido, os epítetos *vadia* e *vagabunda* exerceriam a função de Atributo. Entretanto, optamos por considerá-los Verbiagem tendo em vista que levamos em consideração o contexto do relato feito pelo policial no histórico do BO, no qual predominam as representações do *dizer*, tipicamente realizadas por processos verbais. Note-se que os processos verbais estão situados na fronteira entre os processos relacionais e mentais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 248), o que pode ensejar situações interpretativas dúbias a serem dirimidas pelo analista de acordo com o contexto.

No que concerne ao complexo oracional, constatamos nos 40 BOs que 25 orações projetadas continham a representação das ofensas, das quais 17 consistiam em Citação e 8 em Relato. No exemplo 3, podemos observar a descrição das ofensas em uma oração projetada por Citação.

Exemplo 3

<i>NA ULTIMA SEXTA-FEIRA,</i>	<i>BELTRANA [...]</i>	<i>DISE: [sic]</i>
Circunstância	Dizente	Processo verbal
Oração projetante		
<i>TU</i>	<i>EH</i>	<i>LOUCA, UMA DOENTE MENTAL, UM BICHO [[QUE VIVE ISOLADA]] [...].</i>
Portador	Processo relacional	Atributos
Oração projetada do tipo Citação		

[BOI #5]

O padrão Portador-Atributo (que corresponde a ofendido-ofensa), no BOI #5, a vizinha ofensora exerce a função de Dizente em uma oração verbal projetante de uma Citação, na qual está reprodução da voz da ofensora e a representação da ofensa por meio da oração relacional, na qual a vizinha ofendida, representada pelo pronome *Tu*, aparece como Portador dos Atributos *louca, doente mental, um bicho que vive isolada*. Este último Atributo é realizado por uma oração comportamental encaixada (que tem *status* de grupo nominal) na qual *um bicho* (designação dada à ofendida) exerce a função de Comportante cujo Comportamento é *que vive isolada*. Dessa forma, a ofendida é representada como quem possui um transtorno mental e que se comporta como um animal isolado.

Já no exemplo 4, vemos que a descrição da ofensa está ambientada em uma oração projetada do tipo Relato.

Exemplo 4

COMUNICA QUE TRABALHA DE CHACRERO HA CERCA DE DOIS ANOS E QUATRO MESES PARA BELTRANA, QUE EM DATA E HORA SUPRAMENCIONADOS,			
SUA PATROA	LHE	CHAMOU	DE RELACHADO, INCOMPETENTE [...]
Dizente	Alvo	Processo verbal	Verbiagem
Oração projetada do tipo Relato			

[BOI #28]

No excerto de BOI #28, assim como no BOI #40, constatamos novamente o padrão Dizente-Alvo-Verbiagem, no qual *sua patroa* (ofensora) exerce a função de Dizente, em uma oração verbal projetada do tipo Relato (nucleada pelo processo *chamou*) em que o ofendido (indicado pelo dêitico *lhe*) é Alvo dos epítetos ofensivos *relachado* (sic) e *incompetente* apresentados na Verbiagem.

Por fim, além das funções de Verbiagem, presente nos BOs # 28, #30 e # 40, e de Atributo, conforme demonstrado no BOI#5, as ofensas, no nível da oração, exercem também a função de Vocativo/Ator (em Citação)¹⁶, conforme podemos ver no exemplo 5.

Exemplo 5

TAL MULHER	PASSOU A DIRIGIR	OS SEGUINTE TERMOS	PARA A COMUNICANTE
Dizente	Processo Verbal	Verbiagem	Receptor
Oração projetante			
- TU NUNCA ME VIU,	JUDIA DESGRACADA,		
Oração mental	Vocativo		
Oração projetada do tipo Citação			
- VOU TE MANDAR PARA FAICHA DE GAZA PARA OS ARABES TE MATAR – SEM VERGONHA VAGABUNDA – PROSTITUTA – TU APANHA DOS TEUS MACHOS ESSE APARTAMENTO NAO E TEU – DA PROXIMA VEZ TU NAO ESCAPA – EU VOU TE BATER – EU VOU TE MATAR – BATUQUEIRA SEM VERGONHA.			

[BO #1]

¹⁶ Alternativamente, além das funções mais recorrentes, é possível a ofensa também ser realizada por orações imprecativas e exercer as funções léxico-gramaticais de Ator e Meta.

No excerto do BOI #1, a vizinha ofensora (*Tal mulher*) exerce a função de Dizente em uma oração verbal projetante de uma oração projetada do tipo Citação que descreve a ofensa dirigida à vizinha ofendida (*comunicante*). O conteúdo ofensivo que caracteriza a injúria é realizado por um grupo nominal que, na metafunção interpessoal (oração como troca), exerce a função de vocativo, sendo eles os epítetos depreciativos *judia desgraçada*.

Assim como o pronome *tu*, em posição temática, indicando a voz da ofensora interagindo com a ofendida, o vocativo serve para interpelar o interlocutor no discurso direto, ou seja, para dirigir-lhe a palavra e chamando-lhe a atenção para o ato dialógico. Nesse caso, a vizinha-autora da ofensa dirige-se à vítima por meio de um vocativo ofensivo. Esse, como conteúdo da injúria, é pronunciado, na oração projetante, pelo grupo nominal que nela exerce a função de Verbiagem, *os seguintes termos*, que tem a vizinha ofendida na função de Receptor, explicitados na oração projetada subsequente.

Em suma, a vizinha ofensora é representada como Dizente que se dirige à vizinha ofendida, que é representada como Receptor dos termos depreciativos, interpelando-a por meio do vocativo ofensivo presente na oração projetada subsequente. Se, conforme Halliday e Matthiessen (2004, p. 134), o vocativo pode servir tanto para chamar a atenção quanto para identificar determinada pessoa a quem se está dirigindo, nesse excerto do BO #1, a vizinha ofendida tem sua identidade representada como *judia desgraçada*.

Por fim, as orações projetadas que contêm a representação da conduta linguística injuriosa podem estabelecer entre si uma relação de expansão, conforme mostra o exemplo 6.

Exemplo 6

[A COMUNICANTE]		RELATA			
Dizente		Processo verbal			
Oração projetante					
QUE BELTRANO	LHE	INJURIOU	[BELTRANO]	DIZENDO:	VAGABUNDA, SAFADA, CADELA.
Dizente	Alvo	Processo verbal	Dizente	Processo verbal	Verbiagem
Oração projetada verbal do tipo Relato			Oração projetada verbal do tipo Citação		
Oração expandida			Oração expandente (Elaboração)		

[BOI #14]

O excerto do BOI #14 segue o padrão léxico-gramatical Dizente-Alvo-Verbiagem. Nele, a mulher ofendida (*a comunicante*) exerce a função de Dizente na oração verbal projetante nucleada pelo processo *relata*, para informar as ofensas de que foi vítima e que são descritas nas duas orações verbais projetadas subsequentes. Na primeira oração projetada, *Beltrano* exerce a função de Dizente do processo verbal de Alvo *injurio*, cujo Alvo é indicado pelo pronome *lhe* (sic) em posição proclítica, que faz uma retomada catafórica de *a comunicante*, ou seja, a vítima da ofensa. Apresentando estrutura de expansão, essa primeira oração verbal projetada, nucleada por *injurio*, entretanto, tem sentido incompleto que precisa ser complementado (expandido) pela oração subsequente, que apresenta os epítetos ofensivos. Nessa segunda oração, *Beltrano*, em elipse, exerce a função de Dizente – por intermédio do processo verbal *dizendo* – da Verbiagem ofensiva, consistente em *vagabunda*, *safada* e *cadela*. Entre essas duas orações projetadas verbais há uma relação lógico-semântica de expansão hipotática por elaboração, pois a oração subsequente explícita o conteúdo da injúria sinalizada na oração antecedente¹⁷.

17 Em textos anteriores (RIBEIRO, 2014a, 2014b), interpretávamos que, entre essas duas orações projetadas verbais, haveria uma relação lógico-semântica de expansão hipotática por intensificação, pois indicaria a circunstância (de modo) em que ocorreu a injúria. Entretanto, atualmente, entendemos que a Elaboração prevalece sobre a Intensificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo empreendido demonstra que os processos verbais, devido à sua recorrência no *corpus* analisado e função na produção do relato, têm um papel fundamental na configuração léxico-gramatical do histórico do BO e na representação da ofensa e dos atores sociais nos crimes de injúria nesses textos. A recorrência dos processos verbais impeliu-nos a centrar a análise não só no nível da oração, com base no sistema de transitividade, que realiza a função experiencial da linguagem, mas também no nível do complexo oracional, que abrange o sistema de projeção e expansão, no âmbito da função lógica da linguagem.

Com isso em mente, o estudo propiciou-nos levantar algumas evidências léxico-gramaticais que estabelecem as características básicas do histórico do BO de injúria. Uma dessas características decorre do fato de o histórico do BO tipicamente conter uma sequência de eventos reportados pelo comunicante e redigida pelo policial civil atendente do caso, o qual produz um texto que caracteriza o gênero relato. Isso faz com que, no início do histórico, o desencadeamento do relato seja realizado com processos “de dizer” (comunicar, relatar, informar), os quais são responsáveis pela introdução do conteúdo do que vai ser relatado pelo comunicante. Os processos verbais “dizer”, “acusar”, “ofender”, dentre outros, também introduzem, no histórico, o relato da opinião ofensiva à honra da vítima que caracteriza o crime de injúria.

No nível da oração, as ofensas são mais frequentemente representadas pela Verbiagem, Atributo e Vocativo, mas podem também aparecer nas funções léxico-gramaticais de Ator e Meta. No nível do grupo nominal, as ofensas podem ser realizadas por adjetivos ou substantivos na função de epíteto. Alternativamente, a ofensa pode ainda ser realizada em orações imprecativas que configuram impropérios.

Ainda no nível da oração, encontramos representações para a vítima e para o ofensor em funções léxico-gramaticais diversas. Verificamos que os ofensores tipicamente exercem a função léxico-gramatical de Dizente da locução ofensiva, ao passo que os ofendidos desempenham a função de Alvo no sistema de transitividade. Na relação entre o ofensor, ofendido e ofensa, en-

contramos nas orações verbais realizações léxico-gramaticais que seguem, respectivamente, o padrão Dizente-Alvo-Verbiagem. Na relação entre ofendido e ofensa, encontramos nas orações relacionais, respectivamente, o padrão Portador-Atributo.

Além de introduzir e desencadear o desenvolvimento do relato e da representação do crime, os processos de dizer delimitam as vozes dos atores participantes da interação social conflituosa que redundam na ofensa verbal, principalmente as vozes do ofensor e do ofendido, delimitando também a responsabilidade e a autoria da dicção criminosa.

Na perspectiva do complexo oracional, o conteúdo ofensivo é tipicamente representado em orações projetadas dos tipos Citação e Relato e em orações expandidas por intensificação. Nas orações projetadas do tipo Citação, em posição temática, aparecem, tipicamente, pronomes do discurso direto como “tu” e “você”, assim como a realização da ofensa por intermédio de vocativos como marca da reprodução literal da fala do ofensor.

Esperamos, por fim, que este estudo possa contribuir para estimular a continuidade e aprofundamento das investigações linguísticas sobre realizações gramaticais de representações de fatos e de atores sociais em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. Speech acts, genres, and activity systems: how texts organize activity and people. In: BAZERMAN, C.; PRIOR, P. (Orgs.). *What writing does and how it does it: an introduction to analyzing texts and textual practices*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004. p. 309-337.

BRASIL. Decreto-lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. *Código Penal*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 18 abr. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *The established and the outsiders*. London: Sage, 1994.

FRANCO, A. S. et al. *Código Penal e sua interpretação jurisprudencial*. 5. ed., São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1995.

GIBBONS, J. *Forensic Linguistics: an introduction to language in the justice system*. Victoria, Australia: Blackwell Publishing, 2003. 337 p.

GOFFMAN, Erving. *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. New York: Simon & Schuster, 1963.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. Arnold: London, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

MARTIN, J. R. *English text: System and structure*. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1992.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox, 2008.

MILLER, C. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*, n. 70, p. 151-167, 1984.

MOSCOVICI, S. *La Psychanalyse, son image, son public*. Paris: PUF, 1961.

RIBEIRO, M. R. *Judiciary police system of genres: a genre analysis of police report on language crimes against honour (calúnia, difamação and injúria)*. 2010. 54 f. Trabalho Final de Graduação (Licenciatura em Letras-Inglês). UFSM, Santa Maria, 2010.

_____. *Representações para atores sociais em boletins de ocorrência de crimes de injúria*. 2014. 184f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014a.

_____. Representações para atores sociais em boletins de ocorrência de crimes de injúria. *ReVEL*, v. 12, n. 23, 2014b.

_____. A estrutura potencial do gênero do boletim de ocorrência sobre crimes de linguagem contra a honra. *Cadernos do IL*, n. 48, 2014c.

RIBEIRO, M. R.; FUZER, C. A atitude em boletins de ocorrência de crimes de linguagem contra a honra: um estudo da ofensa verbal na perspectiva do sistema de avaliatividade. *Language and Law/Linguagem e Direito*, v. 01, n. 01, p. 109-121, 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Constituição (1989). *Constituição do Estado do Rio Grande do Sul*. Assembleia Legislativa. Portal do Departamento de Assessoramento Legislativo. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/dal/LinkClick.aspx?fileticket=WQdIfqNoXO4%3d&tabid=3683&mid=5359>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei n. 7.366, de 29 de março de 1980*. Dispõe sobre o Estatuto dos Servidores da Polícia Civil. Assembleia Legislativa. Gabinete de Consultoria Legislativa. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/legiscomp/arquivo.asp?Rotulo=Lei%20n%C2%BA%2073%2066&idNorma=26&tipo=pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei n. 10.994, de 18 de agosto de 1997*. Estabelece organização básica da Polícia Civil, dispõe sua regulamentação e dá outras

providências. Assembleia Legislativa. Gabinete de Consultoria Legislativa. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/rep_LegisComp/Lei%20n%C2%BA%2010.994.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School*. London: Equinox, 2012.

VAN LEEUWEN, T. Representing social actors. In: *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008. p. 02-54.

REPRESENTAÇÕES PARA MULHERES EM EVANGELHOS DO NOVO TESTAMENTO¹

*Angela Maria Rossi
Cristiane Fuzer*

INTRODUÇÃO

No campo dos estudos linguísticos, representações para mulheres em discursos que circulam na sociedade contemporânea têm sido foco de investigação em diversos contextos. Estudos que utilizam a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) como suporte para análise têm mostrado como a linguagem é usada para criar espaços sociais de inferiorização feminina em letras de músicas populares (OLIVEIRA, 2007; RODRIGUES, 2010), na política (MORAIS, 2008; BARBARA e GOMES, 2010), na mídia (ASSUMPÇÃO, 2008; TAMANINI-ADAMES, 2010; CAMARGO, 2016), dentre outros.

Algumas representações reveladas nesses estudos estão, de alguma forma, relacionadas com representações sociais que se mantêm no imaginário coletivo ao longo dos tempos, com a contribuição muitas vezes de discursos bíblicos, como observam Vasconcelos e Andrade (2004) num estudo que evidencia a permanência do discurso bíblico no inconsciente coletivo de mulheres docentes.

Traduzida do Grego βίβλια, que significa “os livros”, a Bíblia é assim denominada por ser constituída não por uma história, mas por uma compilação de diferentes histórias que refletem o modo de vida das populações do mundo antigo, especificamente da Suméria, da Mesopotâmia, do Egito, da Pérsia, da Grécia e de Roma, registrado em diferentes livros (LAVRADOR, 2010). Essa coletânea de livros representada pela Bíblia, de acordo com Lavrador (2010), destaca-se pela importância que exerce na cultura ocidental – judaico-cristã – e pelos conhecimentos antropológicos, culturais, históricos, sacerdotais e proféticos entrelaçados em suas páginas.

1 Este capítulo sintetiza resultados da pesquisa de mestrado da primeira autora vinculada ao projeto “Gramática Sistêmico-Funcional da língua portuguesa para análise de representações sociais” (GAP/CAL 025406, FUZER, 2009) da segunda autora.

Essa riqueza de conhecimentos faz com que a Bíblia seja uma fonte de informações históricas e dados para estudos científicos. Os textos bíblicos são assim reconhecidos, segundo Rogerson (2003), há pelo menos 1500 anos, embora ainda estejam intrínsecos nas relações sociais apenas como aspecto religioso. Um fator que disseminou a associação da Bíblia apenas ao religioso surgiu há cerca de 500 anos. Borg (2001) esclarece que a Bíblia era lida apenas por pessoas que conheciam as línguas latina, grega e hebraica. Em torno de 1400, os estudiosos bíblicos iniciaram a tradução bíblica de uma língua clássica para uma linguagem contemporânea. A acessibilidade à leitura dos textos, segundo Borg (2001), acarretou pontos positivos e negativos. Positivamente, disseminou o cristianismo e possibilitou que a leitura deixasse de ser privilégio da classe elitizada. Negativamente, tornou-se possível interpretação individual, nomeada por Borg (2001) de “literalismo natural”, ou seja, os leitores aceitavam as escritas bíblicas sem questionamentos.

Segundo Lavrador (2010), o propósito maior da Bíblia é apresentar a relação do homem com Deus, desde o início da criação até o fim dos tempos, de modo a trazê-la ao conhecimento de seus leitores, cristãos ou não. Ao fazê-lo, a Bíblia torna-se um livro “aberto” a interpretações do homem, que não a idealiza como um livro científico, mas que busca respostas sobre a vida, a morte e as relações/convivências humanas. Talvez seja esse um dos motivos que faz da Bíblia o livro mais traduzido, vendido e lido de todos os tempos.

Tamanha popularidade e importância conquistadas pela Bíblia tornaram-na perene, fazendo com que as histórias contadas em seus livros perpetuem-se nas relações sociais, interajam com seus leitores e até mesmo os guiem na forma de agir e/ou pensar em relação aos valores da vida, às coisas e às pessoas. Em meio às orientações ofertadas pela Bíblia em suas escritas e nela buscadas pelos crentes, estão as destinadas às mulheres. Enfocando, por exemplo, o modo de se portarem diante de seus maridos, da sociedade ou de Deus, a mulher é, muitas vezes, o mote central de cartas, epístolas e Evangelhos, como verificado nos estudos de Rossi e Fuzer (2012) e Rossi e Farenzena (2014) a partir do arcabouço teórico da Linguística Sistêmico-Funcional.

Em diferentes campos de conhecimento, a Bíblia tem sido fonte de dados para pesquisas. Vieira (2010), por exemplo, analisou a situação da mulher na

sociedade patriarcal, a partir da atuação no lar e na família e a ousadia das mulheres que seguiram Jesus desde a Galileia até Jerusalém. Esse estudo concluiu que as mulheres lutaram para conquistar espaços em diferentes contextos, tais como movimentos, sindicatos e comunidades com base em forte traço de liderança. Em outro estudo, Lemos (2007) esclarece sobre o processo dualístico e fortemente alimentado pelas instituições para diferenciar e identificar o gênero a partir da representação social de masculinidade em oposição à feminilidade. Santos et al. (2016) verificaram representações para a mulher em papel marginalizado, submissa ao homem, além de frágil, dependente e, por vezes, pecadora. Farias e Tedeschi (2010) evidenciaram representações da “mulher ideal” projetadas pela Igreja Luterana na revista *Servas do Senhor* e concluíram que a revista utiliza figuras de mulheres da Bíblia, consideradas exemplares, a fim de reforçar os valores de esposa, mãe e dona de casa entre as luteranas.

Tendo por foco a linguagem do texto bíblico, neste capítulo analisamos escolhas linguísticas, nos estratos da léxico-gramática e da semântica do discurso, que constroem representações para a mulher nos Evangelhos do Novo Testamento. Para realizar a análise aqui proposta, é preciso considerar o sistema que realiza significados ideacionais em articulação com elementos avaliativos. Para isso, utilizamos categorias léxico-gramaticais do sistema transitividade (que focaliza a oração como representação) e, quando necessário, do sistema de Modo e modalidade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, 2014), associadas a categorias semântico-discursivas do sistema de Avaliatividade (MARTIN E WHITE, 2005). A partir da análise das funções léxico-gramaticais desempenhadas por itens lexicais e gramaticais que se referem à mulher nos textos e das marcas de avaliatividade relacionadas a esse referente, é possível evidenciar representações manifestadas em diferentes vozes nos Evangelhos do Novo Testamento.

SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

A Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), conforme proposta por Halliday (1985, 1994) é entendida como “uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social” (NEVES, 2004, p.112). A linguagem é entendida como um sistema sociossemiótico instanciado em textos, por meio do qual

as pessoas representam suas experiências, interagem e agem sobre os outros e sobre o mundo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). O falante/escritor pode, por meio da utilização de uma rede semiótica, fazer escolhas mais apropriadas de determinados recursos léxico-gramaticais para construir significados. Com base nessa perspectiva, a análise dos Evangelhos, por exemplo, permite-nos evidenciar representações manifestadas pelas escolhas linguísticas articuladas a opiniões referentes à mulher no contexto da época.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), cada elemento em uma língua é explicado pela referência à sua função em todo o sistema linguístico. Assim, uma gramática funcional é aquela que concebe todas as unidades de uma língua como uma “configuração orgânica” de funções. Em outras palavras, cada parte é interpretada como funcional em relação ao todo. Os autores esclarecem que as metafunções são funções abstratas que se encontram em todos os usos da linguagem, como uma propriedade do processo linguístico social. Essas metafunções representam o princípio subjacente de que o discurso é organizado para classificar os fatos do contexto social em torno dos falantes em sua interação linguística. São organizadas, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), em: ideacional, interpessoal e textual. Na oração, esses significados entrelaçam-se e manifestam-se em instanciações. Cada uma dessas metafunções abarca um dos três sistemas que constituem a GSF: sistema de transitividade, sistema de MODO e sistema Tema-Rema.

Uma das funções fundamentais da linguagem é expressar a experiência humana. De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 30), “não existe qualquer faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado”². Essas experiências são compreendidas no mundo material (exterior) ou no mundo interior (consciência); em outras palavras, quando se usa a linguagem para construir experiências, os significados informam acerca do mundo real ou imaginário. Assim, a metafunção ideacional, segundo os autores, constitui-se de dois componentes: a experiencial, realizada pelo sistema de transitividade na oração, e a lógica, realizada no complexo oracional³. A realização do componente experiencial ocorre por meio da transitividade que possibilita a distinção entre “aquele que faz” e “aquele a quem faz”. Por isso,

2 No original “There is no facet of human experience that cannot be transformed into meaning”.

3 N.E. Exposição mais detalhada sobre o estudo do complexo oracional encontra-se no capítulo 4 deste livro.

Halliday e Matthiessen (2014), indicam dois sistemas pelos quais as orações são construídas: transitividade e ergatividade.

A ergatividade, conforme os autores, é uma propriedade do sistema de transitividade. A oração pode ser transitiva ou intransitiva sob o ponto de vista da transitividade e analisada pela questão da Agência sob o ponto de vista da ergatividade. No modelo ergativo, há duas noções importantes para análise: o Meio, que indica o participante pelo qual o processo é realizado, e o Agente, que é o causador externo do processo.

Já o sistema de transitividade envolve tanto recursos gramaticais formadores do fluxo de experiência, quanto processos realizados gramaticalmente pela oração. Esse sistema léxico-gramatical constitui-se de três componentes: processo, participante e circunstância, que se caracterizam como categorias semânticas que explicam como os fenômenos de nossas experiências do mundo são construídos na estrutura linguística (HALLIDAY E MATTHIESEN, 2014).

O processo, realizado por grupo verbal, é o elemento central da configuração experiencial, pois indica a experiência se desdobrando através do tempo. Os participantes, tipicamente realizados por grupos nominais, são as entidades envolvidas nos processos, como pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados. Os processos são categorizados em três tipos básicos: material, mental e relacional. Além desses centrais, há três intermediários: verbal, comportamental e existencial. Os processos intermediários estão situados nas fronteiras dos processos principais: os processos comportamentais situam-se entre os materiais e os mentais; os verbais, na fronteira entre os mentais e os relacionais; os existenciais estão situados entre os relacionais e os materiais. O Quadro 1 resume os tipos de processos e respectivos participantes com exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa.

Quadro 1 – Resumo dos tipos de processos no sistema de transitividade

PROCESSOS	SIGNIFICADOS	PARTICIPANTES	EXEMPLOS
Materiais	fazer e acontecer	Ator Meta Escopo Beneficiário Atributo	<i>A mulher se aproximou da multidão.</i>
Mentais	sentir, perceber, pensar e desejar	Experienciador Fenômeno	<i>Simão estás vendo aquela mulher?</i>
Relacionais	relação entre duas entidades; caracterização ou identificação	Portador Atributo	<i>[A mulher] é uma pecadora.</i>
		Identificado Identificador	<i>[A mulher] postou-se atrás, aos pés de Jesus.</i>
Verbais	dizer	Dizente Verbiagem Receptor Alvo	<i>A mulher contou toda a verdade.</i>
Existenciais	existir	Existente	<i>Havia na cidade uma mulher [[que era pecadora]]</i>
Comportamentais	comportar-se	Comportante Comportamento	<i>[A mulher] chorando [...]</i>

Fonte: adaptado de Thompson (2004, p. 108) com base em Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004).

Ainda no sistema de transitividade, as circunstâncias adicionam à oração significados, como localização no tempo e no espaço, extensão, modo, causa, contingência, acompanhamento, papel, assunto e ângulo. A sua configuração é mais periférica, uma vez que não está diretamente envolvida com o participante (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

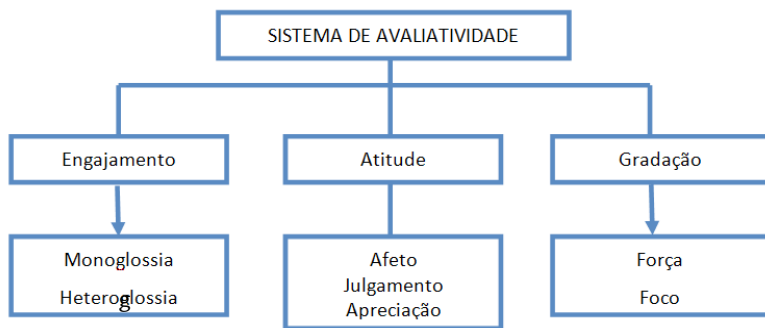
Conforme o que foi apresentado, a metafunção ideacional experiencial está ligada ao uso da linguagem como representação, ou seja, é manifestação linguística das experiências que os indivíduos têm do mundo.

SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Com base na noção de sistema da teoria sistêmico-funcional de Halliday (1994), Martin e White (2005) definem a avaliatividade como um recurso interpessoal situado no estrato da semântica do discurso. O sistema de avaliatividade, de acordo com Martin e White (2005), possibilita que a linguagem acione diferentes recursos linguísticos que indicam como escritores e leitores posicionam-se nos textos produzidos e como demonstram aprovação ou desaprovação, admiração ou abominação e como constroem seus ouvintes/leitores.

O sistema de avaliatividade está organizado em três subsistemas: atitude, engajamento e gradação. Cada um deles se constitui em outros subsistemas, gerando um diagrama complexo (MARTIN e WHITE, 2005). A Figura 1 esboça um panorama desse sistema.

Figura 1 – Esquema do sistema de avaliatividade e seus subsistemas.



Fonte: com base em Martin e White (2005, p. 38).

O subsistema de engajamento auxilia na identificação da voz autoral e das diferentes vozes presentes nos textos. Esse subsistema, conforme Martin e White (2005), está localizado no eixo das negociações. Refere-se aos recursos linguísticos utilizados para negociar os sentidos construídos no texto, possibilitando “explorar como o locutor negocia suas opiniões com seus interlocutores imediatos e com vozes mais abstratas presentes no contexto de cultura que se situa” (BALOCCO, 2011, p.41). Dessa forma, analisam-se

como os interlocutores se posicionam e se inter-relacionam por meio de recursos de expansão e/ou contração dialógicas em discursos heteroglóssicos.

O subsistema de gradação, conforme Martin e White (2005), perpassa os outros dois subsistemas – engajamento e atitude. Caracteriza-se como significados que expressam avaliações de alto ou baixo grau de positividade ou negatividade. A gradação realiza-se por meio de recursos léxico-gramaticais que estão apoiados em dois eixos de escalaridade. Os autores esclarecem que um eixo está de acordo com a intensidade ou quantidade (força) e o outro de acordo com a prototipicalidade e a precisão (foco).

O sistema de atitude, por sua vez, localiza-se no eixo das opiniões, é o recurso semântico responsável por expressar as opiniões e os valores do falante/escritor sobre as coisas, as pessoas e o mundo (MARTIN e WHITE, 2005). Esse sistema relaciona-se com os sentimentos “incluindo, reações emocionais, julgamentos de comportamento e avaliação de coisas”⁴ (MARTIN e WHITE, 2005, p. 35). A emoção, segundo os autores, localiza-se no centro dessas regiões, denominada como afeto. O julgamento refere-se à avaliação do comportamento humano, relacionando-se à ética, e a apreciação diz respeito ao valor das coisas, às questões estéticas.

Conforme Martin e White (2005), a categoria julgamento pode ser de dois tipos: julgamento de estima social e julgamento de sanção social. White (2004) esclarece que o julgamento de estima social se refere à admiração ou decepção, ao *status*. Caracteriza-se por crítica sem implicações legais, ou seja, não caracteriza pecado ou crime. Por outro lado, a sanção social implica elogio ou condenação a partir de complicações legais, ou seja, caracteriza atitudes que podem constituir pecados, do ponto de vista religioso, ou crimes do ponto de vista jurídico.

Por fim, há o campo semântico da apreciação, que diz respeito aos valores acerca de pessoas, animais, fenômenos e produtos do trabalho humano. As apreciações correspondem às reações dos falantes e às avaliações da realidade. As manifestações linguísticas desses recursos avaliam sentimentos relacionados à forma e à aparência, tendo em vista a reação, composição e a valoração de modelos e performances.

4 No original “[...] including emotional reactions, judgements of behaviour and evaluation of things”.

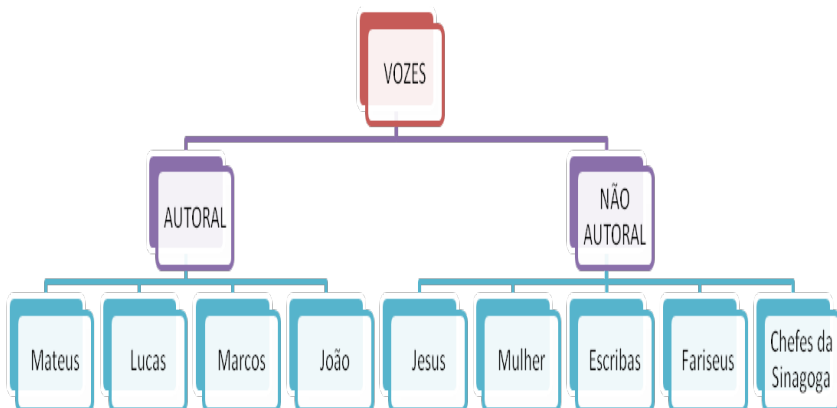
Com base em categorias que realizam significativos experienciais e avaliativos, foram analisados os textos que fazem referência a mulheres nos Evangelhos do Novo Testamento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os textos aqui analisados foram coletados no *website* <http://www.bibliacatolica.com.br/>, que disponibiliza para consulta e *download* 25 Bíblias em 12 idiomas diferentes, oferecendo, inclusive, um ícone de comparação entre diferentes traduções. O primeiro critério de seleção foi considerar os textos que tivessem relação com o período em que Jesus Cristo viveu, tendo em vista nossa escolha pelo Novo Evangelho. Assim, foram coletados capítulos dos Evangelhos que, obrigatoriamente, apresentam a palavra-chave “mulher” e referências a ela, totalizando 21 textos, dos quais 11 textos pertencem ao Evangelho de Mateus [EMt]; 1 ao Evangelho do Marcos [EM]; 4 ao Evangelho de Lucas [EL] e 5 ao Evangelho de João [EJ].

Para análise dos textos que faziam referência a mulheres nos Evangelhos do Novo Testamento, utilizamos, com base em Martin e White (2005), as noções de voz autoral (a voz do produtor do texto, do escritor/falante) e voz não autoral (a voz externa trazida ao texto pela voz autoral). A partir disso, fizemos o levantamento das orações em que a categoria Atribuição, do subsistema Engajamento, era utilizada no texto, evidenciada pelas funções de Dizente ou Circunstâncias de ângulo. Além disso, foram selecionadas as orações em que os dizeres são atribuídos a vozes externas identificadas ou relacionadas ao campo semântico desta pesquisa. Essas vozes foram evidenciadas pelo Dizente ou pela Circunstância de ângulo. Dessa forma, foram encontradas as vozes autorais e as vozes não autorais nos textos analisados, conforme Figura 2.

Figura 2 – Vozes autorais e não autorais presentes nos Evangelhos.



Fonte: Rossi (2015, p 70).

Após identificação e separação da voz autoral e das vozes não autorais presentes nos textos, foram analisadas as funções desempenhadas pelos referentes a “mulher” no sistema de transitividade, com base em Halliday e Matthiessen (2014), e ocorrências do subsistema de atitude, com base em Martin e White (2005). Os resultados das análises evidenciaram como a mulher era representada pelas diferentes vozes na sociedade em que Jesus viveu em sua passagem pela Terra.

REPRESENTAÇÕES PARA A MULHER NOS EVANGELHOS

A análise das funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade e dos significados semântico-discursivos de atitude do sistema de avaliatividade nos textos selecionados evidenciou representações para a mulher nas vozes de fariseus, saduceus, escribas, dos próprios evangelistas e de Jesus.

Representações evidenciadas nas vozes dos saduceus, fariseus, escribas e evangelistas

As escolhas linguísticas atribuídas à voz dos saduceus representam mulher como pertencente aos homens, e que designamos como **posse**. De acor-

do com o dicionário Houaiss (2009, p. 1798), posse é “estado de quem possui uma coisa, de quem a detém como sua ou tem o gozo dela (...) estado de algo que é possuído por alguém, ou que esse alguém conserva consigo”. Há orações⁵, no exemplo 1, que evidenciam essa representação, indicando como o grupo masculino reconhecia a mulher – algo sobre o qual pensavam ter direito.

Exemplo 1

(1) Naquele dia, aproximaram-se dele uns saduceus, (2) os quais afirmam (3) que não há ressurreição. (4) Perguntaram-lhe: (5) “Mestre! Moisés disse: (6) *se alguém morrer sem deixar filhos*, (7) *seu irmão deve se casar com a mulher dele*, (8) *para dar descendência ao irmão*. (9) Ora, havia entre nós sete irmãos. (10) O primeiro era casado, (11) morreu (12) e, como não tivesse filhos, (13) *deixou a mulher para o irmão*. (14) Do mesmo modo aconteceu com o segundo e o terceiro, até o sétimo. (15) *No fim de todos, morreu a mulher*. (16) *Na ressurreição, a qual dos sete pertencerá a mulher*, (17) *já que todos a tiveram por esposa?*” [EMt22]

A representação da mulher como posse do homem é manifestada nas orações (7) e (8) e de (13) a (17). Tal representação poderia ser naturalizada na sociedade da época, haja vista o uso do recurso de modulação *deve*, em (7), que indica a existência de uma norma. A norma era o irmão do falecido, desde que não tenha tido filhos, casar-se com a cunhada, a qual desempenha na oração (7) a função de circunstância de acompanhamento – *com a mulher dele*. A justificativa para essa prática está na oração (8), em que *ao irmão* é Beneficiário da Meta *descendência*. Dessa forma, a mulher era obrigada a casar-se com um membro da família do marido morto para garantir a descendência daquela família.

Após a exposição dessa norma vigente na época, o saduceu ilustra, de (9) a (15), uma situação que envolve sete irmãos, com o propósito de testar Jesus acerca da existência ou não da ressurreição. A representação da mulher como propriedade do marido e, portanto, sem direito à escolha (se ficar sozinha ou casar-se com quem quiser) é evidenciada em (13), em que desempenha a função de Meta do processo *deixou*, cujo Beneficiário é *o irmão* do primeiro marido.

5 Nos excertos usados como exemplos, destacam-se em itálico as orações analisadas.

Essa representação é reiterada na sequência, por meio da circunstância *do mesmo modo* em (14). Mais uma vez, tal representação é explicitada pela oração relacional possessiva, em que *a mulher* é participante Possuído em relação aos processos *pertencerá* em (16) e *tiveram* em (17).

Essas construções léxico-gramaticais evidenciam, portanto, a representação vigente da época sobre a condição da mulher viúva sem filhos: propriedade da família do marido, com a finalidade de procriação e garantia da descendência daquela etnia. A mulher é representada como objeto, já que não tem voz social nem para definir sobre sua vida conjugal, ou seja, não cabe a ela essa escolha. Essa representação está em consonância com o contexto social da época, quando, segundo Fiorenza (1992), as mulheres eram consideradas impuras e inclinadas ao pecado, não eram contadas como pessoas capazes de ter opinião e vontade própria. Só o homem tinha obrigação com a lei. Ainda, Silva (2011) esclarece que o lugar adequado para a mulher, naquele contexto, solteira ou casada, era o lar. Caso precisasse sair em público, seu rosto deveria ser coberto com véu. Se a mulher não agisse dessa maneira, o marido tinha o direito de expulsá-la ou devolvê-la aos pais, acusada de adultério. E “ao devolvê-la, o marido não era obrigado a pagar o valor do contrato do matrimônio” (SILVA, 2011, p. 51).

Outra representação evidenciada pelas análises é de pecadora. Essa representação aparece no episódio em que uma mulher acusada de **pecadora** procurou Jesus Cristo na casa de um fariseu. Ao procurá-lo, essa mulher manifestou amor em seus atos, como se verifica no exemplo 2.

Exemplo 2

(1) *Havia na cidade uma mulher [[que era pecadora]].* (2) Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, (3) [a mulher pecadora] trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume [...]. [EL7]

Na voz do evangelista Lucas, na oração (1), a oração relacional atributiva que constitui a oração encaixada *que era pecadora* expressa um julgamento de sanção social negativo na voz do evangelista que relata o fato. Apesar dos preconceitos daquela época, a mulher pecadora realiza uma ação (*trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume*) no intuito de agradar a Jesus, que já era famoso por seus feitos. A reação de Jesus a essa atitude da mulher

poderia ser de desprezo e desrespeito, como era comum entre os homens da época; mas Jesus teve uma atitude diferente e surpreendente perante os valores daquela sociedade ao dizer: “*vá e não peques mais*”.

Em outro exemplo, uma mulher acusada de cometer adultério é trazida até Jesus Cristo. A representação como **adúltera** é explicitada nas vozes dos escribas e fariseus, como mostra o exemplo 3.

Exemplo 3

(1) *Mestre, esta mulher foi flagrada cometendo adultério.* (2) *Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar tais mulheres.* [EJ8]

Na oração (1), *esta mulher* desempenha duas funções: Meta do processo material *foi flagrada* e Ator do processo material *cometendo adultério*. Nesse sentido, *esta mulher* passa de paciente para agente da ação – vítima de julgamento e, por conseguinte, de violência física que os escribas e fariseus se consideravam autorizados a praticar pela Lei de Moisés (ALEXIOUS, 2010). O processo polarizado positivamente indica uma proposição por meio da função de fala declaração. Deprendemos uma marca de julgamento de veracidade que avalia negativamente a representação de adúltera. Os fariseus tentam desestruturar a resposta de Jesus, pois, segundo Miranda e Malca (2001), se Jesus afirmasse que a mulher devia ser apedrejada, entraria em conflito com a lei romana, que não permitia aos judeus executar a pena capital e feria os princípios de perdão e amor pregado por Jesus. Por outro lado, se Jesus afirmasse que a mulher fosse libertada, seria acusado de mandar violar a Lei dada por Moisés.

Na oração (2), *tais mulheres* desempenham a função léxico-gramatical de Beneficiário Cliente do processo *apedrejar*, embora não haja benefício algum, uma vez que o processo representa agressão física. O uso do processo *mandou* pode ser explicado pelo sistema de ergatividade, pelo qual, segundo Halliday e Matthiessen (2014), pode-se verificar se os processos são autocausados ou são causados por alguma entidade. Na oração, *Moisés*, na função de Agente, é o causador da ação.

Esses dados linguísticos mostram a representação de uma mulher que não tem nome nem voz. Essa mulher é trazida por homens, colocada no meio de um grupo de homens e usada para testar Jesus. Os processos *trazer*, *colocar* e *apedrejar* denotam a condição de inferioridade da mulher diante

dos homens. Naquele contexto social, segundo Tepedino (1990), “a desonra maior para uma mulher era ser considerada uma desavergonhada” (p. 112).

Em resumo, esses exemplos das falas atribuídas aos fariseus e escribas evidenciam representação que é avaliada negativamente, resultante de julgamentos de sanção social. Assim, essa avaliação sinaliza a lei da sociedade da época, mostrando como deveria ser o comportamento daquelas pessoas, segundo valores de observância religiosa e os do dever civil.

No decorrer dos textos dos Evangelhos, perguntas dirigidas a Jesus Cristo, tais como: “É permitido ao homem despedir sua mulher por qualquer motivo?”; “Na ressurreição, a qual dos sete pertencerá a mulher, já que todos a tiveram por esposa?” e “Mestre, esta mulher foi flagrada cometendo adúlterio. Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar tais mulheres. E tu, que dizes?”, demonstram como a mulher era reconhecida socialmente: submissa ao pai ou ao marido.

Quando, por algum motivo, não se enquadrava nos valores sociais da época, a mulher era **discriminada**, como observamos no exemplo 04.

Exemplo 4

(1) *Veio uma mulher da Samaria buscar água.* (2) Jesus lhe disse: (3) “Dá-me de beber!” (...) (4) *A samaritana disse a Jesus:* (5) “Como é que tu, sendo judeu, (6) *[tu] pedes de beber a mim,* (7) *[[que sou uma mulher samaritana]]?*” [...] (8) Nisto chegaram os discípulos (9) e ficaram admirados (10) *ao ver Jesus [[conversando com uma mulher.]]* (11) Mas ninguém perguntou: (12) “Que procuras?”, (13) nem: “*Por que conversas com ela?*” [EJ4]

Uma mulher da Samaria desempenha as funções de Ator na oração (1) e de Dizente na oração (4). Nessas orações, na voz autoral, a mulher está ativada. A voz da mulher é trazida por meio de Citação constituída das orações (5) a (7). As funções de Receptor (*a mim*) na oração 6 e de Portador (*uma mulher samaritana*) na oração 7, associadas à função de fala pergunta, indicam que a mulher surpreendeu-se com a atitude de Jesus Cristo de pedir-lhe água. Segundo Cerqueira e Torga (2013), “os samaritanos eram odiados por quem pertencia ao grupo étnico judaico por não serem considerados ‘racialmente puros’, pois eram miscigenados” (p.09). Podemos inferir que essa mulher re-

conhecia a condição de discriminação e exclusão que sua etnia sofria e, por isso, surpreendeu-se quando Jesus, sendo judeu, dirige-lhe um pedido.

Na oração (10), *com uma mulher* desempenha a função léxico-gramatical de circunstância de acompanhamento, indicando com quem estava Jesus Cristo conversando. Esse comportamento de Jesus é representado como Fenômeno do processo mental perceptivo *ver*, que tem como Experienciador *os discípulos* que presenciarem a cena. A reação dos discípulos é representada, na oração (9), pelo Atributo *admirados*, que expressa julgamento de normalidade, o que contribui para a representação da mulher samaritana como discriminada, associando ao provável contexto social em que o fato é relatado. De acordo com Pearlman (1995), a mulher, nesse episódio, sofre dois preconceitos: de gênero social (por ser mulher) e étnico-religioso (por ser samaritana). O evangelista poderia ter omitido a presença e a admiração dos discípulos ao visualizarem a cena; no entanto, não o fez. Esse fato pode indicar a importância da mulher para Jesus Cristo e, de certa forma, o prenúncio de uma mudança social, já que ela não foi discriminada por Jesus, que, com sua atitude, despertou a consciência dos apóstolos.

Representações para a mulher evidenciadas nas vozes de Jesus Cristo e dos evangelistas

As representações para a mulher nas passagens atribuídas à voz de Jesus Cristo sugerem um olhar fraterno, de perdão e acolhimento. Uma das representações evidenciadas pelas análises é de **companheira**, como no exemplo 5.

Exemplo 5

(1) Alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e, (2) para experimentá-lo, (3) perguntaram: (4) “*É permitido ao homem despedir sua mulher por qualquer motivo?*” (5) Ele respondeu: (6) “*Nunca lestes que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher?*” (7) e disse: (8) “*Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, (8) e os dois formarão uma só carne?*” (10) De modo que eles já não são dois, mas uma só carne. (11) Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe”. (12) Perguntaram: (13) “*Como então Moisés mandou dar atestado de divórcio e despedir a mulher?*” (14) Jesus respondeu:

(15) “*Moisés permitiu despedir a mulher, por causa da dureza do vosso coração.* (16) Mas não foi assim desde o princípio. (17) Ora, eu vos digo: (18) *quem despede sua mulher – fora o caso de união ilícita – e se casa com outra, comete adultério*”. [EMt19]

Na oração (1), *alguns fariseus*, na função de Dizente, verbalizam uma proposição que realiza a função de fala pergunta, direcionada ao Receptor *Jesus*. Nas orações (1), (2) e (4), podemos visualizar uma ligação com o contexto social do Evangelho: de acordo com Alexius (2010), Jesus era uma “ameaça para o poder político e religioso” (p. 31). Nesse sentido, os fariseus criticavam o modo “maleável” de Jesus e acreditavam somente na punição através da Lei. Diante disso, na oração (2), *experimentá-lo* realiza um julgamento de capacidade negativa, indicando que os fariseus duvidavam do caráter de Jesus, tendo como parâmetro as leis da época. Na Citação em (4), *sua mulher* desempenha a função léxico-gramatical de Alvo, afetada, de alguma forma, pela performance do processo *despedir*. Como explicam Domínguez e Sáez (1987), “o marido tinha o direito de repudiar sua esposa. Bastava encontrar nela algo desagradável: feiúra, má preparação da comida, etc.” (p. 26-29).

A Citação (6), atribuída à voz de Jesus Cristo, é construída por um questionamento, em que *homem e mulher* desempenham a função de Meta do processo *fez*, cujo Ator é o Criador. A escolha por essa configuração léxico-gramatical sugere uma relação de igualdade entre o homem e a mulher. A explicação sobre essa evidência está na oração (8), na qual *os dois* aparecem representados como Ator do processo material *formarão*, cuja Meta é uma *só carne*. Dessa maneira, são caracterizados como únicos depois da união, sugerindo que a mulher faz parte do homem, e vice-versa.

Diante dessa resposta de Jesus, *alguns fariseus*, na oração (13), tentam uma nova argumentação, na qual *a mulher* desempenha função de Meta em relação ao processo *despedir*, atribuindo à voz de *Moisés* a ordem para que isso fosse feito pelo marido por qualquer motivo. Essas escolhas representam a mulher como desamparada de ações que a protejam, devido ao fato de que podem ser “mandadas embora” em qualquer circunstância.

Em sua resposta, na oração (15), *a mulher* desempenha a função de Meta, porém a circunstância *por causa da dureza do vosso coração* indica a razão pela qual a mulher é afetada com a permissão de *Moisés*. Nas orações (16) e (18), tem-se a configuração da estrutura textual contra-argumento, em

que *Jesus Cristo* desempenha a função léxico-gramatical de Dizente. Na oração (16), a polaridade negativa explícita a discordância de Jesus quanto ao costume dos fariseus. Entretanto, Jesus desperta para um novo raciocínio, construído na oração (18), em que *quem despede sua mulher e se casa com outra* é caracterizado como adúltero – representação que, até então, era atribuída somente às mulheres, já que, pela lei dos homens, era permitido ao marido despedir esposa e casar-se com outra mulher. Nesse sentido, Jesus representa a relação entre homens e mulheres sob outro ponto de vista, sem privilégios para um ou outro. A liberdade é limitada para os dois, sem necessariamente um estar sob o jugo do outro.

Com essas escolhas linguísticas, Jesus explica por que Moisés permitiu despedir, sem condená-lo, pois joga a responsabilidade sobre os próprios fariseus, que têm o coração duro. Em relação ao casamento, podemos inferir que Jesus defende a monogamia e critica a prática do divórcio. Com essas intervenções, Jesus Cristo, sutilmente, defende e protege as mulheres, buscando representá-la como companheira do homem, e não como objeto que possa ser descartada.

A fama de Jesus Cristo como profeta e curador teve proporções rápidas nos povoados por onde passava e, por isso, era tratado de maneira diferente das outras pessoas, que o procuravam para solicitar algum tipo de ajuda, perdão e bênçãos. Apesar disso, Jesus não fazia distinção entre homens e mulheres, ricos e pobres, sábios ou ignorantes. Demonstrações de humildade eram valorizadas por Jesus, como evidencia a análise das escolhas linguísticas atribuídas à voz de Jesus Cristo no exemplo 6.

Exemplo 6

(1) [*Simão*] *Voltando-se para a mulher*, (2) disse a Simão: (3) “[*Simão*] *Estás vendo esta mulher?* (4) Quando entrei na tua casa, (5) não me ofereceste água (6) para lavar os pés; (7) *ela, porém, lavou meus pés com lágrimas* (8) e [*ela*] *os enxugou com os cabelos*. (9) Não me beijaste; (10) *ela, porém*, (11) *desde que cheguei*, (10) *não parou de beijar meus pés*. (12) Não derramaste óleo na minha cabeça, (13) *ela, porém*, *ungiu meus pés com perfume*. (14) Por isso te digo: (15) *os muitos pecados [[que ela cometeu]] estão perdoados*, (16) *pois ela mostrou muito amor*”. [EL7]

Nesse exemplo, *esta mulher*, na oração (3), desempenha a função de Fenômeno do processo mental perceptivo *estás vendo*, que tem como Experienciador Simão – um cidadão da sociedade de Jerusalém. A proposição que realiza a função de fala pergunta com polaridade positiva revela os recursos linguísticos utilizados pelo participante-no-texto para argumentar favoravelmente em relação à mulher que havia sido, anteriormente, julgado como pecadora.

Na sequência, há uma série de declarações em que a mulher é representada como Ator de processos materiais, o que demonstra seu respeito e sua humildade perante Jesus: (7) *lavou*, (8) *enxugou*, (10) *não parou de beijar* e (13) *ungiu* seus pés. Já a polaridade negativa, realizada pelo adjunto *não* nas orações (5), (9) e (12), serve para evidenciar o contraste entre as ações da mulher e as de Simão, que não realizou as mesmas gentilezas. As circunstâncias *com lágrimas* em (7) e *com seus cabelos* em (8) revelam o modo em que foram realizadas as ações de lavar e enxugar os pés de Jesus Cristo. Sob o ponto de vista da avaliatividade, *com lágrimas* sinaliza uma atitude, indicando a emoção demonstrada pela mulher diante de Jesus.

Na oração (15), *Jesus Cristo* continua sendo a voz a que se atribui a declaração, o que é explicado pela função de Dizente do processo *digo*, em 14, que tem como Receptor Simão (retomado pelo pronome *te*). Em (15), a mulher (retomada por *ela*) desempenha a função de Ator do processo *cometeu* na oração encaixada a *pecados*. Isso significa que Jesus reconhece sua condição de pecadora, mas, ao relacionar, ainda em (15), o Atributo *perdoados* ao Portados *muitos pecados que ela cometeu*, muda o tipo de julgamento, que, implicitamente, passa a ser de tenacidade, haja vista a persistência da mulher em servir Jesus com humildade. A justificativa para o perdão, em (16), é introduzida pela relação lógico-semântica de explicação *pois*, seguida pela por uma oração relacional em que a mulher, retomada por *ela*, é Portador do Atributo *muito amor*. Assim, ao apreciar positivamente as manifestações de atitudes de humildade como demonstrativos de amor, Jesus avalia a mulher por meio de julgamento de capacidade positiva, razão pela qual ela mereceu ter o perdão dos pecados. Os recursos linguísticos, no exemplo 6, revelam como o discurso de Jesus enfraquece os argumentos apresentados por Simão para julgar a mulher como indigna de se aproximar dele.

Assim, em contrapondo à representação de pecadora trazida pelos fariseus e escribas, a representação da mulher, na voz de Jesus, é a de um ser humano suscetível a erros, que pode receber perdão por esses erros quando demonstra amor pelo próximo por meio de atitudes de humildade. Esse relato, de certa forma, ilustra o projeto de Jesus para os seres humanos: servir ao próximo com amor.

Essa representação está, em certa medida, associada à representação da mulher **devota**, indicada no exemplo 7. Segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 1610), ser devota é “consagrar (a existência, um sentimento etc.) ou consagrar-se a; dedicar (-se)”, ou seja, ser devota indica a dedicação das mulheres aos princípios defendidos por Cristo.

Exemplo 7

(1) Entrando na casa de Pedro, (2) *Jesus viu a sogra deste acamada, com febre.* (3) *Tocou-lhe a mão,* (4) *e a febre a deixou.* (5) *Ela se levantou* (6) *e passou a servi-lo.* [EMt8]

Na oração (2), *a sogra* desempenha a função léxico-gramatical de Fenômeno do processo mental perceptivo *viu*, sendo *Jesus* o Experienciador. A circunstância de modo *com febre* indica a razão para a sogra de Pedro estar *acamada*. Na oração (3), *a sogra* de Pedro (retomada pelo pronome *lhe*) desempenha a função de Meta⁶, indicando o contato físico que Jesus Cristo estabelece com a mulher para agraciá-la com a cura. Nessa oração, as escolhas léxico-gramaticais verificadas atribuem à *sogra* um julgamento de capacidade negativo, representando-a como enferma. No entanto, esse julgamento é anulado, quando Jesus Cristo a toca para curá-la. Até a oração (4), a mulher está em posição de passividade frente a Jesus Cristo. A partir da oração (5), *ela* assume uma atitude ativa ao desempenhar a função de Ator, dos processos *se levantou* e *passou a servi-lo*, numa atitude de gratidão pelo benefício recebido e de devoção a Jesus.

6 Consideramos relevante observar que a função da mulher como Meta relacionada ao processo tocar corrobora a representação de Jesus como agente de milagres, uma vez que seu toque produz uma modificação em quem é tocado (a cura de doenças ou deficiências físicas). Em outro contexto, se o Ator de tocar fosse um ser humano comum, não haveria uma Meta, e sim um Escopo, o qual não é afetado pelo processo. Essa observação reforça a importância de o analista ter em conta o contexto social na construção dos significados do texto, conforme se destaca na teoria sistêmico-funcional.

A fé é um princípio fundamental do projeto de Jesus e, talvez por isso, ele atende às solicitações de todos que têm fé e são devotos. No exemplo 8, que traz um diálogo entre uma mulher não judia e Jesus Cristo, verifica-se que, além de devota, a mulher é representada como **corajosa**.

Exemplo 8

(1) Partindo dali, (2) Jesus foi para a região de Tiro e Sidônia. (3) *Nisso, uma mulher Cananéia*, (4) *vinda daquela região*, (3) *pôs-se a gritar*: (5) “*Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim*: (6) *minha filha é cruelmente atormentada por um demônio!*” (7) Ele não lhe respondeu palavra alguma. (8) Seus discípulos aproximaram-se (9) e lhe pediram: (10) “*Manda embora essa mulher*, (11) *pois ela vem gritando atrás de nós*”. (12) Ele tomou a palavra: (13) “*Eu fui enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel*”. (14) *Mas a mulher veio prostrar-se diante de Jesus* (15) e [a mulher] *começou a implorar*: (16) “*Senhor, socorre-me!*” (17) Ele lhe disse: (18) “*Não fica bem tirar o pão dos filhos* (19) *para jogá-lo aos cachorrinhos*”. (20) *Ela insistiu*: (21) “*É verdade, Senhor*; (22) *mas os cachorrinhos também comem as migalhas* [[que caem da mesa de seus donos]]!” (23) Diante disso, Jesus respondeu: (24) “*Mulher, grande é tua fé!* (25) *Como queres, te seja feito!*” (26) E a partir daquela hora, sua filha ficou curada. [EMt15]

Os processos verbais – *gritar* na oração (3), *implorar* na oração (15) e *insistiu* na oração (20) – revelam o comportamento verbal da mulher Cananeia, sinalizando sua persistência em ter seu pedido ouvido por Jesus. A representação que se infere dessas orações é de coragem, porque a mulher não se intimida diante de Jesus e dos discípulos, que pedem para que a mande embora em (10). A relação desse texto ao seu provável contexto de produção pode ser feita em termos do que Tenney (2008) destaca sobre esse episódio. O próprio título dessa passagem do Evangelho de Mateus refere-se à mulher como Cananeia, indicando que ela não pertencia ao povo judeu, era considerada uma gentílica. Segundo Tenney (2008), os gentios eram considerados inferiores em relação ao povo judeu (os gentios acreditavam que o povo judeu era escolhido por Deus). Nesse contexto, a origem geográfica da mulher indica sua inferioridade perante os judeus e, por isso, era natural que estes a desprezassem. No entanto, embora a mulher Cananeia soubesse dessa condição, enfrenta o medo e solicita ajuda ao mestre judeu, como evidenciam as orações (05) e (06), em que a mulher, na função de

Dizente, dirige-se a Jesus e verbaliza seu propósito: a busca da cura da sua filha.

Em (7), Jesus desempenha a função de Dizente do processo verbal *respondeu* polarizado negativamente, o que representa seu silêncio⁷ diante da interpelação da *mulher* (retomada pelo pronome *lhe*), a qual está na função de Receptor. Somente depois da manifestação dos discípulos, Jesus se pronuncia. Na oração (12), verifica-se que, em primeiro momento, Jesus, na função de Dizente, responde aos discípulos e não diretamente à mulher. Tais atitudes parecem indicar quão ponderado e apaziguador Jesus se mostrava em situações conflituosas. Na oração (17), Jesus (retomado pelo pronome *ele*), dirige-se à mulher Cananea e tem seu dizer reproduzido como Citação polarizada negativamente: “*Não fica bem tirar o pão dos filhos para jogá-lo aos cachorrinhos*”. Nessa Citação, Jesus usa de uma metáfora para referir-se aos povos estrangeiros (os *cachorrinhos*), entre os quais se incluem os cananeus, e aos judeus (os *filhos*), tendo em vista que se encontrava fora de Israel⁸. À mulher, novamente na função de Dizente em (20), é atribuída a Citação em (21): “*É verdade, Senhor; mas os cachorrinhos também comem as migalhas que caem da mesa de seus donos!*”, sugerindo que ela compreendeu a metáfora e, reconhecendo sua condição de inferioridade, insiste que, como os cachorrinhos, possa receber as “migalhas” dos judeus. Com coragem e humildade, ela insiste para ter seu pedido de ajuda atendido, mesmo não pertencendo ao povo judeu.

Na Citação atribuída a Jesus, em (24), *tua fé* é apreciada positivamente pelo Atributo *grande*, que sinaliza, ao mesmo tempo, uma intensificação. Em razão da fé manifestada, Jesus atende ao pedido da mulher estrangeira, ensinando aos discípulos a fé que esperava das pessoas. As escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas analisadas evidenciam julgamentos de tenacidade positiva, que contribuem para representar a mulher como corajosa no contexto social que se encontrava.

7 Embora essa observação diga respeito à representação para Jesus, e não para a mulher, foco deste capítulo, consideramos conveniente destacar a recorrência do uso do silêncio por Jesus em situações de conflito com que se deparava. No relato de João 8, essa atitude aparece novamente quando Jesus é questionado pelos escritas e fariseus sobre a Lei de Moisés que mandava apedrejar as mulheres apanhadas em adultério. Em vez de responder imediatamente, Jesus “inclinando-se, começou a escrever no chão, com o dedo”. Só depois da insistência da pergunta, Jesus se pronuncia. Esse comportamento parece indicar a atitude adotada por Jesus em situações de conflito: dar-se um tempo para refletir antes de falar ou agir. Esse é mais um dos sutis ensinamentos de Jesus. Jesus ensinava não só por palavras, mas também por gestos.

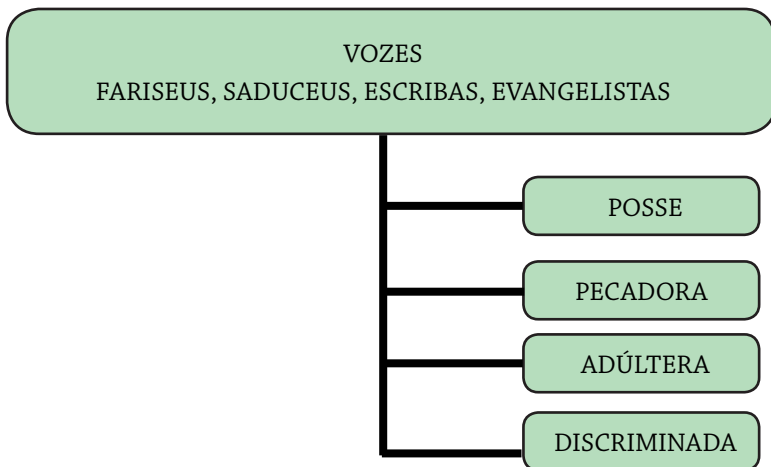
8 Há várias interpretações para essa fala de Jesus, a qual não pode ser interpretada no sentido literal, e sim no sentido metafórico usado por Jesus para representar o pensamento corrente dos judeus na época, que se considerava o povo escolhido para a salvação pelo Messias (BÍBLIA COMENTADA, s.d.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do sistema léxico-gramatical de transitividade em associação com o sistema semântico-discursivo de avaliatividade, nos excertos extraídos dos quatro Evangelhos do Novo Testamento, revela representações para a mulher que, embora passados mais de dois mil anos, permanecem presentes em algumas situações sociais até hoje.

Nas vozes dos fariseus, saduceus, escribas e evangelistas (Figura 3), a mulher era representada como **posse** ou propriedade dos homens. Quando agia de maneira diferente das regras sociais impostas por eles, segundo a lei de Moisés, era considerada **pecadora**; um dos pecados mortais era ser **adúltera**. Nesse sentido, ao agir incorretamente segundo os preceitos sociais da época, era **discriminada** socialmente. Portanto, a mulher era subjugada às ordens de outrem; não podia ter atitudes próprias, pois vivia em um contexto que lhe obrigava agir conforme lhe era determinado.

Figura 3 – Representações para a mulher nas vozes dos fariseus, saduceus, escribas e evangelistas.



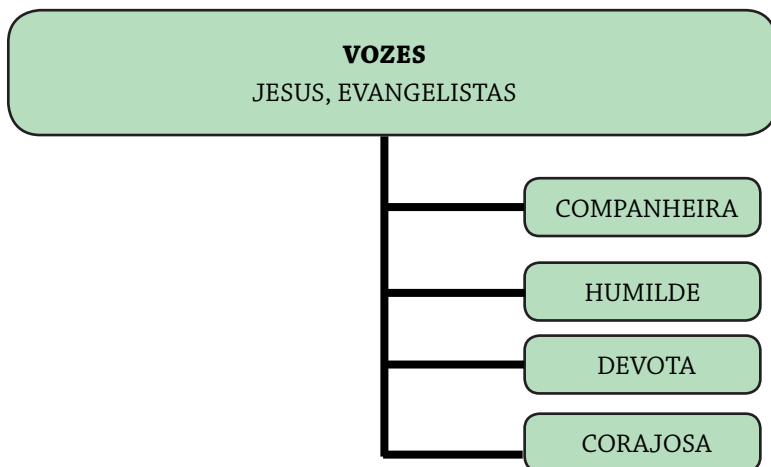
Fonte: adaptado de ROSSI (2015)

Nas passagens atribuídas às vozes dos fariseus, saduceus, escribas e evangelistas, as mulheres aparecem desempenhando, principalmente, a função léxico-gramatical de Meta, indicando como as mulheres eram afetadas socialmente por atitudes masculinas. Revelam que as mulheres tinham dificuldade de movimentar-se socialmente, uma vez que, por não terem os mesmos direitos que os homens da época, precisavam assumir uma postura de passividade. Eram totalmente dependentes de tutores (pai, um irmão e/ ou marido) para as decisões sociais; quando casadas, podiam ser devolvidas para suas famílias por qualquer motivo que desagradasse ao marido.

Tais representações são avaliadas, principalmente, por meio de marcas de julgamentos predominantemente negativos de capacidade, normalidade e propriedade. Essas marcas refletem os comportamentos esperados das mulheres no contexto daquela época. A ausência de marcas de afeto e de apreciação pode demonstrar as relações estabelecidas entre as mulheres e os homens, que mantinham certo distanciamento, razão pela qual não haveria espaço para manifestações afetivas.

Na voz de Jesus e, em algumas passagens, nas vozes dos evangelistas (Figura 4), as representações são positivas para a mulher, indicando posicionamento contrário aos atos de discriminação socialmente estabelecidos. Na voz de Jesus, as mulheres são representadas como **companheiras** dos homens e não como inferior a eles; são **humildes** ao manifestarem gestos de amor e **devotas** ao servirem ao próximo. A fé as move com **coragem** nas situações mais adversas, mesmo sob riscos de sua integridade física e moral.

Figura 4 – Representações para a mulher nas vozes de Jesus e dos evangelistas.



Fonte: adaptado de Rossi (2015).

Nas passagens atribuídas a essas vozes, destaca-se a mulher na função léxico-gramatical de Ator, indicando que Jesus Cristo via a mulher de forma muito diferente do modo como os homens da época a consideravam. Jesus interagia com as mulheres e não as discriminava; ele não compactuava com as normas sociais a que as mulheres eram submetidas e considerava homens e mulheres como seres humanos, sujeitos ao mesmo tratamento na convivência social.

Na voz de Jesus e, algumas vezes, nas vozes dos evangelistas, as representações são avaliadas, principalmente, com marcas linguísticas positivas de julgamentos e de afeto. A recorrência de julgamentos de tenacidade e capacidade atesta a valorização das mulheres, o que evidencia, nos textos analisados, representações positivas. O discurso de Jesus revela representações que divergem das representações vigentes na sociedade da época.

As marcas de afeto podem indicar a maneira afetuosa como Jesus relacionava-se com as mulheres, pois não as recriminava, apesar das leis e condições sociais em que se encontravam. Essa atitude parece justificar por que as mulheres buscavam ajuda de Jesus e prestavam-lhe reverências. Ele era dos raros homens – se não o único – que as ouvia, as compreendia e as respeitava como seres humanos naquela sociedade.

Algumas das representações reveladas neste estudo permanecem vivas nos discursos que circulam nos mais diversos contextos da sociedade contemporânea – na mídia, na música, na literatura, na política, nas instituições. Por isso, um olhar atento sobre as escolhas linguísticas que (des)constróem as representações para a mulher é cada vez mais necessário no contexto dos movimentos de luta por direitos mais igualitários entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

ALEXIUS, S. E. O. *A atitude de Jesus diante da violência contra a mulher: Estudo Exegético de São João 7:53 - 8:11*. 2010. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) - Universidade de Londrina, Londrina, 2010.

ASSUMPTÃO, M. *As representações da mulher profissional brasileira e norte-americana construídas pela mídia impressa*. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BALOCCO, A. E. O sistema do engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. A. S. D. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BARBARA, L.; GOMES, M. C. A. A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais. *Letras (UFSM)*, Santa Maria, v. 20, n. 40, 2010.

BÍBLIA COMENTADA. *Por que Jesus chamou a mulher cananéia de cachorrinho?* Disponível em: <<https://bibliacomentada.com.br/index.php/por-que-jesus-chamou-mulher-cananea-de-cachorrinho>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BORG, M. J. *Reading the Bible again for the first time: taking the Bible seriously but not literally*. Australia: Harper Collins, 2001.

CAMARGO, A. V. de. *Representação social da mulher e interdiscurso em editoriais da revista TPM*. 2016. 220 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e

Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016

CERQUEIRA, A. G. C.; TORGA, V. L. M. Uma investigação linguística do estilo no gênero parábola. *Revista Linguagem*. São Paulo, n. 21, p. 01-09, 2013. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao21/artigo-sic/ic01.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2014

DANIEL-ROPS, H. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DOMÍNGUEZ, J.; SÁEZ, J. *O Homem de Nazaré*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FARIAS, M. N.; TEDESCHI, L. A. Quando mulheres se olham ao espelho: representações da mulher ideal na Revista *Servas do Senhor*. *Revista Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 143-164, jul. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2010v7n2p143/16228>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

FIorenza, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

HALLIDAY, M.A.K. Part I. In: HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1994.

_____. MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An introduction to functional grammar*. 3th. ed. London: Arnold, 2004.

_____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. London, New York: Routledge, 2014.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LAVRADOR, J. L. P. *Ao sabor da Bíblia*. 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

LEMOS, F. “Se Deus é homem, o demônio é [a] mulher!”: A influência da religião na construção e manutenção social das representações do gênero. *Revista Artémis*, v. 6, p. 114-124, jun. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Angela/Downloads/2131-3334-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2017.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.

MIRANDA, E. E; MALCA, J. M. S. *Sábios fariseus: reparar uma injustiça*. São Paulo: Loyola, 2001.

MORAIS, C. B. F. *As mulheres na política brasileira: um estudo sob a perspectiva sistêmico-funcional*. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLIVEIRA, E. A. C. *A expressão da identidade feminina na música funk: uma análise do gênero letras de canção da fase erótica do movimento funk brasileiro*. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2007.

PEARLMAN, M. *João: o Evangelho do filho de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

RODRIGUES, L. C. C. “*Se quiser, é assim*.” Uma análise léxico-gramatical da representação feminina em letras de forró eletrônico. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ROGERSON, J. W. *O Livro de Ouro da Bíblia*. Tradução de Talita Macedo Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ROSSI, A. M. *Diferentes vozes, diferentes olhares: representações para as mulheres na perspectiva sistêmico-funcional nos evangelhos*. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

ROSSI, A. M.; FARENCENA, G.S. Representações da mulher em cartas bíblicas analisadas sob a perspectiva sistêmico-funcional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 150-163, abr./jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2014v11n2p150>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

ROSSI, A. M.; FUZER, C. Representações para homens e mulheres em um texto bíblico. *Revista Querubim*, Rio de Janeiro, ano 08, n. 16, p. 10-23, fev. 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/publicacoes/zquerubim_16.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2014.

SANTOS, C. H. et al. A representação da mulher no discurso religioso. In: Seminário De Pesquisa Em Ciências Humanas, 11., Londrina, 2016. *Anais...* p. 607-614. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt6_413.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2017.

SILVA, C. R. *A relação interativa entre Jesus e as mulheres a partir de Mc 14,3-9*. 2011. 69 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.

TAMANINI-ADAMES, F. A. *Uma nova identidade para a mulher na maturidade?* 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

TENNEY, M. C. *O novo testamento sua origem e análise*. Tradução Antonio Fernandes. São Paulo: Shedd publicações, 2008.

TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. 2. ed. London: Arnold, 2004.

VASCONCELOS, F.; ANDRADE, M. C. M. A mulher professora: gênero e constituição da identidade docente. In: Reunião Anual da ANPED, 27., *Anais...* Caxambu, MG: 21-24 nov. 2004, Caxambu, MG: ANPED, 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t234.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

VIEIRA, M. G. *Mulheres na Bíblia e na vida de Jesus: o caso de Marta e de Maria*. 2010. 68 fl. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, número especial, 2004. p.177-205.

AS REPRESENTAÇÕES DO POVO E DOS POLÍTICOS EM DISCURSOS PARLAMENTARES¹

*Edna Cristina Muniz da Silva
Angela Silva da Veiga*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é a análise da representação dos atores sociais ‘o povo brasileiro’ e ‘os políticos’ em discursos parlamentares com base na associação entre os pressupostos teóricos do sistema da transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) e o inventário sociossemântico para análise da representação de atores sociais (VAN LEEUWEN, 2008; FAIRLOUGH, 2003). Entendemos que todos os discursos recontextualizam as práticas sociais e que todo conhecimento se fundamenta em uma prática. Os princípios recontextualizadores que ligam os discursos às práticas sociais se baseiam nos seguintes elementos: atores, seus papéis sociais e identidades; ações e seus estilos de atuação; ambientes e tempos. No processo de recontextualização, alguns desses elementos podem ser excluídos do discurso ou transformados, além de ser possível o acréscimo de propósitos e legitimações das ações. Ou seja, algumas recontextualizações podem eliminar detalhes reais das práticas sociais e focar sobre a legitimação ou a crítica.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem interdisciplinar para o estudo do discurso, em que o uso da língua é uma forma de prática social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22) que foca os modos como a dominação social e política é reproduzida e representada na fala e nos textos escritos. De acordo com essa abordagem, cada discurso representa uma visão de mundo particular, relações sociais específicas entre as pessoas e identidades sociais conforme a finalidade, o contexto e os destinatários. Visto que há acesso desigual aos recursos linguísticos e sociais, uma vez que são controlados pelas

1 Neste capítulo, apresentamos um recorte dos resultados da pesquisa de mestrado “A Representação do povo brasileiro em discursos parlamentares” (VEIGA, 2015), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade de Brasília.

instituições, o objetivo principal da ADC é investigar criticamente as desigualdades sociais expressas, sinalizadas, constituídas e legitimadas pelo uso da linguagem (WODAK, 2001, p. 2).

Fairclough e Fairclough (2012) apresentam o discurso político como forma de argumentação que tem privilegiado a representação em detrimento da ação. Propõem então o estudo da representação subordinada à ação social. Os estudos de Fairclough (2001, 2003, 2012) buscam uma análise da exterioridade da linguagem, ou seja, do aspecto social, associada à análise da léxico-gramática para compreender os efeitos causais e ideológicos e como as relações de poder são representadas linguisticamente nos textos (FAIRCLOUGH, 2003, p.15). A teoria gramatical que se alinha a esse propósito, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 139), é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF).

Fairclough (2003, p. 124) entende o discurso como modos de representação do mundo por meio dos processos, das relações e estruturas do mundo material, dos aspectos do mundo interno da consciência, como pensamentos, sentimentos, crenças e desejos, e das relações interpessoais no mundo social. Como os fenômenos do mundo social podem ser representados diferentemente, precisamos considerar os diferentes posicionamentos dos atores sociais em seus discursos, que são o reflexo de suas visões de mundo, suas relações interpessoais e suas identidades sociais. Além de representar as experiências de vida dos atores sociais, o discurso projeta aspectos do mundo imaginário e fictício com vista a mudanças sociais em diversos aspectos.

A LSF, proposta por Halliday e Matthiessen (2014), provê as categorias da léxico-gramática para análise dos significados das escolhas linguísticas feitas pelo falante/escritor, que carregam as intenções e ideologias subjacentes ao discurso, ao investigar como os significados das metafunções da linguagem se relacionam às estruturas linguísticas. O sistema da transitividade descreve a oração como representação da experiência pela identificação dos seus elementos constituintes – participantes, processos e circunstâncias –, os quais podem representar atores sociais que são incluídos ou excluídos nos discursos. Os atores sociais podem estar explícitos nos participantes e nas circunstâncias ou implícitos nas desinências verbais dos processos (neste último caso, em se tratando da língua portuguesa).

Van Leeuwen (2008) mostra como os participantes de práticas sociais são representados no discurso. Apresenta uma análise sociossemântica da repre-

sentação dos atores sociais, observando aspectos sociais e críticos nessas representações e relacionando-os à estrutura da transitividade de Halliday (1985). Van Leeuwen (2008) investiga principalmente inclusões e exclusões de atores sociais, visto que as representações incluem e excluem atores sociais para atender a interesses e propósitos do autor em relação aos leitores que visa alcançar.

Neste estudo, com base nos pressupostos teóricos da ADC e da LSF sobre representação, analisamos a reação de dois parlamentares – o líder do governo e o líder da oposição² – em seus discursos políticos proferidos no dia 18 de junho de 2013, ou seja, no dia seguinte a grandes manifestações populares ocorridas em todo o Brasil contra os gastos públicos excessivos, a inflação, o aumento de tarifas de ônibus. Escolhemos as falas desses dois parlamentares porque eles representavam, naquele momento, o governo e a oposição, respectivamente, e revelavam assim não somente sua própria opinião, mas a do bloco partidário que representavam, tornando-se, dessa maneira, muito significativos para compreendermos a reação dos parlamentares diante daquela situação. Os deputados federais dos vários partidos, estupefatos, subiram à tribuna da Câmara dos Deputados para discursarem sobre o acontecimento. Estávamos naquele momento às vésperas da realização da Copa das Confederações e em meio aos preparativos para sediar a Copa do Mundo de futebol. O descontentamento da população brasileira diante dos gastos excessivos com a construção de estádios e com outras obras para atender ao mundial esportivo foi manifestado como protestos que tomaram conta das ruas das cidades brasileiras. A precariedade dos serviços públicos de saúde, educação e segurança, além de mais um aumento na tarifa de transporte público, fez eclodir o grito de indignação dos cidadãos brasileiros. Pelas redes sociais na internet, as manifestações foram organizadas e se tornaram numerosas a cada evento. Pessoas de várias idades e classes sociais se uniram sem bandeiras de partidos políticos para manifestarem sua insatisfação e reivindicarem mudanças sociais e políticas.

REPRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: O SISTEMA DA TRANSITIVIDADE

A Linguística Sistêmico-Funcional tem sido uma ferramenta bastante utilizada para análise de discursos, porque oferece um modelo de análise lingüís-

² Os discursos estão disponíveis em < <http://www2.camara.leg.br/deputados/discursos-e-notas-taquigraficas> >.

tica indissociável do contexto sociocultural, tendo em vista que a estrutura linguística se subordina ao uso da língua nas práticas sociais. Em outras palavras, o ser humano representa o contexto sociocultural em que vive através da linguagem, porque “as línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior” (HALLIDAY, 1994, p. 106). Ao usar a língua, o indivíduo lança mão de um sistema complexo de significação por meio do qual manifesta seus valores, suas crenças e os papéis sociais que desempenha nas interações. Por isso, as escolhas linguísticas são determinadas por fatores contextuais importantes na criação de significados. Usamos a língua para interagir com as pessoas e também para falar sobre o mundo, tanto o mundo físico das coisas materiais (ações e eventos), quanto o mundo interno da nossa consciência, que abarca os nossos pensamentos, sentimentos, crenças, vontades. Quando olhamos para a realidade dessa perspectiva, focamos os conteúdos dos textos e podemos perceber as diferentes escolhas que os falantes fazem quando usam a linguagem para expressarem os significados da experiência e de representação do mundo (THOMPSON, 2014, p. 86).

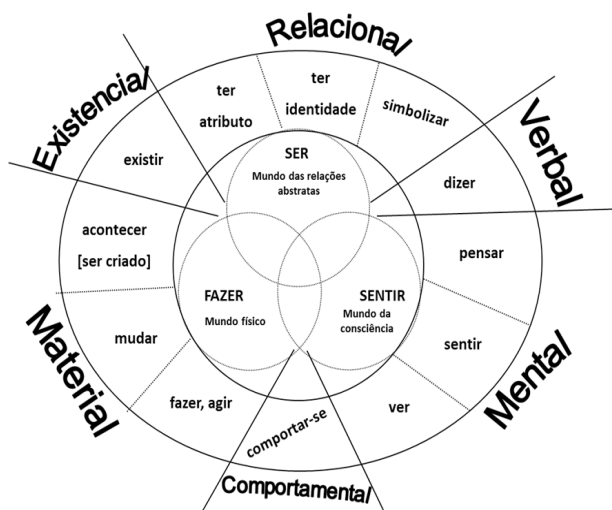
Os significados da experiência são expressos linguisticamente pelo sistema da transitividade, que constrói a oração como representação, por meio de três elementos: um processo que se desenvolve ao longo do tempo, participantes envolvidos nesse processo e circunstâncias associadas ao processo. Os elementos da transitividade são categorias semânticas que explicam, de modo geral, como os fenômenos da nossa experiência de mundo são construídos por meio de estruturas linguísticas e organizados de modo a fornecer uma configuração dessa experiência. Os elementos circunstanciais (grupo adverbial ou sintagma preposicional) geralmente são opcionais e ampliam a oração do ponto de vista temporal, espacial, causal, de modo; os participantes (grupo nominal) são inerentes ao processo (grupo verbal), visto que toda oração tem pelo menos um participante, e os processos são constituintes centrais na configuração da oração como representação da experiência.

O processo é o elemento central da configuração de uma oração, e cada tipo de processo provê uma configuração para construir domínios particulares da experiência. Os participantes estão próximos ao centro e diretamente envolvidos no processo, trazendo algo sobre a sua ocorrência ou sendo afetados por eles de algum modo, e o tipo de participante varia conforme o processo.

A combinação de processo + participante constitui o centro da experiência na oração, sendo que orações com diferentes tipos de processos trazem distintas contribuições para a construção do mundo da experiência em um texto.

Os processos materiais, mentais e relacionais são os principais tipos de processos. Outros três processos localizam-se na fronteira entre os processos principais por compartilharem alguns traços semânticos: verbais, comportamentais e existenciais. Este é um princípio fundamental sobre o qual o sistema se baseia: o princípio da indeterminação sistêmica, que revela a existência de elementos na fronteira das categorias, tornando difícil sua classificação (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014 p. 217). O mundo da nossa experiência é altamente indeterminado, e isso tem reflexo no modo como a gramática constrói o mundo linguisticamente pelo sistema da transitividade, especificando tipos de processo, participantes relacionados a cada tipo de processo e circunstâncias em que ocorrem os processos. Desse modo, o mesmo texto pode oferecer modelos alternativos de um mesmo domínio da experiência, construindo, por exemplo, o domínio da emoção tanto como um processo mental (*a sociedade se cansou do modelo que está aí*), quanto como um participante em um processo relacional (*a sociedade está cansada*). Os tipos de processos, segundo Halliday e Matthiessen (2014), podem ser observados na Figura 1.

Figura 1 – A gramática da experiência.



Fonte: traduzido de Halliday e Matthiessen (2014, p. 172).

Gramaticalmente, os tipos de processos distinguem basicamente entre as experiências do mundo físico, das ações e dos eventos nas orações de processos materiais, e aquelas do mundo da consciência, da percepção, da emoção e da imaginação nas orações de processos mentais. A gramática também codifica processos de identificação e classificação nas orações de processos relacionais. Por isso, os principais tipos de processos do sistema da transitividade são os materiais, os mentais e os relacionais. Entretanto, na fronteira entre os processos materiais e mentais, estão os processos comportamentais, que representam as manifestações dos processos da consciência e estados fisiológicos. Entre os processos mentais e relacionais, localizam-se os processos verbais, que se referem às relações simbólicas construídas na consciência humana e realizadas pela linguagem. E entre os processos relacionais e materiais estão os processos existenciais, que se referem à existência ou ao acontecimento das coisas.

As orações de processo material – do fazer e acontecer – referem-se a nossa experiência do mundo material e envolvem ações físicas, como ‘correr’, ‘arremessar’, ‘cozinhar’, etc. O agente desse tipo de ação denomina-se Ator; qualquer processo material tem um Ator, mesmo que não seja mencionado na oração.

As orações de processo mental se referem à experiência do mundo interno da nossa consciência e diferenciam quatro tipos de sentir: perceptivo (‘ver’, ‘ouvir’, etc.), cognitivo (‘imaginar’, ‘descobrir’, ‘conhecer’, ‘compreender’, etc.), desiderativo (‘desejar’, ‘querer’, etc.) e emotivo (‘sentir’, ‘gostar’, ‘odiar’, etc.).

As orações de processo relacional ligam um participante à sua identidade ou descrição e, por isso, codificam dois tipos de processos: atributivos, que relacionam um participante a suas características gerais; e identificativos, que relacionam um participante à sua identidade, papel ou significado.

As orações de processo comportamental referem-se aos comportamentos fisiológicos e psicológicos, apresentam características tanto dos processos materiais quanto dos mentais, pois em parte referem-se a uma ação, que tem de ser realizada por um ser consciente.

As orações de processo verbal referem-se aos verbos de ‘dizer’, que são facilmente reconhecidos porque introduzem citações.

As orações de processo existencial representam algo que existe ou acontece e apresentam apenas um participante: o Existente. Em português são identificadas como orações sem sujeito pela gramática tradicional, cujos verbos mais comuns são 'haver' e 'ter' e os que indicam fenômenos meteorológicos. A função da oração existencial é anunciar a existência de uma situação.

A REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS

Van Leeuwen (2008, p. 8) investiga a forma como os participantes das práticas sociais são representados no discurso e propõe um inventário sociossemiótico dos tipos de representação dos atores sociais. Nesse sentido, desenvolveu um arcabouço analítico para a Análise de Discurso Crítica, adotando o conceito de “discurso” de Foucault (1977) como construção semântica de aspectos da realidade que servem a interesses em contextos sociais e históricos particulares; o conceito de “registro” de Halliday (1985), que é uma variedade semântica da língua conforme o contexto de situação; e o conceito de “recontextualização” de Bernstein (1990), para quem as mudanças semânticas ocorrem de acordo com princípios recontextualizadores, que seletivamente apropriam, reorientam, redirecionam e relacionam discursos entre si, visto que o conhecimento é fundamentado na prática.

A abordagem de Van Leeuwen (2008) fundamenta-se na concepção de discurso como prática social recontextualizada, apresentando os elementos das práticas sociais e suas possibilidades de recontextualização nos textos, que podem estrategicamente ser estudados e interpretados como representação e interação. É importante destacar a diferença entre prática social e representação de práticas sociais. A primeira se refere a ações sociais, ao que as pessoas fazem; a última se refere ao que as pessoas falam sobre as ações sociais. Uma coisa é fazer algo; outra é falar sobre o que foi feito ou aconteceu. Isso significa que a pluralidade de discursos se assenta nas diferentes possibilidades de representação da mesma prática social nos textos. Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de as práticas sociais serem modos de ação, que são construídos socialmente pela imposição de regras, pelas tradições, pela influência de ideologias, e também pelas restrições dos recursos tecnológicos usados, etc.

Van Leeuwen (2008, p. 7) mostra que os elementos das práticas sociais aparecem nos textos como participantes em certos papéis (instigador, agente, afetado ou beneficiário), ações, modos de atuação, condições de elegibilidade dos participantes, estilos de apresentação dos participantes, tempos e locais em que ocorre a prática social, condições de elegibilidade dos locais onde ocorrem as práticas sociais, recursos (ferramentas e materiais) e condições de elegibilidade dos recursos. O que pode ser representado nos textos inclui aspectos do mundo físico (processos, objetos, relações, parâmetros espaciais e temporais), aspectos do mundo mental (pensamentos, sentimentos, sensações, etc.) e aspectos do mundo social.

Toda prática social requer um conjunto de participantes atuando em certos papéis e com qualificações que possam desempenhar um papel em uma prática social. Por exemplo, uma sessão pública da Câmara dos Deputados requer a presença de pelo menos a décima parte do número total de Deputados. Nem sempre todos os participantes de uma prática social são mencionados no texto, o que significa que recontextualizações podem excluir algum participante envolvido na prática recontextualizada. Uma vez que a essência de qualquer prática social é a sequência de ações realizadas, estas podem ser determinadas socialmente em um maior ou menor grau, podendo ou não permitir escolhas quanto às ações dos participantes. As práticas sociais também envolvem estilos de apresentação dos atores sociais, que podem ser explicitamente prescritos ou admitir certa liberdade quanto à aparência (uso do cabelo, modo de vestir-se, uso de tatuagem, de joias, etc.) relacionada a situações específicas, como, por exemplo, o uso de paletó e gravata pelos parlamentares.

O tempo e o lugar podem restringir as ações dos participantes das práticas sociais. Por exemplo, a prática social de assistir a uma sessão no plenário da Câmara exige algumas restrições para os participantes: o público não pode estar vestindo bermudas, camisas sem mangas, minissaias ou chinelos e deve dirigir-se às galerias; os políticos devem trajar terno e, caso queiram discursar, devem fazer inscrição prévia. As práticas sociais podem envolver a mudança de tempo e lugar, bem como os lugares podem apresentar certas condições para serem qualificados como, por exemplo, um gabinete parlamentar, um plenário de comissão, as galerias. Essas condições se relacionam ao tamanho e à forma da sala ou do ambiente, além da decoração e do mobiliário, ou à falta deles.

Na recontextualização das práticas sociais, ocorrem transformações nas representações de atores sociais, tais como substituições, exclusões, acréscimos, repetições, reações, propósitos, legitimações, avaliação. Van Leeuwen (2008) concentra-se na identificação dos agentes excluídos e incluídos, pois são categorias relevantes para investigar a representação dos atores sociais nos textos. Para ele, todo texto deve ser interpretado em termos de representações das práticas sociais, levando-se em consideração quais práticas sociais são maneiras socialmente reguladas de fazer coisas, em diferentes graus e de diferentes maneiras.

Van Leeuwen (2008) afirma que a agência é importante para a Análise de Discurso Crítica (ADC). No entanto, lembra que a agência sociológica nem sempre é exercida pelo agente gramatical. Pode ser realizada pelo uso de pronomes possessivos, como, por exemplo, em “minha avaliação”. Não há uma ligação necessária entre categorias sociológicas e categorias linguísticas, por isso, se o analista se fixar em operações ou categorias linguísticas específicas, poderá deixar escapar relevantes exemplos de agência. Além disso, cada cultura apresenta suas formas peculiares de representar o mundo. Devemos levar em conta também que representações incluem e excluem atores sociais para atender aos interesses e propósitos dos autores em relação aos leitores que visam alcançar. Algumas exclusões ocorrem em razão de já serem conhecidas pelo leitor, por ser um assunto amplamente divulgado, por exemplo, ou consideradas irrelevantes por quem escreve; outras são intencionais. Algumas exclusões não deixam marcas, excluindo atores sociais e suas atividades (como, por exemplo, o fato de alguns deputados não mencionarem o povo ao discursarem a respeito das manifestações). Trata-se de exclusão radical com papel importante numa análise que compare diferentes representações de uma mesma prática social, como ocorre na análise dos dois discursos apresentados neste capítulo.

Nas exclusões de atores sociais, é preciso distinguir entre a supressão, quando não há referência alguma a determinados atores sociais no texto, e o encobrimento, quando o ator social é colocado em segundo plano ou como informação de fundo, que é uma exclusão menos radical na qual o ator social não aparece ligado diretamente à atividade, mas é mencionado em outro ponto do texto, e o leitor pode inferir quem ele é (VAN LEEUWEN, 2008, p.29).

O apagamento da agência pode ocorrer também pelo uso do verbo no infinitivo no lugar do sujeito, como na frase “Manter essa política é difícil” (Quem mantém?). Beneficiários de uma ação também podem ser camuflados por meio de nominalizações e uso de adjetivos no lugar de verbos: “a legítima ação dos agentes...” (Quem legitima?) ou “a divulgação de imagens...” (Quem divulga?).

A escolha entre um termo genérico ou específico é fator importante na representação dos atores sociais. Pode ser realizado pelo plural sem artigo ou com o singular com artigo definido ou indefinido: “Essa angústia da sociedade está sendo traduzida nas ruas agora por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos”.

Outra escolha que o escritor ou falante pode fazer é a utilização de assimilação por meio da coletivização, como ocorre em “foi a Polícia de São Paulo que assustou a população”. O uso de plurais e da primeira pessoa do plural (nós) e de termos como “nação”, “sociedade” também são formas de coletivizar. O uso de termos como “relatório” e “pesquisa” costuma dar uma autoridade impessoal ao discurso.

É importante observar quais atores são citados nominalmente e quais são incluídos em categorias. O Líder do Governo menciona duas vezes o nome da Presidente Dilma Rousseff em seu discurso para representá-la ativamente como Dizente de duas citações que faz para sintonizar o seu discurso com a fala da Presidente. O Líder da Minoria menciona apenas uma vez o nome da Presidente Dilma Rousseff em seu discurso para representá-la passivamente como alguém sem prestígio popular: “A Presidente Dilma Rousseff recebe uma vaia em um estádio brasileiro”. Nessa representação, o verbo ‘receber’ tem sentido passivo. Atores sociais também podem aparecer de acordo com a função que desempenham (a líder do PC do B, o parlamentar, o político) ou, ainda, classificados por gênero, classe, orientação sexual, religião (“a classe média brasileira”, “os homossexuais”, “os evangélicos”). Podem também estar associados a uma instituição: “o professor da UnB”. Enfim, o falante pode escolher entre identificar ou definir por função os atores sociais e isso, para o analista do discurso, é importante.

Por fim, deve-se ter em mente que, para a análise do discurso, as ausências são tão significativas quanto as presenças, pois as exclusões visam atender a interesses do falante. Além disso, incluir ou excluir um ator social num determinado evento discursivo é a consequência de uma prática social utilizada

com um fim ideológico. Para que essas exclusões sejam percebidas, é preciso comparar criticamente as diferentes representações da mesma prática social.

CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS

Na análise da representação dos atores sociais, Van Leeuwen (2008) afirma que as representações podem atribuir papéis ativos ou passivos aos atores sociais, sendo realizadas por papéis gramaticais de participantes, ‘circunstancialização’ (circunstâncias preposicionadas) e ‘possessivação’ (uso de pronome possessivo para ativar ou passivar um ator social). Propõe que sejam examinados os seguintes aspectos nas representações: (a) quais atores sociais têm papel ativo e quais têm papel passivo; (b) que escolhas são feitas, em quais contextos sociais e institucionais; (c) quais interesses e finalidades estão por trás dessas escolhas. Na análise das representações, é preciso observar que a ativação ocorre quando atores sociais são representados como forças dinâmicas e ativas em uma atividade, e a passivação ocorre quando os atores sociais são representados como sofrendores ou recebedores. Neste estudo, as categorias sociossemânticas de Van Leeuwen (2008) para análise da representação de atores sociais são relacionadas aos elementos do sistema da transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN 2014), para examinarmos linguisticamente os papéis dos participantes na representação da experiência.

Os atores sociais representados por Metas e Beneficiários (funções da transitividade) podem tornar-se sujeitos nas orações passivas e se beneficiarem da ação positiva ou negativamente. Um aspecto que os distingue é que Beneficiários podem ser precedidos por preposição; Metas não. A beneficiarização pode realizar-se por meio da participação, quando o participante beneficiado é Receptor ou Cliente em relação a um processo material, como ‘A voz das ruas’ em “A voz das ruas precisa ser defendida”, e Receptor em relação a um processo verbal, como ‘aos manifestantes’ em “A presidente expressou o seu apoio aos manifestantes”.

A sujeição pode ser realizada de vários modos: (a) por participação, quando o ator social passivado é Meta em um processo material, é Fenômeno em um processo mental, ou Atributo em um processo relacional atributivo (HALLIDAY, 1985, p. 43); (b) por sintagma preposicional, como ocorre em “A

reação da polícia contra os manifestantes foi desencadeada pelo arremesso de uma pedra”; (c) por possessivação, geralmente na forma de um sintagma preposicional com nominalização, como em “a entrada de imigrantes no país” e “tolerância racial”. A beneficialização pode ser realizada por participação, caso em que o participante beneficiado é Receptor ou Cliente em relação a um processo material, ou Receptor em relação a um processo verbal.

Quando as atividades (por exemplo, a morte de manifestantes) estão incluídas, mas alguns ou todos os atores sociais nelas envolvidos (por exemplo, a polícia) se encontram excluídos, a exclusão deixa efetivamente vestígios, pois podemos perguntar quem é que matou ou quem foi morto, mesmo que o texto não nos dê respostas. Nesse caso, outra distinção deve ser feita: a distinção entre suprimir e colocar o ator social em segundo plano ou encoberto.

A exclusão por supressão pode realizar-se pelo apagamento do agente da passiva, pelas orações infinitivas que funcionam como um participante gramatical, pelas nominalizações e pelos nomes-processos, destacando que processos podem estar nominalizados por adjetivos. Na supressão, não há qualquer referência ao(s) ator(es) social(is) em questão em qualquer parte do texto. No caso de colocar um ator social em segundo plano, a exclusão é menos radical: os atores sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada atividade, mas são mencionados em algum lugar no texto, e conseguimos inferir com alguma certeza quem eles são. Trata-se da exclusão por encobrimento.

Para entender o padrão de inclusão e exclusão de atores sociais nos textos, é necessário analisar quem são os atores sociais mais frequentemente incluídos e os atores sociais mais frequentemente encobertos e suprimidos. Outro aspecto importante na análise é examinar que papéis são atribuídos aos atores sociais, quem é representado como agente (Ator) e como paciente (Meta) na prática social.

A escolha entre referência genérica e específica é importante na representação dos atores sociais. A classificação é um instrumento de controle sobre o fluxo de experiência da realidade física e social e controle da sociedade sobre concepções dessa realidade. A genericização pode realizar-se por meio do plural sem artigo, como “manifestantes”; singular com um artigo definido ou indefinido, como “O Deputado faz isso, o Deputado faz aquilo”.

Os atores sociais podem ser referidos como indivíduos (individualização) ou como grupos (assimilação). Textos extraídos de jornal, por exemplo,

mostraram que jornais dirigidos à classe média tendem a individualizar as pessoas pertencentes à elite e a assimilar pessoas comuns, enquanto jornais dirigidos à classe trabalhadora, por vezes, individualizam pessoas comuns. Existem dois tipos de assimilação: agregação e coletivização. Agregação quantifica grupos de participantes, tratando-os como dados estatísticos. O mesmo não acontece com a coletivização. Na coletivização, é usado um nome para generalizar, deputados são coletivizados como “a comissão”, “o poder legislativo”. A agregação é muitas vezes usada para regulamentar a prática e para produzir uma opinião de consenso, mesmo que se apresente como mero registro de fatos, realizando-se pela presença de um quantificador definido ou indefinido, que funciona como numeral ou como núcleo do grupo nominal. A individualização realiza-se por meio da singularidade, e a assimilação por meio da pluralidade. A assimilação pode realizar-se por um substantivo contável ou um substantivo que denote um grupo de pessoas, como, por exemplo, “nação”.

A associação consiste em grupos formados por atores sociais e/ou grupos de atores sociais (referidos quer genérica quer especificamente) que nunca são classificados no texto (embora os atores ou grupos que integram a associação possam ser nomeados e/ou categorizados). A realização mais comum de associação é a parataxe, como em “Acreditavam que o programa de imigração existia para beneficiar os políticos, os burocratas e as minorias étnicas”. A associação também pode realizar-se por circunstâncias de acompanhamento (HALLIDAY, 1985, p. 141). As associações podem ser desfeitas, à medida que o texto prossegue.

A indeterminação ocorre quando os atores sociais são representados como indivíduos ou grupos não especificados e anônimos. Realiza-se tipicamente por meio de pronomes indefinidos usados numa função nominal, como em “Alguém atirou pedra no policial”. Nesse caso, a indeterminação anonimiza um ator social, e a identidade do ator social é tratada como sendo irrelevante para o leitor. A indeterminação pode também ser agregada pelo uso de expressões como “muitos acreditam”, “alguns dizem”.

A determinação, por outro lado, ocorre quando a identidade do ator social é especificada. A diferenciação (que é um tipo de determinação) distingue explicitamente um ator social individual ou um grupo de atores sociais de um ator ou grupo semelhante, criando a diferença entre o “eu” (próprio) e o “outro”, ou entre “nós” e “eles”.

Os atores sociais podem ser representados tanto em termos da sua identidade única, sendo nomeados, ou em termos de identidades e funções que partilham com outros (categorização). É sempre interessante investigar quais atores sociais são, em um dado discurso, categorizados e quais são nomeados. Por exemplo, nas narrativas, às personagens sem nome cabem apenas papéis passageiros e funcionais e não se tornam pontos de identificação para o leitor ou ouvinte. Nos jornais, ocorre algo semelhante: por exemplo, pessoas com elevada posição social geralmente são nomeadas, enquanto pessoas comuns não.

A nomeação realiza-se tipicamente por meio do uso de nomes próprios, de maneira formal (é mencionado apenas o nome, com ou sem honoríficos), semi-formal (nome e sobrenome) ou informal (apenas o nome). Ocasionalmente pode ocorrer ocultação de nome, em que letras ou números substituem nomes, de modo que a nomeação possa ter significado, enquanto o nome é, ao mesmo tempo, ocultado. Todas as nomeações podem ser usadas como vocativos e não ocorrem com um pronome possessivo, exceto em contextos de especial carinho como, por exemplo, em “Minha Vanessa”. Outros recursos diferentes dos nomes próprios podem ser utilizados para nomeação, especialmente quando, num determinado contexto, apenas um ator social ocupa certa posição ou desempenha certa função (por exemplo, presidente de um país). As nomeações podem ser tituladas tanto sob a forma de honorificação, como em “Senhor Presidente”, por adição de títulos padrão e cargos, como em “Líder da Minoria”, ou sob a forma de afiliação, a adição de um termo de relação pessoal ou de parentesco como em “Vossa Excelência”.

Distinguem-se dois tipos fundamentais de categorização: funcionalização e identificação. A funcionalização ocorre quando os atores sociais são referidos em termos de uma atividade, em termos de alguma coisa que fazem, por exemplo, uma ocupação ou função. Realiza-se tipicamente num dos seguintes modos: (a) por meio de um substantivo, formado a partir de um verbo; (b) por meio de um substantivo formado a partir de outro substantivo que denota um local ou instrumento diretamente associado a uma atividade (pianista, montanhista); (c) por meio da composição de substantivos denotando locais ou instrumentos diretamente associados a uma atividade e categorizações altamente generalizadas como homem, mulher, pessoa, pessoas.

A identificação ocorre quando os atores sociais são definidos não em termos daquilo que fazem, mas em termos daquilo que, inevitavelmente, são. Existem três tipos: classificação, identificação relacional e identificação física. No que se refe-

re à classificação, os atores sociais são referidos em termos das principais categorias através das quais uma dada sociedade ou instituição diferencia classes de pessoas. Em qualquer sociedade, estes dados incluem idade, sexo, origem, classe social, riqueza, raça, etnicidade, religião, orientação sexual. Por exemplo, as expressões “os sem-teto” (posição social) e “os evangélicos” (religião) são exemplos de classificação. Entretanto, as categorias de classificação variam historicamente e culturalmente. Atualmente a categoria relacionada a pertencer a uma empresa ou organização começa a desempenhar um papel importante na identificação, por exemplo: uma taquígrafa da Câmara dos Deputados, um porta-voz da Presidência da República.

A identificação relacional representa os atores sociais em termos de relações de parentesco, relações sociais ou de trabalho: por exemplo, “amigo”, “tia”, “colega” podem ser possessivados por um pronome possessivo (“o amigo dela”) ou por um genitivo (“a mãe da criança”, “filho de Maria”), ou ainda por um sintagma preposicional pós-modificador introduzido pela preposição “de” (“uma mãe de seis filhos”, “defensores dos médicos”).

A identificação física representa atores sociais em termos de características físicas que unicamente os identificam em um dado contexto. Pode realizar-se por nomes que denotam características físicas (“loira”, “ruiva”), por adjetivos (“barbudo”, “alto”) ou por sintagmas preposicionais (“a menina de cabelos compridos”). Ao contrário da nomeação, a identificação física é sempre sobredeterminada, ou seja, os atributos físicos tendem a ter conotações, e isso pode ser utilizado obliquamente para classificar ou funcionalizar os atores sociais. Finalmente, os atores sociais podem ser referidos em termos interpessoais (em vez de experienciais/ideacionais) e, assim, avaliados como bons ou maus, amados ou odiados, admirados ou alvos de pena.

Até aqui, apresentamos as escolhas representacionais que personalizam os atores sociais, representando-os como seres humanos, como ocorre com o uso de pronomes pessoais e possessivos, nomes próprios ou nomes (incluindo adjetivos, como em “cuidado materno”) cujo significado inclui o traço humano. Entretanto, os atores sociais podem ser impessoalizados, representados por outros meios, por exemplo, por nomes abstratos ou concretos cujos significados não incluem o traço semântico humano. Distinguem-se dois tipos de impessoalização: abstração e objetivação.

Abstração ocorre quando atores sociais são representados por meio de uma qualidade atribuída a eles na representação, e objetivação ocorre

quando atores sociais são representados por meio de referência a um lugar ou coisa intimamente associados à pessoa ou à ação em que são representados como engajados. Em outras palavras, a objetivação é realizada por referência metonímica. Tipos de objetivação mais comuns: espacialização, autonomização discursiva, instrumentalização e somatização.

Espacialização é uma forma de objetivação pela qual os atores sociais são representados por referência ao lugar em que estão, em um dado contexto, intimamente associado. Isso ocorre, por exemplo, quando, nos textos, “brasileiros” são substituídos por “Brasil”. Autonomia discursiva é uma forma de objetivação em que atores sociais são representados em referência aos seus enunciados. É o caso, por exemplo, de “pesquisas” na frase: “Essa preocupação, o repórter observou, estava refletida em pesquisas que mostraram que o nível de apoio para parar a imigração foi alto no pós-guerra”. Uma vez que isso leva a um tipo de autoridade impessoal para os enunciados, é frequentemente usada em conexão com as declarações de status elevados dos porta-vozes oficiais. A instrumentalização, por sua vez, é uma forma de objetivação na qual os atores sociais são representados por referência ao instrumento pelo qual realizam a ação em que estão representados como engajados/implicados: “Um morteiro de 120mm bombardeou um mercado em Sarajevo”. Somatização, por fim, é uma forma de objetivação na qual os atores sociais são representados por referência a uma parte de seus corpos, como na expressão “um par de mãos seguro” ou na frase “Ela pousou sua mão nos ombros de Ana”. O nome que denota a parte do corpo é quase sempre pré-modificado por um pronome possessivo ou um genitivo que se refere à(o) dono(a) da parte do corpo, e talvez, nesses casos, possamos falar em semiobjetivação.

Geralmente, a impessoalização pode ter um ou mais efeitos: colocar em segundo plano a identidade e/ou papel dos atores sociais; emprestar autoridade impessoal ou forçar a uma ação ou qualidade de um ator social; acrescentar conotações positivas ou negativas a uma ação ou declaração de um ator social. Já as abstrações adicionam significados conotativos: as qualidades abstraídas de seus portadores servem, em pare, para interpretá-los e avaliá-los.

Apresentamos a seguir um quadro que resume o inventário sociosemântico proposto por Van Leeuwen (2008) para a análise da representação dos atores sociais.

Quadro 1 – Categorias da representação dos atores sociais.

EXCLUSÃO	Supressão Encobrimento		
INCLUSÃO			
Ativação			
Passivação	Sujeição Beneficiação		
Participação Circunstancialização Possessivação			
Personalização	(a) Determinação:		
	Associação Dissociação		
	Diferenciação Indiferenciação		
	Categorização	Funcionalização	
		Identificação	Classificação Identificação relacional Identificação física
		Avaliação	
	Nomeação	Formalização Semiformalização Informalização	
		Titulação	Honorificação Afiliação
		Destitulação	
	Determinação única		
Sobredeterminação	Inversão	Anacronismo Desvio	
	Simbolização Conotação Destilação		
(b) Indeterminação			
Genericização			
Especificação	Individualização		
	Assimilação	Coletivização Agregação	
Impersonalização	Abstração		
	Objetivação	Espacialização Autonomização da enunciação Instrumentalização Somatização	

Fonte: com base em Van Leeuwen (2008, p. 52).

REPRESENTAÇÕES PARA O POVO E OS POLÍTICOS NA FALA DOS LÍDERES

Com base no modelo de transitividade de Halliday e Mathiessen (2014) e na abordagem para a representação dos atores sociais de Van Leeuwen (2008), investigamos a forma como o povo e os políticos são representados nos discursos de parlamentares na Câmara dos Deputados. São analisados dois discursos, um do líder do governo (Texto 1) e outro do líder da minoria (Texto 2), proferidos no dia seguinte às manifestações populares ocorridas em 18 de junho de 2013 no país inteiro e, principalmente, em frente ao Congresso Nacional. Esses protestos repercutiram no Brasil e no mundo, tornando-se manchete em jornais de vários países³. Foi um momento de tensão no parlamento brasileiro e um momento histórico em que o povo brasileiro foi às ruas, em todo o país, para protestar contra o uso abusivo de dinheiro público para sediar a Copa do Mundo no Brasil em 2014.

Fairclough (2003, p. 90) ressalta que textos que representam os mesmos aspectos do mundo dentro da mesma rede de práticas sociais se diferenciam quanto ao que escolhem destacar. Sendo modos de representação do mundo, os discursos se diferenciam na medida em que se diferenciam as perspectivas sobre o mundo, a maneira como as pessoas interagem, como constroem suas identidades pessoais e sociais e como se posicionam nas práticas sociais. Dessa maneira, num texto um ator social pode ser referido como agente dominante e em outro discurso nem aparecer.

Para análise do sistema da transitividade associada à análise das formas de representação dos atores sociais nos discursos dos parlamentares, destacamos em *itálico* os atores sociais nos textos e balizamos-nos pelas seguintes questões de investigação:

1) Quais participantes do sistema da transitividade representam os atores sociais incluídos nos discursos? Quais atores sociais são excluídos?

2) Quais atores sociais representam papel ativo e quais representam papel passivo?

3) As escolhas de representação dos atores sociais constroem quais significados ideológicos?

³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603250-manifestacoes-pelo-pais-ganham-destaque-na-imprensa-internacional.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

A representação do povo e dos políticos no discurso do Líder do Governo

No Texto 1 (Anexo 1), o Deputado Henrique Fontana discursa como líder do governo. Logo no início do seu discurso, ele se inclui como ator social (pelo uso do possessivo “minha”) junto com a Presidente Dilma Rousseff.

Exemplo 1

A *minha* primeira frase está em sintonia com a nossa *Presidenta Dilma*, que hoje pela manhã expressou o seu apoio, como não poderia deixar de ser, a *manifestações* que, de forma pacífica, na sua ampla maioria, reivindicam mudanças ainda maiores no nosso *País*. [Texto 1]

Percebemos a exclusão do povo por encobrimento pelo uso da nominalização *manifestações*, nesse caso, sem artigo definido, de maneira genérica. Note-se que, *manifestações* é apresentado como Receptor, que é o participante a quem o processo verbal é endereçado no sistema da transitividade. A expressão *ainda maiores* reforça o pensamento de que esse governo já produziu outras mudanças no Brasil. *Como não poderia deixar de ser*, por sua vez, é um recurso da metafunção interpessoal, um Adjunto de Comentário que dá a ideia de algo óbvio; no entanto, conforme estudo feito por Castells (2013) a respeito de manifestações de protesto no mundo a partir da Primavera Árabe, em 2010, não era uma atitude comum a autoridade máxima do país se pronunciar a respeito dos protestos. O líder do governo, assim como outros parlamentares da base, procura enfatizar essa aproximação do governo do PT com as ruas.

Em outra parte do discurso, o povo é incluído por meio dos termos *população* e *os mais jovens*, como demonstrado no exemplo a seguir.

Exemplo 2

É evidente que a *população* que foi às ruas ontem, *Presidente Biffi*, especialmente *os mais jovens*, que foram maioria nas *manifestações*, querem uma saúde pública cada vez melhor, querem uma educação cada vez mais qualificada, querem transporte público mais barato e em condições cada vez mais qualificadas. [Texto 1]

O deputado segmenta e reduz a parcela do povo descontente ao especificar que quem deseja melhorias é “a população que foi às ruas ontem, especialmente os mais jovens”. O participante “a população”, que é ativado como Experienciador do processo mental desiderativo “querem”, é representado como grupo, sendo um exemplo de assimilação por coletivização do ator social. Em contrapartida, o parlamentar representa a Presidente Dilma, no primeiro excerto, usando o recurso da individualização, legitimando, assim, a sua participação interina como líder do governo na Câmara dos Deputados.

A inclusão de *nas manifestações* é representada como uma circunstancialização, que inclui o povo como ator social objetificado, pois é uma nominalização de uma ação que foi objetificada. Sempre que as ações são objetificadas, realizam-se por meio de nominalizações (VAN LEEUWEN, 2008). Quando ele fala *cada vez melhor e cada vez mais qualificada*, demonstra que o nível de exigência da população teria aumentado e não que as condições dos serviços fossem precárias. Ademais, faz repetições do processo mental desiderativo *querem* para enfatizar o desejo da população.

Nesse discurso, percebemos que o Deputado Henrique Fontana se coloca em primeiro plano, incluindo-se ativamente pelo emprego do pronome pessoal *eu* e *nós*, pelo uso da circunstancialização *na função de Líder do Governo*, e se inclui parcialmente pelo uso de *nosso governo, Os nossos ministros e nossa bancada de sustentação*.

O deputado representa seus colegas parlamentares, a Presidenta Dilma Rousseff, ministros e órgãos públicos ativamente, como participantes, de maneira personalizada, determinada, associada, diferenciada e nomeada. Por outro lado, o povo é representado passivamente como Meta em *representamos o povo brasileiro nesta Casa. Nosso país* é incluído como ator social circunstancializado, exceto quando é incluído uma única vez como participante, porém de maneira negativa, em *sabendo que nunca um país está pronto*.

O parlamentar representa alguns atores sociais como grupos determinados e associados, como ocorre em: *os 513 Deputados e Deputadas; governo e oposição; PT e PSDB; Os nossos ministros e nossa bancada de sustentação, nobres Líderes, prezadas Deputadas, prezados Deputados, nobre Presidente Biffi, nobre Presidente Henrique Eduardo Alves*. São todas representações de alianças políticas e institucionalizadas. No trecho *porque a política é o espaço que a democra-*

cia constrói para resolver os conflitos e para solucionar as legítimas demandas da população e da comunidade, os atores sociais da população e da comunidade são representados como grupo associado, entretanto desempenham papel passivo nessa representação, pois são a Meta do processo solucionar, enquanto o papel ativo é conferido à política. Dessa maneira, fica demonstrado o poder dos políticos em relação à população que se manifesta.

A análise dos elementos da transitividade mostra-nos a proeminência dos parlamentares como Atores de processos materiais e a passivação do povo como Meta ou como um participante que tem desejos: *a população que foi às ruas ontem [...] quer uma saúde pública cada vez melhor, quer uma educação cada vez mais qualificada, quer transporte público mais barato e mais eficiente.* Ou seja, o governo e seus representantes são atores sociais ativos, e o povo, a sociedade e o país são representados como atores sociais de processos mentais (Experienciadores) que desejam algo. Quem diz (processo verbal) é a Presidenta Dilma Rousseff, quem responde é o próprio deputado. As manifestações recebem o apoio da Presidenta, significando que o povo é representado como um participante sem voz na fala do parlamentar.

Com isso, vemos marcada a relação de poder entre parlamentares, aqueles que podem resolver os problemas, fazer e falar, e o povo, representado como quem deseja algo, mas não tem voz.

A representação do povo e dos políticos no discurso do Líder da Minoria

No Texto 2 (Anexo 2), o Líder da Minoria, Deputado Nilson Leitão, discorre sobre os protestos que aconteceram no dia anterior. Na fala dele, assim como na do Líder do Governo, a sociedade brasileira, a população, os movimentos de rua, o brasileiro e o trabalhador são representados passivamente. Em *aprender a governar todo dia com os erros, penalizando a sociedade brasileira; foi a Polícia de São Paulo que assustou a população; para melhorar a sociedade brasileira; um projeto que efetivamente melhora a vida da população*, os termos destacados exercem a função de Meta, participante da transitividade que é afetado diretamente pelo resultado dos processos materiais *penalizando, assustou, melhorar.*

Da mesma forma, em *Essa angústia da sociedade está sendo traduzida nas ruas*, há representação passiva com sujeição do ator social *sociedade*. Quando o parlamentar diz que *essa inflação que já chegou à cozinha do brasi-*

leiro, ao bolso do trabalhador, os termos *brasileiro* e *trabalhador* são o alvo da inflação, sendo representados como atores sociais assujeitados. Quando *povo* é apresentado como Experienciador em oração ativa como no trecho *Onde o meu povo está sofrendo e em que eu preciso assistir-lhe melhor?*, o processo mental – *está sofrendo* – carrega sentido passivo. Esse assujeitamento do povo, no discurso do deputado, é confirmado novamente quando representa o povo como Beneficiário da ação do processo material *assistir*. Assim, temos o povo que sofre e o governo que o assiste. No trecho *A voz das ruas, essa voz do povo, [...], precisa ser defendida agora*, a voz das ruas e do povo é representada como Meta, portanto alvo da ação do processo material em voz passiva *defender*, em que o Ator pode ser subentendido como sendo os parlamentares. No contexto do discurso, em que o deputado afirma que precisa assistir melhor o povo, cremos que *defender* é processo material porque está sendo usado no sentido de proteger de ou contra alguém ou algo (conforme dicionário eletrônico Houaiss). O político pode usar seu discurso para apoiar as manifestações, mas também pode atuar de outras formas para fazer essa defesa como, por exemplo, aprovando leis que beneficiem o povo, rejeitando projetos que podem causar danos à população, destinando verbas do orçamento público para saúde, educação, segurança.

O parlamentar atribui às manifestações características indeterminadas usando orações relacionais atributivas, em que os atributos são precedidos de artigo e pronome indefinido ou ausência de artigo com sentido genérico: *É um movimento difuso e de várias camadas da sociedade* e *Esse movimento da rua não tem proprietário*. Há uma tentativa de desqualificar o movimento, pois os atributos conferidos ao povo o classificam como impaciente, o movimento é descrito como difuso, que não tem proprietário e contrário a quem está no governo. Procura representar o sentimento da população pelo uso de processos mentais emotivos: *Mas muito mais do que da classe política, a sociedade se cansou do modelo que está aí*.

No trecho *O Governo brasileiro não conseguiu ter rumo, não conseguiu ter um projeto onde efetivamente melhore a vida da população*, percebemos que o governo é incluído ativamente como portador de aspectos negativos e que o uso de processos relacionais atributivos associado ao uso da polaridade negativa se refere à construção de críticas às ações do governo. Os referentes do

povo nesse discurso são *os movimentos das ruas, população, ele e o que está nas ruas*. Mais uma vez, percebemos que a maior parte dos participantes apresentados como Ator de processos materiais como *fazer, votar, rasgar* se refere a membros do governo, apresentados por pronomes pessoais (*nós, ele, eu*) para referir-se ao governo e por uma nomeação (*a presidente Dilma Rousseff*).

O trecho *Essa angústia da sociedade está sendo traduzida nas ruas agora por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos* apresenta processo verbal com a única ocorrência de Dizente relacionada ao povo, em estrutura de voz passiva, em que *crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos* são atores sociais incluídos como assujeitados, sem força política. Eles traduzem a angústia da sociedade nas ruas, sendo representados por meio de personalização por categorização (*crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos*), identificação e classificação. Os demais participantes representados como Dizentes relacionam-se aos políticos e são incluídos sempre ativamente por categorização, funcionalização (*o líder do PT; a líder do PCdoB; a oposição; o Governo Federal; o líder do governo e o líder do PT*). Ao serem representados pelas funções políticas que ocupam, os políticos sempre se colocam em posição de destaque em seus discursos.

Em *esse movimento das ruas*, há impessoalização por objetivização, espacialização; a primeira pessoa do plural (*nós*) é usada para coletivizar, dessa vez não se referindo apenas ao governo, mas ao país. Os experienciadores são, na maioria, relacionados ao governo, mas há três ligados à população (*a sociedade; o meu povo; a voz das ruas*) nos processos mentais *querem, se cansou, está sofrendo*. Há personalização por possessivização em *o meu povo* e impessoalização por objetivização, somatização em *a voz das ruas*. No campo Fenômeno, há sete ocorrências (*daquele coitadinho; com o movimento; com o movimento; movimento de indignação e impaciência; a movimentação da rua; muitos manifestantes; o povo*). Dessa forma, vemos que o povo é incluído por passivação. Há dezenove termos referentes ao orador ou ao governo como Experienciador, como em *Nosso governo entende; Eu também ouvi; Eu me lembro*. Nas representações em que foram empregados processos comportamentais, três participantes que exercem a função de Comportante se referem ao governo e dois às manifestações. Em *movimento nas ruas*, ocorre impessoalização por objetivização, espacialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise com base na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e Mathiessen (2014) mostrou uma predominância de orações com processos materiais em ambos os discursos analisados. Nos dois casos, quem aparece como Ator, na maioria das vezes, é o governo ou o próprio orador. Observamos que Dizente também é quase sempre o governo, é quem realmente tem voz, e os representantes do povo que deveriam falar em seu nome acabam por falar em nome do governo mais uma vez. Quanto aos processos mentais, novamente vemos o próprio orador ou agentes do governo aparecerem como Experienciador. A população ou os manifestantes aparecem em processos mentais desiderativos, desejando melhorias na educação, na saúde e na segurança. O movimento de protesto aparece representado nos processos relacionais no discurso do Líder da Minoria. Sendo assim, vemos as manifestações sendo descritas como movimentos difusos contra o governo com a participação de várias camadas da sociedade. No discurso do Líder do Governo, só há duas ocorrências cujo referente seria a população, ou seja, o povo é fracamente representado, pois o Líder aborda outros assuntos em sua fala e deixa de lado o protagonista dos protestos que estavam acontecendo em todo o país.

A análise dos dados revelou que, nos dois discursos, a quantidade de termos que se refere ao governo é maior do que a que tem o povo como referente (no discurso do Líder do Governo há 65 referentes ao governo e apenas 11 referentes ao povo; no do Líder da Minoria, são 46 referentes ao governo e 28 referentes ao povo). São usados termos genéricos para tratar do povo, há nomeação da Presidente Dilma Rousseff no discurso do Líder da Minoria, há nomeação também do líder Arlindo Chinaglia e do próprio orador Henrique Fontana, na fala do Líder do Governo. Em geral, os atores aparecem como a função que desempenham: o líder político, o parlamentar, uma ministra. Também é possível observar o que Van Leeuwen chama de diferenciação na fala de Nilson Leitão, quando ele contrapõe governo e oposição, PT e PSDB, Congresso e Planalto. Na fala do Líder do Governo, a primeira pessoa do plural e o pronome possessivo de primeira pessoa enfatizam a posição de onde se fala: nós, nosso governo, nossa bancada, nossos ministros.

Quanto às exclusões de atores sociais abordadas tanto por Fairclough (2003) quanto por Van Leeuwen (2008), a população, muitas vezes, foi mencionada em termos de localização, ou seja, de forma metonímica, como *Brasil, ruas, voz das ruas*. Dessa maneira, a população que foi às ruas protestar foi representada de forma generalizada. Um ator social que também foi incluído nesses discursos foi a polícia, mencionada três vezes pelo Líder do Governo e duas vezes pelo Líder da Minoria. A imprensa, presente nos protestos⁴, foi excluída por supressão total, não sendo mencionada nenhuma vez nesses discursos. Isso revela as escolhas do falante, mostram aquilo que cada orador decidiu focar ou tirar de foco. O Líder do Governo coloca em foco o governo, o que os governantes podem fazer pelo povo e fala, especialmente, sobre o Parlamento e sua pauta de votações. Já o Líder da Minoria focaliza o governo do PT para recriminá-lo.

Em suma, não vemos nos dois discursos uma resposta efetiva ao movimento de protesto ocorrido no dia anterior. Há, de um lado, o deputado Nilson Leitão, Líder da Minoria, criticando o governo do PT e, de outro, o deputado Henrique Fontana, Líder do Governo, ratificando o pronunciamento feito pela Presidente da República e chamando a atenção para a necessidade de se colocar em pauta a reforma política e o financiamento público de campanha. Ainda que tenha mencionado as reivindicações feitas pelos manifestantes, Henrique Fontana utiliza sua fala para reafirmar a posição de seu partido político, deixar clara sua prioridade de votação e, apesar de declarar apoio ao que está sendo solicitado pela população, compromete-se apenas em ouvir e refletir sobre esses anseios. Isso fica evidenciado pelo uso de processos mentais relacionados aos políticos (*Ouçam o povo; Eu ouvi também muitos dizerem; demanda reflexão complexa*). Acenam também com soluções (100% dos royalties de petróleo para educação), que não se concretizarão num curto prazo.

A análise das formas de representação dos atores sociais e da transitividade permitiu-nos investigar quais as escolhas que os oradores parlamentares fizeram para representar tanto a classe política brasileira quanto

4 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296077-jamais-achei-que-ele-fosse-atirar-diz-reporter-da-folha-atingida-durante-protesto.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295433-pelo-menos-15-jornalistas-ficaram-feridos-durante-cobertura-de-protesto-em-sp.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

o povo nos diversos contextos institucionais e sociais, por que essas escolhas foram feitas, a quais interesses estão servindo e quais propósitos foram alcançados. O resultado da descrição da transitividade e dos atores sociais mostrou que os participantes relacionados à classe política – governo, parlamentares e ministros – ocorreram mais vezes em posição de agência, enquanto o povo foi representado como paciente e beneficiário de ações do governo, em uma posição secundária em ambos os discursos. No discurso do Líder da Minoria os governantes aparecem dezessete vezes em ação contra três vezes que o povo aparece agindo. Como exemplos, temos: *O Governo está fazendo isso; Estamos trazendo técnicos; o Deputado faz aquilo; O Governo brasileiro não conseguiu achar um rumo, um projeto que efetivamente melhore a vida da população; Onde o meu povo está sofrendo e em que eu preciso assistir-lhe melhor?* Nos dois últimos exemplos, vemos o povo como aquele que depende da ação dos governantes. No discurso do Líder do Governo, da mesma maneira, temos o governo em posição de agência onze vezes e o povo em cinco. A população foi representada como quem deseja algo, enquanto os políticos foram representados como aqueles a quem cabe pensar e refletir sobre os acontecimentos e os desejos do povo.

A autonomia propiciada pelos novos meios de comunicação e a indignação do povo diante de serviços públicos prestados de forma inadequada ou precária gerou nos cidadãos brasileiros o descontentamento que se concretizou em protestos, que questionaram a função de representantes do povo e dos governantes, tanto do Poder Executivo quanto do Poder Legislativo. A profunda desconfiança nas instituições políticas, além da crise de legitimidade dos representantes do povo, foi sentida nas manifestações populares em junho de 2013 nas principais cidades brasileiras. Contudo, a disposição dos parlamentares em ouvir as reclamações da população e colocar algumas de suas solicitações em pauta gerou decisões que, de alguma forma, beneficiaram a população, ainda que momentaneamente. Além do mais, apesar de os partidos políticos serem considerados essenciais para o governo popular, a ausência de bandeiras de partidos políticos nas manifestações revela a descrença e frustração do povo com a maneira como a política estava sendo conduzida no Brasil. Os protestos expuseram uma quebra de confiança do povo em relação aos seus governantes, e os discursos aqui analisados mostraram

isso ao trazer a fala de parlamentares que confessavam suas falhas em ouvir a população e legislar e decidir de acordo com os interesses de seus eleitores.

O povo exerceu ali seu direito de fiscalizar e cobrar o cumprimento de promessas feitas por seus eleitos e estes com o desejo de continuarem no poder, muitas vezes temem contrariar a vontade de quem os elegeu. Os oradores na tribuna buscavam assim apaziguar sua audiência com a demonstração de compreensão de suas queixas e a disposição em agir para atendimento de sua pauta. Afinal, conforme explica Charaudeau (2006), em situações de protesto, meras palavras não são suficientes para acalmar a população, mas devem vir acompanhadas de ação.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, B. *The Structure of Pedagogic Discourse: Class, Codes and Control*, Vol. VI. London: Routledge, 1990.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edingurgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N.; FAIRCLOUGH, I. *Political Discourse Analysis*. New York: Routledge, 2012.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 1.ed. London: Edward Arnold, 1985

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. New York: Routledge, 2014.

VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. 3. ed. London: Routledge, 2014.

VEIGA, A. S. *A representação do povo brasileiro em discursos parlamentares*. 2015. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

WODAK, R. What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). *Methods of critical discourse analysis*, London: Sage, 2001. p. 1-13.

ANEXO 1

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. HENRIQUE FONTANA

(PT-RS. Líder do governo)

Senhor Presidente Biffi, prezados colegas Parlamentares, primeiro digo que estou interinamente respondendo pela Liderança do Governo, já que nosso Líder, Arlindo Chinaglia, está em missão oficial no exterior. Como Vice-Líder, assumo esta responsabilidade nesta semana.

É uma coincidência ao assumi-la, Sr. Presidente, é de que ontem nós tivemos um momento que merece, do meu ponto de vista, uma forte reflexão de todos nós, os 513 Deputados e Deputadas que representamos o povo brasileiro nesta Casa, com as mais diferentes visões que compõem esta Casa democrática.

A minha primeira frase está em sintonia com o que disse a Presidenta Dilma Rousseff, hoje pela manhã, quando expressou o seu apoio, como não poderia deixar de ser, às manifestações que, de forma pacífica, na sua ampla maioria, reivindicam mudanças ainda maiores no nosso País.

Talvez aqui, na função de Líder do Governo, não possa deixar de criticar o que ouvi do Líder da Minoria: o Parlamentar ou líder político que tentar transformar o importante recado que recebemos ontem daquela grande manifestação em combustível ou material para a luta entre partidos, para a luta entre Governo e Oposição, na minha avaliação, começará muito mal a interpretação desse recado – que é profundo, que demanda reflexão complexa, que não deve ser respondido no automatismo da luta política tradicional entre Governo e Oposição, entre PT e PSDB ou em qualquer outro tipo de polarização.

É evidente que a população que foi às ruas ontem, Presidente Biffi, especialmente os mais jovens, que são maioria nas manifestações, quer uma saúde pública cada vez melhor, quer uma educação cada vez mais qualificada, quer transporte público mais barato e mais eficiente.

E o nosso Governo assume isso como pauta que nos desafia permanentemente. Como disse a Presidenta Dilma hoje, no Palácio do Planalto, nós acolhemos integralmente essa pauta. Os nossos Ministros e a nossa bancada de sustentação queremos ouvir com muita atenção e buscar alternativas como, por exemplo, a diminuição dos impostos sobre o transporte coletivo e a dedicação de 100% dos royalties do petróleo para qualificar e ampliar a educação pública no País.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, a pauta que está posta para este Parlamento é a de ouvir, sim, aquilo que a sociedade está colocando. E, do meu ponto de vista, devemos ter cuidado, porque, na minha avaliação, nós temos sido chamados com muita frequência para pautas de interesses corporativos extremamente localizados, que também são legítimos e importantes, mas que não devem ser o centro da pauta do Parlamento brasileiro.

Eu tenho uma posição pessoal contra a PEC 37. Mas venho a esta tribuna dizer que, na minha opinião, a PEC 37 não deve ser a prioridade das prioridades no Parlamento brasileiro. Debater alternativas para um transpor-

te coletivo melhor e mais barato seguramente entra na pauta cem vezes antes da PEC n° 37. Debater alternativas para ampliar os investimentos na qualificação da educação também está muito à frente da PEC 37.

A PEC 37 está, sim, marcada essencialmente por uma pauta corporativa de uma instituição que merece todo nosso respeito, assim como as da Polícia Federal, Polícia Civil e demais polícias. Todas merecem o nosso respeito. Agora, dizer que o tema central para o Brasil é debater quem deve ter a exclusividade da investigação não me parece um bom caminho para todos nós.

Não posso deixar de dizer – na verdade, pedir – desta tribuna, mais uma vez, nobres Líderes, prezadas Deputadas, prezados Deputados, nobre Presidente Biffi, nobre Presidente Henrique Eduardo Alves, que o Parlamento não pode, não deve continuar adiando a votação da reforma política. O sistema político brasileiro dá sinais evidentes de fâlcncia, dá sinais evidentes de perda da capacidade de se sintonizar com a maior parte das demandas prioritárias da sociedade.

O poder do dinheiro tem cada vez mais força para determinar as decisões do Parlamento. O poder das ideias, dos projetos, dos programas perde força na disputa pela prioridade na pauta deste Parlamento e também dos Executivos.

O que ocorreu algumas semanas atrás? A maioria dos Líderes disse: “Não vamos votar a reforma política. A reforma política deve ficar na gaveta”. Mas eu não digo que deve ser aprovado o relatório que apresentei. Eu defendo o financiamento público exclusivo de campanha; mas quem defende o financiamento privado pode subir à tribuna e defender que a continuidade da ampliação da interferência de empresas que financiam campanhas é o melhor para o Brasil.

Agora, não votar, do meu ponto de vista, significa perder a sintonia com aquilo que é pauta nossa – pauta dos partidos, pauta do Parlamento –, que não é questão de Executivo, de Governo ou de Oposição.

A maior parte dos colegas que me encontram todas as semanas ali no cafezinho me perguntam: “Fontana, por que nós não vamos votar a reforma política?” E eu digo a eles: “Peçam o apoio de seus Líderes”.

O que nós queremos é trazer para dentro do Parlamento a votação, Deputado Zé Geraldo, Deputada Fátima Bezerra. Que apareçam as Maiorias e as Minorias, que respeitem as Maiorias, mas que melhore o sistema político

brasileiro! Ou será que o elogio deste Parlamento é dizer que o sistema político atual é o melhor sistema político que o Brasil pode ter?

E aí eu volto, para encerrar esta fala, a dizer – no último minuto que peço a V.Exa., Sr. Presidente – que não me parece bom caminho o caminho escolhido por algumas falas, como foi a do Líder da Minoria, que quer partidizar os recados, que são múltiplos e que vieram dos movimentos que ocorreram ontem.

Nós devemos melhorar a política, nós devemos melhorar as políticas públicas, garantir liberdade para as pessoas se manifestarem. E, aliás, aqui quero ressaltar que a imensa maioria das pessoas se manifestou de forma pacífica, politizada e construtiva. E não pode jamais a minoria que optou pelo vandalismo ser a pauta central de movimentos que nos trazem recados extremamente importantes.

Nosso Governo quer dialogar sobre essas reivindicações. Nosso Governo entende os movimentos que ocorreram ontem como um alerta para que nós continuemos aprofundando mudanças, reconhecendo erros, ampliando conquistas e, acima de tudo, sabendo que nunca um país está pronto e que nunca alguém pode se sentir o dono da verdade.

Deixo um alerta desta tribuna: a solução para os problemas que estão sendo levantados por movimentos, como o que assistimos ontem, jamais deve ser a antipolítica; jamais deve ser a supressão da política, porque a política é o espaço que a democracia constrói para resolver os conflitos e para solucionar as legítimas demandas da população e da comunidade, de forma democrática, Sr. Presidente. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Biffi) – Obrigado, Líder do Governo, Henrique Fontana.

ANEXO 2

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. NILSON LEITÃO

(PSDB-MT. Como Líder da minoria)

Senhor Presidente, Senhoras Deputadas, Senhores Deputados, quanto aos discursos que ouvi, principalmente os da base do Governo, eu

quero apenas lembrar dois pontos. O Líder do PT falou sobre uma pauta positiva da qual o Brasil precisa. Faz 10 anos que o PT está no poder, e está pensando numa pauta positiva da qual o Brasil precisa? Dez anos não são 10 dias, não são 10 meses. Dez anos é 1 década. E agora estão pensando numa pauta positiva. Deviam ter feito isso antes. Estão querendo fazer laboratório no Governo, aprender a governar todo dia com os erros, penalizando a sociedade brasileira.

Eu também ouvi a Líder do PCdoB dizer que foi a Polícia de São Paulo que assustou a população e que, em decorrência disso, cresceu esse movimento nas ruas. A população não levou susto, tem é impaciência e indignação com a irresponsabilidade do Governo.

Eu ouvi também muitos dizerem que o Congresso é o palco de tudo isso. E é verdade. O Congresso Nacional continua sendo o “puxadinho” do Planalto – a Oposição não admite isso –, continua sendo pautado pelo Planalto. Porém, não é algo aprovado aqui hoje ou amanhã que vai mudar o que está nas ruas. Os movimentos das ruas decorrem da falta de aplicação do orçamento do Governo Federal aprovado no ano passado, resultam da incompetência deste mesmo Governo, que não consegue fazer o dinheiro chegar ao setor de saúde dos Municípios, ao setor de educação dos Municípios, ao setor de infraestrutura.

Quando uma Ministra vem a público dizer que o Brasil não tem projeto para fazer uma obra, eu me lembro daquele coitadinho que, para fazer sua casa, uma meia-água, precisa que o seu projeto seja aprovado pela Prefeitura, precisa do alvará, com a fiscalização do CREA, com a fiscalização de todo o mundo. Se não estiver fazendo a obra de acordo com a legislação, não vai conseguir construir sua casa.

Eu vejo obras sendo embargadas Brasil afora, como aconteceu com aquela boate de Santa Maria. Depois que morreu um monte de gente, começaram a fiscalizar. Essa mesma fiscalização serve para a construção de aeroportos, de portos, de viadutos, de estradas, de hospitais do Governo Federal, que diz que não precisa de projeto.

Esse movimento das ruas não tem proprietário. É absurdo ouvir hoje aqui o Líder do Governo e o Líder do PT, querendo se apossar disso, dizerem: “Olhe, nós concordamos com o movimento”. Concordam com o movimento

quando ele invade uma loja de carros ou queima um ônibus, mas, quando chega perto do Planalto, colocam 1.800 policiais, para que não se aproxime do Palácio do Planalto ou da casa da Presidente.

Eu acho engraçado quando vejo um movimento como esse, e tive a oportunidade de ouvir vários companheiros falarem, e o que se viu nas ruas foi um movimento de indignação e impaciência. É um movimento difuso e de várias camadas da sociedade? Também é. Só não é contra a própria sociedade. Ele é contra aquele que não aplica direito o dinheiro do povo, que não aplica o recurso público, é contra aquele que não sabe o que está fazendo no poder.

Realmente, colocaram no mesmo nível toda a classe política. Por quê? Porque a classe política está efetivamente desmoralizada. É verdade. Mas muito mais do que da classe política, a sociedade se cansou do modelo que aí está. Esse modelo se exauriu, acabou. Ele não dá mais certo. Esse modelo não consegue vencer aquilo que precisa ser vencido para melhorar a sociedade brasileira. Sabem por quê? Porque nós somos um dos piores em indústria da América Latina; somos um dos piores em crescimento da América do Sul, só ganhamos do Paraguai; somos um dos piores em educação; somos um dos piores em saúde. Estamos trazendo técnicos de Cuba para substituir médicos no Brasil. O Governo brasileiro não conseguiu achar um rumo, um projeto que efetivamente melhore a vida da população.

Essa angústia da sociedade está sendo traduzida nas ruas agora por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Todos eles estão descontentes, estão muito descontentes, só que não perceberam isto, que tudo ia mal, até não se alcançar o bolso, até a inflação não chegar aonde tinha que chegar.

Infelizmente o Governo, que votou contra a Constituição, faz questão de rasgá-la muitas vezes; o Governo, que votou contra o FUNDEF, faz questão de não promover a educação que deveríamos ter; o Governo, que votou contra o Plano Real, decide, depois de 19 anos, fazer com que ele seja desvalorizado, com que volte a inflação, o grande terror dos brasileiros. Ele destruiu praticamente todos os setores, e agora que mexeu no Plano Real e permitiu aumento da inflação, o grande erro do PT, um erro mortal, mexe com a grande esperança de melhoria de vida.

O SR. PRESIDENTE (Biffi) – Peço a V.Exa. que encerre.

O SR. NILSON LEITÃO – Vou encerrar no mesmo tempo em que o Líder do PT encerrou – 3 minutos depois.

O SR. PRESIDENTE (Biffi) – Claro, com certeza, a Mesa é democrática.

O SR. NILSON LEITÃO – Com certeza, Sr. Presidente, a situação em que vivemos hoje está relacionada a essa inflação que já chegou à cozinha do brasileiro, ao bolso do trabalhador, à cesta básica, ao equipamento que ele deseja comprar, à sua motocicleta, ao valor do aluguel. Está faltando recurso. Agora ele sentiu.

O pior cego é aquele que não quer ver, e o pior surdo é aquele que não quer escutar. O cego que não quer enxergar enxerga bem, mas não quer ver o problema que está ocorrendo. O Governo está fazendo isso. Recebe uma crítica, vê a movimentação da rua, e parece que isso não é com ele. “Não é comigo o problema.” Como se não fosse o Executivo que tivesse que executar as obras dos programas. O Governo brasileiro tem que ter autocrítica, humildade e entender que o Brasil chegou a um momento em que não aguenta mais.

A Presidente Dilma Rousseff recebe uma vaia em um estádio brasileiro, e diz que lá só há playboys e classe alta. Ora, não seria mais fácil, com humildade, dizer: “Onde estou errando? Onde preciso recomeçar? Onde o meu povo está sofrendo e em que eu preciso assistir-lhe melhor?”

A voz das ruas, essa voz do povo, que o PT tanto proclamou no passado, precisa ser defendida agora.

Esses movimentos, Presidente Biffi, legitimam a impaciência, a intolerância, a indignação com a classe política que às vezes confunde.

Eu vi muitos manifestantes dando entrevistas e dizendo o seguinte: “Eu quero saber quanto é o salário do Deputado? O Deputado ganha quanto? O Deputado faz isso, o Deputado faz aquilo”. Realmente, acusar o Congresso é mais fácil. Mas é bom o Congresso lembrar algo.

Sr. Presidente, prometo que este é o meu último minuto.

O SR. PRESIDENTE (Biffi) – De novo? Trinta segundos.

O SR. NILSON LEITÃO – Eu sei que não é fácil ouvir todas essas críticas, mas é uma realidade que está acontecendo ali fora dos muros. Eu sei que não é fácil. Mas nós precisamos entender o momento que estamos vivendo.

Toda essa sociedade está se organizando.

Eu vou fazer um pedido aqui, pelo que ouvi do Líder do PT: não se apoderem do sofrimento da população ali fora. Muito melhor do que se apoderar disso é tomar atitudes.

O Governo tem condições de tomar atitudes. Libere o Orçamento, execute o Orçamento. Prometeram 6 mil creches, e não liberaram 600. Prometeram milhares de UPAs, e não liberaram 10% delas. Prometeram 4 bilhões de reais para combater o crack, e não liberaram 390 milhões. Não conseguiram gastar 4% com as questões agrárias.

Ouçam o povo e façam um governo decente.

O SR. PRESIDENTE (Biffi) – Líder Nilson Leitão, o Presidente Biffi agradece.

REPRESENTAÇÕES PARA MULHERES CONTEMPORÂNEAS EM CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS¹

Letícia Oliveira de Lima
Cristiane Fuzer

INTRODUÇÃO

Em um contexto em que protestos e movimentos feministas são cada vez mais frequentes e intensos, ainda que as mulheres tenham conquistado muitos direitos ao longo da história, amplia-se a necessidade de estudos com foco nos discursos que circulam na sociedade sobre, de e para mulheres. Dentre os inúmeros textos em que se representam coisas, pessoas, ações, sentimentos, figura a crônica, aqui considerada como um espaço de livre expressão literária do autor que “traz à cena acontecimentos de seu tempo” (NEVES, 2012, p. 143).

Com o objetivo de investigar a linguagem usada para representar as mulheres na sociedade contemporânea, buscamos por um autor que abordasse, em suas crônicas, o cotidiano das mulheres. Por esse critério, chegamos aos textos da cronista gaúcha Martha Medeiro, conhecida, no sul do Brasil, pelo rótulo² de “escritora para mulheres”. Diante de vasta produção bibliográfica, algumas das quais originaram peças de teatro, séries na televisão e filmes, selecionamos o livro *Doidas e santas*³. A obra reúne crônicas que haviam sido publicadas originalmente em jornais e versam fundamentalmente acerca do cotidiano das pessoas no século XXI, especialmente as mulheres, sob o olhar da cronista a partir de relatos e reflexões que envolvem datas comemorativas (como o dia das mães, o dia da mulher, o dia dos namorados),

1 Este trabalho é um desdobramento da pesquisa de mestrado da primeira autora, com bolsa CAPES, vinculada ao projeto “Gramática Sistemico-Funcional da língua portuguesa para análise de representações sociais” (GAP/CAL 025406, FUZER, 2009) da segunda autora.

2 O vocábulo “rótulo” foi dado pela própria cronista, conforme autobiografia *Martha Medeiros: a sedução do texto* (MEDEIROS, 2006).

3 A obra inspirou a peça teatral com o mesmo título, cuja dramaturgia elaborada por Regiana Antonini, dirigida por Ernesto Piccolo e protagonizada por Cissa Guimarães, Giusepe Oristanio e Carmen Frenzel esteve em cartaz por cinco anos e foi vista por mais de 300 mil pessoas entre Rio de Janeiro, São Paulo e mais de 22 cidades brasileiras (TEATRO SÃO PEDRO, 2017).

questões culturais ou assuntos do momento em que o texto foi publicado, opiniões sobre filmes, peças de teatro e livros.

Das 99 crônicas que compõem o livro, selecionamos aquelas que apresentam o item lexical mulher e seus referentes desempenhando funções nas orações⁴, de modo que a análise focalize ocorrências em que a mulher é apresentada como participante significativo, passível de verificação de representação. Sob esse critério, foram selecionadas 20 crônicas como *corpus* de análise (Apêndice 1).

Para verificar quais representações são manifestadas sobre a mulher nesse *corpus* com base em evidências linguísticas obtidas a partir de princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1989, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, 2014), foram analisadas funções léxico-gramaticais desempenhadas pelo item lexical mulher e seus referentes em cada texto. Para a análise dos dados, realizada com base em princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, mobilizamos categorias do sistema de transitividade⁵, que possibilita a análise das orações como representações de experiências, em articulação com o sistema de avaliatividade, especialmente o subsistema atitude⁶, que possibilita a verificação de avaliações positivas ou negativas relacionadas às representações encontradas. Assim, buscamos evidências linguísticas das representações sobre as mulheres no discurso de uma mulher que escreve, em princípio, para outras mulheres.

UMA SÍNTESE DAS VARIÁVEIS DE REGISTRO NAS CRÔNICAS

Tendo em vista a perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, na qual todo significado funciona em um contexto e toda análise textual eficiente abrange tanto elementos linguísticos quanto informações contextuais, iniciamos a análise do *corpus* pela descrição das variáveis de registro campo, relações e modo.

4 É importante destacar que, para a análise, as orações que se referem a mulher foram consideradas nos excertos em que ocorrem, pois, de acordo com a LSF, deve-se considerar, para a compreensão do texto, o que está ao redor.

5 N.E. Para mais informações sobre o sistema de transitividade que realiza, no estrato léxico-gramatical, a metafunção ideacional experiencial da linguagem, de acordo com a teoria sistêmico-funcional de Halliday, ver capítulos 1 e 5.

6 N.E. Para mais informações sobre os campos semânticos afeto, julgamento e apreciação que avaliam a atitude do enunciador, conforme pressupostos do sistema de avaliatividade de Martin e White (2005), ver capítulos 5 e 8.

A recorrência, nos textos que constituem o *corpus*, dos itens lexicais “mulher” e “mulheres” e sua reiteração por meio de recursos semânticos por hiperonímia ou hiponímia (como “moça”, “garota”, “mãe”, “genitora”, “meninas”, “princesa”), epítetos (como “sortudas”, “malucas”, “gloriosas”, “santa”) e pronomes (como “elas”, “nós”, “você”) confirmam que a mulher é uma das palavras-chave da temática geral compartilhada pelos textos.

Quanto à natureza da ação social em que os participantes estão envolvidos, cada texto expõe uma reflexão, a partir da perspectiva pessoal da cronista, detendo-se a um tema e/ou a um fato (real ou imaginário) do cotidiano (FRANCISCHINI, 2009).

Embora exista recorrência de temas abordados, como, por exemplo, o relacionamento amoroso, que ocorre em mais de uma crônica, há diferença na delimitação desse tema, isto é, há diferença na escolha do aspecto abordado pela cronista: numa crônica aborda o comportamento da mulher no casamento, enquanto noutra aborda a exigência da mulher na escolha de um candidato a namorado. Essa distinção, de certa forma, indica que a delimitação do tema que envolve a mulher garante a singularidade dos textos quanto à variável campo do registro, evidenciando diferenças entre os textos, mesmo que compartilhem um propósito sociocomunicativo e estrutura esquemática (ou seja, o mesmo gênero)⁷.

A análise dessa variável de registro revelou cinco campos gerais relacionados ao cotidiano feminino: i) relacionamento amoroso, ii) maternidade, III) aparência física, iv) manifestação de desejos e v) manifestação de sentimentos. Os campos relacionamento amoroso e maternidade, por exemplo, bastante frequentes nas crônicas analisadas, são evidenciados por elementos linguísticos em destaque⁸ nos exemplos 1 e 2, respectivamente.

Exemplo 1

(1) Uma mulher *ama* profundamente um homem (2) e é por ele *amada* da mesma forma, (3) os dois *dormem embolados* (4) e *se gostam* de uma maneira quase indecente, (5) de tão certo que dá *a relação*. [C#19]

7 Sobre a concepção de gênero da Linguística Sistêmico-Funcional, sugerimos ver Martin e Rose (2008).

8 Os números sequenciais indicam a segmentação em orações, e o itálico destaca elementos linguísticos que evidenciam a categoria em análise. Esse procedimento é usado em todos os demais exemplos apresentados neste capítulo.

Exemplo 2

(1) Há *aquelas que criaram os filhos* sem ter o que dar de comer, (2) [há] *as que criaram* sem a presença do pai], (3) [há] *as que criaram* à distância, (4) [há] *as que criaram filhos que não nasceram do corpo delas*. [C#11]

As representações sobre a mulher encontradas no *corpus* a partir da análise linguística são apresentadas, na seção a seguir de acordo com esses cinco campos.

Quanto à variável relações, verificou-se a recorrência de dois participantes da interação: a cronista e escritora Martha Medeiros e os leitores dos jornais e/ou do livro em que as crônicas estão publicadas. A análise da variável relações, que estabelece a natureza da interação, os participantes dessa interação e seus papéis desempenhados no evento social, é realizada a partir da consideração de dois tipos de participantes, conforme Thompson e Thetela (1995): os participantes da interação (a cronista e os leitores) e ii) os participantes do texto (escritor-no-texto e leitor-no-texto). O falante/escritor gerencia a interação projetando diferentes papéis na transitividade, tanto para si (escritor-no-texto), como *a gente* no exemplo 3, quanto para sua audiência (leitor-no-texto), como *você* no exemplo 4.

Exemplo 3

A gente nasce com um dispositivo interno que nos informa desde cedo que, sem amor, a vida não vale a pena ser vivida. [C#16]

Exemplo 4

(1) *O primeiro passo* é se acostumar a ser uma pessoa que já não pode se guiar apenas pelos próprios desejos. (2) *Você* continuará sendo uma mulher ativa, (3) [continuárá sendo] autêntica, independente, estupenda, (4) *mas cem por cento livre*, (6) *esqueça*. [C#3]

Em ambos os exemplos, as mulheres (a que escreve e as que leem) são participantes na função de Portador em orações relacionais por meio das quais lhes são atribuídas características que possuem (*um dispositivo interno; uma mulher ativa, autêntica, batalhadora, independente, estupenda*) ou deixaram de possuir (*cem por cento livre*).

Além disso, não raras vezes, a cronista coloca-se na posição de conselheira, como sinalizam, no Exemplo 4, o uso da expressão *o primeiro passo*, para indicar que as declarações seguintes configuram-se como instruções, e o uso do modo oracional imperativo *esqueça*, que realiza a função de fala comando (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, 2014)⁹. Esses significados interpessoais indicam que a cronista estabelece uma relação de superioridade no que se refere a conhecimentos e/ou experiências sobre o assunto, determinando o que as leitoras devem ou não fazer quando viverem tais experiências (no caso, a maternidade).

Dependendo do campo e da delimitação do tema da crônica, além das mulheres, outros participantes são incluídos no discurso (homem, tia, mãe e amigo, filhos, diretor de cinema, escritores de livros), todos desempenhando algum tipo de papel e de relação com a mulher.

A variável modo do registro, por sua vez, que se refere à função que a linguagem exerce na organização dos significados ideacionais e interpessoais em forma de texto, realiza-se por meio de recursos linguísticos que expressam caráter referencial (típico do registro jornalístico) e interativo, evidenciado pelo uso de modo interrogativo, vocativo, como no exemplo 5, e emprego de expressões coloquiais, no exemplo 6, sugerindo, por vezes, um diálogo entre a cronista e sua audiência.

Exemplo 5

(1) Aliás, e *você*? (2) Garanto que também não sai pela rua com uma camiseta anunciando “Mulher Maravilha”. [C#8]

Exemplo 6

Pois o “*sei-lá-quem*” pode ser, sim, aquele cara bacana que levará você para almoçar no domingo, mas você tem que dar uma mãozinha, *minha linda*. [C#8]

O emprego dos vocativos (*você* em 5 e *minha linda* em 6) somado ao uso de modo interrogativo confere aos textos um caráter mais interativo. Outra

9 O comando, ao lado da pergunta, oferta e declaração, são funções de fala realizadas, tipicamente, pelos modos oracionais imperativo, interrogativo e indicativo, conforme propõe Halliday (1994) ao descrever sistemas léxico-gramaticais que realizam a metafunção interpessoal da linguagem.

estratégia linguística de aproximação aos leitores é o uso de expressões coloquiais, como a do exemplo 6 (“sei-lá-quem”).

Expressões coloquiais, jogos de linguagem e metáforas ideacionais também são utilizadas, sinalizando traços da linguagem literária, como no Exemplo 7.

Exemplo 7

(1) Ela chorava por uma dor aguda, uma dor de respeito, (2) era *um transbordamento*. [C#1]

No exemplo 7, há o uso expressivo da linguagem, no sentido de que o choro da mulher é associado semanticamente a um *transbordamento*, consistindo numa metáfora. A utilização desses jogos de linguagem faz com que a crônica permeie também a esfera literária.

As variáveis de registro, como mostra a breve análise apresentada, evidenciam o contexto de situação em que os textos são produzidos, tendo em vista os traços linguísticos que os distinguem e permitem tomá-los como únicos, construindo e fazendo circular representações no contexto social.

A MULHER EM DOIDAS E SANTAS: REPRESENTAÇÕES SOB O OLHAR DA CRONISTA

As análises das escolhas linguísticas com base nas funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade, associadas a categorias do subsistema atitude da avaliatividade, evidenciaram treze representações para as mulheres nas crônicas selecionadas do livro *Doidas e Santas*, de Martha Medeiros, organizadas a partir dos cinco campos do cotidiano levantados na descrição das variáveis do contexto de situação. Algumas das representações aparecem com mais frequência do que outras, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Representações sobre a mulher e sua frequência no *corpus*

CAMPOS SEMÂNTICOS	REPRESENTAÇÕES	FREQUÊNCIA POR CRÔNICA
Relacionamento amoroso	Incrédula	2
	Doida	2
	Santa	2
	Audaciosa	1
	Exigente	1
Maternidade	Altruísta	4
	Desapegada	1
Aparência física	Vaidosa	5
Manifestação de desejos	Insatisfeita	4
Manifestação de sentimentos	Preocupada	1
	Discreta	1
	Indiscreta	1

Fonte: adaptado de Lima (2015).

O campo dos relacionamentos amorosos reúne mais ocorrências de representações nas crônicas analisadas (8 em 20 crônicas). Por outro lado, a representação mais frequente no *corpus* (5 em 20 crônicas) é vaidosa, no sentido de atenção à estética, enquadrada no campo semântico da aparência física. A segunda representação mais frequente é a altruísta, restrita à mulher no papel de mãe que coloca o filho em primeiro lugar em sua vida. A seguir, são apresentados exemplos de representações e suas evidências linguísticas.

A mulher nos relacionamentos amorosos

As escolhas linguísticas nas crônicas que abordam o campo dos relacionamentos com o sexo oposto representam a mulher em diferentes fases da vida. A mulher jovem é representada como incrédula. Essa representação emergiu dos dados analisados, principalmente, devido ao uso de orações mentais com polaridade negativa, nas quais a mulher desempenha função de Experienciador, como no exemplo 8.

Exemplo 8

(1) *Eu tinha dezessete anos* (2) e [eu] *era louca por um cara* [[com quem trocava olhares, não mais que isso]]¹⁰. (3) Ele era o legítimo “muita areia pro meu caminhão” (4) e [eu] *jamais acreditei* (5) *que pudesse vir a se interessar por mim*, (6) o que me deixava ainda mais apaixonada, claro. (7) *Mulher adora um amor impossível*. [C#2]

Nesse excerto, a cronista relata um episódio em sua juventude, como indica o uso da primeira pessoa do singular e do Atributo *dezessete anos* na primeira oração. Como Experienciador da oração mental cognitiva *jamais acreditei* em 5, a cronista constrói para si a representação de uma mulher descrente de sua capacidade em despertar o interesse de um homem. Tal representação sinaliza um julgamento negativo acerca da autoestima feminina durante a juventude. O homem, por sua vez, é representado numa posição de superioridade, como indica o Atributo *legítimo* “muita areia pro meu caminhão”, na oração 3, que expressa uma avaliação altamente positiva. Tal representação no imaginário feminino é vista como uma causa do afeto, manifestado pelos Atributos *ainda mais apaixonada* na oração 6 e *louca por um cara* na oração 2. A descrença em ser correspondida, entretanto, impedia-a, no caso relatado, de manifestar verbalmente esse sentimento ou tomar a iniciativa de fazer progredir o relacionamento, como indicado pelo processo comportamental em *trocava olhares, não mais que isso*.

A representação de incredulidade em sua capacidade de conquistar o sexo oposto, manifestada a partir da experiência individual relatada pela cronista, estende-se para as demais mulheres quando, em vez de primeira pessoa, é usada a palavra *Mulher* na oração 7. A experiência emocional desiderativa *adora um amor impossível* é associada às mulheres em geral, como se fosse uma característica da personalidade feminina querer o que não pode ter.

Na sequência da mesma crônica, a cronista volta ao relato da sua experiência individual, como ilustra o exemplo 9.

10 Os colchetes duplos [[]] sinalizam a presença de orações encaixadas, as quais, conforme Halliday e Matthiessen (2004, p. 493), têm *status* de grupo nominal. No exemplo em análise, a oração encaixada serve para restringir a referência ao “cara” citado no texto: não era qualquer cara, mas aquele com o qual a cronista apenas trocava olhares.

Exemplo 9

(8) Semanas depois [eu] estava caminhando na rua (9) quando [eu] encontrei o dito cujo. (10) Ele resmungou um oi, (11) eu devolvi outro oi, (12) e então ele perguntou (13) se eu havia recebido o cartão de aniversário. (14) O que iria responder? (15) Recebi, (16) *mas jamais passaria pela minha cabeça que um homem espetacular como você*, (17) *que pode ter a mulher [[que escolher]]*, fosse entrar numa papelaria, comprar um cartão, escrever um texto caprichado, depois descobrir meu endereço]] (...). (18) *Olhe bem para mim*, (19) *eu não mereço tanto empenho*". [C#2]

A representação de incredulidade e insegurança é reiterada pelo uso da oração mental cognitiva com polaridade negativa *jamais passaria pela minha cabeça*, em 16. Sem mencionar qualquer motivo aparente para essa postura, a mulher não acredita que o homem, avaliado positivamente por meio do epíteto *espetacular*, em 17, pudesse ter feito o que fez por ela (enviar-lhe um cartão de aniversário). Esse gesto é superestimado pela jovem apaixonada, como indica a marca de gradação por intensificação *tanto* na oração 19 – *eu não mereço tanto empenho*. A polaridade negativa junto do processo *mereço* reitera a representação de inferioridade da mulher no processo de conquista, ao passo que ao homem é reservado o direito de escolha, como se verifica na oração 17: *pode ter a mulher que escolher*. Nessa oração, enquanto o homem desempenha a função de Possuidor do processo *ter* e Ator de *escolher*, a mulher é a Posse e a Meta, respectivamente. Tais escolhas linguísticas reforçam uma representação naturalizada e ainda vigente na sociedade, em que cabe ao homem escolher e tomar a iniciativa de um relacionamento amoroso.

Outra oração, no exemplo 9, que vale uma análise aqui é *Olhe bem para mim*, em 18, em que o processo olhar implica o sentido da visão e, por associação, a imagem. Tal oração sugere um fator para tamanha incredulidade e insegurança por parte da mulher: a insatisfação com a própria imagem. Se levarmos em consideração que há “cada vez menos tolerância aos desvios nos padrões estéticos socialmente estabelecidos” (NOVAES E VILHENA 2003, p. 9), cultura muitas vezes propagada pelas mídias, um dos fatores relevantes para a baixa autoestima das mulheres é não se encaixar (ou acreditar que não se encaixa) nos padrões de beleza exigidos. Isso parece contribuir para a ideia

de que a mulher não seja capaz de, ao menos, acreditar que possa despertar o interesse de um homem que ela admira ou que possa escolher para iniciar um relacionamento amoroso. A representação da mulher no campo da aparência física, nas crônicas analisadas, é explorada na subseção “A mulher no campo da aparência”.

Em contraponto ao medo e à incredulidade da jovem de dezessete anos, a mulher madura é representada, no contexto do relacionamento amoroso, em meio a uma indecisão: ser doída ou santa? Tal indecisão está representada no exemplo 10.

Exemplo 10

(1) “Estou no começo do meu desespero (2) e só vejo dois caminhos: (3) *ou viro doída ou santa*”. São versos de Adélia Prado, retirados do poema “A serenata”. (4) [O poema] Narra a inquietude de uma mulher [[que imagina que mais cedo ou mais tarde um homem virá arrebatá-la, logo ela [[que está envelhecendo e está tomada pela indecisão não sabe como receber um novo amor não dispondo mais de juventude]]]]. (5) *E encerra: “De que modo vou abrir a janela, se não for doída? Como a fecharei, se não for santa?”* [C#16]

Nos versos de um poema citado pela cronista, a inquietude da mulher madura diante de um novo amor é representada por meio da oração relacional atributiva em 3: *ou viro doída ou santa*. Em outro verso do poema, em 5, é representada, de forma metafórica, a aceitação ou não de um novo amor. Se a mulher *abrir a janela*, o que sugere tanto a aceitação do novo amor, quanto a satisfação de seu desejo de aceitá-lo, ela será Portador do Atributo *doída*. Em contrapartida, se *fechar a janela*, o que sugere a recusa do novo amor e de repressão de seu desejo, a mulher madura será Portador do Atributo *santa*. Corrobora a ideia de que, quando se priva dos seus desejos, a mulher é representada como santa, o exemplo 11 da mesma crônica.

Exemplo 11

(1) *Se [a mulher] preferir se abster de emoções fortes e apaziguar seu coração,* (2) *então a santidade é a opção.* [C#16]

A condição para a mulher madura receber a representação de *santa* é privar-se de um relacionamento amoroso, já que isso implica emoções fortes. Essa hi-

pótese é construída léxico-gramaticalmente pela oração mental em que o processo *preferir* projeta as orações *abster de emoções fortes e apaziguar seu coração*, condições para santidade.

Por outro lado, se essa mulher agir de forma contrária, é representada como *doida*, o que se verifica no exemplo 12.

Exemplo 12

- (1) *Se ela tiver coragem* [[*de passar por mais alegrias e desilusões*]] –
(2) *e a gente sabe como as desilusões devastam* – (3) [*ela*] *terá que ser meio doida*. [C#16]

Nesse excerto, também construído por meio da relação lógico-semântica de condição, a mulher madura desempenha função de Possuidor da *coragem de passar por mais alegrias e desilusões* em 1. Essa é a condição para ser Portador do Atributo *doida*, graduado por meio do elemento linguístico *meio* em 3. O uso da modulação *terá que*, em 3, evidencia que *ser meio doida* é a condição necessária para mulher madura enfrentar *alegrias e desilusões* que um novo amor pode proporcionar.

Pode-se inferir, portanto, que a mulher representada como *doida*, diferentemente da representada como *santa*, é corajosa e não se preserva dos riscos e benefícios que o amor pode trazer.

A cronista avalia positivamente a representação de mulher *doida*, já que considera que todas as mulheres são *doidas* independentemente da faixa etária, excluindo possibilidades de se representar alguma mulher como *santa*, como indicado no exemplo 13.

Exemplo 13

- (1) *Toda mulher é doida*. (2) *Impossível não ser [doida]*. (3) *A gente nasce com um dispositivo interno* [[*que nos informa desde cedo que, sem amor, a vida não vale a pena ser vivida*]] (...). (4) *Todas as mulheres estão dispostas* [[*a abrir a janela, não importa a idade que tenham*]]. (5) *Nossa insanidade tem nome*: (6) [*nossa insanidade*] *chama-se Vontade de Viver até a Última Gota* (...). (7) *E santa, fica combinado, não existe*. (8) [[*Uma mulher que só reze, que tenha desistido dos prazeres da inquietude, que não deseje mais nada?*]] *Você vai concordar comigo: só sendo louca de pedra*. [C#16]

O Atributo *doida*, em 1, também evidencia julgamento de estima social que, inicialmente, parece ser negativo. No entanto, a cronista manifesta uma percepção diferente e positiva para a loucura das mulheres, ao usar a modalização *impossível não o ser* em 2 que, associada ao julgamento de estima social capacidade *a gente nasce com um dispositivo interno*, expressa o potencial que toda mulher tem para vivenciar o amor. Dessa forma, a cronista não só avalia positivamente essa representação, como também a generaliza entre as mulheres, sem distinção de faixa etária. O significado positivo da insanidade é apresentado em 5 e 6, em que *insanidade* é identificada como *Vontade de Viver até a Última Gota*.

Na oração 6, ao usar a polaridade negativa *não* junto ao processo existencial *existe*, a cronista rejeita a representação de mulher santa e, paradoxalmente, atribui a ela o avaliativo negativo *louca de pedra*, em 8. Para a autora, ser santa é não se permitir nem desejar, é se privar até mesmo de sentir desejo. E essa atitude ela considera loucura, porém a loucura no sentido comumente conhecido¹¹.

Associado à representação de *doida*, no sentido atribuído pela cronista, ainda no campo dos relacionamentos amorosos, está a representação da mulher audaciosa, como no exemplo 14.

Exemplo 14

(1) Não se sabe quem tomou a iniciativa, (2) se foi ela [[que sorriu de um jeito mais insinuante]] (3) ou se [foi] ele [[que acordou de manhã com o ímpeto de sair da rotina]], (4) apenas se sabe que um dia pararam na calçada (5) *para ir além das duas vogais*, (6) *e ele teve a audácia de convidá-la para um café*, (7) *e ela teve o desplante de aceitar*. [C#7]

Nesse exemplo, as orações que evidenciam a representação de mulher como audaciosa integram o Fenômeno da oração mental (4) cujo processo é *sabe*. Na oração 5, tanto a mulher quanto o homem desempenham a

11 De acordo com Ferreira (2009), loucura significa “1. estado ou condição de louco; insanidade mental. 2. ato próprio de louco. 3. Falta de discernimento; irreflexão, absurdo, insensatez, doídice, louquice. 4. Imprudência, temeridade, louquice. 5. Tudo que foge às normas, que é fora do comum; grande extravagância” (p. 1230).

função de Ator do processo material *pararam*, sugerindo a significação de que os dois agem da mesma forma, realizam o mesmo ato, demonstrando atenção um com o outro, culminando no convite de um e o aceite do outro. Nessas orações, ambos os participantes do texto executam função de Dizente, pois, por meio de uma conversa, o homem demonstra seu interesse, e a mulher – diferentemente das situações anteriores em que é representada como medrosa e incrédula, quando nem inicia um relacionamento e quando não acredita mais no amor – corresponde ao convite dele.

Em 6, ainda que ao convite do homem tenha sido atribuída a característica *audácia*, para a mulher também há uma representação de pessoa audaciosa, ousada, pois, em 7, o Atributo *desplante*¹² avalia o aceite pela mulher. Sendo assim, de acordo com as escolhas léxico-gramaticais da cronista, tanto a mulher quanto o homem são representados como audaciosos. Ele porque, no primeiro contato, convida-a para um café, e ela porque aceita no primeiro convite.

É fundamental destacar que essa representação foi categorizada assim por três motivos. O primeiro são as escolhas lexicais que indicam o campo semântico da audácia e da ousadia, como o elemento linguístico *desplante*, por exemplo, que foi usado para caracterizar a atitude da mulher. O segundo motivo é a possibilidade de comparar as atitudes da mulher representada como incrédula com as atitudes da mulher representada como audaciosa. A partir dessa comparação, percebe-se que a audácia está no simples fato de a mulher, no contexto em que se envolve com um vizinho, apresenta coragem de tentar um relacionamento amoroso, ao passo que a mulher incrédula é tão insegura que não acredita que possa despertar o interesse do homem e muito menos é capaz de se envolver com ele. O terceiro motivo são os valores individuais manifestados no discurso a partir das suas escolhas linguísticas (as quais manifestam a visão de mundo da cronista) a partir dos quais se estabelecem as categorias de representação. No contexto social do século XXI, pode haver algum estranhamento por considerar isso como audácia feminina. Entretanto, as escolhas linguísticas no excerto indicam que aceitar prontamente o primeiro convite vindo de um homem é visto pela cronista como uma atitude audaciosa. Dessa forma, pela linguagem, falantes e escritores não só representam experiências de mundo, como também manifestam sua visão sobre ele.

12 Significa, em sentido figurado, ousadia, audácia, atrevimento (FERREIRA, 2009, p. 659).

Embora as crônicas analisadas nesta seção compartilhem o mesmo campo – relacionamentos amorosos –, os comportamentos das mulheres são diferenciados, demonstrando uma característica da época contemporânea, em que as mulheres possuem liberdade de agir conforme sua subjetividade, o que em épocas anteriores nem sempre acontecia. No período colonial do Brasil, por exemplo, os valores eram patriarcais, isto é, em se tratando de assuntos familiares, esposa, filhos e parentes eram submissos ao chefe da família. A mulher deveria obedecer ao pai e, posteriormente, ao marido. Ela, inclusive, não possuía o direito de escolher um esposo, pois era totalmente subordinada ao patriarca. Nessa época, “os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e, dentro dele, a vontade de seu chefe” (SCOTT, 2012, p.16). Nesse sentido, os diferentes comportamentos dos indivíduos, sobretudo das mulheres, têm passado por grandes mudanças. Paralelamente às atitudes e aos comportamentos, estão as consequências disso, as quais são abordadas nas crônicas de Martha Medeiros. Como vimos anteriormente, as mulheres que não acreditam em sua capacidade de despertar o interesse do pretendente nem ao menos iniciam um envolvimento amoroso. Já as mulheres que sofreram desilusões amorosas, em vez de não acreditarem apenas nos homens que as decepcionaram, tornam-se descrentes no amor e nos demais homens a ponto de ficarem sozinhas, não se permitindo tentar outros relacionamentos.

A mulher audaciosa, em contrapartida, age conforme seus desejos – condição para ser *doida* na concepção de Martha Medeiros –, aproveita as oportunidades que surgem desde o primeiro contato estabelecido com o pretendente, como o convite para um café, até o estabelecimento de um relacionamento amoroso.

Em outras crônicas que instanciam o campo relacionamento amoroso, a mulher, especialmente quando é solteira e está à procura de um companheiro ideal, é representada como exigente, como se verifica no exemplo 15.

Exemplo 15

- (1) A reclamação é antiga, (2) mas [a reclamação] continua vigente:
- (3) mulheres se queixam de que não há homem “no mercado”. (4)
- Acabo de receber um e-mail de uma delas contando que faz parte

de um grupo de mulheres na faixa dos 35 anos [[que são independentes, moram sozinhas, trabalham, falam idiomas, são vaidosas, têm cultura, fazem ginástica e, mesmo com tantos atributos, seguem solteiras e temem não haver tempo para formar a própria família]]. (5) No finalzinho da mensagem, descubro uma pista para a solução do problema: (...) (6) “*Apesar de o relógio biológico estar nos pressionando, (7) não queremos procriar com qualquer um. (8) Queremos um cara bacana (9) para ir ao cinema, (10) almoçar no domingo, (11) viajar nos finais de semana*”. [C#8]

Nesse excerto introdutório da crônica, são apresentados os participantes do texto: a cronista e um grupo de mulheres na faixa dos 35 anos que compartilham situação e interesses comuns. Na mensagem recebida de uma dessas mulheres, a cronista destaca um trecho em que tais mulheres aparecem representadas como Experienciador do processo mental desiderativo *queremos*, em 7 e 8, cujo Fenômeno que se destaca é não somente ter filhos, mas principalmente o perfil do homem com quem procriar.

Embora preocupem-se com as condições biológicas para engravidar, essas mulheres não querem qualquer candidato para ser pai de seus filhos; elas querem alguém que tenha a qualidade de *bacana*. As orações 9, 10 e 11 expressam a finalidade desse *cara bacana*: compartilhar com elas a função de Ator de processos como *ir ao cinema, almoçar no domingo, viajar nos finais de semana*.

Na sequência da crônica, essa expectativa das mulheres é avaliada pela cronista por meio da oração relacional atributiva *ser exigente*, na primeira oração do exemplo 16.

Exemplo 16

(1) *Não há problema nenhum [[em ser exigente]], [[em querer uma pessoa que seja especial]]. (2) O que me deixa intrigada é que há mais probabilidade de você encontrar “qualquer um” do que um deus grego com um crachá escrito “Príncipe Encantado”. (3) Então me pergunto: as mulheres estarão dando chance [[para que este “qualquer um” demonstre que está longe de ser qualquer um]]? [C#8]*

Nesse exemplo, a cronista faz, ainda, um julgamento positivo de normalidade, indicando que considera natural a exigência das mulheres em encontrar alguém especial. Essa avaliação se realiza, em 1, pelo uso dos recursos

de polaridade negativa na oração existencial *Não há problema nenhum em ser exigente, em querer uma pessoa que seja especial*.

Entretanto, quando Martha Medeiros, como escritor-no-texto, na oração 3, questiona essa atitude das mulheres, realiza um julgamento negativo de capacidade, com objetivo de levantar uma discussão e manifestar sua opinião acerca das causas da falta de *homem “no mercado”* mencionada no início da crônica (ver oração 3 do exemplo 15). Na função de Experienciador do processo *não estão dando chance* aos candidatos para demonstrar qualidades, as mulheres são representadas como responsáveis pela situação. Logo, a solidão das mulheres é causada por sua própria exigência.

No campo dos relacionamentos amorosos, a análise dos significados ideacionais experienciais e dos interpessoais revelou três representações para a mulher. Nos contextos situacionais em que a mulher é representada como incrédula, o padrão linguístico evidenciado consiste em orações mentais cognitivas com polaridade negativa. Quando é representada como audaciosa, são usadas orações verbais e materiais em que a mulher exerce papel ativo, na função de Dizente e Ator, respectivamente. Já nos contextos situacionais em que é representada como exigente, são usadas orações mentais desiderativas em que a mulher é Experienciador de Fenômenos que envolvem o sexo oposto.

A representação da mulher exigente no campo dos relacionamentos amorosos evoca, em decorrência, o campo da maternidade, em que o foco deixa de ser ela mesma (Experienciador) e o homem (Fenômeno desejado) e passa a ser o filho (Fenômeno pensado, Beneficiário), como indicam os resultados apresentados na subseção a seguir.

A mulher no campo da maternidade

O segundo campo mais frequente no *corpus* analisado (5 em 20 crônicas) é a maternidade, em que emergem duas representações em contraponto: altruísta e desapegada.

No papel social de mãe, a mulher é representada como alguém que passa a se preocupar com o outro de forma espontânea, tornando-se o que se pode chamar de altruísta, em contraponto com egocêntrica, como sugere o exemplo 17.

Exemplo 17

(1) Um dia o exame confirma (2) que você está grávida (...) (3) *A partir daí, nunca mais a vida como era antes.* (4) *Nunca mais a liberdade [[de sair pelo mundo sem dar explicações a ninguém]].* (5) *Nunca mais pensar em si mesma em primeiro lugar.* (6) *Só depois que eles fizerem dezoito anos, (7) e isso demora.* (8) *E às vezes [isso] nem adianta.* [C#5]

A polaridade negativa *nunca mais* nas orações 3 e 4 implica mudanças radicais na vida da mulher a partir do momento que descobre a gravidez. A vida passa a ser polarizada entre antes e depois de ser mãe. E como é a *vida antes* de ser mãe? Na opinião da cronista, é ser Portador de *liberdade de sair pelo mundo sem dar explicações a ninguém* (em 4) e Experienciador de *pensar em si mesma em primeiro lugar* (em 5). Essas escolhas linguísticas pressupõem a representação de uma mulher sem filhos como individualista, egocêntrica. O uso da polaridade negativa *Nunca mais*, em 5, evidencia que tal representação não se aplica, entretanto, à mulher que vivencia a maternidade, que é associada em grau máximo à ideia de doação ao outro. No julgamento da cronista, a mulher, antes de ser mãe, leva uma vida centrada em suas próprias vontades e necessidades; a vivência da maternidade, entretanto, altera a mentalidade e a vida da mulher, que, segundo a cronista, passa a centrar-se nos filhos – o que pode durar até eles completarem a maioridade. A conclusão a que o(a) leitor(a) pode chegar com base nessas representações é que ser mãe implica ser altruísta. A oração 5, contudo, sugere que tal representação não é permanente. A circunstância temporal indicada na oração *Só depois que eles fizerem dezoito anos*, em 6, aponta a possibilidade de retorno da experiência de *pensar em si mesma em primeiro lugar*, em 5, embora a cronista reconheça que *isso demora*, em 7.

Um exemplo prático de que as mães são altruístas ao extremo em relação aos filhos aparece em outra crônica, em que é citada uma das orientações tipicamente dadas em aeronaves antes da decolagem: em caso de depressurização, a máscara de oxigênio deve ser colocada primeiro em si para, depois, auxiliar quem estiver ao lado. Essa orientação nem sempre é seguida pelas mães, como mostra o exemplo 18.

Exemplo 18

(1) E a imagem do monitor mostrava justamente isso, (2) uma mãe colocando a máscara do filho, (3) estando ela já com a sua. (4) É uma imagem um pouco afletiva, (5) porque *a tendência de todas as mães é primeiro salvar o filho* (6) *e depois pensar em si mesma*. (7) *Um instinto natural da fêmea que há em nós*. [C#13]

Em 5, *todas as mães* exerce função de Ator do processo material *salvar* cujo Beneficiário é *o filho*. O uso das circunstâncias *primeiro* em 5 e *depois* em 6 indica a reiteração da ideia de que, a partir do momento em que se torna mãe, a mulher passa a se colocar “em segundo plano”. Esse exemplo demonstra que o *instinto natural de fêmea* se sobressai quando a mulher é mãe e pensa primeiro em salvar o filho; só depois de se certificar que seu descendente está seguro, ela pensa em se salvar, mesmo que essa inversão na sequência das ações recomendadas, no caso de uma emergência, coloque em risco sua própria vida. Essas atitudes configuram-se como comportamento altruísta que, na opinião da cronista, é da natureza feminina, mas que, na opinião da cronista, é despertado com a vivência da maternidade.

Em contraponto a essa representação considerada natural pelo imaginário social, já que se espera que tanto da mãe quanto do pai o cuidado e a educação para com os filhos, evidenciou-se a representação de mãe desapegada, como no exemplo 19.

Exemplo 19

(1) *Já fomos mães mais atentas*, (2) que geravam por mais tempo, por bem mais do que nove meses. (3) *Levávamos os filhos dentro de nossas vidas longos anos*. (4) *Hoje temos mais pressa* [[*em entregá-los para o mundo*]], (5) *a responsabilidade pesa*, (6) *e como peso é tudo o que não queremos*, (7) *acabamos por nos aliviar dos compromissos severos de toda educação*. [C#3]

Nesse exemplo, verifica-se a construção da representação ancorada na comparação do passado com o presente. Isso está evidenciado pelo uso dos processos no pretérito perfeito (orações 1 e 2), no pretérito imperfeito (oração 3) e no presente (orações 4, 5, 6 e 7). Além disso, a expressão *já fomos* e a circunstância de localização no tempo *hoje* contribuem para essa estratégia

de comparação entre o comportamento da mulher de hoje e de antigamente em relação aos filhos.

As mulheres, entre as quais a cronista se inclui por meio do uso da primeira pessoa do plural, na função de Ator do processo material *levávamos*, cuja Meta são *os filhos*, envolvidas pelas circunstâncias de localização (*dentro de nossas vidas e por mais tempo*), em 2, são representadas como dedicadas, lembrando a mãe altruísta mencionada anteriormente. As orações 1, 2 e 3 representam a atenção que as mães davam aos filhos no passado.

A partir da oração 4, é construída representação das mães na atualidade. Em 4, exercem função de Possuidor do processo relacional *temos*, em que o Possuído é *mais pressa em entregá-los para o mundo*. Já nas orações 6 e 7, desempenham função de Experienciador dos processos mentais *desejamos*, em 7, e *aliviar* em 8. Na oração 6, a presença da polaridade negativa *não* junto ao processo mental desiderativo *queremos* confere às mães de hoje o sentido de que não desejam carregar “o peso” das responsabilidades, especificadas em 7: *compromissos severos de toda educação*.

Esses recursos linguísticos contribuem para a construção da representação da mãe contemporânea como desapegada, no sentido de que deseja não se sobrecarregar de responsabilidades, e a educação dos filhos é uma das responsabilidades considerada “pesada”.

É importante destacar que apenas uma ocorrência dessa representação foi encontrada no *corpus*, ao passo que a altruísta foi encontrada em quatro crônicas, o que sugere o reconhecimento do valor social da mãe que coloca o filho em primeiro lugar na sua vida, embora a cronista também levante a discussão sobre o desejo das mulheres contemporâneas em se livrar dessa responsabilidade.

Esse desejo vai ao encontro de muitos outros que são manifestados pelas mulheres contemporâneas, como veremos na subseção “A mulher no campo sentimental”. O desejo de parecer bela também está presente nas crônicas em que se verifica o campo da aparência física, em que o foco volta-se para a própria mulher e sua preocupação com o corpo, como indicam os resultados apresentados na seção a seguir

A mulher no campo da aparência

Nas crônicas em que o campo aparência física é mencionado, também frequente no *corpus* (5 em 20 crônicas), as escolhas linguísticas evidenciam a preocupação da mulher com a própria imagem e seus esforços para enquadrar-se nos padrões de beleza vigentes na sociedade em que vive, como ilustra o exemplo 20.

Exemplo 20

(1) Ela [a barriga] é uma praga masculina e feminina. (2) Os homens também sofrem, (3) mas aprenderam (2) a conviver com ela: (3) entregam os pontos (4) e vão em frente, (5) encarando a situação como uma contingência do destino. (6) *As mulheres, não.* (7) *Mulheres são guerreiras,* (8) *lutam com todas as armas [[que têm]].* (9) *Algumas ficam sem respirar* (10) *para encolhê-la,* (11) *chegam a ficar azuis.* (12) *Outras vão para a mesa de cirurgia* (13) *e ordenam* (14) *que o médico sugue a desgraçada com umbigo e tudo.* [C#10]

Nesse exemplo, a cronista aborda a aparência de uma parte do corpo, mais especificamente, o volume da barriga. O Atributo *praga masculina e feminina*, em 1, avalia negativamente a barriga e a representa como um problema tanto para homens quanto para mulheres. Embora ambos sofram com a situação, como indica a oração mental *também sofrem* em 2, a diferença está no modo como homens e mulheres percebem esse “problema” e lidam com ele. A oração mental perceptiva *encarando a situação como uma contingência do destino*, em 5, constrói a representação dos homens conformados com a situação. Com isso, mostram-se inertes diante da possibilidade de mudança, representação indicada nas orações *aprenderam a conviver com ela* em 2 e *entregaram os pontos* em 3.

As mulheres, ao contrário, aparecem envolvidas em atitudes que visam à mudança da aparência indesejada, numa analogia com a guerra. As evidências léxico-gramaticais disso são o Atributo *guerreiras* em 7 e o processo material *lutam* intensificado pela circunstância de modo *com todas as armas que têm* em 8. Duas atitudes são citadas pela cronista para representar as mulheres na busca por esconder ou eliminar a saliência da barriga. A primeira é comportamental: *ficam sem respeitar* (9) *para encolhê-la* (10). O Atributo *azuis*, em 11, intensifica o grau desse comportamento adotado por algumas mulheres.

As mulheres talvez mais angustiadas com a saliência da barriga adotam uma atitude mais drástica. Ao desempenhar a função de Ator na oração material *vão para a mesa de cirurgia*, em 12, elas agem a partir da decisão de retirar os “quilinhos” a mais por meio de intervenção cirúrgica, ou seja, conscientemente, optam por isso, com o intuito de mudar a aparência. Tal opção se evidencia na oração 13, em que as mulheres aparecem na função de Dizente do processo verbal *ordenam*, complementando o significado indicado na oração 12 de que a mulher não é submetida à cirurgia, ela age para que isso ocorra. No Relato que informa o conteúdo do comando – *que o médico sugue a desgraça com umbigo e tudo*, em 14 –, o médico desempenha a função de Ator da ação que tem como Meta *a desgraça*, a qual retoma ao mesmo tempo em que avalia negativamente a barriga saliente. A circunstância *com umbigo e tudo* indica a intensa vontade dessas mulheres de eliminarem o volume indesejado da barriga e, assim, terem a aparência esbelta.

Esses esforços para disfarçar uma das possíveis “imperfeições” do corpo feminino remetem ao significado da vaidade relacionada ao cuidado extremo com a aparência física, principalmente no que se refere à magreza. De acordo com o estudo de Novaes e Vilhena (2003), na contemporaneidade, a gordura apresenta-se “como paradigma da feiúra” (p. 11) e consiste numa das formas mais presentes de exclusão social feminina. A beleza, por sua vez, está muito associada ao corpo, à saúde, à boa aparência e à juventude. Essa concepção moderna de beleza tem sua origem, de acordo com as autoras, com o advento do individualismo e do “deslocamento do indivíduo do todo comunitário, causando-lhe um sentimento de ‘si mesmo’ antes de sentir-se membro de uma comunidade” (NOVAES e VILHENA, 2003, p. 12).

A beleza, ao lado do companheiro ideal, configura-se, então, em mais um dos diversos desejos no universo feminino, os quais, neste estudo, constituem outro campo semântico em destaque nas crônicas analisadas, apresentado na sequência.

A mulher no campo da manifestação dos desejos

Ainda na esfera individual, em que manifesta seus desejos (4 em 20 crônicas), foi evidenciada a representação da mulher insatisfeita, exemplificada no excerto a seguir, em que a cronista observa uma garota quieta e pouco sociável durante uma festa familiar.

Exemplo 21

(1) De soslaio, flagrei a mãe dela também observando a cena, inconsolável, (2) ao mesmo tempo em que comentava com uma tia: (3) “Olha para essa menina sempre com essa cara. (4) [A garota] *Nunca está feliz.* (5) [A garota] *Tem emprego, marido, filho.* (6) *O que ela pode querer mais?*” (...) (7) Imaginei a garota acusando o golpe e confessando: sim, quero mais. (...) (8) *Queria não me sentir tão responsável sobre o que acontece ao meu redor.* (...) (9) *O que eu quero mais?* Me escutar e obedecer ao meu lado mais transgressor, menos comportadinho, menos refém de reuniões familiares, marido, filhos, bolos de aniversário e despertadores na segunda-feira de manhã. (10) *E também quero mais tempo livre. E mais abraços.* (...) (11) *Pois é, ninguém está satisfeito. Ainda bem.* [C#6]

Na voz da mãe, como Dizente do processo verbal *comentava* em 2, a participante *essa menina* é caracterizada como infeliz pelo uso do Atributo *feliz* associado ao elemento de polaridade negativa *nunca* em 4. Ser Possuidor de Atributos como *emprego, marido e filho*, ainda na voz da mãe em 5, seriam motivos suficientes para a felicidade. O uso do modo interrogativo em 7 sugere que, na visão da mãe, a *garota* tem tudo o que uma mulher precisa para ser feliz e, por isso, não compreende sua insatisfação.

Em contraponto à voz da mãe, são atribuídos dizeres à própria garota imaginados pela cronista. A função de Experienciador dos processos mentais desiderativos *queria e quero*, em 8 e 9, representa a garota – que poderia ser qualquer outra mulher em contexto semelhante – como um sujeito desejanter de mais liberdade, como indicam as orações projetadas que funcionam como Fenômenos. O uso do recurso de gradação *tão*, em 8, indica que a mulher não deseja se isentar das responsabilidades (como participar de reuniões familiares, cuidar de marido e filho), mas, sim, ao menos, diminuir a intensidade delas. É representada, assim, a insatisfação e o desejo de atingir o equilíbrio em relação ao que já possui em sua vida. Esse desejo, entretanto, é avaliado negativamente, haja vista o uso dos epítetos *mais transgressor e menos comportadinho*, em 9, que expressam julgamento negativo de sanção social e sugerem que, se agisse conforme seus desejos, a mulher causaria estranhamento e, talvez, fosse rotulada como “doida”, tendo por base o imaginário social e os códigos morais socialmente estabelecidos.

Dessa forma, nas vozes atuantes no texto, a mulher é representada como insatisfeita; contudo, os posicionamentos da mãe da garota e da cro-

nista em relação a isso são distintos. Para a mãe, a garota não teria motivos para insatisfação, porque possui tudo o que, segundo o padrão social, uma mulher feliz costuma ter: *emprego, marido e filho*. A cronista, por sua vez, descontrói tanto a representação de mulher feliz reproduzida pela mãe, quanto o julgamento negativo da insatisfação, sugerindo que felicidade não se obtém somente por meio de posses, e sim por meio de mudanças que partem da própria insatisfação, a qual considera “saudável” por gerar constante busca pelo equilíbrio no dia a dia, conforme explicitado na oração 11, em que *Ainda bem* expressa apreciação positiva por parte da cronista quanto à possibilidade de a mulher expressar suas emoções.

No que se refere aos sentimentos, as mulheres têm diversas maneiras de manifestá-los ou escondê-los, dependendo das circunstâncias. Assim como nos demais campos analisados, não há um único padrão de comportamento feminino, como é possível verificar na seção a seguir.

A mulher no campo sentimental

A manifestação de emoções é um dos campos em que mulheres e homens parecem apresentar expressivas diferenças – pelo menos na visão da cronista, como mostra o exemplo 22.

Exemplo 22

(1) *Os homens são mulheres felizes.* (2) *Eles fazem tudo [[o que a gente gostaria de fazer:]]* (3) *não se preocupam em demasia com nada.* [C#12]

Nesse exemplo, a expressão *a gente* indica a inclusão da cronista como escritor-no-texto e, assim, como parte do grupo das mulheres representadas na crônica. Na oração 1, *os homens* são identificados como *mulheres felizes*, indicando o pressuposto de que as mulheres, por outro lado, são infelizes. Uma causa dessa infelicidade está indicada nas orações subsequentes, em que as mulheres (*a gente*) participam como Experienciador do processo desiderativo *gostaria*, em 2, cujo Fenômeno é realizado pela oração *não se preocupam em demasia com nada*, em 3. Dessa forma, é indicado que homens e mulheres compartilham o sentimento de preocupação com as coisas, mas em intensidades diferentes: a mulher se preocupa *em demasia*, e isso é uma das causas de sua infelicidade.

A evidência dessa preocupação excessiva, segundo a cronista, é a oração mental cognitiva de que a mulher é Experienciador, em destaque no exemplo 23.

Exemplo 23

(1) *Porque nosso mal é este: pensar demais.* (2) *Nós, as reconhecidas como sensíveis e afetivas, somos, na verdade, máquinas cerebrais. [[Alucinadamente cerebrais. Capazes de surtar com qualquer coisa, desde as mínimas até as muito mínimas]].* [C#12]

O Atributo *máquinas cerebrais*, em 2, é uma metáfora da capacidade de pensamento das mulheres, intensificada pelos itens lexicais *Alucinadamente e surtar*, que funcionam como julgamentos dessa atitude feminina. A ideia de excesso ainda aparece expressa pelas marcas de gradação *qualquer coisa, desde as mínimas até as muito mínimas*. O uso do epíteto *mal*, em 1, indica uma apreciação negativa em relação a esse comportamento feminino – pensar em todos os detalhes das coisas.

Em 2, as mulheres ainda são representadas como *sensíveis e afetivas*, o que pode estar associado, em alguma medida, com a preocupação em demasia. A sensibilidade nem sempre é manifestada pela mulher em ambiente público. Nesse sentido, a mulher aparece representada como discreta, conforme o exemplo 24.

Exemplo 24

(1) *A dor vinha represada [pela mulher] há dias,* (2) *a mulher desejava apenas que [a dor] não vazasse em hora imprópria.* (...) (3) [Ela] *Estava dirigindo rumo ao supermercado* (...). (4) *ela começou a chorar.* (5) *Buscou os óculos na bolsa* (...). (6) *pois já não havia remédio,* (7) *agora que desaguava.* (...) (8) *já que não havia mais como parar o sofrimento,* (9) *ao menos seria prudente estacionar o carro* (...). (10) *O ray-ban apoiado no nariz vermelho tentava esconder a pele úmida.* (...). (11) *Não conseguindo estacionar o carro,* (12) *foi obrigada a estancar o choro.* (13) *Limpou o rosto com um lenço de papel* [[que encontrou no porta-luvas]], (14) *olhou pelo retrovisor* (15) *para ver se a aparência denunciava sua situação,* (16) *e resolveu que dava para enfrentar a vida,* (17) *bastava não tirar o ray-ban da cara.* [C#4]

A repressão da dor sentida pela mulher é comparada à ação de reprimir água, haja vista o uso dos processos *vinha represada* em 1, *vazasse* em 2, *desaguava* em 7 e *estancar* em 12, numa referência metafórica às lágrimas, ao choro, que se realiza de fato em 4, em que ela é Comportante de *começou a chorar*. Ao desempenhar a função de Experienciador na oração mental desiderativa *desejava que não vazasse em hora imprópria*, em 2, e de Ator na oração material *buscou os óculos na bolsa*, em 5, a mulher busca esconder seu sofrimento.

Em relação aos elementos linguísticos que evidenciam a discrição da mulher ou, ao menos, a tentativa e o desejo de ser discreta, destaca-se a circunstância de localização no tempo *em hora imprópria*, sugerindo que a mulher faz distinção de momentos em que “deve” ou “não deve” expor seus sentimentos por meio do choro. Nesse exemplo, espaços públicos, como trânsito, igreja, escola e supermercado, não são considerados lugares adequados para chorar, e a tentativa de manter escondido seu *sofrimento* é evidenciada pelas tentativas de estacionar o carro e usar óculos escuros para *esconder* os sinais do choro que teve de *estancar*, evidenciando sua discrição.

Enquanto há mulheres discretas, que escondem seus sentimentos, há aquelas que não têm pruridos em manifestá-los, como no episódio relatado em outra crônica, do qual se encontra o exemplo 25.

Exemplo 25

(1) Estava fazendo o retorno numa grande avenida (2) quando passou por mim um carro azul com uma moça na direção. (3) O vidro dela estava aberto (4) e *ela não parecia ter nada a esconder*: (5) *chorava*. Não um choro à-toa. (6) *Ela chorava por uma dor aguda, uma dor de respeito*, (7) era um transbordamento. (8) (...) eu ao volante do meu, atônita, (9) *ela ao volante do dela*, (10) *desmoronando*. [C#1]

Assim como a mulher representada no Exemplo 22, a moça, também dentro de um carro, no Exemplo 25, chorava por uma *dor*. A diferença entre as duas é a exposição pública dessa dor. Enquanto aquela buscava um lugar reservado em que pudesse chorar sem que ninguém visse, a moça no carro azul andava com o vidro *aberto* (em 3) e *parecia não ter nada a esconder* (em 4). Embora a circunstância de causa *por uma dor aguda*, intensificada por *uma dor de respeito*, em 6, indique o sentimento expresso pelo comportamento da moça do carro azul, não é informado o motivo desse sofrimento, como se verifica no exemplo 26.

Exemplo 26

(...) (1) e antes que trocasse o sinal, (2) abri a janela do meu copiloto – sem nenhum co-piloto – (3) e perguntei: “Você precisa de ajuda?” (...) (4) pensei que iria dizer (5) para eu me preocupar com minha vida – e (8) [ela] disse serenamente: “Já vai passar.” (9) Passei o resto do trajeto tentando *adivinhar* se ela havia rompido uma relação de amor, (se havia perdido um filho recentemente, se havia recebido o diagnóstico de uma doença grave, (...) se estava ouvindo uma música [[que a fazia lembrar de uma época terrível – ou sensacional]] [C#1]

A cronista, como escritor-no-texto, desempenha função de Dizente do processo verbal *perguntei*, em 3, indicando o estabelecimento de contato com a moça que estava chorando, por meio de uma proposta (oferta de serviço) no modo oracional interrogativo: “*Você precisa de ajuda?*”. Ao oferecer ajuda, a cronista tem a oportunidade de saber o que estava acontecendo e por quê. Mas a resposta sobre o motivo do comportamento não é dada, já que a moça não revela a causa do choro, limitando-se a declarar “*Já vai passar*”. Resta a cronista conjecturar sobre motivos prováveis daquele choro, como indica a oração mental cognitiva em 9, cujos Fenômenos incluem tanto experiências negativas, como rompimento de relacionamento, diagnóstico de uma doença grave, lembrança de uma época *terrível*, quanto por positivas, como lembrança de uma época *sensacional*.

Em vista disso, não é possível categorizar essa representação da mulher como sofredora, uma vez que não há evidências de tal motivo, e sim como sensível e indiscreta na manifestação dessa sensibilidade por meio do choro em ambiente público.

No campo das emoções, portanto, as mulheres são representadas, nas crônicas analisadas, como altamente sensíveis. Todas são preocupadas em excesso; algumas são discretas e escondem o que sentem, enquanto outras não têm receio de mostrar seus sentimentos, sejam eles quais forem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na descrição das variáveis de registro instanciadas em 20 crônicas do livro *Doidas e Santas*, de Martha Medeiros, selecionadas para este estudo,

revelaram-se cinco campos semânticos que, por ordem de frequência no *corpus*, são: relacionamento amoroso, maternidade, aparência física, manifestação de desejos e manifestação de sentimentos. Esses campos são abordados a partir da perspectiva pessoal da cronista, detendo-se a um tema e/ou a um fato (real ou imaginário) do cotidiano, ocorridos com a própria cronista ou com outras pessoas.

A análise linguística dessas crônicas possibilitou identificar quais os participantes e as funções desempenhadas por eles em relação a processos e circunstâncias no sistema de transitividade. A análise de categorias dos sub-sistemas atitude e graduação, do sistema de avaliatividade, auxiliou na verificação do posicionamento da cronista diante das representações encontradas. Dessa forma, foram categorizadas 13 representações sobre a mulher associadas aos campos semânticos mencionados.

No campo relacionamento amoroso, evidenciou-se maior diversidade de representações sobre a mulher, dependendo da fase da vida em que se encontra: incrédula na juventude, audaciosa e exigente na idade adulta, doída ou santa na maturidade.

No campo maternidade, evidenciaram-se duas representações contrastantes: altruísta (em conformidade com as expectativas da sociedade) e desapegada (que parece não anular a altruísta, mas indica um desejo da mulher contemporânea sobrecarregada de responsabilidades).

No campo aparência física, encontrou-se apenas uma representação: a mulher vaidosa, evidenciada pela luta em moldar o corpo conforme os padrões de beleza vigentes na sociedade.

No campo manifestação de desejos, insatisfeita foi a representação encontrada. A mulher é, constantemente, Experienciador de processos mentais desiderativos, indicando que está sempre querendo algo, o que pode ser positivo para o seu crescimento pessoal e profissional, mas também pode ser motivo de sua infelicidade se não tiver coragem de lutar pelos seus desejos.

No campo manifestação de sentimentos, três representações foram evidenciadas: preocupada em demasia, discreta e indiscreta. Devido ao “peso das responsabilidades”, as mulheres pensam intensamente em tudo, diferentemente dos homens, que são “as mulheres felizes” por não se preocuparem tanto. Em contexto situacional em que esconde sua sensibilidade em ambien-

te público, é representada como discreta. No entanto, quando a expõe publicamente, por meio do choro, a mulher é representada como indiscreta.

Se relacionarmos as representações entre si, podemos concluir que, nas crônicas analisadas, “santas” são as mulheres que reprimem seus desejos, escondem seus sentimentos, deixam de agir conforme gostariam, são altruístas e preocupam-se o tempo todo com as coisas nos mínimos detalhes.

Por outro lado, “doidas” são aquelas que demonstram coragem e permitem-se vivenciar um novo amor, são audaciosas, manifestam seus sentimentos e desapegam-se do peso das responsabilidades. Em suma, são aquelas que vivem intensamente, que têm coragem de agir de acordo com seus desejos e não se prendem aos padrões sociais, logo, comportam-se como desejam, em contraponto com as “santas”, que não se arriscam a viver novas experiências.

Entretanto, convém destacar um *continuum* entre essas representações: mulheres não são somente doidas, ou somente santas; podem ser doidas em alguns contextos e santas em outros. Nas crônicas analisadas, Martha Medeiros constrói representações múltiplas para a mulher, no sentido de que, em alguns momentos, a mulher pode esconder seus sentimentos e, em outros, manifestá-los, por exemplo.

É preciso destacar que as possibilidades de estudos tanto em relação à crônica, quanto em relação a representações para a mulher não se esgotam com este trabalho. Devido à sua complexidade, há muitas discussões sobre a crônica e poucos estudos empenhados na sua descrição. É necessário um estudo da crônica com base na abordagem de gênero da Linguística Sistemico-Funcional. É conveniente, além disso, uma sistematização mais detalhada de evidências linguísticas de representações sobre outros atores sociais presentes nas crônicas, como homens, profissões e instituições, por exemplo. Outra questão apontada neste trabalho e que pode ser explorada com mais detalhamento e profundidade é o estudo de identidades. As crônicas que serviram de *corpus* a esta pesquisa demonstraram-se profícuo objeto de investigação de identidades femininas e masculinas. Por abordar temas do cotidiano e revelar aspectos da realidade, a crônica é um fonte rica de dados para estudos culturais e ideológicos.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FRANCISCHINI, J. B. *A crônica jornalística em uma perspectiva sociorretórica: organização textual e processo de produção*. Palhoça, 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. Parte A. In: HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____. *An introduction to functional grammar*. 1.ed. London: Arnold, 1985.

_____. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.

_____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London, New York: Routledge, 2014.

LIMA, L. O. *Espelho, espelho meu, existe alguém mais doída ou santa do que eu?* Representações para a mulher em crônicas de Martha Medeiros. 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: Mapping culture*. London, Darkville: Equinox, 2008.

MEDEIROS, M. *A sedução do texto*. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro do RS, 2006.

MEDEIROS, M. *Doídas e Santas*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

NEVES, M. H. M. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Revista Interações*. v. 8, n. 15, p. 9-36, jan-jun. 2003.

SCOTT, A. S. *O caleidoscópio dos arranjos familiares*. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (Orgs.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

THOMPSON, G.; THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. *Text*, v. 15, n. 1, p. 103-127, 1995.

APÊNDICE

CÓDIGO	TÍTULO DA CRÔNICA	DATA DE PUBLICAÇÃO NO JORNAL
C#1	<i>A moça do carro azul</i>	28 de dezembro de 2005
C#2	<i>O cartão</i>	05 de fevereiro de 2006
C#3	<i>Belíssimas</i>	08 de março de 2006
C#4	<i>Um lugar para chorar</i>	23 de abril de 2006
C#5	<i>A melhor mãe do mundo</i>	14 de maio de 2008
C#6	<i>O que mais você quer?</i>	28 de maio de 2006
C#7	<i>O cara do outro lado da rua</i>	06 de agosto de 2006
C#8	<i>Qualquer um</i>	22 de outubro de 2006
C#9	<i>Nenhuma mulher é fantasma</i>	19 de novembro de 2006
C#10	<i>Ela</i>	21 de janeiro de 2007
C#11	<i>As supermães e as mães normais</i>	13 de maio de 2007
C#12	<i>As verdadeiras mulheres felizes</i>	27 de maio de 2007
C#13	<i>Em caso de despressurização</i>	23 de setembro de 2007
C#14	<i>Grisalha? Não obrigada.</i>	06 de janeiro de 2008
C#15	<i>Um cara difícil</i>	23 de março de 2008
C#16	<i>Doidas e santas</i>	13 de abril de 2008
C#17	<i>A mulher banana</i>	20 de abril de 2008
C#18	<i>Os olhos da cara</i>	01 de junho de 2008
C#19	<i>Absolvendo o amor</i>	08 de junho de 2008
C#20	<i>A garota da estrada</i>	13 de julho de 2008

AVALIAÇÃO E IDEAÇÃO: ACOPLAMENTOS AVALIATIVOS EM EDITORIAIS

Glívia Guimarães Nunes
Sara Regina Scotta Cabral

INTRODUÇÃO

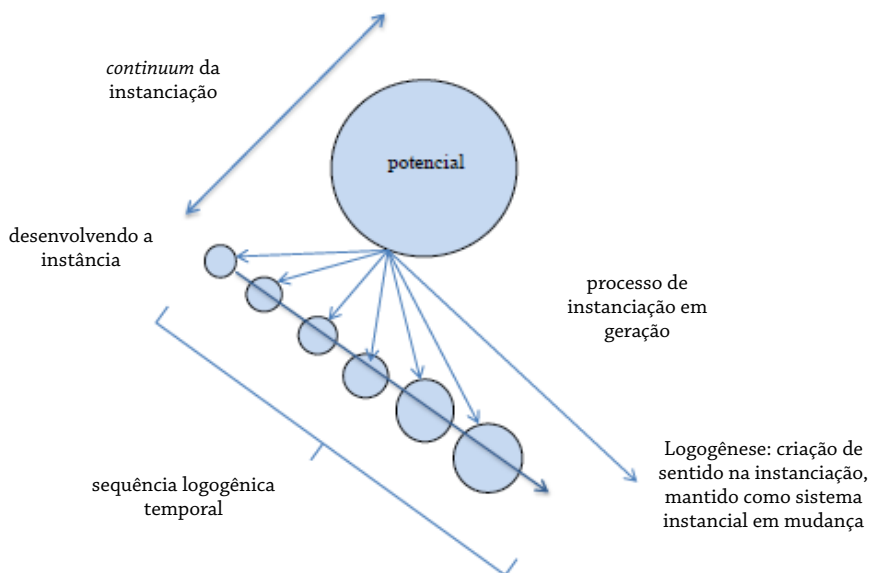
Construir um texto faz com que se empregue todo potencial logogenético¹ que o sistema da língua apresenta. À medida que o texto se desenvolve em uma perspectiva temporal (*logenetic time-frame*, para Halliday e Matthiessen, 1999, p. 384), o falante/escritor mobiliza recursos diversos para que possa instanciar seu texto, que resulta da combinação não só de elementos léxico-gramaticais, mas também de outros sistemas que concorrem para o significado final. Nesse sentido, Halliday e Matthiessen (1999, p. 384-385) já afirmavam que, “no curso da logogênese, uma receita é construída como uma série de laços ordenados através do sistema de sequência, enquanto uma entrada enciclopédica pode ser construída com uma taxonomia sistêmica, desenvolvida etapa por etapa em refinamento²”. Assim, o sistema instancial (MATTHIESSEN, 1993) é renovado sucessivamente pelo processo de geração, de modo que uma instanciação é recurso para a instanciação que a sucede.

A Figura 1 mostra o *continuum* da produção de significado quando da instanciação de um texto.

1 Halliday e Matthiessen (1999, p. 18) afirmam que, na denominação “logogênese”, o radical “logos” recupera seu significado original, que é “discurso”.

2 Neste capítulo, “delicacy” é traduzido por “refinamento”, por se entender que o termo “delicadeza”, em português, não corresponde exatamente como Halliday e Matthiessen (2004; 2014) entendem o *continuum* do geral ao específico em uma rede de sistemas.

Figura 1 – Logogênese



Fonte: Traduzido de Halliday e Matthiessen (1999, p. 385).

O processo de instanciação de um texto combina muito mais do que itens léxico-gramaticais possam predizer (MARTIN, 2010). Além da constituição léxico-gramatical, o texto pode acoplar (*couple*) significados discursivos relevantes, combinações características de registro e de gênero, marcadores de relações lógico-semânticas, ocorrências de avaliação, dentre outros. O acoplamento (*coupling*) refere-se “ao modo como os significados combinam – através de estratos, metafunções, ordens e sistemas simultâneos” (MARTIN, 2010, p. 19), o que é feito na instanciação e na reinstanciação dos textos.

Ao se acoplar experiência com avaliação, cria-se uma ligação, que “forma os blocos básicos da hierarquia de individuação, agrupando-se em subculturas e em identidades dominantes nas quais os membros da comunidade se inscrevem” (MARTIN, 2010, p. 26). A análise da criação de sentidos através

da intersecção de diferentes recursos semióticos, instanciação, calibragem³ e acoplamento tem provado serem conceitos cruciais (MARTIN, 2010).

O acoplamento entre o componente semântico de julgamento e o recurso de ideação contribuem para a representação da experiência por meio de processos e participantes dos editoriais em estudo neste capítulo, uma vez que realizações no sistema experiencial de ideação permitem identificar que atitudes são atribuídas a esses participantes. “O sistema de ideação enfoca a construção da experiência no discurso, incluindo pessoas e coisas envolvidas nele, e lugares e qualidades associadas a elas, e em como elementos são construídos e relacionados uns aos outros no desenrolar de um texto” (MARTIN e ROSE, 2007, p. 109).

Partindo da concepção de acoplamento, este capítulo tem o objetivo de identificar as representações que ocorrem por meio dos acoplamentos entre o sistema discursivo de avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005) e o de ideação (MARTIN e ROSE, 2007), a fim de investigar os vínculos (*bonds*) compartilhados pela comunidade do jornal no processo de instanciação em treze editoriais da Folha de São Paulo do ano de 2012, especialmente no que se refere à conduta da ex-Presidente Dilma Rousseff⁴.

No Brasil, diversos estudos à luz da Linguística Sistêmico-Funcional têm sido desenvolvidos com foco na representação. Fuzer (2008), por exemplo, analisou representações de atores sociais, por operadores do direito, nos autos de um processo penal; já Barbara e Gomes (2010) investigaram, a partir da análise de processos verbais, a representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira; Silva (2012) pesquisou representações de homossexuais no contexto midiático brasileiro⁵; Cargnin (2014), por sua vez, analisou discursos de paraninfos de cursos de Letras a fim de verificar representações do professor⁶; Rossi (2015) investigou, em textos que integram os quatro Evangelhos do Novo Testamento da Bíblia, representações para as mulheres⁷.

3 Calibragem – tradução dada por Souza (2011, p. 76) ao termo *commitment* – refere-se ao “grau de especificidade do sentido instanciado em um texto” (MARTIN, 2010, p. 20).

4 A Presidente Dilma Rousseff governou o Brasil nos anos de 2010-2013 (primeiro mandato) e 2014-2016 (segundo mandato), quando foi afastada do cargo devido a um processo de *impeachment*.

5 N.E. Resultados desse estudo estão apresentados no capítulo 2 deste livro.

6 N.E. Resultados desse estudo estão apresentados no capítulo 1 deste livro.

7 N.E. Resultados desse estudo estão apresentados no capítulo 5 deste livro.

Com o foco no sistema discursivo de ideação, Rodrigues Jr. (2008) discutiu características de relatos de aprendizes brasileiros de inglês conjugado ao sistema de avaliatividade. Rodrigues (2009) investigou a periodicidade, a coesão, a ideação e a avaliação em um *corpus* literário paralelo bilíngue, fazendo uso de abordagens discursivas da tradução. Bonfim (2009), ao analisar cordéis sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica e da Linguística Sistemico-Funcional, valeu-se das ferramentas analíticas que envolvem a ideação e a avaliatividade, buscando estabelecer os vínculos entre a cultura e as realizações léxico-gramaticais dos folhetos. Silva (2016) trabalhou com o gênero quarta capa de livro didático e, na análise linguístico-discursiva, abordou os sistemas de avaliatividade e de ideação.

Da mesma forma, muitos estudos têm sido realizados no âmbito da avaliatividade em LSF. Cabral (2007), por exemplo, pesquisou manifestações da categoria julgamento em relação a um assunto amplamente debatido: a expulsão do jornalista Larry Rohter, o qual teria sugerido que o então Presidente do Brasil abusava da bebida; Almeida (2008) investigou o subsistema Atitude nas falas de docentes universitários, em sala de aula. Já Ninin e Barbara (2013) analisaram o subsistema engajamento nas vozes de teóricos em Trabalhos de Conclusão de Curso de acadêmicos de Letras; Rodrigues (2013) determinou a construção da “assinatura valorativa” da jornalista Eliane Cantanhêde por meio da análise da coluna de opinião política da jornalista no jornal Folha de São Paulo; Nunes (2014) analisou editoriais do jornal O Estado de S. Paulo com foco na categoria julgamento no que concerne ao desempenho de Dilma Rousseff frente ao governo federal.

De posse do referencial sobre representação e sobre avaliatividade e tendo em vista o objetivo proposto, este capítulo está organizado em cinco seções principais, além da Introdução e das Considerações Finais. Na primeira, discorre-se sobre o recurso discursivo *ideação* (MARTIN e ROSE, 2007); na segunda, apresenta-se o sistema de avaliatividade, com enfoque especial para o campo semântico de *julgamento*; a seguir, desenvolve-se o conceito de *acoplamento*, necessário ao desenvolvimento da pesquisa a que este capítulo se propõe. Na quarta etapa, expõe-se a metodologia empregada na análise dos editoriais e, na seção seguinte, apresentam-se os resultados obtidos durante a pesquisa.

IDEAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), para Halliday e Matthiessen (2004; 2014), é uma abordagem que concebe a linguagem como uma rede de sistemas sociossemióticos (grafo-fonologia, léxico-gramática e semântica do discurso) cujas escolhas feitas pelos falantes/escritores são determinadas pelos contextos de uso (cultura e situação). Em LSF (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; 2014), são três as metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional considera a oração como representação da experiência, realizada através da função de representação (sistema de transitividade) e da função lógica (relações lógico-semânticas). A metafunção interpessoal concebe a oração como troca de informações e bens e serviços e é realizada através do sistema de MODO, ao passo que a metafunção textual compreende a oração como mensagem, realizada através do sistema de Tema (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, 2014).

Para recobrir as três metafunções, há seis sistemas discursivos que se cruzam para dar significado a um texto (MARTIN e ROSE, 2007): ideação, avaliatividade, conjunção, periodicidade, identificação e negociação. A ideação refere-se ao conteúdo do discurso e aos tipos de atividades que estão sendo realizadas; a avaliatividade envolve a manifestação de atitudes e de valores compartilhados por um grupo social; a conjunção realiza as interconexões entre orações e termos; a periodicidade considera o ritmo do discurso; a identificação ocupa-se do rastreamento de participantes, e a negociação está relacionada com a interação entre oradores que adotam papéis específicos no diálogo.

O enfoque deste capítulo recai no sistema de ideação combinado com o de avaliatividade para identificar ocorrências de acoplamento entre sistemas no *corpus* da pesquisa. A ideação diz respeito aos significados (ideacionais) que realizam o campo de um texto. Ela é responsável por tipo e conteúdo do discurso empregado, sequência de atividades realizadas pelos participantes, descrição e classificação das pessoas e das coisas envolvidas e associadas a qualidades e circunstâncias (MARTIN e ROSE, 2007). A gramática da oração, segundo Halliday e Matthiessen (2004), organiza a configuração da experiência humana em termos de pessoas, coisas, lugares e qualidades envolvidas⁸.

8 N.E. A gramática da oração está apresentada de modo detalhado nos capítulos 1 e 5 desta obra.

Segundo Martin e Rose (2007), ideacionalmente é possível identificar três conjuntos de relações lexicais: (a) relações taxonômicas; (b) relações nucleares; (c) sequências de atividades. As relações taxonômicas constituem as relações entre os elementos no desenvolvimento de um texto como, por exemplo, repetição, sinonímia, contraste, classe, parte, dentre outros. As relações nucleares constituem as configurações dos elementos dentro de cada oração, como a organização de processo + participante (+ circunstância). Já as sequências de atividades construídas pelas orações no desenvolvimento do texto correspondem a uma sequência de ações realizadas pelos participantes.

A seguir, apresenta-se uma rápida análise de um excerto retirado de um editorial (E#6)⁹ que constitui o *corpus*, a fim de demonstrar como se pode trabalhar com os três conjuntos de relações lexicais.

Exemplo 1

Ao dar posse aos membros da Comissão da Verdade, na quarta-feira, a presidente Dilma Rousseff fez questão de dizer que eles terão toda a liberdade para trabalhar, “sem qualquer interferência do governo”. Mas a sua própria alocação foi, sim, uma interferência – na melhor acepção que se possa atribuir ao termo. A fala deu ao colegiado um norte moral e político que, a ser seguido, como tudo indica que será, fará de sua atividade ao longo de dois anos um marco na trajetória do País rumo ao pleno amadurecimento do Estado Democrático de Direito. [E#6]

No exemplo 1, o editorialista emprega relações taxonômicas de classe e de atividade. As relações de classe dizem respeito a *comissão* e *atividade*. *Comissão* está lexicalizada como *membros da Comissão da Verdade*; *eles*; *o colegiado*, e *a presidente da nação*, na forma de *a presidente Dilma Rousseff*; *o governo*. Já as relações taxonômicas de *atividade* estão distribuídas em três grupos: *dizer*; *alocação*; *fala*, *interferência*; *termo* e *norte moral e político*; *atividade*; *marco na trajetória do país*.

As relações nucleares, por sua vez, são representadas, no exemplo 1, por orações materiais, relacionais e verbal, que indicam atos, características e

⁹ A referência a cada um dos editoriais que compõem o *corpus* será apresentada na seção Procedimentos metodológicos.

apresentação de argumento de autoridade através de discurso indireto, o que pode ser verificado no Quadro 1.

Quadro 1 – Relações nucleares no exemplo 1.

“Ao <i>dar posse</i> aos membros da Comissão da Verdade, na quarta-feira(…)”	oração material (processo material – Ator – Beneficiário – circunstância de tempo)
“(…) a presidente Dilma Rousseff fez questão de <i>dizer</i> (…)”	oração verbal (Dizente – processo verbal projetante)
“(…) que eles <i>terão</i> toda a liberdade	oração relacional (Portador – processo relacional – Atributo)
para <i>trabalhar</i> , “sem qualquer interferência do governo”.	oração material (Ator – processo material)
“Mas a sua própria alocação <i>foi</i> , sim, uma interferência – na melhor acepção [[que se possa atribuir ao termo]] ¹⁰ .	oração relacional (Portador – processo relacional – Atributo) [[oração material (Ator – processo material – Meta – Recebedor)]]
A fala <i>deu</i> ao colegiado um norte moral e político [[que, (...) <i>fará</i> de sua atividade ao longo de dois anos um marco na trajetória do País rumo ao pleno amadurecimento do Estado Democrático de Direito.]]	oração material (Ator – processo material – Beneficiário – Meta) [[oração material (processo material – Ator – Meta – Atributo – circunstância de tempo)
a <i>ser seguido</i> ,	oração material (processo material – Ator)
como tudo <i>indica</i> [[que <i>será</i> (<i>seguido</i>)]],	oração relacional (Portador – processo relacional) oração material (Ator – processo material)

Fonte: Autoras

A sequência de atividades apresentadas no exemplo 1 pode ser visualizada no Quadro 2, em que fica evidente a ocorrência de um fato seguido de efeitos.

10 O símbolo [[]] indica a presença de oração encaixada. O encaixamento é um mecanismo semo-gênico através do qual uma oração ou sintagma funciona como um constituinte de outra oração (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, 2014).

Quadro 2 – Sequência de atividades no excerto 1.

nuclear	central	nuclear	nuclear	periférico	fase
	dar posse		aos membros da Comissão da Verdade,	na quarta-feira(...)"	fato
" a presidente D. Rousseff	fez questão de dizer (...) "				sequencial
"(...)eles	terão	toda a liberdade			efeito
	"trabalhar			sem qualquer interferência do governo".	efeito
"a sua própria alocação	foi,	uma interferência - na melhor aceção [...].			avaliação
A fala	deu	um norte moral e político [...]	ao colegiado		efeito
	a ser seguido,				efeito
(...) tudo	indica [[que será seguido]].				avaliação

A sequência de atividades explicitada no Quadro 2 mostra que o texto se organiza a partir de um fato (dar posse) e tem, como atividade sequencial, a fala da Presidente. Logo após, o texto apresenta os efeitos dessa fala (ter liberdade, trabalhar), segue com uma avaliação do escritor (foi uma interferência) e passa a apresentar novamente um efeito do ato presidencial (dar um norte). Por fim, o autor apresenta sua avaliação sobre a possível atitude dos membros da Comissão da Verdade (será seguido).

AVALIATIVIDADE E JULGAMENTO

A avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005) constitui um sistema que organiza os valores atribuídos pelas pessoas a outros indivíduos, a obje-

tos, a comportamentos e a eventos, sendo uma das realizações da metafunção interpessoal da linguagem. Embora se realize léxico-gramaticalmente, situa-se no estrato da semântica do discurso, tendo em vista que, quando expressas, sistemas semânticos devem ser mobilizados tendo em vista o texto como um todo, inserido em determinado contexto.

Martin e White (2005, p. 1) esclarecem que a avaliatividade preocupa-se com o fato de “como escritores/falantes aprovam e desaprovam, entusiasma-se e abominam, aplaudem e criticam, e com a maneira como persuadem seus leitores a fazerem o mesmo”, de modo que é possível analisar quais são as avaliações expressas nos discursos e como elas são realizadas, em textos, léxico-gramaticalmente. Esse sistema estrutura-se em três subsistemas: atitude, engajamento e gradação.

A atitude está voltada para os sentimentos expressos pelo falante/escritor, “incluindo reações emocionais, julgamentos de comportamentos e avaliações das coisas” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 35). Trata-se do subsistema que dá conta de manifestações linguísticas de avaliações positivas e negativas e recobre três regiões semânticas: emoção, ética e estética, de modo que a emoção seja “o coração dessas regiões” (idem, p.42).

Já o engajamento preocupa-se com o fato de o falante/escritor estar se alinhando ou se distanciando dos posicionamentos de outras vozes presentes no texto, partindo de uma perspectiva dialógica. Esse subsistema está relacionado “às origens de nossas atitudes, onde estão centradas, o que estamos avaliando, bem como com a articulação das vozes para expressão de opiniões no discurso” (VIAN JR., 2010, p. 33).

A gradação, por sua vez, “está preocupada com a escala ascendente e a escala descendente” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 135) em um *continuum* das avaliações referentes a dois parâmetros: força e foco. A gradação de força diz respeito ao modo como se intensificam ou quantificam as avaliações (significados experienciais) manifestadas nos outros subsistemas (atitude e engajamento). A quantificação ocorre com itens léxico-gramaticais imprecisos, como *poucos*, *alguns*, *muitos* (são comuns os pronomes indefinidos) ou expressões como *uma grande quantidade de*, *uma pequena parte de*, *em torno de* (x objetos, pessoas) dentre outros. A intensificação manifesta-se em adjetivos (*leve*; *severo*; *intenso*), advérbios (*mais*; *menos*; *muito*; *pouco*; *extremamente*) verbos (*detestar*; *odiar*; *vociferar*) e repetições (ela está *triste*, *triste*, *triste*).

A gradação por foco refere-se à indicação de membro de uma categoria, se marginal ou prototípico. Pode ser exemplificada pelo uso de adjetivos (*genuíno; exemplar; verdadeiro; modelar; prototípico*), advérbios (*realmente; verdadeiramente; fielmente*) ou expressões como *um tipo de, um arremedo de, uma espécie de*, dentre outros. Na gradação, o significado experiencial mescla-se com o significado interpessoal.

Nos textos analisados neste capítulo, investiga-se o julgamento, uma das categorias semânticas do subsistema atitude. Essa categoria dá conta dos valores atribuídos ao comportamento, à conduta dos indivíduos, levando em consideração se suas atitudes estão ou não de acordo com o que se espera e o que se exige em uma sociedade (a partir de aspectos culturais e ideológicos). Nesse sentido, White (2004, p. 187) assegura que, por meio dos significados do julgamento, “construímos nossas posições em relação ao comportamento humano – aprovação/condenação do comportamento humano através de referências à aceitabilidade e às normas sociais”.

Nessa mesma perspectiva, Ikeda (2010, p.173) salienta que “o julgamento, como um sistema de posicionamento atitudinal, é, por definição, formatado pela situação cultural e ideológica em que opera”, isto é, a situação cultural e ideológica é determinante quanto às avaliações a um evento, que pode ser julgado de diferentes maneiras dependendo da posição do escritor/falante que o analisa.

Assim, Martin e White (2005) categorizaram o julgamento em termos de estima social e de sanção social. Os julgamentos de estima social referem-se às avaliações que promovem ou rebaixam um indivíduo no meio em que vive, considerando os valores compartilhados na comunidade em que se insere. Julgamentos negativos desse tipo são vistos como “disfuncionais ou inapropriados, (...) mas não são avaliados como pecados ou crimes” (WHITE, 2004, p. 187). Dessa forma, julgamentos de estima social são polarizados entre “admirar” e “criticar”, podendo ser categorizados como capacidade (o indivíduo mostra-se capaz?), tenacidade (o indivíduo mostra-se tenaz?) e normalidade (o comportamento do indivíduo é usual?).

Avaliações de sanção social, por seu turno, são aquelas que, tendo em vista regras ou regulamentos da Igreja ou do Estado, englobam questões morais e legais, variando entre o “elogiar” e o “condenar”. Diferente do que ocorre com a estima social, ao infringir regras como essas, a atitude do

indivíduo será avaliada como pecado ou crime. Dessa forma, “romper uma sanção social significa correr o risco de receber punições legais ou religiosas” (WHITE, 2004, p.187). Com base nisso, em termos de sanção, os julgamentos são classificados em propriedade (o indivíduo mostra-se ético?) e veracidade (o indivíduo mostra-se sincero?).

É fundamental destacar que, segundo Martin e White (2005), existe uma tendência de que julgamentos de estima social sejam regulados pela cultura oral, através de fofocas, boatos e diferentes tipos de histórias, e julgamentos de sanção social, em contrapartida, pela cultura escrita, por meio de decretos, normas e regulamentos. O tipo de julgamento dependerá da posição ocupada por aquele que avalia, o qual decidirá se vai julgar positiva ou negativamente o comportamento dos indivíduos.

Martin e White (2005) também apontam que as avaliações nem sempre são manifestadas de modo explícito (avaliações inscritas); muitas vezes a avaliação ocorre indiretamente, sem que um único elemento lexical a comporte (avaliações invocadas). Tendo por base Martin e White (2005), Almeida (2010), Carvalho (2010) e Ikeda (2010), as avaliações atitudinais explícitas são expressas pelo léxico atitudinal, constituído por processos com significados atitudinais, Atributos (Epítetos em grupos nominais e qualidades nominalizadas em grupos nominais), circunstâncias, grupos nominais com participantes conscientes.

Exemplo 2

A presidente Dilma Rousseff pode ter desagradado a uma parte do PDT, mas foi *fiel* ao padrão de loteamento do governo. [E#3]

Em 2, o Epíteto *fiel* refere-se ao julgamento de propriedade positiva com o que o editorialista avalia a atitude da Presidente, ao anunciar o novo ministro do Trabalho, Brizola Neto, um dia após a eleição, de modo a manter o Ministério do Trabalho *sob a chefia do partido, reservando-se apenas a prerrogativa de escolher um nome* [E#3].

As avaliações implícitas (ou invocadas) não se manifestam por meio do léxico diretamente atitudinal. A prosódia avaliativa (ou seja, o contexto avaliativo do texto) sinaliza que há avaliação, embora implicitamente. Conforme Martin e White (2005), há duas categorias de avaliações invocadas: as provocadas e as evocadas.

As avaliações provocadas acontecem em enunciados que, apesar de não apresentarem léxico atitudinal, sinalizam que há atribuição valorativa para determinadas representações. São comuns, neste caso, o emprego de metáfora lexical, metonímia, personificação, intensificação ou contraexpectativa, como é o caso do exemplo 3.

Exemplo 3

(...) o governo sempre dava um jeito de *empurrar* a decisão para um dia indeterminado. [E#4]

O exemplo 3 apresenta uma avaliação atitudinal provocada, pois é manifestada pela metáfora *empurrar* (a decisão para um dia indeterminado), constituindo um julgamento de estima social do tipo capacidade. O emprego dessa linguagem figurada expressa a avaliação de que o governo não toma decisões no tempo previsto; conseqüentemente, não age com eficiência, o que caracteriza um julgamento de estima social do tipo capacidade.

As avaliações evocadas ocorrem quando não há, no enunciado, léxico atitudinal ou *tokens* de atitude. Neste caso, a avaliação é ativada pelo contexto e fica na dependência de o leitor percebê-la. São características de avaliações evocadas a ironia, o ato de fala indireto, a nominalização de uma atividade e os *tokens* factuais (seleção de significados ideacionais) (MARTIN e WHITE, 2005; IKEDA, 2010), como se pode observar em 4.

Exemplo 4

Embora tivesse demonstrado, no início da semana, grande preocupação com a situação (...) na terça-feira a presidente Dilma Rousseff parecia ter descoberto um novo quadro econômico. [E#2]

O exemplo 4 apresenta uma avaliação (julgamento de estima social de capacidade) evocada, que é manifestada pelo tom irônico do editorialista ao criticar a diferença de comportamento da Presidente em relação ao quadro econômico do país. Isto é, apesar de sua preocupação com a situação na terça-feira, no final da semana a Presidente já parecia ter descoberto um novo quadro econômico, cujos problemas iniciais estavam solucionados.

ACOPLAMENTO

Um texto pode ser definido como uma unidade de significado, em que o produto final corresponde a uma complexa rede de sistemas concorrentes, todos eles cuidadosamente articulados entre si. À primeira vista, não parece ser essa unidade tão firmemente amarrada, mas, em um exame mais atento, é possível desvendar os enlaces que constituem o texto final, de modo a lhe atribuir o devido valor.

Durante o processo de instanciação de um texto, não apenas itens léxico-gramaticais são articulados entre si; na realidade, instanciar é promover a intersecção ou acoplamento (*coupling*) de vários recursos que a linguagem proporciona, de modo que sejam acionados vários sistemas concorrentes para a obtenção do resultado final. O acoplamento refere-se “ao modo como os significados combinam – através de estratos, metafunções, ordens e sistemas simultâneos” (MARTIN, 2010, p. 19), o que é feito na instanciação dos textos. O acoplamento tem a ver com a combinação de significados em níveis relevantes de generalidade.

Para Zhao (2010), acoplamento é um padrão de manifestação logogenética do texto que estabelece um vínculo no contexto sociocultural. Esse vínculo representa um padrão cultural pelo qual se constroem ou se rejeitam discursivamente identidades comuns. O *continuum* de instanciação (ZAPPAVIGNA et al., 2010) é entendido como uma sequência que vai desde os significados potenciais do sistema de linguagem feitos na extremidade superior desse *continuum* até as escolhas feitas em uma única instância na parte inferior. Knox, Patpong e Piriyaasilpa (2010, p. 101) compartilham dessa afirmativa e reforçam que a noção de acoplamento refere-se a “certas características funcionais de um texto (por exemplo, participantes) poderem ser cosseleccionadas com categorias de outros sistemas (por exemplo, julgamento negativo)”. Padrões de acoplamentos formam síndromes, resultado da cosseleção recorrente de traços em um texto ou *corpus*, contribuindo para uma estratégia retórica particular (ZAPPAVIGNA et al., 2008).

Por outro lado, se se examinarem os acoplamentos em grupo de textos similares, nota-se que alguns acoplamentos têm sua ocorrência mais provável que outros. “Quando estes textos são explorados (logogeneticamente) à medida que se desdobram no tempo do texto, as probabilidades transitórias de um acoplamento podem variar de acordo com os acoplamentos já feitos no texto” (ALMUTAIRI, 2014, p. 5).

É válido diferenciar acoplamento de coocorrência sintagmática de itens lexicais. Enquanto esta última considera

probabilidades específicas de itens lexicais (ou itens de subconjuntos semânticos mais ou menos gerais) através dos textos, o acoplamento enfoca a ligação de opções paradigmáticas através de sistemas e metafunções em diferentes níveis de generalidade na progressão linear do texto. Nesse sentido, o acoplamento não é plano e implica um processo (ZAPPAVIGNA et al., 2008, p. 171).

O acoplamento pode ser examinado em dois eixos: quando paradigmático, interessa identificar qual acoplamento vem antes de um determinado ponto do texto (é o tempo logogenético) e qual vem depois; quando sintagmático, a perspectiva recai sobre qual acoplamento é favorecido ou preferido em um dado texto ou grupo de textos (ALMUTAIRI, 2014, p. 26).

Trabalhos em Linguística Sistemico-Funcional sobre acoplamento (*coupling*) foram inicialmente desenvolvidos por Martin (2000, 2008, 2010) e posteriormente continuados por Zappavigna et al. (2008, 2010), Zhao (2010), Zhao e Knight (2009) e Bednarek e Martin (2010). Além desses, cita-se Knight (2010a) que, ao analisar humor, argumenta que significados avaliativos combinados com significados experienciais (acoplamento avaliativo) são causa de riso em conversas cotidianas. Almutairi (2014) desenvolve sua tese acerca da complexidade de conceitos como instanciação, calibragem, afiliação, individualização e também acoplamento. No Brasil, Gehrke (2015) trabalha a complementaridade intersemiótica em microcrônicas verbo-visuais, e Souza, em trabalho de 2011, investiga a noção de acoplamento em traduções do inglês para o português.

Acoplamentos são introduzidos como uma “colagem” (*binding*, para MARTIN, 2000, 2008) de significados linguísticos em combinações particulares relevantes para comunidade de cultura. “Tais combinações dependem do que os interactantes podem compartilhar e são desse modo intrinsecamente relacionados a fatores contextuais para sua interpretação” (KNIGHT, 2010a, p. 156). Um exemplo de acoplamento é o cruzamento indissociável que ocorre no complexo oracional entre o sistema de táxis e as relações lógico-semânticas, de modo que os dois fenômenos ocorrem simultaneamente, como se pode observar no exemplo 5.

Exemplo 5

|| | α Uma agenda é positiva, na concepção corrente em Brasília,
|| | $\mathbf{x}\beta$ quando favorece a imagem do governo || |. [E#3]

Em 5, há um complexo oracional em que dois sistemas se cruzam: o grau de interdependência, representada por hipotaxe, e a relação lógico-semântica, em que a oração dependente (β) liga-se à dominante (α) por uma relação de intensificação (\mathbf{x}) indicativa de condição (**se** favorecer a imagem do governo).

Outra situação de acoplamento ocorre quando dois sistemas simultâneos de avaliatividade, por exemplo atitude e força, são combinados, como é o caso do exemplo 6.

Exemplo 6

É um *disparate*, portanto, atribuir os problemas da indústria - mais precisamente, do segmento de transformação - a uma retração dos consumidores. [E#10]

Em 6, *disparate* é a avaliação atribuída pelo editorialista à atitude/comportamento de Dilma de *atribuir os problemas da indústria a uma retração* observada entre os consumidores, que, no contexto brasileiro da época, estavam perdendo o poder de compra. O Atributo *disparate* revela a força argumentativa do escritor, que escolhe o termo em uma escala ascendente, da qual podem participar *bobagem* \rightarrow *tolice* \rightarrow *disparate*.

Para que ocorra o cruzamento entre sistemas, é necessário que um conjunto de recursos léxico-gramaticais seja empregado, tanto no nível do grupo quanto no da oração, o que significa que, durante o processo de acoplamento entre sistemas simultâneos e metafunções, a instanciação tem que lidar com o acoplamento entre estratos e escalas.

O ponto básico aqui é que, independentemente da liberdade de combinação que a hierarquia de realização permita, a hierarquia de instanciação tem de restringir, para que o potencial de significado da cultura se manifeste em um ato específico de comunicação. Embora todos os acoplamentos permitidos pelo sistema sejam possíveis, da perspectiva do registro e do gênero, cada cultura depende

de combinações relativamente rotineiras que podem ser generalizadas acima do *cline*¹¹ da instanciação (MARTIN, 2008, p. 42).

A combinação de ideação com avaliatividade resulta no que se denomina “acoplamentos avaliativos”, uma vez que constituem padrões linguísticos pelos quais construímos nossa comunidade de valores em uma cultura. Os acoplamentos avaliativos podem ser implícitos ou explícitos e podem variar em im/ex/plicitude, já que estão diretamente ligados ao grau de proximidade entre os participantes. A noção de atitude invocada (MARTIN e WHITE, 2005), no sistema de avaliatividade, é considerada um método para identificar acoplamentos avaliativos implícitos.

Uma vez que o acoplamento realiza-se na dimensão da instanciação, é possível perceber associações de determinadas escolhas condicionadas pela cultura. Os significados interpessoais e ideacionais interagem uns com os outros para construir e negociar identidades por meio da construção de vínculos (*bonds*)¹² comunitários (ALMUTAIRI, 2014). Essa interação deve ser analisada paradigmaticamente como combinação de escolhas sistêmicas, bem como sintagmaticamente como uma sequência de escolhas. “A partir de uma visão probabilística, em outras palavras, a interação entre os significados interpessoais e ideacionais pode ser explorada “condicionalmente” assim como escolhas paradigmáticas em um sistema afetam seleções em outros sistemas” (ALMUTAIRI, 2014, p. 69). Os significados interpessoais também podem apresentar interação com os ideacionais “transicionalmente”, “assim como as escolhas em um sistema afetam ou são afetadas por escolhas feitas no mesmo sistema em trechos precedentes de um texto” (ALMUTAIRI, 2014, p. 70).

Um vínculo é construído à medida que o texto desenvolve e está conectado a uma rede de vínculos de uma comunidade¹³. Uma vez conectados, os vínculos representam uma comunidade e são, por sua vez, conectados a vínculos em redes altamente ideológicas (KNIGHT, 2010b).

Acoplamentos que combinam sentidos atitudinais com ideação permitem que se obtenham informações sobre como os participantes comparti-

11 *Cline*, em avaliatividade, pode ser entendido como *continuum*.

12 *Bond* aqui é traduzido como *vínculo*, seguindo o já apresentado por Bonfim (2009). Vínculo (*bond*) é definido como “a unidade social mínima no *continuum* e manifestada por um acoplamento em negociações afiliativas no texto” (KNIGHT, 2010b, p. 238).

13 Comunidades são “sistemas sociais semióticos construídos pelos falantes que os trazem à luz no discurso e baseados nas conexões entre vínculos que os constituem” (KNIGHT, 2010b, p. 239).

lham e interpretam valores que são, por natureza, experienciais (ALMUTAIRI, 2014). Acoplamentos dessa natureza podem ser encontrados nos discursos de comunidades de cultura e dizem respeito a ideologias de categorias como gênero, raça, idade, grupo político, dentre outros.

Além disso, se outros sistemas tais como a gradação¹⁴ forem incluídos, maior número de acoplamentos pode se realizar, de modo que a “complexidade combinatória” da linguística sistêmico-funcional une-se a uma segunda fonte denominada “complexidade representacional” (ALMUTAIRI, 2014, p. 6).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo da concepção de acoplamento, este capítulo tem o objetivo de analisar o acoplamento entre dois sistemas – o de ideação e o de avaliatividade – em treze editoriais publicados em um jornal brasileiro em 2012, de modo a identificar e caracterizar os acoplamentos avaliativos presentes no *corpus* selecionado.

Universo de análise

Neste estudo, parte-se da análise de editoriais de um renomado jornal brasileiro, O Estado de S. Paulo, um dos mais antigos do Brasil¹⁵, o que lhe garante credibilidade entre seu público-alvo. O leitor do Estadão¹⁶ é elitizado, conservador e tradicional. Segundo Fiorin (2004, p. 73), esse leitor “conhece bem os fatos da política e da economia, para quem, portanto, não é preciso explicar, a todo momento, os antecedentes das notícias, o papel exercido por determinadas personalidades citadas nos textos”. Esse público tem suas opiniões bem marcadas, com “posições políticas bem definidas, é conservador em matéria de economia e política” (idem). Além disso, Mundim (2013) ar-

14 A gradação apresenta aproximadamente 11 características em grau de refinamento (MARTIN e WHITE, 2005, p. 154). Associando-se a outros sistemas, o número potencial de acoplamentos de avaliatividade aumenta para até 330 acoplamentos (ALMUTAIRI, 2014, p. 6).

15 Fundado em 4 de janeiro de 1875, o jornal *O Estado de S. Paulo* teve inicialmente o nome de “*A Província de São Paulo*”. Liderado por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, um grupo de republicanos decidiu “criar um diário de notícias para combater a monarquia e a escravidão. É estabelecida uma linha mestra, que caracteriza o jornal até hoje: “fazer da sua independência o apanágio de sua força” (Disponível em: < http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm>).

16 “O Estadão” é o nome popularmente atribuído ao jornal O Estado de São Paulo. Ficou assim conhecido por causa do tamanho das folhas em que imprime suas publicações.

gumenta que o Estadão apresenta um posicionamento político contrário ao partido da de Dilma Rousseff, o PT (Partido dos Trabalhadores).

Seleção do *corpus*

O *corpus* deste estudo constitui-se de treze editoriais publicados na seção *Opinião* do portal de notícias do jornal O Estado de S. Paulo, entre os meses de abril e julho de 2012¹⁷. Os textos coletados têm como tema a atuação de Dilma Rousseff e de seu governo, de modo que são comuns avaliações em relação à conduta da Presidente frente ao governo federal. O Quadro 3, a seguir, apresenta os editoriais que compõem o *corpus* analisado.

Quadro 3 – Editoriais que constituem o *corpus*.

CÓDIGO	REFERÊNCIA DO TEXTO	
	Título	Data de publicação
E#1	Diplomacia da chachaça	11/04/2012
E#2	As Malvinas de Dilma	02/05/2012
E#3	Ministro sem agenda	03/05/2012
E#4	A poupança e as metas de Dilma	15/05/2012
E#5	Falta uma Fifa para as crechês	15/05/2012
E#6	Uma fala exemplar	18/05/2012
E#7	Os vetos e a MP da presidente	30/05/2012
E#8	Não foi por falta de aviso	06/06/2012
E#9	Discurso não resolve crises	07/06/2012
E#10	Mais confusões de Dilma	14/06/2012
E#11	A crise que Dilma não vê	17/06/2012
E#12	CNI corrige as distorções	15/07/2012
E#13	A bronca errada de Dilma	31/07/2012

Fonte: Nunes (2014).

17 Em trabalho de 2014, Nunes aplicou o sistema de avaliatividade a este mesmo *corpus* e concluiu que o campo semântico de julgamento foi o mais frequente, especialmente no que se refere à capacidade da então Presidente Dilma Rousseff.

Para facilitar a localização no *corpus*, cada um dos editoriais recebeu como identificação a letra E (editorial) seguida de suspenso (#) e de um número que indica a posição do texto no conjunto do *corpus*. A leitura da simbologia deve assim ser realizada: E#11 = editorial número 11.

Procedimentos de análise

Este estudo tem caráter interpretativo, partindo de uma análise qualitativa, com suporte quantitativo, com o auxílio da ferramenta computacional WordSmith 6.0 (SCOTT, 2008), a partir do sistema discursivo de ideação (MARTIN e ROSE, 2007), com base nas categorias do sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014), e do sistema de avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005). Em trabalho anterior, Nunes (2014), ao analisar o *corpus* identificado no Quadro 3, foram constatadas 174 ocorrências de julgamento sobre o desempenho da então Presidente Dilma Rousseff, resultado esse que serviu como ponto de partida para a atual pesquisa.

Para cumprir o objetivo aqui proposto, foram realizadas as seguintes etapas de análise dos dados:

- 1) seleção das ocorrências de julgamento nos treze editoriais segundo as categorias já identificadas (estima social e sanção social) por Nunes (2014);
- 2) estabelecimento das categorias referentes ao sistema de ideação das ocorrências de julgamento no que se refere às relações taxonômicas (sistema de transitividade, relações entre elementos no desenvolvimento dos textos e sequência de atividades);
- 3) identificação dos acoplamentos avaliativos presentes nas ocorrências de julgamento;
- 4) estabelecimento dos vínculos compartilhados pelo editorialista com os leitores do jornal O Estado de São Paulo.

Na apresentação dos resultados, emprega-se o símbolo Υ (gamma) para indicar acoplamentos em diferentes campos semânticos; por exemplo, a representação **juízo Υ força**¹⁸ indicará o acoplamento entre os subsistemas de atitude e de gradação. Na seção a seguir, apresentam-se os resultados obtidos no exame do *corpus*.

18 Neste trabalho, usa-se a mesma fonte tipográfica empregada por Almutairi (2014) quando da representação de acoplamento.

REPRESENTAÇÕES PARA DILMA ROUSSEFF EM ACOPLAMENTOS AVALIATIVOS E IDEACIONAIS

A partir da análise dos dados (174 ocorrências de julgamento), é possível verificar diferentes representações para Dilma Rousseff. Léxico-gramaticalmente as avaliações realizam-se por Atributos acompanhados ou não de intensificadores, circunstâncias, processos materiais acompanhados ou não de intensificadores/negação, Verbiagens, Portador, processos materiais antecedidos por modais, processo mental antecedido de modal, Relato, oração relacional, Ator, Meta, Identificador e, embora não seja o foco deste estudo, alguns complexos oracionais. Nesses casos, considera-se que a representação está constituída a partir de uma avaliação que vai além do limite da oração, havendo, assim, relações lógico-semânticas envolvidas entre orações.

Os exemplos 7 a 16 exemplificam alguns achados relativos a representações no *corpus*.

Exemplo 7

Mas foi *um tanto surpreendente* a escolha dos juro como tema central de seu (da Presidente Dilma) pronunciamento de segunda-feira (...). [E#2]

Exemplo 8

Mais uma vez a presidente Dilma Rousseff se perdeu *num emaranhado de ideias confusas e fora de propósito*, desta vez ao falar sobre política econômica *em seu discurso no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, na terça-feira*. [E#10]

Exemplo 9

Sem isso, a retórica da presidente Dilma Rousseff *não se distancia* muito das perorações habituais de sua colega argentina. [E#2]

Em 7, observa-se o emprego do Atributo *surpreendente*, acompanhado do intensificador *um tanto*; em 8, circunstâncias (tempo, lugar, lugar abstrato¹⁹) acompanham os processos *perder-se* e *falar*; em 9, o marcador de

¹⁹ Emprega-se aqui uma circunstância de lugar abstrato, uma vez que “num emaranhado de ideias” não pode ser considerado um lugar concreto. Para isso, consultar Halliday e Matthiessen (2014, p. 482).

negação *não* (CORRÊA, 2015) acompanha o processo material *distanciar-se*, em que o Ator é a presidente Dilma Rousseff.

Exemplo 10

(...) a ponto de convocar *uma reunião de emergência* com os principais ministros e auxiliares da área econômica para decidir ações imediatas. [E#9]

Exemplo 11

O *governo* está certo quanto à necessidade de corte dos juros, (...). [E#4]

Exemplo 12

O País, disse Dilma, tem um “arsenal de providências” que *podem* ser colocadas em prática. [E#9]

Em 10, *uma reunião de emergência* constitui a Verbiagem do processo verbal *convocar*; em 11, *o governo* é o Portador do Atributo *certo* em oração relacional; em 12, o modal *poder* refere-se ao processo material *colocar*.

Exemplo 13

Até o Informe anterior, ela previa *que, em 2012, o PIB cresceria 3%, um pouco acima do resultado de 2011 (aumento de 2,7%)*. [E#12]

Exemplo 14

Ela evita a expressão *guerra cambial* (...). [E#1]

Exemplo 15

o que se vê é a *repetição do que tem feito até agora*, sem resultados concretos. [E#9]

Exemplo 16

Para cumprir sua promessa de campanha, a presidente Dilma Rousseff deveria (...). [E#5]

Em 13, há a presença de Relato, ou seja, de discurso indireto; em 14, *a guerra cambial* é um exemplo de Meta; em 15, *a repetição do que tem feito até agora* constitui um Identificador e, em 16, uma oração intensificadora (*Para cumprir sua promessa de campanha*) está presente em um complexo oracional hipotático.

As categorias e o escore total de ocorrências de julgamento identificadas no *corpus* podem ser visualizadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Escore textual avaliativo de 13 editoriais d'O Estado de São Paulo²⁰

Ed	capacidade				tenacidade				normalidade				propriedade				veracidade				T	
	+		-		+		-		+		-		+		-		+		-			
	ex	im	ex	im	ex	im	ex	im	ex	im	ex	im	ex	im	ex	im	ex	im	ex	im		
1	1	2	4	3			4			3	1											19
2	6	2	1	3			2		1											1	2	19
3							4	1														13
4							3	1														13
5		4	1	2			1		1												3	14
6		1					1	1														12
7	1	1	2	2																		6
8	2	2	1	2					1													11
9		1	6	3			3															16
10			7	3			1		1													16
11	1	1	5	1	1		1														1	11
12	1	1	4	1			3	1		2												15
13	1	1	5	1																		9
ST	13	4	38	20	17	1	22	4	0	8	2	5	2	14	10	3	0	3	8			174
ST	17	58	18	26	44	18	26	0	10	10	7	24	31	14	11							
T	75				44				10				31				14					

Fonte: Nunes (2014, p. 73).

20 Convenção utilizada: editorial (**Ed**), avaliação positiva (+), negativa (-), implícita (**im**), explícita (**ex**), subtotal (**ST**), total (**T**).

Verificou-se o predomínio de avaliações negativas em relação à conduta da então Presidente (69,5%), representada como uma líder ineficiente frente ao governo federal. Avaliações de julgamento de capacidade e de propriedade negativas apontam para essa representação, pois sinalizam que Dilma, enquanto Presidente da República, não agia de modo eficiente, equivocava-se, não era convincente em seus discursos, e suas atitudes não surtiam efeitos impactantes, sobretudo para os problemas econômicos do Brasil. Para o jornal O Estado de São Paulo, cuja posição ideológica é conservadora e cujos leitores são principalmente empresários, faltava à Presidente proceder de maneira pró-ativa para solucionar as adversidades que surgiam.

Ideação

O recurso de ideação realiza o componente campo de um texto. Manifesta-se no conteúdo do discurso, nos tipos de atividades realizadas e na descrição e classificação dos participantes (MARTIN e ROSE, 2007).

No *corpus* em análise, os editoriais selecionados referem-se ao desempenho da então Presidente como chefe do governo na época da coleta dos textos (ano de 2012), em que é recorrente o tema “economia”, relacionado a discursos proferidos, relacionamento com o partido (PT) ou com políticos e/ou estadistas, ministros, programas de governo, dentre outros. Quanto às relações taxonômicas, a Presidente é representada por sinonímia, quase-sinonímia, repetição, pronominalização, indicação de cargo ou classe em itens léxico-gramaticais²¹ como *Dilma; Dilma Rousseff; a presidente; a presidente Dilma; o governo federal; o governo; seu governo; ela; a chefe do governo*, além de *a presidente e seus auxiliares*. Como participante das orações, são muito frequentes as representações de Dilma Rousseff como Portador e Dizente, seguidas de Experienciador e de Ator.

Outros participantes dos textos são *Guido Mantega (na época, Ministro da Fazenda); bancos; partidos; crise; juros; medidas; Estados; financiamentos; Lula; projetos; consumo; empregos*, e as relações lógico-semânticas entre orações (relações nucleares) mais frequentes são de extensão paratática (adição; variação), projeção (Relato; Citação) e intensificação hipotática (causa-propósito (a mais frequente); causa-condição; tempo e modo).

21 Neste trabalho são apresentados apenas alguns exemplos de itens léxico-gramaticais. Como os textos possuem uma variedade de termos, torna-se impraticável citar todos.

Exemplo 17

Nenhuma iniciativa do governo federal *para* mexer nos impostos e em vários outros custos especificamente brasileiros tem efeito mais que epidérmico. [E#4]

Exemplo 18

Para cumprir sua promessa de campanha, a presidente Dilma Rousseff deveria (...). [E#5]

As circunstâncias mais empregadas representam modo (*com a ineficiência costumeira; de maneira eficiente; com meia dúzia de chavões de comício; sem a conclusão de uma única obra; sem resultados concretos*, lugar ou lugar abstrato (*na Casa Branca; nos eventos diplomáticos do hemisfério; na agenda; num emaranhado de ideias confusas e fora de propósito; no impropriamente chamado Plano Brasil. em seu discurso do Dia das Mães*), meio (*por meio dos bancos oficiais; por meio de ampla oferta de crédito a juros menores*) e propósito, sendo a maioria destes em forma de orações hipotáticas (*para reativar a economia; para pressionar os bancos e baixar os juros; para cobrar mais uma vez a redução do custo dos financiamentos; para cumprir suas promessas de campanha*).

Por serem editoriais, as atividades realizadas são verbais (*dizer; manifestar-se; convocar; cobrar; repetir; prometer; exortar; insistir; mencionar*), mentais (*ver; entender; saber; esquecer*) e, em menor escala, materiais (*aproveitar; fazer; dar; reativar*), além de nominalizações como *promessa; decisão; esforço; pronunciamento; execução; repetição; debate*, dentre outros. Como os editoriais também buscam estabelecer juízos acerca do desempenho da Presidente, fazem uso de muitos processos relacionais (*ser; estar; ter; manter; mostrar*) seguidos de Atributos (*limitada; evidente; maior; um fracasso tão grande quanto as obras da Copa; alguma dificuldade; uma rara demonstração de coragem política; fiel ao padrão de loteamento do governo; óbvio; um enorme equívoco*) ou de Identificadores (*a repetição [[do que tem feito até agora]]; a autora dessa confusão; a suspensão da compra dos aviões da Embraer; a demanda em baixa; a força [[de pôr o governo a trabalhar]]; a coragem [[de enfrentar os juros altos]]; a demanda em baixa*).

Acoplamentos avaliativos

O acoplamento avaliativo (MARTIN, 2010) é o resultado da combinação de significados avaliativos com significados experienciais. Nos editoriais que constituem o *corpus* deste trabalho, as categorias do sistema de avaliatividade, em específico as de julgamento (campo semântico que é o foco deste capítulo), formam unidades complexas saturadas de metafunções (interpessoal e ideacional) e sistemas (transitividade e avaliatividade). A pesquisa de Nunes (2014) detectou que julgamentos de capacidade foram os mais frequentes no *corpus*, com bastante destaque para as avaliações negativas de capacidade implícita. Assim, o acoplamento referente a julgamento mais frequente (conforme Quadro 4) é **juulgamento Y capacidade negativa**, como demonstram os exemplos 19 e 20.

Exemplo 19

Como gerente do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e, depois, como chefe de governo, a presidente Dilma Rousseff se mostrou *deficiente* em todos esses quesitos. [E#10]

Exemplo 20

O equívoco da presidente é óbvio. [E#10]

Nos exemplos 19 e 20, respectivamente, o Atributo *deficiente* (que tem como Portador *a presidente Dilma Rousseff*), assim como o Portador *o equívoco da presidente* evidenciam a representação de que Dilma Rousseff não agia com eficiência, dessa maneira colocando em dúvida sua capacidade administrativa.

Na sequência, outra representação é a de alguém com baixa capacidade intelectual, pois, segundo o Estadão, a então Presidente faz confusões e parece não ter capacidade para perceber os problemas do Brasil. Essa imagem se constrói a partir do emprego de avaliações de julgamento do tipo capacidade negativa, realizadas, léxico-gramaticalmente, neste caso, por processos mentais acompanhados ou não de modais (7)²², Atributos (2), Meta acompanhado de intensificador (2), Circunstância (2), Portador (1), oração relacional (1), processo material (1) e complexos oracionais (3).

22 O número entre parênteses indica o número de ocorrências no *corpus*.

Exemplo 21

Mais uma vez a presidente Dilma Rousseff *se perdeu num emaranhado de ideias confusas e fora de propósito*, (...). [E#10]

Exemplo 22

As incertezas do cenário internacional e os impactos da crise na economia brasileira paralisaram os investimentos privados. Por isso, é o momento adequado para o governo utilizar seu “arsenal de providências” e acelerar os investimentos públicos. Até agora, porém, o governo Dilma mostrou *pouca aptidão* para isso. [E#9]

Nos exemplos 21 e 22, é evidente a representação mencionada (alguém com baixa capacidade intelectual); no primeiro caso, a então Presidente perde-se *num emaranhado de ideias confusas e fora de propósito*, e a representação é manifestada tanto pelo processo quanto pela circunstância que o segue; no segundo, o item *pouca*, seguido de *aptidão* revela, igualmente, a representação de uma Presidente que manifesta dificuldades (não está apta) para solucionar os problemas econômicos do país.

No campo da capacidade, há também, embora com menor incidência, uma representação positiva, a de uma Presidente competente, que aproveita as oportunidades para traçar novos rumos ao país, que reconhece e soluciona problemas. Essa representação é evidenciada a partir de avaliações desencadeadas por processos materiais (6), processos verbais (4), Atributo (1), processo mental (4), Meta (1) e oração material (1). Os exemplos a seguir ilustram esse tipo de representação.

Exemplo 23

Com Dilma, o percurso chegará ao seu desfecho. [E#6]

Exemplo 24

Juros são importantes, mas não são tudo. A presidente *sabe* disso (...). [E#2]

A oração material em 23, assim como o processo mental em 24 revelam a representação de Dilma Rousseff como uma Presidente que exerce suas funções com eficiência, reconhecendo e solucionando adversidades.

O segundo acoplamento verificado, julgamento \forall tenacidade positiva, desta vez evidenciado a partir de ocorrências de julgamento de tenacidade, representa Dilma Rousseff como alguém insistente em discursos e ações. Foram 22 ocorrências que revelaram essa representação, realizadas léxico-gramaticalmente por processo verbal acompanhado ou não de Verbiagem (11), circunstância (7), processo material (2) e Fenômeno (1). Todos esses itens, ao serem empregados, expressam a ideia de continuidade, repetição, insistência por parte da Presidente. Os exemplos 25 e 26 elucidam essa representação.

Exemplo 25

(...) presidente Dilma Rousseff *retomou* a pregação contra a política dos bancos centrais dos Estados Unidos e da Europa (...). [E#1]

Exemplo 26

Ela aproveitou a celebração para (ela) cobrar *mais uma vez* a redução do custo dos financiamentos (...). [E#2]

Em ambos os exemplos, há a ideia de que a Presidente foi insistente, representação desencadeada pelo processo *retomou*, em 25, e pela circunstância *mais uma vez* em 26. Tanto em 25 quanto em 26, há a construção da representação de uma Presidente que, naquelas ocasiões, reitera e reforça o que já havia dito antes, com persistência.

Também a partir de ocorrências de tenacidade, percebe-se a representação de Dilma Rousseff como corajosa. Nesse sentido, a Presidente é representada como alguém perseverante e determinada a corrigir problemas do Brasil, principalmente os que dizem respeito à economia. Há, dessa forma, a ideia de uma Presidente que busca a superação de adversidades. Essa representação se dá a partir de avaliações que foram realizadas, léxico-gramaticalmente, por Atributo (2), processo mental seguido de circunstância (1), oração mental (1), Meta (1) Circunstância (1), processo material seguido de Meta (1) e complexo oracional (1). Os exemplos 27 e 28 ilustram essa representação.

Exemplo 27

A presidente teve a *coragem* [[*de enfrentar a barreira dos juros altos*]] (...). [E#8]

Exemplo 28

Em mais um esforço [[para desencalhar a economia nacional]], a presidente Dilma Rousseff convocou os governadores (...). [E#11]

Os exemplos 27 e 28 evidenciam a representação de uma Presidente obstinada, tenaz, corajosa. Isso fica claro, no primeiro, por meio do Atributo, que apresenta uma oração encaixada, sobretudo pelo emprego da expressão *coragem de enfrentar* e, no segundo, pela circunstância, que também apresenta um encaixamento, especialmente pelo item *esforço*, o qual expressa essa tenacidade que, segundo o texto, é manifestada pela governante. Com isso, há a imagem de uma Chefe de Estado obstinada, determinada, tenaz.

Outra representação constatada a partir de ocorrências de julgamento de tenacidade é a de uma presidente submissa ao seu partido. São apenas quatro ocorrências que denotam essa representação, mas ela está presente, realizada léxico-gramaticalmente por processos mentais (2 ocorrências). Os exemplos 29 e 30 revelam essa representação.

Exemplo 29

(Dilma Rousseff) *Respeitou* também o ritual [[de dar satisfação ao comando partidário]]. [E#3]

Exemplo 30

(...) (a Presidente Dilma) *nunca deixou de prestar homenagem* às siglas da coalizão governamental. [E#3]

Os exemplos, por meio de, respectivamente, processo mental e processo material, evidenciam a representação de que a Presidente é subordinada ao partido que representa, ao respeitar o ritual de dar satisfação a seu comando, bem como presta homenagem ao que, segundo o editorial, é uma *coalizão governamental*, mostrando-se, com isso, subserviente, submissa.

Ainda no campo da tenacidade, foi percebida outra representação: a de uma Presidente desencorajada frente aos problemas do país; essa representação totalizou quatro ocorrências, sendo desencadeada por avaliações de julga-

mento que se realizam por Meta (1), oração material (1), oração relacional (1) e complexo oracional (1). Os exemplos 31 e 32 demonstram essa representação.

Exemplo 31

A presidente Dilma Rousseff *não manifestou, até hoje, a mínima disposição de atacar de modo mais consequente os problemas da produção.* [E#4]

Exemplo 32

Tenha agora a força [[de pôr o governo a trabalhar]]. [E#8]

Os exemplos 31 e 32 evidenciam, respectivamente por meio de oração material e de oração relacional, a representação de que seria necessário haver mais determinação, força e coragem por parte de Dilma Rousseff em relação a suas ações frente à Presidência, nestes casos, especificamente, quanto à solução dos problemas de produção brasileiros e quanto à sua autoridade frente à equipe de governo

Outro acoplamento bastante frequente nos treze editoriais refere-se a julgamento \forall gradação/força, em que as quatro categorias (força – intensificação: maior ou menor; quantificação: maior ou menor) são mescladas com itens léxico-gramaticais indicadores de força, tanto de intensificação quanto de quantificação.

Exemplo 33

Se alguma vantagem auferiu com sua decisão foi a de, com o envio da Medida Provisória 571 ao Congresso, adiar para depois da Rio + 20 (...). [E#7]

Exemplo 34

Em mais um esforço para desencalhar a economia nacional, a presidente Dilma Rousseff convocou os governadores (...). [E#11]

Exemplo 35

(...) o governo restabeleceu regras variáveis, menos rígidas para propriedades menores. [E#7]

Exemplo 36

São medidas de efeito *muito* limitado, tanto por seu alcance meramente setorial quanto por seu caráter provisório. [E#13]

Os exemplos 33 e 34 apresentam exemplos de gradação/força/quantificação, indicada pela presença dos quantificadores *alguma* e *mais um*, o primeiro presente na Meta (alguma vantagem) e o segundo na circunstância (Em mais um esforço). Já em 35 e 36, têm-se exemplos de força, em que os adjuntos *menos* e *muito* são intensificadores presentes na Meta e no Atributo, respectivamente. O uso dos quantificadores de baixa força, nos excertos 33 a 36, conduz à representação de uma Presidente cujas atitudes têm pouco impacto na área econômica e política do país.

São frequentes também, nos treze editoriais, acoplamentos do tipo julgamento \forall obrigação/certeza. Embora os modalizadores caracterizem o sub-sistema de engajamento, neste trabalho interessa a relação que tais operadores mantêm com as avaliações atitudinais de julgamento. Itens como *dever*, *precisar* e avaliativos do tipo *certo/a/s*, *é preciso* fazem parte dos textos em análise.

Exemplo 37

Para isso, o governo *deveria* concentrar esforços na expansão dos investimentos em infraestrutura - na maior parte de sua responsabilidade (...). [E#12]

Exemplo 38

Segundo a presidente Dilma Rousseff, *é preciso* investir em educação e saúde para “atacar a desigualdade na raiz do problema”. Ela está certa (...). [E#5]

Exemplo 39

Ela está *certa*, mas para isso é preciso, igualmente, melhorar muito a gestão de programas e projetos, outra promessa de campanha. [E#5]

Exemplo 40

No caso dos bancos nacionais, a capacidade de ação do governo é certamente maior, embora limitada. [E#2]

Em 37 e 38, os moduladores *deveria* e *é preciso* recaem sobre os processos materiais *concentrar* e *investir*, representando a exortação do editoralista d'O Estado de São Paulo para que a Presidente aja com eficiência em relação a investimentos em infraestrutura e também em educação. Em 39 e 40, novamente o julgamento do jornal se revela com o uso do Atributo *certa* e do adjunto *certamente*, representando a assertividade e a certeza do jornal quanto aos procedimentos que devem ser adotados por Dilma Rousseff ao gerenciar duas áreas importantes para o desenvolvimento do país. Ao empregar os moduladores apontados em 37 a 40, o jornal coloca-se na posição de conselheiro da Presidente, que, para o veículo de comunicação, não está agindo adequadamente para suprir as necessidades do país em áreas como saúde, educação, assistência social e economia. Também é possível inferir que Dilma Rousseff não está sendo coerente com suas promessas de campanha.

Outro acoplamento – julgamento ∇ contraexpectativa – pode ser verificado nos editoriais analisados. Há inúmeras passagens em que a relação lógico-semântica de oposição (*mas; porém; no entanto*) se faz presente; em que o jornal, após relatar ações da Presidente, estabelece uma contrapartida como possível solução para casos referentes à economia do país. Os excertos 41, 42, 43 e 44 são exemplos de oposição.

Exemplo 41

Ela está certa, *mas* para isso é preciso, igualmente, melhorar muito a gestão de programas e projetos, outra promessa de campanha. [E#5]

Exemplo 42

Apenas de passagem a presidente Dilma Rousseff mencionou a questão realmente séria – a dos investimentos e da capacidade produtiva. *Mas, ao contrário* de sua tese, há algo mais, no custo do investimento brasileiro, do que a taxa de juros. [E#10]

Exemplo 43

Por isso, é o momento adequado para o governo utilizar seu “arsenal de providências” e acelerar os investimentos públicos. Até agora, *porém*, o governo Dilma mostrou pouca aptidão para isso. [E#9]

Exemplo 44

(...) a presidente Dilma Rousseff deveria ter dado maior impulso ao Proinfância ou passado a limpo todo o programa (...). *No entanto*, a sua receita (da Presidente Dilma) para a contração da economia brasileira – centrada no estímulo ao consumo – revelou-se um equívoco. [E#5]

Os itens conjuntivos *mas*, *porém* e *no entanto*, do tipo adversativo, em orações paratáticas por extensão, estão presentes em passagens nas quais os editoriais reforçam a pouca capacidade da Presidente na solução dos problemas do país. Note-se que, em 41, o editorialista apresenta uma sugestão (é preciso melhorar), em 42 observa que não só investimentos e capacidade produtiva são suficientes para resolver o problema econômico do país, e em 43 e 44 reforça a pouca aptidão de Dilma Rousseff em contrair a economia brasileira.

Acoplamentos do tipo julgamento \forall nominalização negativa estão presentes em todos os editoriais analisados. O campo semântico de muitas ações realizadas por Dilma Rousseff e seu governo são representados por nominalizações com conteúdo negativo, metafórico ou mesmo irônico, indicando julgamentos de incapacidade para governar o país – *bravata*; *pregação*; *emaranhado*; *equívoco*; *peroração*; *problema*; *repetição*; *ataque*; *interferência*; *dificuldade*; *arenga*; *arsenal*; *confusão*; *brincas*; *deficiência*; *dificuldade* e outras. Os exemplos 45, 46 e 47 apresentam passagens características desse léxico.

Exemplo 45

Além disso, a opinião pública é sem dúvida mais sensível a esse tipo de discurso do que à *peroração* (da Presidente) sobre os bancos centrais estrangeiros. [E#2]

Exemplo 46

Mas a sua própria alocação foi, sim, uma *interferência* – na melhor acepção que se possa atribuir ao termo. [E#6]

Exemplo 47

Mais uma vez a presidente Dilma Rousseff se perdeu num *emaranhado* de ideias confusas e fora de propósito, desta vez ao falar sobre política econômica em seu discurso no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, na terça-feira. [E#10]

Especificamente em avaliações implícitas presentes no *corpus*, é possível afirmar que o acoplamento entre a metafunção ideacional e a metafunção interpessoal – ideação \forall interpessoalidade permite que se desvendem os julgamentos emitidos e as respectivas categorias. Não há léxico atitudinal aparente, mas o contexto faz com que se determinem as avaliações evocadas e provocadas presentes nos editoriais. É o que Martin e White (2005) denominam “acoplamento avaliativo implícito”. São exemplos:

Exemplo 48

Nenhuma grande questão comercial foi examinada (...). [E#1]

Exemplo 49

Daí a decisão do governo de forçar o aumento da competição por meio dos bancos oficiais. *Mas qual a eficácia real dessa estratégia?* [E#2]

Exemplo 50

A presidente prometeu mais de uma vez melhorar a capacidade gerencial da administração federal. *Ficou na promessa* [E#2]

Exemplo 51

Se percebesse esses fatos, a presidente Dilma Rousseff reservaria suas broncas a seus estrategistas econômicos, (...). [E#13]

No exemplo 48, o emprego do Dêitico *nenhuma* juntamente com o Epíteto *grande* sugere a (in)capacidade da Presidente em tratar de assuntos de interesse nacional ao visitar o Presidente dos Estados Unidos da América. Em 49, a pergunta retórica *Mas qual a eficácia real dessa estratégia?* instiga o leitor a refletir novamente sobre a (in)capacidade de Dilma Rousseff ao decidir forçar o aumento da competição por meio dos bancos oficiais. O leitor provavelmente utilizará um processo relacional (é) para identificar o efeito inócuo da estratégia empregada pela Presidente, já que o leitor d'O Estado de São Paulo tende a fazer leitura complacente dos editoriais do jornal (NUNES, 2014).

No exemplo 50, a oração relacional circunstancial *Ficou na promessa* sugere avaliação de veracidade negativa, em que o compromisso assumido pela Presidente (melhorar a capacidade gerencial da administração federal)

não foi cumprido. Em 51, a oração hipotática condicional evoca o significado de que a Presidente não percebe os fatos reais (*a estagnação da indústria e a rápida erosão do saldo comercial*) e dá *bronca errada* em pessoas não merecedoras.

Na seção a seguir, passa-se à análise de um editorial e faz-se a análise dos acoplamentos sintagmáticos presentes nele. Após, apresentam-se os acoplamentos paradigmáticos.

Análise de editorial – a título de exemplo

A seguir, apresenta-se a análise do Editorial “A bronca errada de Dilma” [E#13]. No decorrer do texto, estão sublinhados os acoplamentos utilizados pelo editorialista para expressar julgamentos acerca **do governo da Presidente Dilma Rousseff**. Outras avaliações que não as relativas à Presidente não estão marcadas.

A BRONCA julgamento √ nominalização negativa

ERRADA DE DILMA

31/07/12

Os acoplamentos do eixo paradigmático, aqueles que formam a logogênese temporal de um texto, revelam a sequência, indicada no Quadro 5, empregada no editorial 13. Estão assinalados com cor de fundo diferente os acoplamentos mais frequentes.

Quadro 5 – Sequência de acoplamentos em E#13

<p>1º parágrafo</p> <p>juízo V gradação/força > juízo V nominalização negativa > ideiação V interpessoalidade > juízo V nominalização negativa > juízo V gradação/força > juízo V nominalização negativa > juízo V contraexpectativa > ideiação V interpessoalidade > juízo V nominalização negativa > juízo V contraexpectativa > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa > ideiação V interpessoalidade ></p>
<p>2º parágrafo</p> <p>juízo V contraexpectativa > juízo V contraexpectativa > juízo V certeza > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa ></p>
<p>3º parágrafo</p> <p>juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa > juízo V nominalização negativa > ideiação V interpessoalidade > juízo V gradação/força > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa. > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa ></p>
<p>4º parágrafo</p> <p>juízo V contraexpectativa > juízo V contraexpectativa ≥ juízo V > juízo V capacidade negativa > juízo V contraexpectativa ></p>
<p>5º parágrafo</p> <p>juízo V gradação/força > ideiação V interpessoalidade > juízo V capacidade negativa > ideiação V interpessoalidade ></p>
<p>6º parágrafo</p> <p>juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa > juízo V gradação/força > juízo V capacidade negativa > juízo V nominalização negativa > juízo V nominalização negativa</p>

Fonte: Autoras.

Os acoplamentos do eixo sintagmático, que indicam quais são favorecidos ou preferidos em um dado texto ou grupo de textos (ALMUTAIRI, 2014), no editorial 13 são os acoplamentos juízo V gradação/força (14) e juízo V capacidade negativa (12), o que corrobora os achados no *corpus* em estudo em relação às representações apresentadas neste capítulo.

Também estão presentes os acoplamentos ideiação \forall interpessoalidade (7), julgamento \forall contraexpectativa (7) e julgamento \forall nominalização negativa (7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

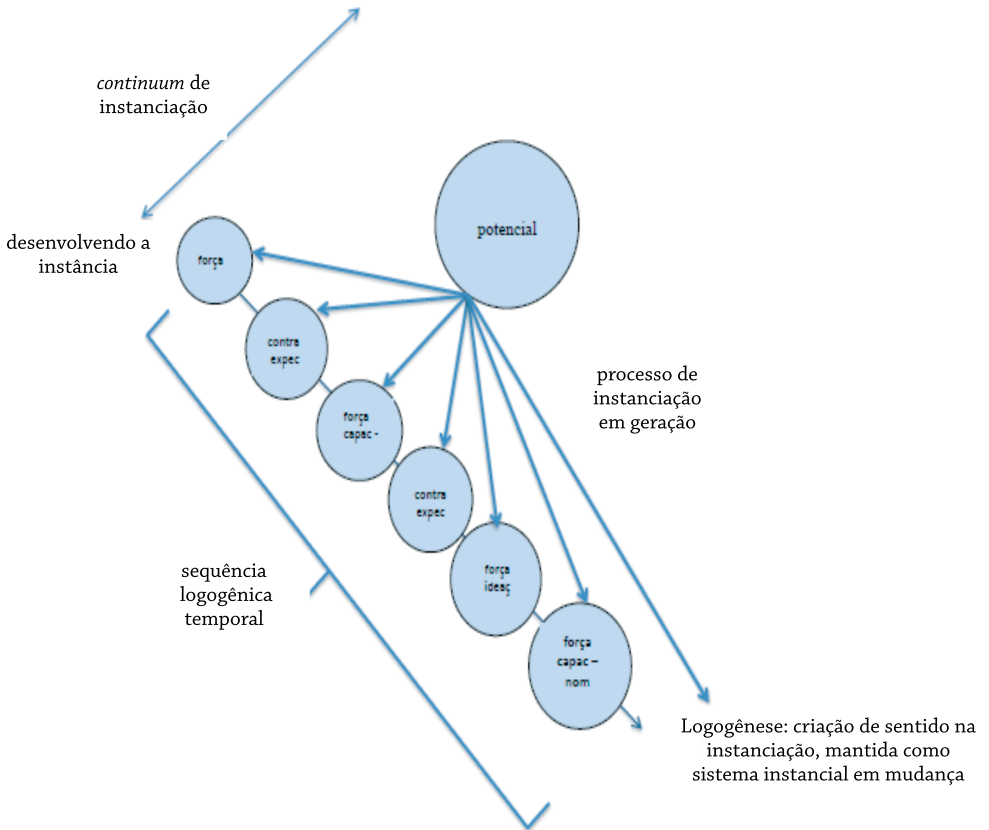
O estudo de acoplamento é orientado pela descrição de combinações feitas em uma rede de sistemas característicos da linguagem. Neste trabalho, o foco recaiu sobre acoplamentos entre o sistema de avaliatividade e o sistema de ideiação, com a finalidade de se identificar que combinações, empregadas na logogênese de treze editoriais do jornal O Estado de São Paulo, publicados em 2012, produziram representações para a Presidente do Brasil na época.

Ideacionalmente, o participante em foco nos textos é a Presidente Dilma Rousseff, cujas funções são principalmente Portador, Dizente, Experienciador e Ator. Na sequência de atividades, o editorialista privilegia as relações lógico-semânticas hipotáticas de intensificação, do tipo causa-propósito, e paratática, do tipo extensão (oposição). Sendo assim, pode-se inferir que, uma vez que os editoriais tratam de questões de economia nacional e aos operadores dessa área interessam as finalidades das ações do governo, o emprego da conjunção “para” (62 vezes) é relevante. Já a relação de contraexpectativa funciona como indicativo de oposição, uma vez que os atos do governo federal são vistos como inadequados para uma gestão exitosa do país, principalmente na área da economia.

Os acoplamentos avaliativos identificados no *corpus* mostram que os editoriais caracterizam-se por apresentar posições atitudinais principalmente no campo semântico do julgamento, privilegiando aqueles de capacidade negativa (julgamento \forall capacidade negativa). As avaliações estão representadas na forma de Atributos, processos, circunstâncias e frequentemente combinam-se com julgamento \forall gradação/força ou mesmo julgamento \forall contraexpectativa. A gradação tem o objetivo de intensificar e quantificar as avaliações apresentadas pelo editorialista, e a contraexpectativa busca estabelecer oposição aos atos da Presidente. Também colaboram para o objetivo comunicativo dos editoriais os acoplamentos julgamento \forall tenacidade positiva, julgamento \forall obrigação/certeza, julgamento \forall nominalização negativa, ideiação \forall interpessoalidade.

A representação do tempo logogenético de E#13 pode ser visualizada na Figura 2, onde cada círculo inferior corresponde a um parágrafo do texto. Dentro de cada círculo, há indicação dos acoplamentos mais frequentes em cada parágrafo.

Figura 2 Tempo logogenético e acoplamentos em E#13.



Fonte: As autoras, a partir de Halliday e Matthiessen (1999).

Ao se acoplar experiência com avaliação, criam-se vínculos (*bonds*), que “formam os blocos básicos da hierarquia de individuação, agrupando-se em subculturas e em identidades dominantes nas quais os membros da comunidade se inscrevem” (MARTIN, 2010, p. 26). A identificação dos acoplamentos avaliativos nos treze editoriais direciona para a compreensão dos vínculos que o jornal estabelece com seu público leitor. Como apontado anteriormente (FIORIN, 2004; MUNDIM, 2013), O Estado de São Paulo é um periódico voltado para a classe empresarial, especialmente paulista, cujos interesses abrangem os rumos da economia nacional. Seu leitor é elitizado e tradicional, tem posições políticas bem definidas, é conservador em matéria de economia e apresenta um posicionamento político contrário ao partido de Dilma Rousseff, o Partido dos Trabalhadores (MUNDIM, 2013).

Para manter a posição complacente de leitura de seus leitores, o editorialista retoricamente emprega acoplamentos para construir o alinhamento de seu público com a posição do jornal e em desalinhamento com as atitudes da Presidente da República. Além disso, negocia solidariedade, constrói identidades e mantém unida a comunidade à qual é afiliado. A cosseleção recorrente de traços no *corpus* permite que se identifique a síndrome avaliativa (MARTIN e WHITE, 2005) dos textos examinados – incapacidade -, a qual constitui estratégia retórica particular para demonstrar a posição institucional. Sendo assim, na voz do editorialista, o jornal reitera identidades dominantes nas quais os membros dessa comunidade se inserem.

Textualmente, isso pode ser comprovado pelo uso de julgamentos explícitos e implícitos de incapacidade de Dilma Rousseff para governar o país e pela apresentação de posições contrárias às da governante da nação (daí o emprego de tantas orações de contraexpectativa).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S. D. P. *Os recursos léxico-gramaticais de atitude no discurso de dois professores universitários*. 2008. 360 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

_____. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. *A linguagem de avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 99-112.

ALMUTAIRI, B. A. A. *Visualizing Evaluative Language in Relation to Constructing Identity in English Editorials and Op-Eds*. 2014. 572 f. Thesis. Department of Linguistics, University of Sydney, Sydney, AU, 2014.

BARBARA, L.; GOMES, M. C. A. A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais. *Letras (UFSM)*, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 67-92, jan./jun. 2010.

BEDNAREK, M.; MARTIN, J. *New discourse on language: functional perspectives on multimodality, identity and affiliation*. London; New York: Continuum, 2010.

BONFIM, J. B. B. *O gênero do cordel sob a perspectiva crítica do discurso*. 2009. 275 f. Tese (Doutorado em Linguística)– Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

CABRAL, S. R. S. *A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração*. 2007. 241 f. Tese (Doutorado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2007.

CARGNIN, E. S. *Representações para o Professor na Perspectiva Sistêmico-Funcional em Discursos de Parainfos da Área de Letras*. 2014. 167 fl. Dissertação (Mestrado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS 2014.

CARVALHO, G. A prosódia atitudinal: apreciação e julgamento em críticas de cinema. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. *A linguagem de avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010, p. 113-129.

CORRÊA, E. K. C. *Discurso político de Lula: o papel do marcador “não” na construção da persona textual*. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

FIORIN, J. L. O *phatos* do enunciatário. *Alfa Revista de Linguística*, v. 48, n. 2, 2004, p. 69-78. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4297/3885>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

FUZER, C. *Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros*. 2008. 269 f. Tese (Doutorado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

GEHRKE, N. A. *Foto do dia ou microcrônica verbo-visual: um gênero na perspectiva da Escola de Sydney*. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Continuum, 1999.

_____. *An Introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

_____. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London, New York: Routledge, 2014.

IKEDA, S. N. O julgamento na argumentação de um editorial. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. *A linguagem de avaliação em língua portuguesa: Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 167 – 188.

KNIGHT, N. K. *Laughing our bonds off: Conversational humour in relation to affiliation*. 2010. 434 f. Thesis. Department of Linguistics, University of Sydney, Sydney, 2010a.

KNIGHT, N. K. Wrinkling complexity: concepts of identity and affiliation in humour. In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. *New discourse on language: functional perspectives on multimodality, identity and affiliation*. London; New York: Continuum, 2010b.

KNOX, J. S.; PATPONG, P.; PIRIYASILPA, Y. A Multimodal Analysis of Thai-language Newspaper Front Pages. In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. *New discourse on language: functional perspectives on multimodality, identity and affiliation*. London; New York: Continuum, 2010.

MARTIN, J. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In Hunston, S.; Thompson, G. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 142-175.

_____. Tenderness: realisation and instantiation in a Botswanan town. In: NØRGAARD, N. *Systemic Functional Linguistics in Use*. Special Issue of Papers from 34th International Systemic Functional Congress. v. 29. Odense: University of Southern Denmark, 2008. p. 30-62.

_____. Semantic variation: modelling realization, instantiation and individuation in social semiosis. In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. *New discourse on language: functional perspectives on multimodality, identity and affiliation*. London; New York: Continuum, 2010.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with Discourse: meaning beyond the clause*. London: Continuum, 2007.

MARTIN, J.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Instantial systems and logogenesis*. Paper presented to the 3rd National Chinese Systemic Symposium. Hangzhou University, Hangzhou, July, 1993.

MUNDIM, P. S. Tomando partido ou competição midiática? Uma análise do viés da cobertura dos jornais nas eleições presidenciais brasileiras de 2002 e 2006. In: CONGRESSO DE COMPOLÍTICA, 5. Curitiba: 2013. *Anais...* Disponível em <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT08-Jornalismo-politico-PedroSantosMundim.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP), v. 52, p. 127-146, 2013.

NUNES, G. G. *O Estadão e a Presidente: o editorial como estratégia de avaliação*. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

RODRIGUES, D. L. *A política sob o julgamento de Eliane Cantanhêde: Uma investigação da assinatura valorativa*. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2013.

RODRIGUES, R. R. Periodicidade, coesão, ideação e avaliação em um corpus literário paralelo bilíngue. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v8i1.52436>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

RODRIGUES JR., A. S. Ideação e avaliatividade em relatos de aprendizes de inglês como língua estrangeira. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.8, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982008000200002>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

ROSSI, A. M. *Diferentes vozes, diferentes olhares: representações para as mulheres na perspectiva sistêmico-funcional nos Evangelhos*. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

SCOTT, M. *Word Smith Tools*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SILVA, R. C. da. A quarta capa de livros didáticos de inglês à luz da teoria de gêneros discursivos da Escola de Sidney. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 157-175, 2016.

SILVA, T. S. da. *Irenes: representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva sistêmico-funcional*. 2012. 223 f. Dissertação (Mestrado em Letras)– Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SOUZA, L. M. F. de. A tradução de termos de recentes desenvolvimentos da linguística sistêmico-funcional para o português brasileiro. *Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, n. 22, p. 73-90, 2011.

VIAN JR., O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P (Orgs.). *A linguagem de avaliação em língua portuguesa*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 33-40.

WHITE, P. Valoração – A linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp., 2004, p. 178-205. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/295/314>. Acesso em: 27 dez. 2016.

ZAPPAVIGNA, M.; CLEIRIGH, C.; DWYER, P.; MARTIN, J. R. Visualizing appraisal prosody. In: MAHBOOB, A.; KNIGHT, N. *Applicable Linguistics: text, contexts and Meaning*. London; New York: Continuum, 2008.

_____. The coupling of gesture and phonology. In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. *New discourse on language: functional perspectives on multimodality, identity and affiliation*. London; New York: Continuum, 2010.

ZHAO, S. Intersemiotic relations as logogenetic patterns: towards the restoration of the time dimension in hypertext description. In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. *New discourse on language: functional perspectives on multimodality, identity and affiliation*. London; New York: Continuum, 2010.

ZHAO, S.; KNIGHT, N. K. *Coupling and genesis: what is the 'process' in affiliation?* Paper presented at the SFL Seminar Series, University of Sydney, Australia, 2009.

SOBRE OS AUTORES

Angela Silva da Veiga (angelasveiga@gmail.com) é Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Possui graduação em Letras Português e Inglês (Licenciatura) pela mesma universidade. Atua como Técnica Legislativa na Câmara dos Deputados.

Angela Maria Rossi (angelarossim@gmail.com) é Mestre e Doutoranda em Letras pela UFSM e professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Altina Teixeira. Desenvolve pesquisa em Linguística Sistemico-Funcional com foco em realizações linguísticas de representações e investigações de gêneros textuais em contexto escolar.

Cristiane Fuzer (crisfuzerufsm@gmail.com) é Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, Pós-Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). É professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. É membro da Associação de Linguística Sistemico-Funcional da América Latina (ALSFAL) e do projeto *Systemics Across Languages* (SAL). Desenvolve pesquisas na área de Língua-

gem como Prática Social, linha de pesquisa Linguagem no contexto social. Foi coordenadora do projeto “Gramática Sistemico-Funcional da Língua Portuguesa para análise de representações sociais”. Coordena o projeto de pesquisa “Leitura e Escrita em Língua Portuguesa na perspectiva sistemico-funcional” e o projeto de extensão “Ateliê de Textos”.

Edna Cristina Muniz da Silva (ednacris@gmail.com) é professora Adjunta do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. Desenvolve pesquisa na área de Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Discursos, Representações Sociais e Textos, com ênfase no ensino da leitura e da escrita de gêneros escolares e domínio público. Coordena o projeto de pesquisa intitulado “Leitura e escrita de gêneros textuais na escola e na vida”, em que estão sendo descritas as etapas e fases dos gêneros textuais em livros didáticos de língua portuguesa, geografia, história, em textos jurídicos e em exames de larga escala, como o ENEM e o PAS.

Elisane Scapin Carginin (elisanes1@hotmail.com) é Mestre e Doutoranda em Letras pela UFSM e professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal Fontoura Ilha e do Colégio Estadual Professora Edna May Cardoso. Desenvolve pesquisa sobre representações na perspectiva da Linguística-Sistemico-Funcional e instanciações de gêneros textuais em contexto escolar e participa do projeto de extensão Ateliê de Textos.

Fernanda Beatriz Caricari de Moraes (caricari@terra.com.br) é Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora Adjunta do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC) e membro do Projeto *Systemics Across Languages* (SAL).

Glivia Guimarães Nunes (gliviagn@gmail.com) é Mestre e Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Licenciada em Letras-Português e Literaturas da Língua Portuguesa por esta instituição, Espe-

cialista em Linguagem e Representação: Ênfase em Linguística, pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). É professora da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS. Realiza pesquisa com foco em relações lógico-semânticas em textos argumentativos, sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional.

Leticia Oliveira de Lima (leticia.lima.lettras@gmail.com) é Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria. É professora de Língua Portuguesa e Redação da Escola Riachuelo e do Sistema de Ensino Gaúcho.

Marcos Rogério Ribeiro (ribeirocop@gmail.com) é Mestre e Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É graduado em Letras-Inglês e respectivas literaturas pela mesma universidade e em Direito pela Universidade de Passo Fundo. É Especialista em Segurança Pública e Direitos Humanos pela Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA). É Delegado de Polícia do Estado do Rio Grande do Sul.

Sara Regina Scotta Cabral (sara.scotta.cabral@gmail.com) é Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria e Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria, onde atua em cursos de graduação e de pós-graduação na área de Letras. É membro do projeto internacional *Systemics Across Languages* – SAL (PUC-SP; Hong Kong), da linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social (UFSM) e do Grupo de Estudos em Linguística Funcional (UFOP). Realiza pesquisas com foco em língua portuguesa na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional e do sistema de avaliatividade, com especial atenção para o tratamento de dados, utilizando a Linguística de Corpus.

Thiago Santos da Silva (thiago.lettras@gmail.com) é Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. É professor Assistente da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus de Bagé. Orienta atividades no PIBID Letras na Unipampa e desenvolve pesquisas sobre a linguagem na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

TIPOGRAFIA CHAPARRAL PRO
OVERPASS
ANTONIO

IMPRESSO EM IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA UFSM
PPGL

É possível identificar os repertórios de um indivíduo ou de uma área por meio das representações. E é esta tarefa de pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores nos textos constantes desta obra que nos permite observar, a partir da perspectiva linguística das escolhas feitas em textos, os diferentes repertórios em representações e como se realizam linguisticamente.

Utilizando a teoria de Halliday como pano de fundo, os autores debruçam-se sobre textos produzidos em contextos socioculturais distintos. Uma rica amostra de textos e de como o instrumental analítico pode desvelar sentidos em textos.

Esses diálogos teóricos e analíticos primam ainda por diálogos da sistêmico-funcional com outras teorias, tais como a Linguística de Corpus, a Teoria da Representação dos Atores Sociais e a Análise de Discurso Crítica, revelando o caráter eminentemente interdisciplinar da sistêmico-funcional, o que permite o estudo da língua em uso em diferentes práticas sociais para que se possam compreender ações discursivas em situações variadas de prática e interação autor/falante-leitor/ouvinte.

Orlando Vian Jr.
Universidade Federal de São Paulo

